

PHILIP PULLMAN

UM MISTÉRIO DE SALLY LOCKHART



Pelo autor premiado de *A Bússola de Ouro*

SALLY E O TIGRE NO POÇO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PHILIP PULLMAN

SALLY E O TIGRE NO POÇO

Tradução
Flávia Neves



Copyright © Philip Pullman, 1991

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
The Tiger in the Well — Sally Lockhart Vol. 3

Capa
Adaptação de John Lee Murray sobre design original de Scholastic Ltd.

Imagem de capa
© Bill Sanderson, 2009
Capa reproduzida com permissão de Scholastic Ltd.

Revisão
Héllen Dutra
Lília Zanetti
Umberto Figueiredo Pinto

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P983S
Pullman, Philip
Sally e o tigre no poço [recurso eletrônico] / Philip Pullman ; tradução Flávia Neves. - Rio de Janeiro :
Objetiva, 2012.
recurso digital (Um mistério de Sally Lockhart, 3)
Tradução de: *The tiger in the well : Sally Lockhart, vol. 3*

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Sequência de: Sally e a maldição do Norte
Continua com: Sally e a princesa de lata
ISBN 978-85- 390-0336-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Neves, Flávia. II. Título. III. Série.

12-0561 CDD: 823

CDU: 821.111-3

Curiosidades de INTERESSE HISTÓRICO

1881

A Exposição Internacional de Eletricidade de Paris é uma vitrine para novas invenções. Clément Arder espalha 80 transmissores telefônicos ao redor de um palco para criar uma espécie de som estereofônico. Apresentações musicais da Ópera de Paris e da Comédie Française são transmitidas.

Logo após o assassinato do tsar russo Alexandre II o governo procura um bode expiatório e culpa os judeus russos que passam a ser perseguidos na primeira de uma série de pogroms (do russo, "devastação") ao longo das décadas seguintes.

Começa o quinto Censo da Inglaterra e do País de Gales (realizado a cada dez anos). O número total registrado da população fica em 25.974 mil.

O fotógrafo Frederick E. Ives inventa um sistema para fotografia colorida: a chapa tricromática de meio-tom.

A Universidade de Londres torna-se pioneira ao aceitar mulheres em seus cursos de graduação.

LIVRO UM

O OFICIAL DE JUSTIÇA

Em uma manhã ensolarada de outono, em 1881, Sally Lockhart estava no jardim, observando a filhinha brincar e pensando como a vida era boa. Estava errada, mas pelos próximos vinte minutos não saberia como nem por que estava errada. O homem que tinha a resposta ainda estava à procura da sua casa. Mas por enquanto estava feliz, o que era mais que prazeroso, porque acontecia raramente, e ela sabia disso. Em geral, estava ocupada demais para perceber quão feliz era.

Estava contente. Primeiro, com sua casa. Um lugar espaçoso em Twickenham chamado Casa do Pomar — um edifício de arquitetura do período regencial, amplo e bem-ventilado, com sacadas de ferro e uma varanda com teto de vidro com vista para o jardim. O jardim, cercado por um simpático muro de tijolos, possuía um vasto gramado, sempre ensolarado, com flores; um vinhedo; uma figueira rente ao muro; e macieiras e ameixeiras ao fundo, que davam o nome à casa.

Na parte do muro em frente à figueira havia uma construção curiosa: tinha telhado de vidro, uma sacada, porém era aberta nas laterais e abrigava um aparato de trilhos suportados por cavaletes de

cerca de um metro de altura. Servia de laboratório para experimentos de fotografia em movimento, mas ainda estava inacabado, aguardando o retorno dos amigos.

Seus amigos: era muito feliz com eles. Webster Garland, 65 anos, fotógrafo e sócio de Sally na empresa Garland & Lockhart, firma que levava seus sobrenomes, e Jim Taylor, 20 anos, dois ou três anos mais jovem que Sally, eram a sua família. Eles compartilhavam da casa, das aventuras; eram boêmios, insubordinados em relação à moral vigente, leais e companheiros, e naquele momento encontravam-se na América do Sul. De tempos em tempos, um impulso levava Webster a desbravar lugares selvagens do planeta e fotografá-los. Desta vez, Jim o acompanhara, e por isso Sally estava por conta própria.

Mas não estava só. Tinha seus empregados, e eles também eram um dos motivos de sua felicidade: Ellie, a criada, a senhora Perkins, cozinheira e governanta, e Robert, que cuidava do jardim e dos cavalos. E havia a loja de fotografia na rua Church, aonde ia uma vez por semana cuidar das finanças. Também tinha seu próprio negócio, no centro: uma consultoria financeira que ela criara com êxito, apesar das crenças de que mulheres não eram capazes de exercer esse tipo de atividade ou que não deveriam, se desejassem manter sua feminilidade, ou que não o fariam se não houvesse algo de errado com elas. Ela andava tão atribulada que fora forçada a procurar uma sócia: uma jovem seca e mordaz chamada Margaret Haddow, universitária e feminista como Sally. E, finalmente, havia a babá que ela contratara para ajudá-la a cuidar da filha: Sarah-Jane Russell, 18 anos, competente, gentil e apaixonada (sem o conhecimento dele ou de qualquer outra pessoa) por Jim Taylor.

Mas o principal motivo de sua felicidade, sem dúvida alguma, era a filha. Harriet tinha um ano e nove meses: mandona, teimosa e tão segura do amor que recebia de todos que espalhava felicidade, como um sol irradia sua luz. Seu pai, Frederick Garland, sobrinho de Webster, não a conhecera, pois havia morrido num incêndio na noite em que ela foi concebida; se ele estivesse vivo, Sally se chamaria senhora Garland e Harriet seria uma filha legítima. O amor de Sally

por Frederick tinha sido difícil de conquistar, porém, uma vez conquistado, foi dado sem restrição. Mas o que Sally sentia por Harriet era mais forte que qualquer outro sentimento, era sua vida. Nunca amara alguém ou algo com tanta intensidade, tampouco imaginara que seria possível. No princípio, após a morte de Frederick, quando seus negócios também se encontravam arruinados, Sally tinha perdido a vontade de viver; porém, ao sentir o pequeno ser turrão que insistia em crescer dentro dela, Sally soube que viveria, e que deveria continuar viva. Mesmo com o enorme vazio que Frederick deixara, a vida era boa agora — melhor do que poderia esperar sendo uma mãe solteira nos tempos da Rainha Vitória; de longe, melhor do que a de muitas mulheres prisioneiras de casamentos infelizes. Sally tinha dinheiro, independência, amigos, uma casa, um trabalho interessante e sua preciosa Harriet.

Ela colheu dois figos maduros e os levou até o pomar. Sarah-Jane bordava sentada num banco que contornava o tronco de uma árvore, construído por Webster, enquanto Harriet ajudava seu urso de pelúcia, Bruin, a subir por uma corda para alcançar um pote de mel imaginário. Sally se sentou ao lado de Sarah-Jane.

— Gosta de figos? — perguntou, oferecendo um à moça.

— Adoro — disse a babá. — Obrigada.

Ao olhar pela lateral do jardim, Sally avistou um homem consultando um papel em frente ao portão de entrada da casa. O sujeito abriu o portão e entrou, e Sally o perdeu de vista, quando ele se dirigiu à porta de entrada.

— Hattie, querida, venha provar o figo — disse.

Ao ver o fruto, Harriet largou Bruin e correu até a mãe. Ela olhou desconfiada para a carnuda fruta cheia de sementinhas no interior da polpa avermelhada. Sally deu outra mordida.

— Se não provar não saberá se gosta ou não. Bruin vai dar uma mordida — disse Sally.

Ela fingiu alimentar Bruin e então Harriet mordiscou um pedaço do figo e em seguida quis o restante da fruta.

— Ela está crescendo tão rápido — comentou Sarah-Jane. — Veja, não consigo descer mais esta bainha. As anáguas ainda servem, mas em breve precisaremos de novas.

— É preciso tomar suas medidas — disse Sally. — E marcar a altura dela na parede. O que acha, Hattie? Para acompanharmos seu crescimento?

— Figo — respondeu Harriet, séria, estendendo uma das mãozinhas para Sarah-Jane. — Figo, por favor.

Sally riu.

— Não, esse é de Sarah-Jane. Veja, aí vem Ellie com um visitante.

Controladora, Harriet se virou para ver quem havia chegado para lhe visitar desta vez. Ellie caminhava pelo gramado, seguida pelo homem que Sally avistara na entrada da casa. Era franzino e de meia-idade e, de onde estava, Sally viu que ele vestia um gasto terno marrom e um chapéu-coco. Tinha na mão um grande envelope branco.

— Senhorita Lockhart — Ellie disse indecisa —, esse senhor disse que precisava falar com a senhorita pessoalmente.

Ele ergueu o chapéu.

— Senhorita Lockhart?

— Sim? — perguntou Sally. — O que posso fazer pelo senhor?

— Recebi ordens de lhe entregar este envelope em mãos, senhorita.

Ele estendeu o envelope e Sally viu que continha um selo vermelho da Justiça. Ela o apanhou automaticamente. É muito difícil não pegar as coisas que as pessoas lhe oferecem; da polidez, é fácil se tirar proveito. O homem voltou a colocar o chapéu e se virou para ir embora. Sally se levantou.

— Por favor, espere — disse. — Quem é o senhor? E o que é isso?

— Está detalhadamente explicado no conteúdo do envelope — ele disse. — Quanto a mim, não passo de um oficial de justiça, senhorita. Acabo de realizar minha tarefa e agora devo seguir meu caminho, do contrário perderei o trem. Lindo dia para esta época do ano...

Com um sorriso nervoso, ele se virou e avançou pelo gramado em direção à rua. Após um olhar preocupado de relance para Sally, Ellie se apressou em seguir o homem.

Harriet, desapontada com a falta de delicadeza do visitante, voltou a atenção para Bruin e para o mel imaginário. Sally se sentou novamente. Pensou que talvez houvesse cometido um erro ao aceitar o envelope tão passivamente. Não era um direito poder recusar intimações judiciais ou coisa parecida? Ao aceitá-lo, ela não estaria admitindo que havia feito algo de errado? Ora, que bobagem. Aquilo só podia ser um engano.

Abriu ansiosamente o volumoso envelope e tirou um longo documento, cuidadosamente dobrado. O brasão da Armada Real estava estampado no topo do documento, e, abaixo, parágrafos e mais parágrafos jurídicos, que ocupavam o restante do papel, com tinta brilhante e caligrafia comercial inglesa. Sally começou a ler.

Fora enviado pela Vara de Família da Suprema Corte e começava assim:

No dia 3 de janeiro de 1879 o peticionário, Arthur James Parrish, casou-se legalmente com Veronica Beatrice Lockhart (aqui chamada de "ré") na igreja St. Thomas, em Southam, condado de Hampshire.

Sally prendeu a respiração. Aquilo era ridículo. Veronica Beatrice era o seu nome de batismo — que ela nunca mais usara desde o dia em que, tendo sido uma criança voluntariosa como Harriet, informou ao pai que se chamaria Sally, se recusando a responder por qualquer outro nome. Mas... casada? Alguém alegava ter se casado com ela.

Continuou a ler:

O peticionário e a ré viveram juntos na rua Telegraph, Clapham.

O peticionário tem domicílio fixo na Inglaterra e no País de Gales, tem como ocupação a de agente comercial, a ré é consultora financeira e reside na Casa do Pomar, em Twickenham.

O casal tem uma filha chamada Harriet Rosa...

Sally parou de ler o documento.

— Ora, isto é uma estupidez — disse. — Alguém está brincando comigo.

Sarah-Jane olhou para Sally, sem entender.

— Estou sendo processada por divórcio — explicou Sally, e então riu. Mas foi uma risada breve, e Sarah-Jane não sorriu.

— Brincadeira cara essa — comentou a babá. — É melhor ler o resto.

Sally voltou a ler o documento. Suas mãos tremiam. Conforme lia os parágrafos repletos de termos legais, sua expressão de incredulidade se acentuava. Por último, havia uma parte intitulada “Particularidades”.

A leitura era fácil, porém seu conteúdo era inadmissível. Descrevia a história de um casamento que nunca existira; falava que Sally e o tal sr. Parrish haviam se casado e morado em Clapham, haviam tido uma filha, Harriet (cuja data do nascimento estava correta, pelo menos); que Sally havia tratado seu “marido”, premeditada e persistentemente, de forma cruel; que ela demonstrara desdém pelo trabalho e pelos sócios do pobre homem e desprezo pelos convidados que recebia em sua casa, até o “marido” desistir de convidar pessoas à sua residência, já que a “esposa” era incapaz de recepcionar alguém de forma decente e civilizada; o texto falava ainda que Sally começara a beber e, em mais de uma ocasião que aparecera bêbada em público (os detalhes e as testemunhas estavam especificados no documento); dizia que ela maltratava os criados, tendo obrigado três deles a abandonarem o emprego, sem aviso prévio (nomes e endereços descritos); que ela havia feito mau uso do dinheiro do “marido” e insistido, sem o consentimento do mesmo, em abrir seu próprio negócio; que ele tentara conviver em harmonia com ela, que tentara conversar; e que, pouco depois do nascimento da filha, a ré abandonou a residência da família, levando a criança consigo; afirmava ainda que ela não tinha condições de continuar com a custódia da filha, porque se relacionava com pessoas de moral duvidosa, dividindo a casa com dois homens solteiros (nomes descritos); e tinha mais. Mais exatamente cinco

páginas, porém, após folhear as duas primeiras, Sally não conseguiu seguir adiante.

— Não posso acreditar — disse, com dificuldade de controlar a própria voz. Ela entregou o documento para Sarah-Jane e se levantou, em estado de perplexidade. Enquanto Sarah-Jane a observava, Sally caminhou até o final do pomar, apanhou um ramo da macieira e o despedaçou. Sentia-se como se houvessem invadido sua vida e a maculado. Como alguém ousava escrever tantas mentiras a seu respeito? Ela não podia permitir aquele absurdo.

E sabia que o pior estava por vir. Ouviu Sarah-Jane prender a respiração e se virou para ela rapidamente.

Sarah-Jane lia a última parte do documento, cujo título era “Petição”, que dizia:

Portanto, o peticionário roga:

Que seu casamento seja dissolvido.

Que o peticionário fique com a custódia da criança, Harriet Rosa, imediatamente.

Que...

Aquilo era a gota d’água. Sally não queria mais saber daquele documento. Alguém, um desconhecido, esse tal Parrish, esse mentiroso, esse louco queria tirar sua filha dela.

A poucos metros de distância, Harriet se encontrava sentada na grama, brincando com um pedaço de uma velha corda que Webster lhe dera, com Bruin, esquecido, ao seu lado. Ela estava completamente compenetrada, brincando com a corda, como se fosse a brincadeira mais incrível de todas. Sally correu para a filha e a abraçou impetuosamente, ciente da própria força e tentando não machucá-la, mas desejando tê-la o mais próximo que pudesse.

Harriet se submeteu ao abraço pacientemente; abraços deviam ser tolerados. Finalmente, Sally a soltou e lhe deu um beijo e a pôs no chão outra vez, delicadamente. Harriet pegou a corda e seguiu com sua brincadeira.

— Vou à cidade — Sally disse a Sarah-Jane. — Preciso levar esse documento para o meu advogado. Tudo isso é uma besteira, claro. O

homem é um louco. Mas preciso fazer alguma coisa a respeito. Esse caso...

— Você tem duas semanas — disse Sarah-Jane. — Deve se apresentar à Corte Real de Justiça. É o que diz aqui.

Sally pegou o documento. Se incomodava só de tocá-lo. Guardou-o no envelope e deu outro beijo em Harriet, mais outro, três outros beijos, e foi se arrumar para pegar o trem para Londres.

O advogado de Sally, sr. Temple, um velho amigo do pai dela que a ajudou a começar seu primeiro negócio, morrera no ano anterior. Atualmente, o sócio majoritário da firma de advocacia era o sr. Adcock, que Sally pouco conhecia, embora não gostasse nada do pouco que sabia sobre ele. Mas naquele momento não tinha tempo para pensar sobre isso. O sr. Adcock era um simpático jovem, tão desejoso da aprovação dos profissionais mais antigos que copiava as opiniões, os trejeitos, inclusive o jeito de vestir e falar. O sr. Temple inalava rapé; um hábito que vindo dele parecia natural, espontâneo. O sr. Adcock também cheirava rapé, mas no seu caso parecia algo forçado, artificial. Naturalmente, Sally nunca o vira no clube (restrito para homens), porém, caso o tivesse visto, teria erguido as sobrancelhas, espantada com as posições conservadoras — e com o fato de que essas opiniões tornavam-se mais eloquentes e exaltadas quando algum distinto membro mais velho estava por perto.

Ele estava ocupado com outro cliente quando Sally chegou ao escritório de advocacia, e ela então se sentou ao lado do antigo secretário, o sr. Bywater, que havia dedicado cinquenta anos àquela firma. Ele conhecia os negócios de Sally melhor que o próprio Adcock, e ela não pôde deixar de contar a ele sobre a situação na qual se encontrava, tamanho era seu desespero. Ele ouviu paciente e impassivelmente, enquanto ela contava toda a história. Sally temia a língua afiada e crítica do velho, mas se sentiu melhor quando terminou.

— Querida, ah, querida — disse ele. — Por que não contou ao sr. Temple sobre a criança?

— Porque... Ah, sr. Bywater, o senhor pode imaginar, não pode? Ele estava doente. Sempre tive muito apreço por ele e temia perder

o respeito que ele tinha por mim.

— Ele a respeitava por sua sensatez — disse Bywater —, não por sua castidade. Devia ter contado. Fez seu testamento? Imaginei que não. Quem é o advogado do sujeito? Grant, Murray & Girling. Hmm. Vou ver o que posso descobrir. Acho que o sr. Adcock pode vê-la agora.

Ele levantou a cabeça na direção da porta, atento, então a abriu e anunciou a presença de Sally.

O sr. Adcock era pura afabilidade e simpatia. Sally lembrou a si mesma que aquela não passava de uma relação estritamente profissional. *Ele é advogado, sabe o que fazer, seu jeito pouco importa.*

Ela relatou os fatos da forma mais clara possível, começando por Harriet. Enquanto a ouvia, a expressão do sr. Adcock foi ficando cada vez mais séria. Ocasionalmente, ele anotava alguma coisa.

— Posso ver a petição? — pediu, quando ela terminou de falar.

Ele leu o documento; ela permanecia sentada, ereta, tensa e trêmula.

— São acusações muito sérias — disse ao terminar a leitura. — Ele alega deserção, mau uso do dinheiro dele, até mesmo embriaguez... Senhorita Lockhart, posso lhe perguntar se a senhorita bebe?

— Se eu bebo? Uma taça de xerez, de vez em quando, mas por que diabos isso importa?

— Precisamos conhecer bem o terreno onde estamos pisando. Esses empregados, por exemplo, que alegam terem abandonado o emprego devido a maus-tratos cometidos pela senhorita: se conseguirmos estabelecer precisamente o que aconteceu, poderemos construir uma defesa sólida.

Sally sentiu um calafrio desanimador.

— Sr. Adcock, esses empregados nunca existiram. Nunca houve uma residência nesse tal lugar... rua Telegraph, Clapham. Nunca fui casada com esse senhor Parrish. Essa história é uma farsa. Ele inventou tudo isso. É tudo uma grande mentira.

Sally reconheceu o olhar que ele lançou sobre ela rapidamente: desconfiado, indulgente, sabichão. A mesma expressão do sr. Temple, mas que no velho amigo era embasada em genuíno humor e genuína sabedoria.

— Creio que a senhorita deveria deixar para o seu consultor jurídico julgar o que é ou não relevante — disse, sorrindo. — Obviamente, o ponto central deste caso será que o casamento nunca ocorreu. Mas precisamos nos preparar para todas as eventualidades, não concorda? Seria uma infelicidade deixarmos algum ponto vulnerável. Precisaremos passar por todos os detalhes, passo a passo, e assim seremos capazes de convencer o juiz de que há uma explicação para todas as alegações. Agora, primeiramente...

Ele pegou uma folha de papel de uma gaveta e levantou a tampa de um tinteiro de prata. A mesa de trabalho estava vazia, exceto pelo papel mata-borrão e o tinteiro. Sally gostava de mesas cobertas de livros, papéis, lápis, lacres e todos os demais apetrechos de alguém que trabalhava, assim como a sua própria mesa; pare, disse a si mesma, pare com as comparações.

O sr. Adcock molhou a pena na tinta e de maneira irritante pincelou repetidas vezes a ponta da pena na borda do tinteiro para retirar o excesso de tinta.

— Pois bem — disse ele. — Quando a senhorita conheceu o sr. Parrish?

Sally respirou fundo.

— Nunca. Até esta manhã, nunca tinha ouvido falar dele. Sr. Adcock, com todo o respeito, creio que não vale a pena perder tempo com essas acusações absurdas. A questão é se sou ou não casada com ele, e não sou.

— Claro, claro — disse o sr. Adcock. — Este é o ponto central de sua defesa. Quanto a isso não há dúvidas. Ele terá de provar que se casou com a senhorita e, como a senhorita garante, não há certidão de casamento ou cerimônia na igreja... St. Thomas de Southam, em Hampshire. Mas, entenda, o objetivo dessas alegações é provar que a senhorita não é capaz de cuidar de uma criança, e a senhorita não gostaria de que tal acusação fosse aceita impunemente, gostaria?

— Creio que não. Mas ele não tem o direito de sugerir tal absurdo.

— Já foi sugerido. É precisamente por essa razão que precisamos rebater a acusação da forma mais precisa e eficaz possível. A senhorita não deve me esconder nada, srta. Lockhart.

— Não há nada a esconder!

— A senhorita ocultou o nascimento de sua filha — disse, com grandes olhos recriminadores.

Ela não respondeu. Então soltou um pesado suspiro.

— Muito bem — ela disse, e com certo esforço ajeitou-se ereta na cadeira, demonstrando confiança. — Como quiser, sr. Adcock. Por onde começamos?

Uma hora e meia depois, desgastada, Sally saiu da sala do sr. Adcock, arrumando os papéis em que ele escrevera com sua delicada caligrafia, e foi se despedir do secretário.

— Sr. Bywater, o que faz um agente comercial? — perguntou ela.

— É o que Parrish diz ser? — perguntou. — Digamos que haja um servidor público na Índia, em Calcutá. Ele quer mandar algumas bagagens para casa. Quer ter certeza de que seus pertences chegarão sãos e salvos à sua velha mãe, em Littlehampton. É um trabalho complicado esse. Muitos pacotes. Agentes comerciais cuidam desse tipo de coisa. Ou se alguém estiver indo ao Oriente pela primeira vez, a negócios. Quer garantir que a amostra da sua mercadoria de rebimboca da parafuseta, de uma tonelada e meia, chegará em Xangai para que ele possa mostrar a alguma autoridade local como seu produto funciona. O agente comercial se encarrega dessa tarefa. É ele quem providencia transporte, seguro, armazenamento, embalagem, quantidade. E ganha uma comissão. Alguns são também uma espécie de casamenteiros. Reúnem um bando de raparigas sem dono, as põem num navio e as despacham para Bombai. Depois, provavelmente, esses homens de negócio ganham dos maridos um agrado pela generosidade. Um pedaço do bolo de casamento. Alguns também negociam contratos; compram e vendem mercadorias para os clientes; trocam dinheiro; providenciam passaportes, bilhetes de trem para a Sibéria, com direito a um

camarote no Teatro de Variedades de Vladivostock; agendam um encontro com o Dalai-lama; providenciam uma jogatina de pôquer num barco no rio Mississipi; enfim, qualquer coisa. Boa vida essa. Muito dinâmica. Aliás, o homem que procura tem um escritório na rua Blackmoor. Quase na esquina com a travessa Drury.

— Não me diga! — exclamou Sally. — Talvez eu vá até lá agora. Por essa ele não espera.

— O sr. Adcock acabaria defendendo um caso de assassinato — disse o velho secretário. — Fique longe desse sr. Parrish, é o meu conselho. Evite qualquer contato com ele. Acho que o melhor caminho a tomar é: a senhorita não se casou com ele, nunca ouviu falar dele, não sabe do que ele está falando. Não se deixe provocar. Ele ficará ansioso, vai ver só.

— Será?

— Claro que sim. Ele inventou uma mentira deslavada. Se a Corte vai acreditar ou não na mentira vai depender de como nós reagiremos. Quem o sr. Adcock irá contratar?

— O que, para me representar no tribunal? O sr. Coleman. Parece que ele é muito bom.

— Bem, todos são, os *trajes de seda*. Precisam ser, ou o alicerce da lei desabaria sob nossas vistas, não é verdade? E não podemos deixar que isso aconteça.

Um *traje de seda* era um Advogado da Rainha, de grande eminência e notabilidade. Como advogado simples, o sr. Adcock não podia se apresentar perante a Alta Corte, por isso precisava contratar o sr. Coleman para defender o caso de Sally no tribunal. Ela tinha confiança de que ele faria um bom trabalho. Precisava acreditar nisso.

Sem a ajuda de Jim Taylor, que estava na América do Sul (sua última carta havia sido enviada de Manaus e dizia que estavam prestes a se dirigir para o meio da floresta com ajuda de um guia), Sally não teve outra opção senão contratar um detetive particular para investigar a vida do tal sr. Parrish. Sem dúvida, Parrish conhecia bastante a vida de Sally, e lhe dava calafrios pensar em quão próximo e por quanto tempo alguém estivera bisbilhotando seu

passado. Eles haviam pensado em todos os detalhes: escolhido o momento em que ela estaria sozinha, sem os amigos para testemunharem a seu favor; elegido um período de sua vida para inventar o dia do casamento, quando Sally estivera completamente ocupada numa perigosa aventura envolvendo um fabricante de armas, da qual deixou poucos vestígios — não tinha como provar que não estivera na igreja na data do casamento. E eles haviam escrito o endereço de seu escritório corretamente, o aniversário de Harriet, e sabiam quanto dinheiro ela tinha investido em cada uma de suas ações.

Ela ainda não havia confrontado a pergunta mais relevante. No entanto, ao sair da firma de advocacia, pela rua Strand em direção à travessa Drury, a pergunta pôs-se mais e mais presente: por quê? Por que ele está fazendo isso? Por quê?

A placa de metal ao lado da porta, na rua Blackmoor, não lhe dizia nada demais, além de que Arthur Parrish, Agente Comercial, dividia aquele estabelecimento com G. Simonides Ltda., a Companhia Anglo-Levantine Trading e T. & S. Williamson Importadores de Especiarias. Era melhor não demorar muito por ali: Parrish certamente conhecia Sally de vista e...

E qual o problema se ele a visse? Não podia agir como se fosse uma criminosa. Não tinha por que se esconder como se fosse culpada de algum delito. Aquela maluquice estava começando a afetar sua razão.

Deu meia-volta e retornou à rua Strand. Ao passar pelo número 223 viu uma loja de armas.

— Quero comprar uma pistola — disse ao fúnebre vendedor com um notável bigode.

— Uma pistola Target, moça?

— Um revólver.

As pistolas Target eram armas de pequeno porte, leves, capazes de disparar apenas um tiro por vez, muito comuns para se usar em espaços fechados; seu alcance era de pouco mais de 9 metros de distância do alvo. Sally já tinha duas dessas em casa, porém agora tinha em mente algo mais substancial. Olhou para uma Webley

Pryse, um revólver Trande e ficou na dúvida se comprava ou não um Colt, mas no fim decidiu-se pela British Bulldog: um revólver niquelado capaz de armazenar cinco balas que era não apenas uma arma poderosa como também pequena o bastante para levar no bolso.

— Essa é uma arma de forte recuo, senhorita — disse o vendedor. — Difícil de atirar, se não tiver prática. Mire bem abaixo do alvo, do contrário a senhorita com certeza vai errar.

— Prefiro a Colt — disse —, mas é grande demais. Esta tem o tamanho ideal. Eu me acostumo. Já pratiquei muito tiro ao alvo. Também gostaria de uma caixa com cinquenta cartuchos, por favor.

A compra custou pouco menos de quatro libras. Após embalados os cartuchos e a arma, ela pegou o pacote e saiu, para surpresa do vendedor; ao saírem de compras, damas e cavalheiros quase invariavelmente tinham suas encomendas entregues em casa em vez de saírem pela rua com seus pacotes. Naquele momento, Sally não estava dando a mínima para os protocolos e saiu com seu pacote sem o menor receio.

Como havia dito, ela praticara bastante tiro ao alvo. O pai lhe ensinara e a havia presenteado com uma pequena pistola Belgian no seu aniversário de 14 anos. Naturalmente, não contou ao vendedor da loja de armas, mas por duas vezes atirou para matar. A primeira vez, tinha 16 anos e estava ameaçada de morte pelo homem que matou o pai dela. Ele era o líder de uma sociedade secreta chinesa chamada Ah Ling; era meio holandês, meio chinês, e sob o codinome de Hendrik van Eeden contrabandeava ópio nos navios do sr. Lockhart, sem seu conhecimento. Sally atirou nele dentro de uma carruagem nas Docas East India, para que ele não a matasse. Não sabia se o tinha matado ou não, pois ela fugiu apavorada pelo que fizera e o corpo do homem nunca foi encontrado. Achava que ele talvez tivesse escapado e voltado para o Oriente.

A segunda vez foi uma vingança pela morte de Frederick Garland. Ela atirara na engrenagem da Arma a Vapor, uma monstruosa arma construída pelo empresário Axel Bellman, com intenção de matar Bellman e a ela também. Obviamente, ela sobrevivera, e era

profundamente grata por isso agora. Axel Bellman, não. Após o trauma sofrido pela morte de Bellman, Sally prometeu a si mesma nunca mais entrar em combate e também não permitir que a violência alheia a fizesse sucumbir ao desejo de vingança.

Bem, não pôde cumprir tal promessa. Ela ainda teria muito o que viajar, investigar, descobrir, antes que o caso chegasse ao tribunal; não queria ser pega desprevenida caso houvesse um combate.

Ainda assim, mais uma vez, as mesmas perguntas: por quê? O que Parrish queria? O que fez a ele? E quem é ele?

O JORNALISTA

Praticamente na mesma hora em que Sally se preparava para dormir, muito além de Twickenham, descendo o rio, um navio de nome *Haarlem* atracava nas Docas de Londres. Transportava passageiros de Roterdã. Um funcionário da alfândega embarcou em Gravesend, como de costume, contudo esses passageiros tinham pouco a declarar. Tinha sido uma viagem difícil. Eram todos pobres, muitos tinham fome, alguns estavam doentes.

Baixado o portaló, os passageiros que já se encontravam no convés recolheram seus pertencentes e desceram hesitantes até o molhado piso de pedras do cais. Mulheres com xales cobrindo suas cabeças, homens barbudos com quepes ou surrados chapéus de pele, calças quadriculadas, botas gastas e seus pertences — caixas de papelão fechadas com barbante, uma cesta cheia de roupas, caçarolas, chaleira... Um a um, eles deixaram o navio e transitaram, hesitantes, pela escuridão do cais, em direção ao lampião que flamejava sobre o portão de entrada da doca. Um estivador se virou para o colega e perguntou:

- Que língua é essa, Bert?
- Ídiche, Sam.

— Ídiche? Onde se fala isso?

— Na rua Cable, por exemplo. São judeus, cara. Acabam de chegar da Rússia ou de algum lugar por lá. Você não sabe de nada mesmo, hein?

O primeiro homem se virou para observar a fila de refugiados. Ainda havia gente saindo do navio — quantos tinham se espremido naquele navio? Cem deles já estavam no cais e não parava de descer gente da embarcação. Um menino de uns 5 anos de idade carregava com dificuldade um pesado cesto numa das mãos e com a outra puxava uma criança de cerca de 3 anos, enquanto a mãe, coberta por um xale, levava no colo um bebê e arrastava uma sacola de lona com utensílios precariamente embalados. Um velho, manco devido à perna inchada, andava com o auxílio de uma muleta, e seu rosto expressava dor. Uma senhora, doente demais para conseguir andar por conta própria, era carregada por dois homens de meia-idade, provavelmente seus filhos. Alguns rostos sobressaíam-se: uma jovem com belos e impactantes olhos negros; um homem muito magro e de expressão de exagerada esperteza; uma criança de olhos vazios devido ao seu estado enfermiço; uma robusta mulher tão alegre que contagiava com suas deliciosas risadas os que estavam ao seu redor; um jovem rapaz, de barba ruiva e olhos vermelhos, com marcas de tísica no rosto; um senhor com um casaco surrado, chapéu de pele velho e ensebado, barba longa e grisalha, cachos contornando o rosto de aparência experiente e gentil; um outro, de olhos alertas, barba parcialmente feita, de chapéu preto e casaco com gola de pele.

Os estivadores observaram o grupo se arrastar ao longo do porto até o portão, onde um oficial de polícia uniformizado, sob um lampião, barrava a passagem. Ele tentava se comunicar com os que estavam à frente do grupo.

— Endereço? Os se-nho-res têm um lo-cal de des-ti-no? Precisam de um endereço. Um pe-da-ço de pa-pel. Nome e en-de-re-ço. O lugar para onde vão. Entendem?

O cadavérico homem de sobretudo esfarrapado, cuja pálida mulher agarrava-se ao bebê e tentava controlar a outra criança,

acabou encontrando um pedaço de papel.

— Rua Fashion — leu o policial. — Tudo bem. Sigam em frente pela rua Dock, sob a ponte férrea, e continuem andando. O endereço que procuram fica um quilômetro mais adiante, à direita. Próximo!

Após um rápido olhar sobre o papel com o endereço, o oficial deixou o grupo seguinte entrar na cidade. Uma dezena de pessoas — familiares ou amigos — esperava do outro lado do portão, procurando com olhares ansiosos e emocionados um conhecido entre os recém-chegados. Os que não portavam anotações com endereços legíveis foram enviados para o Abrigo Judeu na rua Leman, não muito longe.

Entre os passageiros, duas meninas viajavam sozinhas e estavam tão nervosas que chamaram a atenção de uma mulher de meia-idade vestida com casaco de pele. Ao caminharem hesitantes rumo ao portão, observadas pelo jovem de barba ruiva, a mulher de casaco de pele fez sinal para que elas se aproximassem, tocou amigavelmente a manga de seus sobretudos, enquanto lhes falava em iídiche. Pouco a pouco, a fila de imigrantes foi se afunilando no portão de saída da doca, para gotejar em grupos do outro lado, no East End.

Cenas como esta ainda eram novidade no Porto de Londres, por isso o estivador não sabia a origem dos passageiros. Eram imigrantes fugindo dos primeiros pogroms, ataques cruéis e implacáveis contra os judeus na Rússia, que começaram em 1881.

A primeira família na fila viera de Kiev. O marido era um comerciante de tabaco cuja loja havia sido destruída e cuja mercadoria fora roubada e lançada para uma multidão enlouquecida, sob os olhares de soldados russos. O velho com a perna inchada era alfaiate, também de Kiev; fora forçado a mancar pelas ruas defronte de uma gente que o encarava com escárnio e deboche, enquanto sua casa era saqueada, sua esposa, espancada e jogada na sarjeta. O senhor com cachinhos rentes às orelhas era um intelectual, um erudito, de Berditchev. Todos os seus livros haviam sido queimados

na frente dele, e ao tentar salvá-los foi detido pela espada de um cossaco.

Um a um, família após família, eles caminharam na direção oeste com seus poucos pertences, uma carta de um primo em Londres ou de um irmão na América, uma irmã em Hull, como garantia de que eles teriam abrigo ao chegarem; ou com nada além de esperança. Muitos chegaram até ali porque um vizinho ou o amigo de um amigo havia recebido carta semelhante, às vezes, com algum dinheiro no envelope. E não se deixaram intimidar pelas advertências do Consulado Britânico de que a Inglaterra já tinha desempregados suficientes e que seria melhor eles passarem fome na Rússia do que morrerem de inanição em Londres.

E então eles iam para as estações de trem de Moscou ou de São Petersburgo e tomavam os trens que atravessavam a Polônia ou a Áustria-Hungria, até chegarem em Hamburgo, Roterdã ou Limbau, onde gastavam o restante do dinheiro para comprar o bilhete do navio a vapor. Alguns haviam iniciado a viagem de barco no porto de São Petersburgo, pagando um despachante para acompanhá-los desde o porto, na alfândega, até a chegada ao Abrigo Judeu, destino final da jornada. Para alguns, Londres não representava o fim da viagem e seriam levados, de trem, por um despachante a Liverpool, onde embarcariam em outro navio com destino a Nova York.

Sem saber falar inglês e sem dinheiro, a grande maioria não tinha nada a esperar além de pobreza e trabalho duro na nova terra.

Nos anos seguintes, milhares e milhares ali chegariam, cada um com uma história para contar; mas a história que nos interessa aqui é a de Sally Lockhart e por isso o indivíduo que iremos acompanhar agora é o jovem tísico de barba ruiva.

Ele não era russo, mas sim alemão, e seu nome era Jacob Liebermann. Era jornalista de profissão, socialista por convicção, e deixara Berlim com a polícia em seu encalço. Na verdade, a polícia estava ciente da partida dele e contente em vê-lo ir embora. Na Berlim de Bismarck, judeus eram tolerados contanto que fossem discretos e ganhassem dinheiro tributável pelo governo. Já os socialistas não eram tolerados de forma alguma. Liebermann havia

escrito uma série de artigos em jornais socialistas de várias cidades alemãs e, como escrevia muito bem, chegou a tentar discursar em público, mas o nervosismo o atrapalhou. Ele fora longe demais ao escrever um artigo denunciando a influência de determinado banqueiro de Bismarck na elaboração de medidas antiliberais tomadas pelo Parlamento alemão; foi quando deixaram claro que seria melhor ele deixar o país.

E foi o que ele fez. Havia recebido uma tarefa do homem com quem agora se encontraria; razão pela qual levava uma mochila no ombro. Levantou a gola do abrigo, baixou a aba do quepe — com frequentes paradas debaixo de postes de luz para consultar um gasto mapa — e tomou a direção do Soho.

Um quarto no porão: aquecido, seco e bem-iluminado, mobiliado por bancos e cadeiras rústicas e rodeado por prateleiras de livros nas paredes. Junto a uma delas, sobre um rudimentar tablado, havia uma mesa e duas cadeiras. Das janelas perfiladas ao longo de outra parede seria possível ver os pés dos transeuntes na rua, caso houvesse luz do lado de fora e caso o vidro do lado exterior das janelas não estivesse imundo e o do lado de dentro, embaçado pela umidade.

Naquele momento, acontecia ali uma discussão em quatro idiomas — inglês, polonês, alemão e iídiche. Do tablado, um inflamado homem de casaca golpeava a mesa com o punho e bramava em iídiche; as demais línguas vinham da parte inferior do local, onde trinta e poucos homens o escutavam, o interrompiam, argumentavam, zombavam, concordavam ou mesmo (dois deles) jogavam xadrez.

A julgar pelo nível de exaltação no ambiente, qualquer um pensaria se tratar de uma reunião de anarquistas, discordando apenas da quantidade de dinamite a usar na bomba do próximo atentado. Na verdade, seus objetivos e suas práticas eram bem opostos ao dos anarquistas, grupo que abominavam. Tratava-se de uma reunião da União de Associações Democráticas Socialistas, e discutiam se o jornal que estavam prestes a lançar deveria ser publicado em iídiche, alemão, polonês ou russo. Acreditavam que já

havia exilados suficientes para manter um jornal em qualquer desses idiomas, sem considerar as novas levas de imigrantes que chegavam toda semana. Os argumentos em defesa de cada um dos idiomas eram expostos repetidas vezes, alguns de forma exitosa, outros, desastrosa; mas nenhum prevalecia. A discussão terminaria num impasse?

Finalmente, ouviu-se um sussurro:

— Pergunte a Goldberg. Vamos ouvir o que ele tem a dizer. Por que não perguntamos a Goldberg? Sempre vale a pena escutá-lo. Deveríamos tê-lo consultado antes. Vejamos o que ele acha...

E rapidamente a sugestão foi acolhida pela maioria dos presentes e todos se viraram para o fundo do porão, onde o homem de nome Goldberg estava sentado.

Era um jovem de beleza admirável, já saindo da casa dos 20 anos: negros e espessos cabelos, nariz marcante, olhos pretos e intensos. Era forte, com ombros de estivador e punhos de um lutador campeão. Na mesa, à sua frente, havia folhas de rascunho esparramadas e ele escrevia impetuosamente, golpeando a pena no tinteiro com uma energia selvagem, ignorando os pingos de tinta que salpicavam a mesa, o papel e suas mãos. Um charuto de grossura assustadora pendia entre seus dentes.

Ele ergueu o rosto para os demais, ciente de que a discussão fora temporariamente suspensa, e um dos homens na outra ponta do porão disse em iídiche:

— Camarada Goldberg, não conseguimos nos decidir. Os argumentos a favor do polonês parecem ser irrefutáveis até eu ouvir os argumentos a favor do alemão, e então vêm os argumentos em prol do russo e voltamos à estaca zero. Embora eu acredite que o jornal deva ser publicado em iídiche. Mas...

Cinco vozes fizeram-se ouvir em protesto, mas ele simplesmente aumentou o tom, abafando o burburinho, e prosseguiu:

— Mas ainda não o escutamos! Dê-nos o benefício de sua opinião: em que idioma nosso jornal deveria ser publicado?

Goldberg tirou o charuto da boca, bateu a cinza e disse simplesmente:

— Inglês.

O burburinho aumentou, agora duas vezes maior. Aparentemente, Goldberg já previra tal reação, pois continuou a escrever de onde parara, praticamente sem pausas. Um homem sentado perto quase derramou o tinteiro ao golpear a mesa com o dedo indicador. Goldberg inclinou a cabeça para escutá-lo, enquanto afastava o tinteiro com a mão esquerda e continuava a escrever com a direita. Então respondeu brevemente; a mão só parou de escrever quando chegou ao fim da página, para pôr a folha de lado e atacar a seguinte.

A discussão continuou até o presidente da assembleia perder a paciência. Ele bateu na mesa com um martelo de sapateiro, pedindo silêncio.

— Camaradas! Camaradas! Discussões e debates são a essência do socialismo democrático, mas precisamos saber ouvir além de falar! Camarada Goldberg, poderia explicar sua preferência pelo inglês?

— Por três razões — começou Goldberg. Todos se viraram para ele, se contorcendo em seus assentos, braços apoiados no encosto das cadeiras. — Primeiro, porque estamos na Inglaterra. Alguns desejam voltar para o local de onde vieram, alguns querem viver na Palestina, outros tantos querem ir para a América. Mas onde, realmente, a maioria vai morrer e ser enterrada? Na Inglaterra, camaradas. Seus filhos terão filhos que nascerão aqui e irão se considerar ingleses e não falarão polonês, nem alemão, nem russo. Um jornal em polonês, por exemplo, naturalmente diminuiria sua tiragem, e o mesmo vale para o ídiche, com a desvantagem de que o jornal serviria apenas aos judeus. Este é um movimento exclusivamente para judeus? O socialismo foi criado para beneficiar os judeus e excluir os não judeus? Não é esta minha opinião, camaradas. Mas olho para este porão agora e se fizesse o mesmo nas reuniões anteriores acharia o mesmo: o que vejo? Somos todos judeus. Por que excluem os não judeus? Ah, vocês não têm uma política de exclusão, não, não... apenas desejam escrever o jornal em ídiche. Camaradas, se isso é socialismo, não é para mim. Devem

integrar os homens de talento e boa vontade de suas comunidades, e a melhor forma de fazer isso é publicando um jornal em inglês. Precisam acolher esses homens de talento e boa vontade mesmo se forem mulheres. Na verdade...

O restante da frase perdeu-se numa confusão de vozes de protesto misturadas às de defesa do discurso, mas Goldberg já esperava por isso e sorriu, aguardando o barulho diminuir. E continuou:

— Sim, não podemos fazer distinção. Esta é a primeira razão. A segunda é ainda mais simples. Posso garantir que seja lá que nome tenha o jornal serei eu quem escreverá grande parte dele, e o farei em inglês. E vocês não têm dinheiro sobrando para pagar um tradutor. Além disso, escrever em inglês é a única maneira de aprimorar o idioma.

— Mas o seu inglês é muito bom, camarada Goldberg — disse uma voz tímida.

— Ah, meu inglês é impecável — disse Goldberg, brincalhão. — É o inglês dos meus leitores que desejo aprimorar.

Risos.

— E a terceira razão? — alguém perguntou.

— Ah, a terceira razão é a mais convincente de todas. De fato, é tão poderosa que assim que todos vocês a escutarem não levarão em consideração nenhum outro argumento. Me convenceu de imediato. Infelizmente, esqueci qual é.

Sorrisos e mais risos. Goldberg sabia exatamente como entreter e controlar um público e agora tinha quase todos a seu favor. Iriam resmungar e argumentar, mas no fim sua ideia sairia vitoriosa.

— Eu sugiro — disse um senhor com uma surrada boina — que a sugestão do camarada Goldberg seja acatada, embora me doa amargamente, com a condição que ele traduza os artigos, letra por letra, palavra por palavra, para os que não falam inglês.

— Mas ainda não debatemos a proposição! — veio outra voz. — Se o camarada Goldberg deseja jogar nossas tradições pela janela e transformar todos em ingleses, parece-me que antes precisamos discutir isso mais a fundo...

Enquanto os socialistas democráticos acomodavam-se em seus assentos para desfrutar da discussão, cujo desenrolar todos já previam, Goldberg riscou um fósforo e reacendeu seu charuto antes de mergulhar a pena no tinteiro e terminar a frase que ficara inacabada.

O lugar estava tão cheio e barulhento que ninguém notou quando a porta se abriu e um sujeito magro entrou. O jovem de barba ruiva do navio, com a mochila nos ombros, observou a sua volta, piscando muito os olhos devido à fumaceira dos charutos. Ele fez uma pergunta ao homem mais próximo e olhou na direção que o dedo do sujeito sinalizava; e caminhou por entre as cadeiras ocupadas até a mesa onde se encontrava Goldberg. Goldberg, que continuava a escrever furiosamente, não notou.

Finalmente, o jovem ruivo tossiu e disse:

— Camarada Goldberg?

— Sim? — respondeu Goldberg, sem tirar os olhos da folha de papel.

— Meu nome é Jacob Liebermann, camarada. Acabo de chegar em Londres. Eu...

— Liebermann! Ah, rapaz, é um prazer conhecê-lo! Aquele artigo no *Arbeiter Freund*... um texto e tanto! Sente-se.

Eles apertaram as mãos e Goldberg puxou uma cadeira. Liebermann se sentou tentando conter a emoção por ter tido um artigo seu lido e elogiado por Daniel Goldberg! Agora Goldberg o olhava mais de perto e pôs de lado o charuto.

— Você não está bem — disse em voz baixa. — O que tem? Tísica?

Ele fez que sim com a cabeça. Pouco lhe restava de força.

— Tudo bem, vamos sair deste lugar fumacento. Essa gente vai ficar discutindo até altas horas — disse Goldberg. — Venha comigo. Tenho um quarto lá em cima. Me dê sua mochila.

Ele reuniu seus papéis, pendurou a mochila no ombro, a pena entre os dentes, tampou o tinteiro e atravessou o porão movimentado até a saída. Liebermann o seguiu, tomado pelo cansaço.

— Aquela missão — disse Liebermann enquanto subiam as escadas. — Larousse me deu seu recado... Depois de deixar Berlim, passei por Latvia... Tenho novidades...

— Lembro. Que bom, fale então.

— Camarada Goldberg, existe uma conspiração contra os judeus. Há centenas de judeus, talvez milhares, nas fronteiras... sem dinheiro, sem documentos... Os que têm documentos estão lotando os portos e as estações de trem...

— Sim, já sei disso. Quais são as novidades?

— Eu estava chegando lá.

— Bem, pois deveria chegar mais rápido. Aliás, este era o único problema em seu texto sobre o banqueiro, se me permite dizer: você demorou demais para chegar na história. Dê-me a história toda na primeira frase. Argumentos, ensaios, resumos de viagens são diferentes, mas se quiser me contar uma notícia jornalística, conte na primeira frase. O resto são detalhes, pano de fundo, explicação e desenvolvimento — pode jogar fora se quiser. Sei toda essa história de fronteiras, passaportes e nenhum dinheiro. Agora quero a manchete em apenas uma frase.

— O homem por trás disso é conhecido pelo nome de Tzaddik, e está a caminho de Londres.

— Agora, sim. Ainda faremos de você um jornalista de verdade. Chegamos...

Eles estavam no segundo andar, em frente à porta de um minúsculo vão. Goldberg a abriu e deixou que Liebermann passasse primeiro; em seguida, riscou um fósforo e acendeu um lampião. Liebermann se afundou na cadeira mais próxima, tossindo. Goldberg o fitou. As bochechas febris, os olhos brilhantes eram alarmantes. Ele pôs no chão a mochila, e, em seguida, os papéis que trazia, entre os livros de referência e relatórios governamentais, e serviu uma dose de conhaque para Liebermann.

— Então, o que sabe sobre esse homem, o tal Tzaddik?

Liebermann pegou a taça com ambas as mãos e deu um gole, fechando os olhos, enquanto o líquido aquecia sua boca e garganta. Goldberg sentou em cima da mesa.

— Estava em Riga, na primeira vez que ouvi falar dele — disse Liebermann. — Eu estava com um camarada que me mostrou o escritório de um Bureau de Registro de Estrangeiros do Consulado da Inglaterra.

— Tal lugar não existe — disse Goldberg. — É uma fraude. — Ele tirou o tinteiro do bolso do sobretudo e a pena de escrever. Pôs os papéis que trouxera sob uma pedra do tamanho de um punho, no chão, abriu o tinteiro e começou a escrever enquanto Liebermann falava.

— Foi o que descobri. Fingi ser um judeu russo querendo me mudar para a Inglaterra. Lá, um homem — britânico — fez uma série de perguntas, examinou meus documentos e então me cobrou uma taxa e escreveu meu nome num caderno. O dinheiro me garantiria três meses de estadia em Londres. Havia dezenas de pessoas lá; alguns não tinham como pagar. Tiveram que lidar com esse tipo de taxa desde Kiev e não tinham mais dinheiro. Uma taxa de transporte em Moscou, um registro de entrada em algum outro lugar, um selo específico no passaporte numa fronteira... taxas intermináveis; bastava que se movessem para terem de pagar alguma taxa.

— Tzaddik? — repetiu Goldberg.

— Ah, sim. O camarada com quem estava foi quem me falou dele. Aparentemente, muitas pessoas — judeus — morrem de medo desse sujeito misterioso que chamavam de Tzaddik; como se suas desgraças — obstáculos no transcorrer da viagem, as fraudes e as perseguições — fossem responsabilidade desse homem. Mas, veja, essa gente é supersticiosa. Eles acham que ele... não é humano. Desde as longínquas vilas de *shtetl* às áreas mais pobres de Varsóvia, Bucareste e Viena, todos falam de Tzaddik como se ele fosse um demônio, algo sobrenatural. Dizem que ele tem um *dybbuk* como seu servo: um pequeno diabo que lhe serve. Alguns chamam o homem de Tzaddik — o justo, o santo, bendito homem — como forma de afugentar o mal, como uma espécie de piada desesperada. Quando ouvi essa conversa pela primeira vez, ergui as mãos para o

céu; o que fazer com tamanha superstição? Mas agora... Bem, eu o vi, Goldberg, e acho que estão certos.

“Foi assim: meu camarada em Riga me levou a um galpão nas docas que davam para as pranchas de um navio a vapor. Era tarde da noite; a entrada para as docas tinha sido fechada mais cedo, e se fôssemos pegos seríamos presos. Fomos ver Tzaddik embarcar no navio. Era tudo cheio de mistério; ele quase nunca é visto, já que só viaja à noite. Ficamos esperando, e quando deu meia-noite, uma carruagem parou em frente à prancha de embarque.

“Era uma grande e luxuosa carruagem, benfeita e pesada. Não deu para ver quando o carregaram para fora, mas...”

— O carregaram? — perguntou Goldberg.

— Calma. Quando a carruagem partiu, lá estava ele no cais, sendo transportado por dois marinheiros e depois empurrado prancha acima por dois lacaios. Ele estava numa cadeira de rodas. Imenso de gordo. Um empregado ao lado dele segurava um tapete ou coisa parecida. E... não me importa se você acredita ou não... eu vi o *dybbuk*.

Goldberg fitou Liebermann, cuja face estava tensa, embora o conhaque já estivesse quase no fim. Goldberg lhe serviu mais uma dose e Liebermann prosseguiu:

— Uma pequena sombra como a de um gato, do tamanho de um gato, porém humano. Um homúnculo, como os mágicos medievais costumavam criar nos contos de antigamente. Enfim, lá estava ele saltitando e subindo correndo a prancha atrás de seu mestre...

Ele fechou os olhos e suspirou, trêmulo.

— Enfim, levaram o homem a bordo e depois, com um guindaste, a carruagem. De lá, eu também parti, com meu camarada, para Roterdã. Lá voltei a ouvir falar de Tzaddik, a bordo do navio na noite que partimos. Eu estava no deque, o ar na parte de baixo estava sujo e impregnado de fumaça, e tentava me manter aquecido atrás de um bote salva-vidas. Foi quando ouvi a conversa de dois sujeitos. O motor do navio tinha sido ligado e pude sentir a vibração na antepara, é esta a palavra? Enfim, ficava próxima à chaminé — e de lá eu pude ver as luzes da cidade detrás do galpão da imigração.

Todo encolhido em minha capa de chuva, via a silhueta dos homens, encostados no corrimão da amurada do navio e o céu como pano de fundo. Conversavam em inglês.

“Um deles disse: ‘Cinco guilders por cada um dos 56 passageiros. Duzentos e oitenta guilders ao todo. Você me deve dez por cento, 28 guilders.’ Eu reconheci sua voz: era do funcionário que carimbou os documentos dos passageiros na hora do embarque.

“O outro homem respondeu: ‘Não foi esse o combinado. Concordamos em cinco por cento.’

“O funcionário respondeu: ‘O preço subiu. Essa será a última viagem desse tipo desde Roterdã; as autoridades já estão começando a exigir uma fatia no bolo; eu não posso abrir mão do meu lucro. Dez por cento ou falarei com Tzaddik.’

“O outro homem resmungou, mas pagou com um punhado de moedas e então disse: ‘Tzaddik tá na Rússia, pelo que ouvi dizer. Você vai voltar pra lá então?’

“‘Ele tá vindo pra cá’, disse o funcionário. ‘Está a caminho de Londres. A rede tá quase completa.’

“O segundo homem disse: ‘Mas se a gente não puder mais fazer dinheiro com isso, o que vamos fazer de agora em diante?’

“O funcionário respondeu: ‘Quando chegar a Londres, vá à rua Blackmoor. Procure pelo sr. Parrish. Ele vai te dizer.’

“Não ouvi o que o segundo homem disse porque o apito do navio soou. Vi quando eles se despediram com um aperto de mãos e o funcionário foi embora. O outro permaneceu na proa até o navio zarpar e se afastar do porto. Quanto a mim, foi quando comecei a ficar mareado.”

Ele se calou, voltando a afundar na cadeira. Goldberg batia a ponta da pena contra os dentes, os olhos intensos com especulações.

— Você disse Parrish? — ele perguntou. — Da rua Blackmoor?

— Foi o que ouvi. Nada além disso. Desculpe, Goldberg, mas eu não pude segui-lo quando ele saiu do navio. Estava exausto. Não sei nada sobre o tal Parrish... Isso te diz alguma coisa?

— Ah, sim — respondeu Goldberg. — Já ouvi falar do sr. Parrish. Mas não sabia que estava metido nisso... Liebermann, foi uma história extraordinariamente interessante. Sou-lhe muito grato.

Os olhos de Liebermann estavam fechados. Não havia lareira no quarto e fazia frio. Goldberg pegou um cobertor na cama e cobriu o rapaz. Estava louco para fumar um charuto, mas se contentou com um apagado entre os dentes; então subiu a gola do sobretudo, enrolou o cachecol ao redor do pescoço e começou a escrever.

O REGISTRO DE CASAMENTO

Na manhã seguinte, após pedir a Sarah-Jane que não tirasse os olhos de Harriet, e a Ellie que não permitisse a entrada de estranhos em casa, Sally foi para seu escritório em Londres.

Ficava no terceiro e último andar de um edifício, em Bengal Court, próximo à catedral de São Paulo. Com ela dividiam o local um agente de seguros, um fabricante de óculos, um importador de tabaco, um representante de um fabricante americano de máquinas de datilografia e um escritório do *Tricycling Gazette*. Era um prédio movimentado e os demais ocupantes eram simpáticos; embora agora Sally desconfiasse de que alguém entre eles a espionava. Afinal, como Parrish poderia saber tanto sobre ela sem a ajuda de informantes?

Margaret Haddow já estava lá quando Sally apareceu. Era um ou dois anos mais nova que Sally, mas devido a sua aparência sombria, quase austera, e temperamento seco, parecia ser mais velha. Sally confiava plenamente nela. A secretária, Cicely Corrigan, vinha de Bromley, e como diariamente precisava ajudar a mãe aleijada a começar o dia, costumava chegar um pouco mais tarde.

— Estamos com muito trabalho hoje? — perguntou Sally, enquanto pendurava sua capa e seu chapéu no cabide.

— Não muito — respondeu Margaret. — Precisamos ver as tais ações das minas na América do Sul, e eu gostaria de rever com você o arquivo do sr. Thompson. Depois, tenho um encontro com uma tal sra. Wilson, mas só às três da tarde. Pensei em estudarmos também as ações das minas de ouro australianas... acho que vão subir.

— Poderia deixar isso para depois e me fazer um favor?

— Sim, creio que sim. O que é?

Sally contou a história toda. Embora já fosse familiar a Sally, a história continuava difícil de engolir. Margaret sabia da existência de Harriet e já estivera na Casa do Pomar muitas vezes, e sua reação foi bem mais solidária do que a do secretário da firma de advocacia e de seu advogado.

— Isso é monstruoso! — disse. — O que posso fazer? Quer que eu seja sua testemunha no tribunal? É só falar.

— Espero que o caso não vá parar no tribunal — Sally respondeu. — Espero descobrir o que esse homem está tramando antes. Se souber o que está acontecendo, vou saber como enfrentar a situação. Vou à tal igreja ver os registros de casamento, há um trem para lá que sai em quarenta minutos... mas antes preciso descobrir quem é esse Parrish. Você poderia ir ao escritório dele para mim?

— Claro! O que quer que eu faça? Dê um tiro nele?

Sally sorriu.

— Ainda não. Mas se você inventar uma história convincente, talvez consiga descobrir algo sobre os negócios dele... qualquer informação será útil. Não sei o que procurar, pois não sei nada sobre ele. Qualquer coisa ajudará.

O trem chegou a Portsmouth antes do meio-dia e Sally tomou um cabriolé até a paróquia do distrito de Southam. O lugar ficava num subúrbio insignificante de Portsmouth: casas de tijolos, com terraços, sem graça, uma rua de lojas lúgubres, uma área às margens da ferrovia tomada por arbustos e à espera de melhoramentos. A igreja tinha pouco mais de cinquenta anos: velha

o bastante para parecer degradada, mas não tanto para ser interessante. A casa do pároco não era diferente.

O pároco, o sr. Murray, estava almoçando, segundo a criada. Perguntou se Sally se importaria em voltar meia hora depois. Sally concordou e foi dar uma volta pela igreja para passar o tempo. Era um edifício de arquitetura inspirada no estilo gótico convencional, sem qualquer beleza, e o único lugar que merecia alguma atenção era uma lista na parede dos párocos que já haviam dirigido a igreja. Southam já havia tido cinco párocos antes do atual. O sr. Murray era responsável pela igreja St. Thomas apenas desde o ano anterior; não estava lá quando o suposto casamento aconteceu. O pároco de então se chamava Beech.

Quando achou que o sr. Murray já havia terminado seu almoço, Sally voltou à casa do pároco. A empregada a levou até uma sala de estudo, e o sr. Murray ergueu a mão para cumprimentá-la. Era alto, magro, de meia-idade e de aparência severa.

— Gostaria de ver o arquivo de registros de sua paróquia — solicitou ela.

— A senhorita está ciente de que nossos registros civis datam apenas de 1832 em diante? — perguntou o sr. Murray. — Se estiver à procura de antepassados, não haverá muitos aqui.

— Quero só ver os registros de casamentos — respondeu. — De 1879. Sr. Murray, que tipo de paróquia é esta? É muito tradicional?

— É bem variada. Há uma pequena congregação... bem pequena. Muito ir e vir de fiéis. As pessoas andam muito inquietas. Já não permanecem no lugar onde nasceram. Na última paróquia onde trabalhei, no interior, era capaz de andar pelo vilarejo e nomear cada pessoa e suas famílias, e saber tudo que fosse relevante sobre eles. Posso caminhar pelas ruas de Southam durante um dia inteiro e dificilmente encontrar um rosto conhecido.

— Seu antecessor, o sr. Beech, ele se aposentou?

Por um instante o silêncio se instalou no ambiente.

— Por que pergunta? — inquiriu ele.

— Gostaria de perguntar a ele sobre um casamento que teria ocorrido em 1879. Caso esteja no registro, gostaria de saber se ele

se lembra da cerimônia.

— Entendo. Bem, ele está aposentado. Infelizmente, não posso lhe dar o endereço dele.

— Não pode?

— Não o tenho — respondeu ele secamente. — Se quiser ver o registro precisa ir até a igreja.

Ele se levantou e abriu a porta. Ela o seguiu até a saída da casa paroquial, e atravessaram um jardim malcheiroso e sujo, localizado numa das laterais da capela.

Sob a luz pálida daquela tarde e com o cheiro de mofo da sacristia ele pegou uma pilha de livros de um armário e a colocou sobre a mesa para Sally.

— O Registro de Casamentos é o que a senhorita deseja — disse, apontando para um espesso livro verde com este título na capa. — Aqui há registros desde 1832. Todos os casamentos sacramentados nesta paróquia estão registrados aqui. Qual é mesmo a data que deseja?

— O ano de 1879 — disse Sally. — Janeiro. Há muitos casamentos realizados aqui, sr. Murray?

— Dois ou três a cada quatro meses. Não muito, creio. Aqui está.

Ele passou a ela o livro aberto. Havia dois formulários impressos na página, com espaço para que se preenchessem os detalhes de cada casamento. No primeiro, Sally notou que o noivo nada escrevera e apenas assinara com um X tremido. A caligrafia da noiva tampouco se mostrava firme.

Ela foi então para o segundo casamento da página: lá estava seu nome.

No dia 3 de janeiro de 1879, Arthur James Parrish havia se casado com Veronica Beatrice Lockhart. Involuntariamente, ela prendeu a respiração e então se concentrou e continuou a ler. Os espaços referentes às idades de Sally e de Parrish foram preenchidos apenas com a palavra "Apta", o que era prática padrão, como pôde comprovar em outros registros. Quanto à classe social ou profissão, Parrish a indicava como agente comercial. Tanto ele quanto Sally, segundo o registro, residiam em Southam. Os espaços para o *Nome*

do pai e Sobrenome/profissão da noiva estavam em branco. O nome dado para o pai dele foi James John Parrish, escriturário.

— Existe algum outro registro com endereços? — perguntou Sally.
— Pelo menos das testemunhas?

— Não. Não registramos os endereços.

— Então essas testemunhas podem ser de qualquer lugar? O senhor reconhece algum desses nomes?

Os nomes das testemunhas eram Edward William Sims e Emily Franklin. O sr. Murray os leu rapidamente e balançou a cabeça negativamente.

Mas não havia dúvidas quanto à caligrafia de Sally. Aquela era sua assinatura, ou melhor, uma falsificação exemplar. Certamente, haviam conseguido uma cópia de algum documento legal, já que ela normalmente assinava apenas Sally; mas ali estava o seu V, seu B e seu ligeiro e atípico Lockhart. No restante do texto, com exceção dos dados de Parrish, era a caligrafia do reverendo Beech.

— Existe alguma possibilidade de que um registro desses possa ser falsificado?

— Falsificado?

— É, forjado. Quero dizer, alguém poderia inserir um registro de casamento numa data qualquer, no passado?

— Acho impossível. São consecutivos. Os registros só podem ser feitos na época da cerimônia, e a senhorita pode ver que estão todos numerados. Este casamento aqui, por exemplo, tem o número 203. O número 204 foi registrado em... deixe-me ver... em março. Não, não havia como sair da sequência, se é o que quer sugerir. Se alguém quisesse forjar um casamento em 1879, teria de fazê-lo naquela mesma época.

— Existem outros registros?

— A cada três meses, é minha obrigação como pároco informar ao cartório local sobre os casamentos sacramentados na paróquia. E tenho que enviar um formulário como este — ele lhe estendeu uma folha de papel —, com todos os detalhes do registro de cada casamento. Lá, bem, devo ser franco, não sei o que fazem com o formulário. Ocasionalmente, eles consultam um ou outro, para

verificar se houve algum engano no preenchimento, uma palavra faltando ou escrita de forma equívoca, logo, alguém deve checar esses documentos por lá. Presumo que eles devam enviar os registros para a Casa Somerset.

A Casa Somerset, em Londres, era o local em que se guardavam os registros gerais de nascimentos, mortes e casamentos. Sally iria até lá, mas já imaginava o que iria encontrar.

— Entendo — disse ela. — Bem, obrigada, sr. Murray. Gostaria apenas de copiar este registro, se o senhor não se importa.

Ela copiou integralmente o documento; não demorou muito. Ele esperou ao seu lado, e quando Sally terminou, o pároco, rapidamente, guardou o livro no lugar.

— O reverendo anterior, o sr. Beech — disse ela. — Será que alguém na cidade pode me informar o paradeiro dele? Um de seus empregados, por exemplo?

Ele se mostrou desconfortável e mais austero que nunca.

— Os empregados da paróquia, como posso dizer, são todos novos — disse ele. — A antiga cozinheira partiu antes de minha chegada, e o sr. Beech não possuía carruagem, por isso, não tinha cavalição. Havia uma criada, que foi embora assim que eu cheguei. Precisei dar a ela aviso prévio. Não sei para onde foi.

— E os sacristãos? Não há ninguém que possa saber onde encontrar o reverendo? O bispo não saberia?

— Eu... Para ser franco, srta. Lockhart, os assuntos desta paróquia não estavam em boa ordem quando aqui cheguei. O sr. Beech estava doente já havia algum tempo. Acho que, qualquer que seja sua dúvida, é pouco provável que o sr. Beech, onde quer que ele esteja, possa lhe ajudar a esclarecê-la.

— Não entendo — disse ela. — Quer dizer que ele continua doente? Sr. Murray, o motivo por que pergunto é extremamente sério. A última coisa que quero é perturbar o sr. Beech, mas se eu pudesse conversar com ele...

— Srta. Lockhart, não sei onde ele está, e duvido muito que qualquer outra pessoa aqui da paróquia saiba. Quanto ao presbítero — ele deu de ombros —, pode perguntar a ele. Por acaso — Ele

olhou para o armário onde havia guardado o livro de registros. —, por acaso a senhorita está suspeitando que estes arquivos não estejam corretos? Perguntou se poderiam ser forjados... este é um assunto bastante grave.

— Concordo — disse ela. Deveria contar a ele? Quem sabe o sr. Murray não estava disposto a falar mais por desconhecer as razões de Sally. Em contrapartida, será que ela poderia confiar nele ou em qualquer outro? — É muito grave. Não posso acrescentar mais no momento. Se pelo menos eu pudesse encontrar o sr. Beech, talvez ele pudesse me ajudar.

O pároco a fitou impassível, os olhos escuros na face cadavérica com expressão severa. E então ele se virou e abriu a porta.

Sally se levantou para ir embora. Ele trancou a sacristia, os dois trocaram apertos de mãos e se afastaram em silêncio.

Antes de pegar o trem de volta a Londres, Sally fez uma última tentativa. Foi ao correio central e pediu que chamassem o gerente-geral.

Ele apareceu no balcão; Sally teria preferido uma conversa em particular, mas o gerente estava impaciente. Entre um homem com um grande pacote na mão e uma senhora de idade que comprava selos de um centavo, Sally disse:

— Estou tentando encontrar o endereço de um senhor que morou em Portsmouth três anos atrás. Existe alguma chance dele ter deixado o endereço atual aqui? Ele se chama Beech. O reverendo Beech, da paróquia de Southam.

O homem suspirou.

— Duvido muito, senhorita. Quer que eu dê uma olhada?

— Quero. Por isso perguntei.

Ele a olhou feio e desapareceu por um recinto atrás do balcão. A senhora que comprava os selos se afastou e um senhor chegou e ocupou seu lugar, solicitando uma ordem postal. Quando o homem terminou a compra, o gerente voltou.

— Nenhum registro de nenhum Beech — disse. Havia um brilho nos olhos do homem que sugeria um triunfo por desapontá-la.

— Obrigada — ela disse, sorrindo docilmente e desconcertando o gerente, antes de se virar e partir.

Ao sair do correio, Sally sentiu alguém tocar sua manga.

— Ah, senhorita, me desculpe, mas...

Era a senhora que havia comprado os selos.

— Sim? — disse Sally.

— Não pude deixar de escutar e talvez não devesse me meter, mas fui paroquiana do sr. Beech, e se a senhorita está à procura dele...

— Estou sim! Ah, fico feliz que a senhora tenha me escutado. Sabe onde ele está?

A velha senhora olhou a sua volta e se aproximou. Sally sentiu nela o cheiro de alfazema, e em sua estola de pelo, naftalina.

— Creio que está na prisão — sussurrou.

— É mesmo? Mas por quê?

— Não sei dizer exatamente o porquê. E Deus sabe que eu odiaria maldizer um pobre homem que caiu em tentação, mas a verdade deve prevalecer. Deixei de frequentar a paróquia uns dois anos antes dele... ser transferido; mas, sabe como é, os boatos correm... Ele sempre me pareceu ser um senhor nervoso. Não tinha família, era solteiro, e as pessoas não gostam disso num clérigo. Ele não parecia nada bem no último ano em que esteve na paróquia; e a senhorita deve saber que quando a mão que lhe oferece a comunhão começa a tremer *consideravelmente* a gente se perturba...

— E a senhora acha que ele está preso? — perguntou Sally.

— Bem, foi o que ouvi por aí... claro, não devemos acreditar em tudo que escutamos, mas ele realmente saiu tão de repente, e também ouvi falar que as autoridades eclesiásticas abafaram o caso e o mantiveram fora dos jornais, mas uma amiga próxima, a srta. Hyne, tem um primo de segundo grau no Ministério do Interior; e ele, embora obviamente não afirme, deu a entender que o sr. Beech está preso.

— Que estranho — disse Sally. — Mas do que ele foi acusado?

— Ah, isso já não sei. Mas não há dúvidas de que muitas peças da prataria da igreja (sendo que boa parte foi presente da família

Crosse, magníficos objetos) lastimavelmente desapareceram... tentaram reaver um belíssimo cálice, em vão... e não há como evitar se chegar a certas conclusões.

— Entendo — disse Sally. — Bem, muito obrigada, senhora...

— Srta. Hall. A senhorita não é de Portsmouth, é?

Sally desvencilhou-se da senhora da forma mais simpática que pôde. Disse representar uma sociedade missionária; que o sr. Beech, uma época, havia expressado interesse nas atividades da tal sociedade e como ela, Sally, estava nas redondezas... Não, não poderia tomar um chá com a senhorita Hall, pois tinha um trem para pegar. Obrigada, obrigada, tchau.

E assim, pensou ela, enquanto o trem passava pela zona rural de Hampshire sob o pálido pôr do sol outonal: um clérigo desaparecido, que poderia ou não estar na prisão, a existência do registro, embora fraudulento, do casamento. Alguém havia levado muito tempo planejando tudo aquilo: mesmo antes do nascimento de Harriet. Alguém havia urdido meticulosamente aquela teia para Sally, de forma que ela não pudesse sequer suspeitar da trama, e então esse alguém havia esperado pelo melhor momento possível, para enfim enredá-la firmemente.

Uma das mãos de Sally procurou o corpo compacto da pistola dentro da bolsa, mas em seguida, e bruscamente, recuou. Ainda não. Preciso conhecer meu alvo, pensou; nem ao menos sei como é esse tal Parrish.

Como era amedrontador se ver em meio a uma trama invisível; e como podia ser fácil, diante de uma situação como aquela do registro de casamento, começar a acreditar, pouco a pouco, que aquilo era verdade: que realmente havia se casado e perdido a memória...

Enquanto subia as escadas do primeiro andar do escritório de Arthur Parrish, Margaret Haddow ensaiava sua história. O que estava acontecendo com Sally era realmente inacreditável, mas também Sally era uma jovem bem menos convencional do que qualquer outra de seu tempo e Margaret, do seu jeito ríspido e seco, tinha extrema admiração por ela.

Bateu à porta, que foi aberta; e pouco depois estava sentada num escritório bem-arrumado em frente à mesa de trabalho de Parrish.

Ele era um homem bem-arrumado, de arrumados cabelos negros e arrumados bigodes. Garboso é o termo certo, pensou Margaret, apesar da apatia no olhar e da avidez com que movimentava os lábios. E, no entanto, nenhum vestígio de vaidade, embora fosse um rapaz convencionalmente belo. O terno era escuro, o colarinho engomado, a gravata de cor sóbria e os três anéis que brilhavam em seus dedos eram comuns aos homens da sua geração.

Ao falar, Margaret evitava encará-lo.

— Sr. Parrish, o senhor realiza transporte para a América? — Margaret introduziu o assunto.

— Qualquer lugar do mundo — disse ele. — O que a senhorita tem em mente?

— Tenho um primo em Buffalo. No estado de Nova York. Ele quer começar um negócio como importador de porcelana fina e me pediu que providenciasse uma lista dos melhores fabricantes e a enviasse para ele...

O sr. Parrish fez algumas anotações com uma pena de prata.

— A maioria dessas firmas tem seu próprio agente — disse ele. — Seu primo estará competindo com redes de vendedores bem-estabelecidas, sabe disso, não sabe?

— Eu acredito que ele pense em se especializar em itens exclusivos, mais artísticos. Mas eu nada sei sobre porcelana, sr. Parrish, muito menos sobre negócios. Qual é a melhor forma de proceder nesse caso?

Ele deixou a pena de lado e explicou que o melhor que o fictício primo de Margaret tinha a fazer era escrever às empresas pelas quais se interessasse, apresentando-se e oferecendo seus serviços. Ele, o sr. Parrish, poderia de bom grado fornecer uma lista de nomes e endereços e, caso ela desejasse, comprar e despachar as amostras de cada uma das empresas para o primo.

Ela estava impressionada. Ele era eficiente e objetivo, e o conselho que dera era sensato. Como homem de negócios, nada indicava que ele não era honesto.

Ela agradeceu, fez mais algumas perguntas para reforçar sua história e então disse que iria escrever ao primo para saber a sua decisão.

Então, quando ela se levantou para ir embora, ele a surpreendeu.

— Antes que eu me esqueça, senhorita Haddow — disse. — Por favor, diga a minha esposa que ela não chegará a lugar nenhum enviando a senhorita até aqui para me espionar. Está bem? Entendeu? Claro, caso a senhorita realmente tenha um primo em Buffalo que queira importar porcelana, certamente poderei ajudá-la. A senhorita quer que eu proceda da forma como lhe descrevi? Não? Foi o que imaginei. Bem, não se esqueça do que eu lhe disse.

Margaret ficou sem palavras. Seu rosto queimava, olhou bem nos olhos severos dele por um breve instante e então se virou e se retirou.

— Não descobri absolutamente nada de relevante — ela disse a Sally mais tarde à mesa de chá, na Casa do Pomar. — Me sinto uma idiota. Ele sabia quem eu era desde o início; e eu me achando tão esperta...

Harriet estava no segundo andar tomando banho e logo em seguida, após Sarah-Jane levar a menina para a cama, Sally subiria para ficar um pouco com a filha, inventando histórias ou cantando cantigas de ninar. Naquele momento, ela e Margaret estavam sozinhas, o sibilar da chaleira na lareira e os golpes das patas dos cavalos na rua que dava acesso à entrada da casa eram os únicos sons. Normalmente, Sally gostava de observar a luz do dia desvanecendo-se no jardim, mas, naquela tarde, ela descera as cortinas mais cedo do que de costume; em vez de luz que se dissipava mais parecia a escuridão que assomava, e Sally desejava mantê-la do lado de fora.

Alguém bateu à porta e Ellie apareceu para retirar a bandeja de chá. Ela era uma moça agradável e serena, que trabalhara para os Garlands quando eles ainda moravam em Bloomsbury, antes do incêndio que havia matado Frederick. Recentemente havia ficado noiva do cavaliço do médico local e logo deixaria de trabalhar para Sally. Sally estava feliz por ela, porém triste por perdê-la.

Uma ideia lhe ocorreu ao passar a xícara e o pires para Ellie.

— Ellie — disse —, quantas pessoas sabiam que o sr. Webster e o sr. Jim estariam fora do país?

— Quer dizer, aqui na cidade, senhorita? Acho que todos que os conheciam. Não era nenhum segredo, afinal.

— Por acaso disse a alguém para onde iam?

— Só para Sidney, senhorita. Meu noivo. Fiz mal, senhorita?

— Não, de forma alguma. Mas será que alguém ficou sabendo que eles estão na selva, neste momento? Chegou a comentar com alguém sobre a última carta de Jim, por exemplo?

— Bem, apenas com Cook, acho, senhorita. Não me lembro, na verdade. Ah... espere. A carta com a tinta borrada, a última, lembra, senhorita, foi quando a senhorita comentou que a carta devia ter caído no rio Amazonas. A senhorita leu para mim o que ele escreveu, sobre as tais cabeças reduzidas e de como o sr. Jim disse que ele e o sr. Webster sairiam de lá num barco ou numa caixa de papelão. Esta carta arrancou boas risadas de Cook. Ela disse que, se enviassem a cabeça de Jim para cá, ia pendurar em cima do fogão para espantar as moscas da carne. Enfim, senhorita, nós falávamos disso na cozinha e o homem que afia nossas facas tava lá na hora. Ele também fez lá os comentários dele e rimos à beça. Sei que a gente não devia rir desse tipo de coisa, mas o sr. Jim iria rir mais do que todo mundo.

— Certamente que sim. Como se chama o afiador de facas?

— Não lembro. Talvez Cook saiba. O antigo afiador largou a profissão no ano passado, e esse sujeito novo ficou no lugar dele. Ele vem uma vez por mês afiar as facas e tesouras. Mas é engraçado...

— O que, Ellie?

— Bem, ele não vai na casa do dr. Talbot. Sidney falou que o velho Pratt, o antigo afiador, continua trabalhando lá. Mas ele não vem mais aqui; e sim esse novo sujeito. Muito simpático, aliás, sempre curioso sobre as coisas e trabalha direitinho. O sr. Pratt era muito lento. Duvido muito que Cook tenha falado pro sr. Pratt para não passar mais aqui, não faria isso, mas um belo dia esse novo

afiador pareceu aqui dizendo que o sr. Pratt teve que largar o negócio e perguntando se estaríamos interessados em seu serviço. Fiz alguma coisa errada, senhorita?

— Claro que não, Ellie. Sabe quando ele volta?

— Ele esteve aqui na semana passada. Vai demorar pra voltar. Ele não marca data, apenas aparece todo mês.

— Da próxima vez que ele vier, poderia me avisar sem que ele saiba? Apenas me avise que ele está na cozinha.

— Pode deixar, senhorita Lockhart. Vou lembrar.

Ela juntou os pratos e as xícaras e saiu.

Margaret disse:

— Um espião.

— É o que parece, não acha?

— Não acha melhor ir à polícia?

— Iriam rir de mim, Margaret. Onde está o crime? Não esqueça, esse homem é casado comigo, ou é isso que eles pensariam. Provavelmente, vão achar que ele tem todo o direito de espionar a esposa.

— Bem, seu advogado, então. Conte a ele.

— É o que farei — disse Sally. — Espero que ele possa me ajudar.

Pouco depois, Margaret partiu para a estação de trem e Sally foi ver Harriet. Sally ficou abraçada à filha e cantaram as músicas de ninar que conseguiram lembrar e então Sally se dispôs a tentar brincar de uma brincadeira especial que Harriet inventara com Bruin, mas que apenas Jim sabia brincar direito; depois, Sally apagou a vela e se deitou ao lado da filha, que se aninhou no corpo da mãe. Sally então criou uma história com Jim e o tio Webster na selva. Uma história bem sem graça; Sally sabia que não tinha um décimo da imaginação de Jim. Mas ali, na escuridão, deitadas uma ao lado da outra, Harriet parecia satisfeita com a história.

O COBRADOR

Antes de partir, Margaret comentara com Sally: — Esqueci de te contar uma coisa. Provavelmente não quer dizer nada. Mas há duas salas no escritório de Parrish, uma nos fundos, onde ele trabalha, e outra na entrada, que serve de passagem para a sala dele. Havia dois funcionários nesse primeiro cômodo e muitas pastas, livros de consulta e uma profusão de papéis que se espera encontrar num escritório. Porém não havia nada bagunçado, como também se espera, sabe, estava tudo inacreditavelmente em ordem. Enfim, quando saí da sala de Parrish, tinha um terceiro homem do lado de fora com os dois funcionários... parecia um cobrador de aluguéis, com sua malinha de couro. Na hora, estava tão furiosa que não assimilei totalmente o que conversavam e, além disso, eles pararam de falar quando passei, mas acho que ouvi o tal homem que parecia ser cobrador de aluguéis dizer: *Será o bastante para os malditos judeus, então, né?* ou *Será o bastante para acabar com os judeus, então, né?* Foi tudo que escutei. Acabo de me lembrar.

Isso nada significou para Sally. Os homens poderiam estar conversando sobre qualquer coisa, desde uma aposta de uma

corrida de cavalos que custaria caro aos tomadores de aposta judeus até algo bem mais sinistro. Em qualquer um dos casos, nada tinha a ver com o problema dela. No entanto, Sally voltou a pensar sobre isso, após Harriet adormecer. Em busca de alguma coisa para dispersar as preocupações, começou a folhear a revista *Illustrated London News*.

A palavra "Judeus" na manchete chamou a atenção de Sally e os olhos procuraram o artigo relacionado. Havia a ilustração de um grande tumulto em Kiev, e o artigo narrava vividamente como os judeus-russos, particularmente em Kiev, estavam sendo perseguidos por aglomerados de pessoas nas ruas, com suas lojas sendo saqueadas e casas pilhadas. Não pareciam casos aleatórios ou atos impensados de vandalismo, mas sim ações arquitetadas por um grupo organizado; Sally leu que as ordens eram dadas por um apito e que os ataques e saques só cessavam ao som do apito e os responsáveis imediatamente se dispersavam na multidão. Os soldados da guarnição local nada fizeram para proteger os judeus. Alguns ficaram parados observando um judeu idoso ser insultado e espancado no meio da rua.

Sally leu em outro lugar que o governo russo adotara uma política antissemita desde que o novo tsar assumira o trono. O tsar anterior fora assassinado no início desse ano e o governo tentava culpar os judeus de alguma forma. Mas ela não imaginara que a história havia tomado tamanha proporção. Seria sobre isso que os homens estavam falando no escritório de Parrish? Ela não tinha como saber.

Em outra página na revista havia outro artigo sobre política e economia e Sally se debruçou sobre o texto, tentando se distrair. Mas acabou apenas se irritando. Alguém estava tentando recriar a Associação Internacional dos Trabalhadores, que havia sofrido um racha, dividindo-se em um grupo de socialistas e outro de anarquistas. E um homem chamado Goldberg propunha uma frente única contra o capitalismo.

Como Sally se considerava uma capitalista, achava tal ideia nada atraente. Sabia muito pouco sobre o socialismo e não tinha nenhum interesse pelo assunto. Evidentemente, as relações econômicas

entre os indivíduos não eram perfeitas, mas agitação, propaganda apelativa e jornalismo barato — ela supôs que o tal Goldberg fosse jornalista — pouco podiam fazer para melhorar a situação.

Jogou a revista no chão.

Ah, essa sensação de impotência... Um espião na cozinha, um registro de casamento falso. O que estava acontecendo? Por quê? O pior de tudo era aquela última linha na petição: alguém queria Harriet. Queriam lhe tirar a filha.

Subiu para o segundo andar e levou uma lâmpada a gás para o quarto de Harriet. A criança dormia, o cabelo claro, penteado e brilhante, um dos braços cobrindo o intenso, contraído e inocente rosto. Bruin se encontrava ao seu lado, sobre o travesseiro, prestes a cair no chão. Sally o ajeitou na cama, então se curvou e beijou a filha. Ninguém iria levar Harriet; jamais.

Puxou as cobertas para cobrir Harriet e desceu para o primeiro andar. Poderia escrever a Rosa; como não havia pensado nisso antes? Rosa era a irmã de Frederick e sua mais antiga amiga — e ainda por cima era casada com um clérigo: ele poderia ajudá-la a descobrir o paradeiro do sr. Beech de Portsmouth.

Que bom, enfim algo positivo. Acendeu um lampião, sentou-se à mesa e pôs-se a escrever.

Naquela noite, o sr. Parrish era motivo de interesse de outras pessoas, além de Sally. Na taberna da esquina da rua Blackmoor, sentados ao lado da porta, dois adolescentes já estavam ali havia algum tempo. Quase todas as luzes nos escritórios ao redor iam sendo apagadas conforme os estabelecimentos esvaziavam-se e os funcionários e homens de negócio que lá trabalhavam saíam para suas casas em Holloway, em Islington, em Camberwell, Acton ou Brixton. O escritório do sr. Parrish continuava iluminado, mas os garotos na taberna sabiam o motivo e sabiam que era hora de agir.

Ambos eram esguios e de aparência durona. Tinham os quepes enfiados na cabeça até a altura dos olhos. Um deles usava um cachecol branco, o outro, um lenço de bolinhas azul e branco ao redor do pescoço, e os dois usavam cintos extremamente lustrosos, salpicados de tachinhas de latão, um estilo considerado moderno no

lado sul do rio, em Lambeth. Um era moreno; o outro, ruivo. O moreno respondia pelo nome de Bill. Não era alto e falava manso, porém homens com o dobro de seu tamanho pensavam duas vezes antes de cruzar o caminho dele. Havia um destemor frio em seus olhos que inspirava cautela nos outros; e os punhos eram cheios de cicatrizes. Seu companheiro chamava-se Liam, e sua aparência era ainda mais ameaçadora, se é que isso era possível. Eles pareciam não ter muito a dizer um ao outro.

Deixando de lado a caneca de cerveja meio amarga, Bill ajustou o quepe ainda mais rente aos olhos e saiu sorrateiramente para a rua. Liam o seguiu sem dizer nada. Em aproximadamente dez minutos, caso a rotina das últimas três semanas se mantivesse, um homem surgiria na esquina da rua Blackmoor e entraria no escritório do sr. Parrish. Entre a travessa Drury, de onde viria o homem, e o edifício do escritório havia uma estreita entrada para um largo chamado Clare Court, e para lá foram Bill e Liam, muito à vontade, como se morassem ali.

Cria das ruas de Lamberth, os sentidos afiados de Bill o alertaram para a aproximação de um policial pela rua Blackmoor, por detrás deles. Ele fez um movimento para Liam e os dois recuaram para dentro do vão da porta de um edifício e esperaram os passos firmes e regulares do policial passarem. E então voltaram a atenção para o principal inconveniente do Clare Court, ou seja, a lâmpada a gás pendurada em um poste de quase 2,50m de altura. Bill havia identificado o obstáculo mais cedo e encontrara uma maneira de solucionar o problema.

— Vem — disse ele a Liam em voz baixa. — Vou te dar uma mão. Pega isso e corta o cano do gás.

Entregou a Liam um alicate e fez uma escada para ele com as mãos, erguendo-o. Bastou um rápido corte e o lampião se apagou de imediato, deixando um filete de gás escapar na escuridão. Não tinha importância, pensou Bill. Eles não iam demorar por ali.

Tirou um pedaço de espelho, cujas extremidades estavam cobertas por passe-partout para não rasgar o bolso, e o segurou junto à parede de modo que pudesse ver o homem se aproximar. A

rua estava silenciosa agora; mesmo a taberna estava mais vazia, conforme os clientes terminavam suas cervejas e rumavam para casa, para suas Carries, suas Adelines, suas Emilies. Uma ou duas figuras apareceram no espelho de Bill, precavendo-o para que ficasse bem quieto até que já houvessem passado.

E então o homem por quem estavam esperando apareceu, um ou dois minutos mais tarde do horário costumeiro. Era um sujeito grande e pesado num sobretudo surrado de tweed e um chapéu de feltro, com uma bolsa de couro pendurada num dos ombros.

— Aí vem ele — sussurrou Bill.

Liam começou a caminhar, mantendo-se na sombra. Bill esperou o homem passar pela entrada do largo e em seguida disse casualmente:

— Licença, companheiro.

O homem parou, hesitante, tentando enxergar em meio à penumbra.

— O que quer?

— Tem fogo?

O homem enfiou a mão no bolso. Era a deixa de Bill. Avançou na direção do homem, agarrou-o pela lapela do sobretudo e o puxou o mais forte que pôde. O sujeito não teve tempo de gritar. O punho de Liam acertou-o no queixo, e ele tombou no chão, tonto. Os dois garotos o arrastaram rapidamente para a escuridão. A pesada bolsa também, e de dentro se ouvia o tilintar de moedas. Bill a pendurou no ombro e então viu, na penumbra, um brilho de metal na mão do homem.

— Cuidado! — sussurrou Bill, e Liam chutou a mão do homem que estava indo na direção da boca. O apito utilizado para chamar a polícia rolou na direção da valeta da rua. Bill agarrou o colarinho do homem e o torceu com firmeza.

— Escuta — sussurrou. — Nem tenta reagir. A gente podia ter enfiado uma faca nas suas costas se a gente quisesse. E ainda podemos. Passa tudo o que tem nos bolsos! Anda! Passa tudo. E se der um pio, num vai ter tempo de se arrepender.

Tremendo, o homem pôs-se de joelhos e esvaziou os bolsos. Um pente de marfim, moedas, chaves...

— Tudo — disse Bill ameaçador.

Uma caixa de fósforos. Um lenço. Um cachimbo. Um saquinho com tabaco.

Bill perdeu a paciência e abriu o sobretudo do homem à força, buscando os bolsos internos. No bolso do colete encontrou o que procurava. Um pequeno bloco de notas enebado e gasto.

— Muito bem — disse Bill. — Vou te dar um murro daqui a pouco, porque não gosto nada do que você faz.

O homem se encolheu e disse:

— Não... espere... não...

— Ora, não se preocupe ainda, não é agora, agora. Estou dizendo isso para depois você não reclamar que eu não avisei. Mas antes quero saber: quantos sujeitos além de você trabalham para o seu patrão?

— Ninguém mais, eu juro...

— Só você?

— Nesse ramo apenas eu, sim, eu juro!

— Nenhuma outra atividade paralela que você queira me contar?

— Não! Por favor, colega, me deixe ir! Sou apenas um pobre homem tentando ganhar a vida...

Bill o golpeou, e em seguida guardou o livreto no bolso. Então ficou de pé e, enquanto o homem se contorcia na sarjeta, disse:

— Ah, antes que me esqueça, não acenderia seu cachimbo se fosse você. Tem um vazamento de gás no cano ao lado da parede. Qualquer faísca e vai tudo pelos ares. Quer outro soco de despedida? Não?

Bill deu outro murro, mesmo assim. E após ajeitarem os quepes com firmeza acima das sobancelhas, os garotos saíram de Clare Court e viraram a esquina. Já a sós, Liam disse:

— Então, passa a minha parte e eu me mando.

Bill abriu a bolsa de couro e contou um punhado de moedas.

— Aqui — disse. — Vinte. Como combinado.

— Tem mais do que isso aí, com certeza.

— Combinamos vinte — disse Bill. — É o que você vai ter. Se não quiser, da próxima vez chamo a Bridie no seu lugar.

— Fique longe de Bridie — disse Liam. — Num mete ela nisso.

Os dois trocaram olhares frios e se afastaram. Liam virando à esquerda, rumo ao sul, na direção do rio e de Lamberth. E Bill, para o Soho.

Margaret Haddow teria reconhecido a desafortunada vítima de Bill: era o sujeito que ela vira naquela manhã no escritório do sr. Parrish, que havia feito o comentário sobre os judeus. Seu nome era Tubb.

Vinte minutos depois que Bill o largou, Tubb subia as escadas do escritório do sr. Parrish, consideravelmente mais relutante do que de manhã.

— Está atrasado — repreendeu Parrish ao vê-lo entrar na sala.

— Sr. Parrish, veja, sinto muito, fui roubado...

O sr. Parrish arregalou os olhos ao ver o estado em que se encontrava seu empregado. O nariz ensanguentado e um dos olhos roxo, fechado, eram assustadores, mas apenas esteticamente. A ausência da bolsa de couro era muito mais grave.

— Onde está a bolsa?

— Pois é, senhor, levaram a bolsa...

— O livro?

O sr. Tubb engoliu em seco.

— Também. Eles levaram tudo — disse. — Fizeram a limpa.

— Quando?

— Agora há pouco... vim direto para cá, senhor.

— Onde?

— Naquela viela do lado esquerdo da rua, para lá... me bateram e me arrastaram para lá, senhor... não tive chance de...

O sr. Parrish, parecendo rosar, correu para fora da sala. O sr. Tubb se encolheu, com pena de si mesmo, enquanto secava o nariz com o punho da camisa. Minutos depois, o sr. Parrish retornou, um pouco vermelho, após a corrida pelas escadas até Clare Court, onde fez buscas como um cão de Santo Humberto, e a corrida de volta, escada acima.

Atirou o apito da polícia na cabeça do sr. Tubb.

— Para que te dei isso? — gritou o sr. Parrish.

— Eu tentei, sr. Parrish...

— Encontrei na sarjeta, seu inútil!

— Eles tiraram o apito da minha mão a chutes, senhor...

A ira do sr. Parrish explodiu numa descarga de socos que atingiram a cabeça e os ombros do sr. Tubb. Eram menos metodológicos e precisos que os de Bill, porém igualmente dolorosos; e então o sr. Parrish recuou, com um suspiro, e se sentou calmamente.

— O inventário — disse. — Vamos, faremos uma lista. Teremos que fazer tudo de novo, eu e você, Tubb. Quem sabe assim saberemos também o que perdemos. Isto é o mínimo que o sr. Lee esperará de nós, não acha?

O sr. Tubb concordou chorosamente. O sr. Parrish apanhou sua pena de prata e uma folha de papel.

— Pois bem — disse. — Quanto dinheiro havia na bolsa?

— Trezentos e cinquenta libras — respondeu o sr. Tubb, abatido.

— Hmm. Um pouco menos do que na semana passada — disse o sr. Parrish. — Tem certeza de que era essa a quantia? E quanto aos valores de cada casa? Ah, eu sei que estão no livro, Tubb, mas é para isso que serve a memória, não é? Você sabe para que serve a sua? É para que as coisas pareçam certas quando você as inventar. Vamos lá, então. Use sua memória. Quanto você pegou no número 12 da rua Greville?

— Sessenta e quatro libras, sr. Parrish.

— Bom. Entendeu o espírito da coisa. E na casa 52 da Dorset Place?

O sr. Tubb inventou um novo número. E então perguntou:

— É... sr. Parrish?

— Sim?

— Por que estamos fazendo isso?

— Para você voltar à casa 12 da rua Greville amanhã e pegar com eles 64 libras. E fazer o mesmo na Dorset Place, na rua Tackley e nas demais. Do contrário, o sr. Lee poderá ficar uma fera e nós,

encrencados. Não queremos isso, queremos? Você não precisa ir amanhã. Pode ir hoje, se quiser. Agora, quanto você cobrou na rua Endell?

Nessa época, o Soho era um dos bairros mais povoados de Londres: sujo, fedorento e decididamente pobre. Um lugar vivo, cosmopolita e fascinante.

Bill, com a bolsa de couro no ombro e o caderno de anotações no bolso, caminhava num ritmo discreto por entre as estreitas e movimentadas ruas, desfrutando do cheiro de sopa, alho, queijo, carne grelhada ou peixe frito que dominava o ar. O Soho era o melhor lugar de Londres para se comer. Era possível pagar três xelins por uma refeição e ficar empanzinado; e Bill estava com fome. Ele fez uma parada, olhou pela vitrine de uma padaria judaica e calculou quanto dinheiro tinha no bolso. Era o bastante. Tinha um ou dois centavos sobrando, entrou e comprou uma rosca.

Antes de chegar à rua Dean já tinha acabado de comer. Um pôster de um teatro de variedades chamava atenção no teatro New Royalty, mas Bill o ignorou. Também ignorou o letreiro na Sociedade da Benevolência e Concordância, anunciando que a srta. Letitia Mills daria ali uma palestra sobre os benefícios da temperança com apresentação de slides.

Em frente a esse empório de sabedoria e valorização da vida simples havia uma malcuidada pensão, e de sua porta aberta luz e barulho chegavam à rua. Bill entrou, despercebido, buscando caminho entre o aglomerado de gente no corredor, que não havia conseguido lugar na cozinha onde acontecia uma reunião socialista, e teve que se esforçar para alcançar a escada e finalmente chegar ao terceiro andar. Embora, tecnicamente, fosse uma pensão, o lugar mais parecia um clube. Um dos cômodos estava repleto de livros e jornais, onde umas três ou quatro pessoas liam ou escreviam em silêncio; em outro cômodo, três partidas de xadrez ocorriam ao mesmo tempo, com espectadores que discutiam aos sussurros; em outro, um homem de volumosa barba explicava as vantagens do anarquismo para um pequeno grupo de estudantes, embora nenhum deles parecesse inclinado a acreditar nisso.

Bill bateu à porta por cuja fresta passava um fio de luz do interior do quarto, e de lá de dentro alguém gritou:

— *Ja? Immer herein!*

Bill entrou. O quarto estava quente e enfumaçado e o lampião sobre a mesa iluminava um amontoado de livros, papéis e revistas que se espalhavam desde a mesa até o chão, com mais pilhas sobre o gasto carpete.

Detrás da mesa estava sentado o homem que Bill procurava, e, de frente para ele, outro homem, chamado Kid Mendel. Bill ficou imóvel, olhos arregalados, e em seguida retirou o quepe, pois Kid Mendel era o notório líder das gangues judaicas do Soho. Os judeus, os irlandeses e os italianos travavam uma queda de braços pela liderança dos territórios e Kid Mendel era um estadista, um rei para todos. Era alto, muito bem-vestido, tinha uns 30 anos, olhos astutos e sutis entradas na testa. Era conhecido por ter matado dois homens com as mãos e por ter arquitetado o assalto ao banco da rua Wellington; até mesmo a polícia sabia. Ele tornara conhecido seu plano de se aposentar, se mudar para Brighton antes da chegada do novo século, rico e respeitado por todos, e então concorrer a um assento no Parlamento. Vindo de Kid Mendel, que dissera isso de cara limpa, ninguém duvidou.

Ao ver esse grande homem visitando Goldberg — o homem que Bill fora encontrar —, a estima que Bill já tinha por Goldberg cresceu ainda mais.

O sr. Goldberg acenou com o charuto na mão.

— Meu amigo Bill Goodwin — disse. — Já estávamos nos despedindo.

— Como vai? — disse Kid Mendel, e Bill avançou desastradamente para cumprimentá-lo. — De onde você é, Bill?

— Lambeth, sr. Mendel — respondeu Bill, rouco.

— Dan me disse que você é um rapaz muito prestativo. Quem sabe um dia podemos ter uma conversa. Bem, preciso ir, meu querido companheiro — disse ao sr. Goldberg, se levantando. — Foi uma conversa muito interessante. Muito promissora, eu espero. Adeus, Bill.

Em estado de assombro, Bill o observou partir.

Goldberg caiu na risada e Bill então se virou para ele. O homem detrás da mesa era mais jovem que Kid Mendel, era tudo o que Bill sabia sobre ele. Era um sujeito misterioso, quase diabólico. Bill não ficaria surpreso em ver chifres e patas de ruminante nele e ouvir o abanar de um rabo de serpente; era bem provável que a fumaça daquele charuto contivesse enxofre de sobra. Um dia Goldberg apareceu na polícia de Lambeth, onde Bill se encontrava, após ser pego com um porrete e acusado de quebrar o vidro da janela de uma casa e furtar peças de prata. Bill nunca o vira antes, mas por causa das evidências e dos argumentos tão persuasivos do sr. Goldberg, acabou lembrando com clareza que no dia do furto estivera com ele numa excursão para órfãos judeus em Hampstead Heath.

— Consegui, sr. Goldberg — disse, pondo a bolsa de couro sobre a mesa. — E isto também.

E jogou o ensebado livro de anotações ao lado da bolsa.

— Ótimo — disse o sr. Goldberg. — Sente-se. Chegou a contar o dinheiro?

— Claro que não — Bill mostrou-se ofendido com a pergunta. — Não toquei nele. A não ser para tirar a parte do Liam.

Goldberg abriu espaço na mesa, afastando a bagunça de papéis, e virou a bolsa de cabeça para baixo. Uma cascata de moedas de ouro, prata e notas amassadas caiu sobre a mesa. Goldberg as contou ligeiramente.

— Trezentos e trinta. Aqui estão vinte para você e dez para mim, para cobrir gastos, sobrando assim trezentos. Agora, escute. Sabe onde fica o Abrigo Judeu na rua Leman?

— Rua Leman... a que fica próxima às docas?

— Exatamente. Quero que leve este dinheiro até lá e o entregue para o diretor. Diga que é de um doador que prefere o anonimato. Se ele encrencar, pergunte se quer ou não o dinheiro.

— Pode deixar, sr. Goldberg. O que é este caderno de anotações? Tentei ler, mas não entendi nada. Deve ser a letra ruim.

— Deve ser, Bill. Agora, preste atenção: o *melamed* está aqui. O sr. Kipnis. Ele está esperando você na porta ao lado. Leve o seu livro, esse mesmo, na cadeira ao lado da janela.

Bill apanhou o pequeno livro com capa de tecido que Goldberg lhe apontava, agradeceu e deixou o cômodo. Goldberg reacendeu o charuto, recostou-se na cadeira, pés na mesa, e pôs-se a esmiuçar o caderno de anotações.

O *melamed*, que em hebreu significa professor, não era um erudito como um rabino, mas sim um pobre coitado que passava seus dias ensinando o idioma iídiche a adolescentes rebeldes. No caso de Bill, não era o hebraico que ensinava, mas a arte de saber ler o inglês, pois Bill era analfabeto, e sendo judeu ser analfabeto era motivo de vergonha.

Nem sempre soubera que era judeu. Nem sabia ao certo quem era ou de onde viera. Havia crescido com famílias irlandesas em Lambeth e evitado os internatos, vivendo uma vida sem limites e nada aprendendo além de violência e trambiques. Aos 13 anos, sua vida tomou nova direção: começou a trabalhar nos afazeres domésticos de Reuben Levy, um humilde alfaiate na alameda Walnut Tree, e se apaixonou por Rebecca, a filha do alfaiate — ou não exatamente por ela, mas pela beleza, segurança e afetividade de sua vida em família, com laços fortalecidos por rituais e lembranças. Para ele, aquilo era um luxo. E queria ter o mesmo. Desejava pertencer àquele mundo.

Não havia motivo para não acreditar que ele fosse judeu. Certamente, Bill se parecia mais com um judeu do que com um irlandês. Descobriu que era preciso passar por uma espécie de cerimônia para se tornar um judeu pleno, mas antes disso ele precisava aprender a ler e escrever. Uma coisa que notou nos judeus que conhecia era que todos eram cultos. O velho Reuben Levy, por exemplo — a qualquer momento, interrompia seu trabalho e começava a discutir e dar sábias opiniões sobre política, religião, literatura, direito, praticamente sobre qualquer assunto —, e seus colegas judeus também, simples e pobres trabalhadores, falando como Salomão. Um homem como Kid Mendel devia ser um estudioso

aplicado, devia ler muito. Era o que o havia tornado o homem que era, achava Bill.

Bill havia guardado para si o desejo de aprender a ler até encontrar o sr. Goldberg. Goldberg havia encontrado o arruinado e velho *melamed*, o sr. Kipnis — vítima de um ataque de nervos ensinando meninos pequenos — e reunira os dois. E neste momento Bill trabalhava duro e obsessivamente para aprender o ABC, riscando letra por letra na lousa, enquanto o sr. Kipnis refrescava-se com furtivos goles de álcool de um cantil.

E no cômodo ao lado, Dan Goldberg largou o caderno de anotações numa gaveta, serviu-se de uma dose de conhaque e apanhou as anotações que fizera sobre outra atividade extraordinária do sr. Parrish: um processo contra uma mulher chamada Lockhart.

PRÁTICA DE TIRO AO ALVO

Na manhã seguinte, Sally tinha três clientes para atender, algumas cartas para escrever, e apenas na parte da tarde encontrou tempo para ir ao advogado.

Ele pareceu surpreso ao vê-la.

— Quase não há novidade — disse. — O caso será apresentado à Corte, como a senhorita sabe, no dia 14 do próximo mês... surpreendentemente rápido, mas, quem sabe, isso seja positivo.

— Como isso pode ser positivo, senhor Adcock? Não nos sobra tempo para fazermos quase nada!

— O que mais há para ser feito?

Ele esticou as palmas das mãos para cima. Sally mal conseguiu conter a irritação.

— O senhor quer dizer que não há mais nada a fazer? Pelo amor de Deus, o que...

— Podemos alegar que ele está equivocado no ponto que se refere ao casamento — disse o sr. Adcock. — É o que faremos. Rascunhei respostas para todas as questões e se desejar podemos discutir sobre tudo novamente, ponto por ponto, embora eu deva lhe adiantar que tenho outro cliente para atender às três...

— Sr. Adcock, estive em Portsmouth para ver o registro de casamento e pude comprovar que ele foi forjado.

— Perdão?

Ele a ouviu atentamente, enquanto ela contava o que descobrira. Então, pensativo, franziu a testa, apertando os lábios e tamborilando na mesa.

— O registro estava intacto? Não foi falsificado... uma página inserida ou substituída... nada parecido?

— Era exatamente o que eu procurava. Não, nada disso. Estava intacto. Lá diz que me casei com esse homem no dia 3 de janeiro de 1879... mas não me casei, eu juro. E precisamos localizar o sr. Beech, o pároco que assinou o documento. Se conseguirmos encontrá-lo e ele confirmar que o casamento nunca aconteceu, o caso está encerrado. Nós ganhamos.

Ele sorriu indulgente.

— Sinto ter que lembrá-la — disse —, mas não é tão simples assim. Mas, por favor, se acha que vale a pena, continue procurando o reverendo Beech. Posso contratar um detetive se a senhorita desejar, embora, obviamente, isso acarretará um custo extra. Mas ele também poderá encontrar a outra versão da história que não a sua. E tenho a obrigação de lhe lembrar que este não é o único elemento da petição. Restam outras acusações: deserção, alcoolismo, maus-tratos aos empregados, uso indevido de fundos, incapacidade de ser responsável por uma criança, convivência com pessoas de moral duvidosa...

Ele voltou a esticar as mãos. As acusações listadas por ele, em seu melodioso e preciso tom de voz, eram como murros no peito de Sally: já havia alguns dias que não punha os olhos no documento e esquecera-se do efeito funesto que tinha sobre ela. Alguém devia odiá-la para atacá-la daquela forma. Ser odiada por um conhecido devido a um motivo compreensível já era ruim; mas ser odiada sem saber por quem ou por que era muito pior. E mais uma vez Sally se viu debilitada, como se tragada por uma torrente, impedindo-a de argumentar com o advogado. Em vez disso, concordou com a cabeça, taciturnamente, com os olhos fixos no chão.

— Sim — disse finalmente. — Entendo. Bem, gostaria que o senhor contratasse o detetive particular para descobrir o paradeiro do sr. Beech. A única pista que tenho é de que ele partiu sob atitudes suspeitas, houve quem dissesse que roubou a prataria da igreja e que talvez esteja preso. Mas, claro, são apenas rumores.

Ele a olhou alarmado.

— Minha cara senhorita Lockhart, posso lhe dar um conselho? Eu suplico que não repita essas alegações. A lei contra difamação, devo alertá-la, existe precisamente para evitar esse tipo de declaração, e a última coisa que desejo é que a senhorita se prejudique por isso também.

— Pois muito bem. Mas o senhor poderia dar essa informação ao detetive?

— Darei a ele todas as informações que tivermos. Também podemos averiguar o próprio sr. Parrish, se a senhorita estiver de acordo. Seus negócios, seu passado, hmmm? Pode nos ser útil.

Surpresa em ouvi-lo sugerir algo verdadeiramente positivo, Sally concordou. Então disse:

— Sr. Adcock, no pior dos casos, o que poderia acontecer?

— Ah, não creio que deva pensar nisso. Não ponhamos a carroça na frente dos bois.

— Desejo saber. Eles podem me tirar Harriet, minha filhinha? Eles podem tirá-la de mim?

— Se a decisão da corte for em prol do suplicante, então a senhorita perderia a guarda da criança para o pa..., para o sr. Parrish, mas não vamos...

— E se eu me recusasse?

— Bem, seria um desacato ao tribunal... sujeito à detenção e à prisão.

— E eles tirariam Harriet de mim à força?

— Senhorita Lockhart, não é nada produtivo seguir esta linha de pensamento...

— Fariam isso? À força?

— Bem, no fim, se todos os recursos falhassem, sim, este seria o desfecho. Mas não há por que pensar em extremos. A lei é para os

homens, não o contrário. Há o espírito do bom-senso... Com diálogo e razão, tudo se resolve...

— Como posso ter bom-senso quando alguém de quem nunca ouvi falar quer tirar minha filha de mim? Como o senhor consegue falar em bom-senso? O que há para ser dialogado? Não entendo, sr. Adcock. — Sally ergueu a mão para pedir que ele não falasse, e então se levantou para ir embora. — Está bem. Sinto muito, o senhor apenas respondeu à minha pergunta. Já estou de saída. Não deixe de contratar o detetive, é uma ótima ideia. Devo voltar em breve?

— Temos apenas 15 dias. Sim, precisamos nos encontrar antes do dia da audiência... O que me diz de em uma semana?

Sally achava que deviam se encontrar todos os dias, que ele devia dedicar todo o seu tempo ao caso e a nenhum outro mais, mas concordou.

— E o advogado de defesa, o sr. Coleman? Quando o verei?

— Ah, ele é um homem muito ocupado. Não tenho certeza se encontrará tempo.

Sally olhou para ele perplexa e voltou a se sentar.

— Quer dizer que ele irá me defender no Tribunal sem ao menos escutar o que tenho a dizer?

— Seu advogado sou eu, senhorita Lockhart. Sou eu quem deve escutar o que a senhorita tem a dizer, e instruí-lo. Ele terá todos os documentos, confie em mim. Posso solicitar uma reunião, mas lhe garanto que o sr. Coleman, o conselheiro da Rainha, é um eminente advogado, dos mais capazes. A senhorita não poderia estar em melhores mãos.

— Fico feliz em saber, mas certamente desejo ter um encontro com ele. Poderia providenciar isso?

— Farei o que estiver ao meu alcance. Embora, como já disse, ele seja extremamente ocupado.

Sally saiu do escritório com o coração pesado. Parou para se despedir do sr. Bywater, o antigo empregado, e ele se inclinou para ela.

— Tenho algo para a senhorita.

Tirou um papel do bolso do colete.

— Estive conversando com um colega meu, que já trabalhou para os advogados do tal sujeito. Pedi a ele que levantasse alguma coisa. Claro, ele não tem mais acesso aos negócios da firma, mas ele lembra do nome Parrish. Parece que há três ou quatro anos teve um processo contra um sujeito na rua Blackmoor...

— Onde fica o escritório do sr. Parrish!

— Espere — disse, severo. — Já chego lá. O réu, Belcovitch, foi acusado de má conduta em um negócio comercial bem-complicado, procure saber se quiser, deve ter algum registro disso em algum lugar. O fato é que ele perdeu, apelou e perdeu de novo. Esse é o ponto de partida. Mas o ponto crucial é que ele não fez nada de errado, mas isso só veio à tona muito mais tarde, somente durante o transcurso de outro processo. Tarde demais. Belcovitch já estava arruinado. Agora vem o pleiteante — o homem que o processou — se chamava Lee. Pouco tempo depois, quando o negócio de Belcovitch foi à venda, Lee o comprou e colocou Parrish como gerente. Mudou o nome da firma. Tudo feito legalmente, nenhuma tramoia. O fato é que Parrish não é o patrão. É sim Lee. Não sei nada sobre ele. Meu colega apenas se lembra de um endereço em Spitalfields. Com nome francês, ele acha, mas não deu certeza. Praça F... alguma coisa. É isso.

Ele entregou a Sally o pedaço de papel, com o endereço escrito a mão com letra impecável.

— Não há números — acrescentou ele.

— Este é o endereço de Lee? Ou seu colega não soube dizer?

— Ele não se lembra. Mas tem a ver com o processo de Lee contra Belcovitch.

— Belcovitch... Esse homem era judeu?

— Não sei. Creio que sim, mas não tenho certeza. Isso importa?

— Não. Provavelmente, não. Só curiosidade. Muito obrigada, sr. Bywater. Agradeça ao seu amigo por mim. O senhor poderia contar isso ao sr. Adcock?

— Se quiser, senhorita. Mal não fará.

Pelo tom dele estava claro que achava que não adiantaria muito. Ela voltou a agradecer, se despediu e partiu.

Algumas palavras num pedaço de papel e uma longínqua relação com seu caso; não parecia valer a pena ir lá agora. A tarde se recolhia e Sally não queria chegar tarde em casa. Enquanto caminhava pela travessa Middle Temple em direção à rua Fleet, percebeu que não parava de bocejar, um enorme cansaço se apoderava dela. O que queria mesmo era dormir, mas não podia, pois alguém estava projetando armadilhas ao redor dela, criando ciladas, deixando veneno pelos cantos. Ela precisava estar vigilante e ativa, precisava se ver livre dessa história absurda, como alguém tirando as teias. Afinal, devia encarar a situação como algo sem importância. O homem devia ser um louco.

Sally endireitou a postura, ergueu a cabeça, abriu bem os olhos, tentando espantar o sono, e comprou a última edição do *Illustrated London News* e do jornal *Jewish Chronicle*. Estava curiosa, admitia para si mesma agora, em saber mais sobre as perseguições na Rússia. O fabricante de armas Axel Bellmann, responsável pela morte de Frederick, fora patrocinado com dinheiro russo, e desde então Sally passara a nutrir interesse por assuntos relacionados àquele país.

Frederick...

Às vezes, quando menos esperava, tinha uma arrebatadora sensação de que ele estava ao seu lado e bastava virar a cabeça para vê-lo. Era real. Não estava imaginando ou sonhando acordada; ele estava lá.

Experimentava essa sensação agora, e se afastou da banca de jornal. Era tão vívido que ela chegou a prender a respiração e se virou de lado com uma alegria plena, os lábios prontos para pronunciar "Fred..."

Nada. Apenas a tarde triste e cinzenta, um curioso transeunte num sobretudo preto, o intenso tráfego na rua Fleet. Nada de Frederick.

Mas a sensação de sua presença não se foi de imediato. Aquele flash instantâneo, de total felicidade e certeza, iluminava o

ambiente, como uma das explosões luminosas de magnésio da câmara de Webster, que deixavam fagulhas dispersas na vista por muito tempo, mesmo depois de queimarem e morrerem.

Enfiou os jornais debaixo do braço e seguiu para a estação, para casa.

Naquela noite, Sarah-Jane Russell foi visitar a irmã casada, em Twickenham. Sally estava sozinha e, por alguma razão que não sabia explicar, decidiu arrumar a sala do café da manhã.

O cômodo ficava no centro da casa, lugar onde costumavam passar os fins de tarde, onde trabalhavam, liam e conversavam, e onde comiam, exceto em ocasiões (muito poucas) formais, quando então utilizavam a sala de jantar. Era o cômodo mais espaçoso da casa, com janelas à francesa que se abriam na varanda que dava para o gramado. Servia como sala de estudo, sala de estar e como biblioteca. Só não era um laboratório. Webster Garland adorava fazer experiências químicas, e a antiga cozinha, da rua Burton em Bloomsbury, que servira de sala de estar quando moravam lá, vivia fedendo a substâncias gasosas e fumaça. Mas, na Casa do Pomar, Sally tinha proibido essas atividades na sala do café da manhã.

Acendeu as lâmpadas a gás e limpou a grande mesa primeiro, guardando o atlas que usava para acompanhar a viagem de Webster e Jim à América do Sul, e organizando os papéis de trabalho na pequena escrivaninha de noqueira ao lado da janela. Também havia um vaso de flores sobre a mesa, que Margaret havia trazido; Sally o colocou na prateleira sobre a lareira, ao lado do relógio de madeira que eles haviam trazido da Suíça no ano anterior. Os livros, duas generosas pilhas de livros. Havia livros por todas as partes do cômodo, mas Sally mantivera intactas as duas pilhas, como Webster e Jim as haviam deixado: numa delas havia um livro de física, um relato de viagens à Bolívia, em alemão, e um dicionário em alemão, com uma pena e um pedaço de papel de tornassol em cada um servindo de marcadores. Ela os guardou numa estante de livros giratória ao lado da poltrona de Webster. Já os livros de Jim eram em sua maioria *Penny Dreadfuls* — publicações de um centavo com histórias de suspense e terror —, com títulos sensacionalistas e

horripilantes, como *Desfiladeiro das Caveiras* ou *Ned Irrequieto*. Enquanto os guardava, Sally sorria, lembrando do orgulho de Jim quando teve sua primeira história publicada. Havia também um exemplar de *Grandes Esperanças* e outro de *Redgauntlet*, de Walter Scott. Guardou-os na estante que ocupava toda a extensão de uma das paredes e então retirou uma tela do cavalete ao lado da porta.

Webster a tinha comprado pouco antes de partir e acabou não emoldurando a pintura. Era um estudo a óleo de Camille Pissarro, artista impressionista: uma estrada campestre iluminada pela luz do sol numa manhã de primavera, e tão intensa e fresca luminosidade quase tornava possível sentir a brisa no rosto, que também soprava no branco que escorria pelo azul do céu. Webster comprara sua primeira pintura impressionista uns cinco ou seis anos antes, na primeira exposição do movimento, vendo em seus experimentos com a luz algumas de suas próprias indagações sobre o registro da passagem do tempo por meio da fotografia.

Bem, esse Pissarro teria de esperar a volta de Webster para ganhar uma moldura. Sally dissera que providenciaria o enquadramento, mas aquele não era o momento. Levou a pequena pintura para o quarto de estudos de Webster, no andar de cima, então dobrou o cavalete e o guardou.

O estereoscópio em seu suporte de mogno sobre a prateleira, a caixa com fotografias...

Aquele fora o início dos negócios de Garland e Lockhart. Sally conseguira convencer Frederick a fazer séries de fotografias cômicas para serem vistas com estereoscópios, aqueles instrumentos óticos divertidos que produziam imagens mágicas em terceira dimensão. E as vendas foram tão bem-sucedidas que eles puderam produzir outras séries e alavancar o empreendimento. E ali estavam elas: *Cenas de Shakespeare*; *Castelos da Grã-Bretanha*; *Esquinas da Londres Antiga*... E as primeiras: Jim vestido de Davi ao lado de um monstruoso Golias, feita de papel machê; Sally vestida de cozinheira apavorada ao descobrir um enxame de escaravelhos do tamanho de gansos sobre a bancada da cozinha; a pequena Adelaide, que haviam resgatado de uma horrenda pensão em Wapping, sentada

no colo do então assistente de Frederick, Trembler Molloy, para ilustrar uma canção sentimental... Adelaide desaparecera. Devia estar em alguma parte de Londres, mas eles nunca a encontraram. A cidade a tinha engolido misteriosamente.

Os estereoscópios trouxeram de volta aquela época tão vivamente a ponto de ela ter de conter as lágrimas. Voltou a guardar as fotos na caixa, fechou-a e a guardou junto com o estereoscópio dentro do armário.

Os brinquedos de Harriet... Por mais que os catasse, sempre restava algum atrás de uma almofada ou debaixo de uma poltrona. Sally fez uma busca pela casa e encontrou um dos tijolinhos de madeira com que Harriet brincava de construir casinha no pé do sofá. Levaria lá para cima mais tarde.

Também subiria com o retrato de Frederick. Ficava sobre o piano num porta-retratos de prata: uma imagem de corpo inteiro sem a roupa formal de uma foto convencional, mas com trajes do dia a dia: exatamente como ela se lembrava dele — o cabelo bagunçado, os olhos risonhos. Era a única foto que tinha dele. Fora tirada por Charles Bertram, parceiro de Webster nas experiências fotográficas, que, naquele momento, estava com eles na América do Sul. Charles era um bom homem, simpático e gentil, e no ano anterior a pediu em casamento, pedido este que Sally recusou morrendo de medo de magoá-lo.

Uma ideia lhe veio à cabeça. E se ela tivesse aceitado se casar com Charles: será que Parrish teria aproveitado esse momento para jogar sua armadilha? Ele já tinha jogado bem antes disso. Será que ele teria contestado a validade do casamento antes de ele acontecer ou teria esperado, para poder então assim acusá-la de bigamia?

Teria sido desastroso, mas Sally sabia que Charles acreditaria nela. E o sr. Temple ainda estaria vivo. Mesmo se Parrish tivesse alegado na época que Harriet era sua filha, Sally teria tido melhores chances de se defender.

Bem, ela recusou a proposta de Charles, e não adiantava se arrepender agora. As coisas eram como deviam ser.

Pegou a foto, o tijolinho de Harriet e dois outros brinquedinhos e os levou para o quarto. Em seguida, apanhou uma maleta de couro do armário e desceu com ela, passando pela cozinha, onde a senhora Perkins, a cozinheira, lia um jornal, com o gato no colo.

— Olá, senhorita — disse a cozinheira —, Ellie me contou que a senhorita perguntou pelo afiador de facas.

— Sim. Não acho que ele seja quem diz ser. Não acredito que ele volte aqui, mas, se voltar, gostaria de falar com ele... apenas me avise, sem que ele perceba. Senhora Perkins, só vim avisá-la que vou praticar um pouco de tiro, por isso, não se assuste.

— Está bem, senhorita. Obrigada por me avisar.

Na sala do café da manhã, agora limpa e organizada, com aparência quase austera, Sally desdobrou um pano verde-claro com estampa de William Morris, que envolvia uma ampla e pesada placa, e a pôs na parede.

Colocou o pano na mesa. A placa era de madeira plana e flexível, cheia de furos. Pregou um papel de ponto de mira, ajustou a placa para que ficasse bem-iluminada pela luz do sol e, então, abriu a maleta que havia trazido do quarto.

Dentro da maleta havia uma pistola: um modelo francês de um único tiro fabricada por Flaubert; uma arma lindamente projetada, com a qual Sally praticava tiro ao alvo, com Jim e Charles. Ela era a melhor dos três, mas nunca conseguira superar Webster, apesar de ele ter aprendido a atirar com ela. As mãos dele eram firmes como sua mira. A prática de tiro ao alvo com armas leves estava na moda; eram chamadas de "pistolas de *saloon*", devido aos locais onde eram habitualmente utilizadas. Uma boa pistola como a Flaubert era extremamente precisa até mais ou menos 9 metros, mais do que suficiente, e não era barulhenta.

Sally afastou uma poltrona do caminho, carregou a pistola e atirou. Nada bom, muito à esquerda. Deixa pra lá. Era boa naquilo e tinha as ferramentas necessárias para aprimorar a pontaria.

Praticou por cerca de meia hora, gastando uma caixa com cinquenta balas, sem pressa, fazendo pausas para limpar a arma e trocar o alvo de mira por um novo. Se sentia muito melhor ao

terminar. Os últimos tiros agrupavam-se ao redor do centro do alvo e ela havia encontrado a calma e o ritmo descontraído necessários para a concentração.

Antes de guardar a placa, decidiu testar a nova pistola, a British Bulldog.

Era uma arma feia, nada parecida à longilínea e elegante Flaubert. Sally carregou a arma, segurou com firmeza, se preparando para o recuo, e mirou baixo, como o vendedor da loja de armas a aconselhara.

Quando puxou o gatilho, o estrondo invadiu o ambiente e fez tremer as janelas. Sally sentiu como se um cavalo tivesse dado um coice em seu punho. Quanto à compacta tela, que já havia recebido cinquenta balas da pistola anterior sem sequer sair do lugar, fora lançada contra a parede e se partiu de ponta a ponta.

Piscando em meio à fumaça que enchia a sala, Sally baixou o revólver e foi até a placa, com a mão trêmula. A bala ultrapassara o alvo e atingira a parede. Mas pelo menos acertara bem rente ao centro do alvo, concluiu. Ergueu a placa e pôs a arma de lado. Agora sabia com certeza que se usasse a arma faria um estrago. Mas, se não tivesse atirado com as duas mãos, teria feito um estrago em si mesma. Se não tivesse cuidado podia quebrar o pulso.

Ela arrumou o lugar, abriu as janelas para que o frio ar da noite de outono entrasse e limpasse o ambiente enfumaçado, e jogou o pano sobre a tela. Então, como costumava fazer de vez em quando, pegou um dos cigarros de Jim da cigareira que ficava no aparador da lareira e se sentou para fumar. Livrava a sala de uma fumaça para ser impregnada por outra.

Olhou sem muito interesse para os jornais que tinha comprado. Não havia nada sobre o assunto da Rússia no *Illustrated London News*; já no *Jewish Chronicle*, para sua surpresa, encontrou um artigo de Daniel Goldberg. Surpresa, já que achava que o *Jewish Chronicle* não tivesse muita simpatia pelo socialismo, e porque tinha a impressão de que Goldberg era uma espécie de agitador ou demagogo. Mas o artigo dele era tranquilo e bastante coerente. Argumentava que o problema dos imigrantes judeus era parte de

uma questão social muito mais ampla, envolvendo as relações entre homens e mulheres e os meios de produção e câmbio.

Ele escrevia bem. Seu tom era leve, persuasivo e claro, e Sally se viu admitindo, embora resistisse, que seu argumento era forte.

O último parágrafo dizia:

Há, porém, uma carga que os judeus são obrigados a carregar, meramente por serem judeus, enquanto seus demais colegas de trabalho são poupados. Refiro-me às atenções do sr. Arnold Fox. Esse cavalheiro, tomado por seu fervor antissemita, agora reúne o que ele chama, eufemisticamente, de informação sobre a entrada em massa de judeus provenientes da Rússia. Certamente, ele usará todos os fatos que sua imaginação conseguir criar para desacreditar os judeus aos olhos dos cidadãos ingleses; e, certamente, nós deveríamos evitar dar a ele mais munição. Escrevo isto com a certeza de que todos os donos de lojas que exploram judeus, ao lerem este artigo, irão imediatamente triplicar os salários e reduzir a jornada de trabalho pela metade apenas para irritar o sr. Fox. Tamanho é o poder da imprensa.

Sally sorriu e baixou o jornal. Sabia muito pouco a respeito desses estabelecimentos em que era exercido trabalho semiescravo, onde se empregavam pessoas muito pobres com salários de fome e em ambientes perigosos. Seriam alfaiatarias? Fabricantes de armários, sapatarias? Era claramente um negócio repugnante, mas, como Goldberg insinuava, devia ter algo mais por detrás disso do que apenas malícia e ganância de empresários.

Olhou para o relógio suíço sobre a lareira. Dez e meia da noite. Não estava cansada, mas iria para a cama. Ler um dos suspenses *Penny Dreadful*.

Levantou-se para abrir uma fresta de uma das janelas superiores, para deixar que a fumaça da explosão, que ainda pairava no ar, saísse.

Ao abrir as cortinas, ouviu o estilhaçar de um vidro.

Vinha do canto esquerdo da casa, onde ficava o galpão com telhado de vidro da câmara de movimento de Webster.

Não conseguia ver nada pela janela além do reflexo da sala detrás dela e voltou a fechar rapidamente as cortinas, ficando entre a janela e as cortinas. Outro vidro foi quebrado, e quando seus olhos se acostumaram à pouca luz que vinha do céu nublado, pôde ver uma figura — um garoto ou um jovem — agachada no muro colado ao galpão, com um dos braços levantados como se estivesse prestes a jogar uma pedra.

E então ele a jogou, e ela ouviu cacos de vidro do telhado de vidro caindo no piso de madeira e em seguida uma gargalhada aguda. O garoto levantou o rosto para o céu e caminhou pelo muro, de frente para outra vidraça.

Sally correu para pegar o lampião e escancarou a janela à francesa, gritando:

— Para com isso! Para agora mesmo!

Outra gargalhada estridente e o garoto jogou mais uma pedra no telhado e então pegou um porrete, golpeando furiosamente o teto, como um louco, fazendo com que mais estilhaços de vidro voassem pelos ares e se espatifassem no chão.

Sally correu para a varanda e desceu as escadas até a grama úmida, segurando o lampião no alto.

— Para! Para e desça daí!

O garoto ficou em pé, ainda gargalhando, e saltitou pelo muro, e Sally começou a ficar insegura. Havia algo de tenebroso naquela risada descontrolada. Como se ele fosse insano ou como se fosse um demônio ou um espírito do mal — não, ela pensou furiosa, não seja ridícula —, mas aquela figura sem rosto pulando transmitia uma perversidade que fez Sally tremer.

A pistola.

Poderia correr, carregá-la e...

Mas se virou e escutou um grito de dentro da casa.

Era a voz de Sarah-Jane...

Sally se virou e em seguida veio outro grito — desta vez era Ellie, e o som de uma porta batendo com violência.

Esquecendo-se do sujeito em cima do muro, Sally correu para dentro da casa e escancarou a porta que dava no corredor.

Ellie estava agachada ao lado da escada, soluçando. O tapete estava enrugado e algum objeto — xícara ou prato — havia se espatifado no chão.

— Ellie, o que foi?

Sally também se agachou, pondo o lampião que ainda carregava sobre a prateleira do corredor.

— Lá em cima, senhorit... — Ellie gaguejou, olhando para o topo da escada.

Lembrando-se do grito de Sarah-Jane, Sally deixou Ellie e correu pelas escadas. Lá parou. Estava escuro, mas pela luz que vinha do andar de baixo ela viu que as portas estavam todas fechadas.

— Sarah-Jane? — chamou, com voz trêmula. — Sarah-Jane?

Silêncio, e uma onda de medo a invadiu da cabeça aos pés.

Então, lentamente, a porta do quarto de Harriet se abriu, no fim do corredor, e Sarah-Jane saiu.

Elas correram uma ao encontro da outra.

— O que foi? Ela está bem? O que aconteceu?

— Está... está... ela está bem... está dormindo. Não há nada de errado. Ah, tive tanto medo...

Sarah-Jane ainda vestia sua capa e seu gorro de sair. As mãos estavam frias.

— Mas o que aconteceu? — perguntou Sally.

Elas falavam em sussurros aflitos.

— Tinha acabado de entrar pelo portão e olhei para a janela de Harriet, não sei por que, e... ah, foi horrível, vi o rosto de um homem lá dentro... foi quando gritei... e corri para dentro da casa. Ellie estava saindo da cozinha e eu subi correndo as escadas... e lá estava ele, no topo... ele simplesmente passou correndo por mim e acho que eu gritei de novo e depois algo se quebrou lá embaixo... ele esbarrou na Ellie... e eu corri para ver Harriet...

— Ele estava lá dentro? — Sally estava horrorizada.

Ellie subia as escadas com o lampião na mão, trêmula.

— Ela está bem, senhorita? — Ellie perguntou da escada. — Ele esbarrou em mim, senhorita, eu caí e então ele saiu correndo e...

Sally foi às pressas para o quarto de Harriet. Ellie ficou segurando o lampião na soleira da porta, enquanto Sally se ajoelhava junto à cama. Harriet dormia tranquila e profundamente como se nada tivesse acontecido. Dava para ouvir a respiração calma da criança; o resto era silêncio agora. O barulho de vidros se quebrando parou.

Sarah-Jane olhava pela janela.

— Ele foi embora — sussurrou.

Sally se sentou na cama e acariciou o rosto de Harriet, pondo delicadamente um dos bracinhos da menina para baixo da coberta.

— Ela parece estar bem — sussurrou. — Ellie, poderia trancar todas as portas e as janelas francesas e se assegurar de que todas as janelas estão bem-fechadas? Ele te machucou?

— Não, senhorita. Foi só um susto. Vou lá fechar tudo. Depois vou ver se a Cook está bem. Provavelmente, não escutou nada...

Ellie desceu, deixando o lampião com Sarah-Jane.

— Será que devemos ir à polícia?

— Sim, mas amanhã de manhã. Não vou sair a esta hora da noite, nem ninguém. Vamos trancar tudo. Eles não vão voltar.

Sally pegou o lampião e pensou que a primeira coisa a fazer seria carregar a arma. Sarah-Jane estava olhando para o chão, e então levantou a saia e olhou debaixo da cama.

— O que foi? — perguntou Sally.

— Não consigo achar Bruin. Sabe como ela fica quando não o encontra...

— Deve estar na cama, debaixo das cobertas — disse Sally. — Amanhã de manhã a gente procura.

TRAVESSA MIDDLE TEMPLE

Mas não acharam. Harriet sentiu sua falta quando acordou às sete da manhã e revirou o quarto à procura do urso, puxando as cobertas da cama, levantando tapetes, retirando os tijolinhos da caixa e, ao não encontrá-lo, foi acordar a mãe. Sally se juntou à filha na busca, sem entusiasmo, mas até a hora do café da manhã não tinham encontrado Bruin. Sally então disse a Harriet que provavelmente tinha saído para hibernar. Harriet gostou do som da nova palavra, mas ficou desapontada com Bruin por não tê-la avisado de sua partida.

Sally não sabia o que pensar. Por que levar o ursinho de pelúcia de uma criança? Será que *Eles* — Parrish, claro — pretendiam pegar Harriet, mas não conseguiram? Mas por que se dariam o trabalho de fazer isso, quando tinham um processo legal para obter a guarda da filha?

Não fazia sentido, e isso causou em Sally mais um emaranhado de ansiedade. Assim que terminou de comer, foi ao vidraceiro da rua Church para providenciar o reparo das vidraças quebradas e, em seguida, encomendar ao chaveiro novas fechaduras para as portas e

os ferrolhos mais resistentes para as janelas, e por fim foi à delegacia.

Lá, fizeram anotações e um sargento prometeu ir à Casa do Pomar o mais cedo possível. Ele mudou de atitude ao perceber que Sally era mãe solteira. Não chegou a dizer que ela fizera por merecer aquela situação, mas foi o que deu a entender da forma mais evidente que pôde. Sally saiu de lá arrasada.

E havia tanto a fazer! Uma parte sua desejava ficar perto de Harriet o dia inteiro, mas ela tinha clientes para ver, reuniões agendadas, e não podia ficar deixando tudo nas costas de Margaret. Além disso, os gastos com o processo legal seriam altos, assim como não sairia barato o conserto do telhado e a troca das fechaduras e dos trincos para tornar a casa mais segura. Se não trabalhasse, a vida confortável que tinham logo acabaria.

Então ela foi às pressas para Londres, a fim de resolver seus compromissos o mais rápido possível e para em seguida dar uma olhada na casa em Clapham, onde Parrish dizia que tinha morado com Sally quando recém-casados.

A rua Telegraph era uma entre muitas ruas idênticas, com suas casas cercadas de varandas, todas muito simples e sem atrativos. Ruas como essas proliferavam pelos subúrbios e beiravam os limites rurais, conforme a cidade crescia. Funcionários de escritórios, pequenos empresários, donos de lojas representavam a maioria dos habitantes dessa área. Sally achava que um agente comercial viveria com um pouco mais de estilo, a não ser que estivesse começando a carreira... Parecia não haver ninguém em casa. Mesmo assim, Sally pensou em tocar a campainha, só para ter certeza.

Hesitou. Mas, afinal, para que fora até lá?

Cruzou o estreito portão com parede de tijolos, a poucos passos da porta de entrada, e tocou a campainha. Soou estridente no mínimo corredor. Ninguém respondeu, e ela voltou a tocar, aliviada. Mas quando se virava para ir embora ouviu passos.

Uma mulher de meia-idade, de avental e touca, abriu a porta.

— O sr. Parrish se encontra? — Sally perguntou.

— Não. Você é a senhora Parrish?

O tom de voz da mulher não era muito simpático, assim como a expressão do seu rosto.

— Certamente que não — respondeu Sally. — Quando ele deve voltar?

— Não sei dizer.

— Ele está no trabalho?

— Provavelmente.

— Se me permite perguntar, há quanto tempo a senhora trabalha para ele?

— Tempo suficiente para saber o que está acontecendo. Eu contarei tudo ao sr. Parrish, pode ter certeza.

Ela fez um movimento para fechar a porta.

— Não, espere, por favor, qual o seu nome? — Sally perguntou, forçando uma das mãos contra a porta.

A mulher respondeu com um olhar de desprezo e a porta se fechou bruscamente diante de Sally.

Sally suspirou.

Ela deixou o minúsculo jardim e, sem fazer uma pausa para que não tivesse tempo de se arrepender, foi à casa ao lado e bateu à porta, que se abriu quase que imediatamente.

— Sim? — perguntou a criada.

— A dona da casa se encontra?

— Vou verificar, madame. Quem devo anunciar?

— Meu nome é Lockhart.

Poucos segundos depois, uma senhora de uns 40 anos apareceu à porta, incapaz de esconder a curiosidade.

— Perdoe-me tomar o seu tempo — disse Sally —, mas o seu vizinho, o sr. Parrish... a senhora o conhece?

— O sr. Parrish? Bem, sim. Por quê? Quem é a senhorita?

— Estou tentando contatá-lo. É a respeito de... um assunto de família.

Na mesma hora o semblante da mulher se fechou.

— Você é a esposa dele, não é? — inquiriu. — Sei tudo sobre você. Acho vergonhoso, se quer saber minha opinião. Devia ter

vergonha de si mesma. Ele é um bom homem, seu marido. Já a senhora... nada tenho para falar de sua pessoa.

E pela segunda vez em menos de cinco minutos, alguém fechou a porta violentamente na cara de Sally.

Ficava difícil não se magoar com aquilo. Difícil dar de ombros e sair tranquilamente. Havia pessoas — talvez muitas — que acreditavam naquela mentira, que a olhavam e viam uma esposa desertora, destruidora de um lar.

Sally se perguntava, enquanto caminhava sem rumo pela rua, por quanto tempo continuaria a manter suas certezas. Em algum momento a pressão seria grande demais, talvez, e ela acabaria percebendo que o tempo todo esteve errada: é claro que era casada com ele, não entedia porque havia negado isso. Tinha tanta vergonha... e tudo o que restaria seria lutar pela guarda de Harriet.

Não! Não faria isso, faria? Você *sabe* o que viveu, não sabe?

Mas havia um registro de casamento e...

Ela se viu em frente a uma igreja, parecida em estilo e idade à de St. Thomas, em Portsmouth: um edifício sem graça para atender a uma região sem graça, construído num terreno inóspito em que o engenheiro teria dificuldade para edificar qualquer outro tipo de prédio. Sem pensar muito, entrou e viu três senhoras organizando os arranjos de flores e um senhor de terno escuro, de aparência séria e sagaz, arrumando livros de orações.

Ela foi até ele e perguntou em voz baixa:

— Com licença, quem é o pároco daqui?

— Temos um vigário, moça, não um pároco — respondeu o homem. — O sr. Harding não está. Volta no sábado. Posso ajudar? Sou o sacristão. Watkins.

— Estou tentando encontrar alguém que conheça um senhor de nome Parrish — disse ela.

Ele franziu a testa.

— Seria o sr. Arthur Parrish? O secretário da igreja?

— Ele é o secretário daqui? Não sabia. Mas, sim, esse é seu nome.

— Bem... Ele é conhecido por aqui, claro, senhorita. Quer seu endereço?

— Não. Não é bem isso...

Sally deve ter deixado transparecer sua angústia, e ela realmente se sentia meio zozna, pois o homem disse em seguida:

— A senhorita quer ir até a sacristia? Posso pegar um copo-d'água.

Ela o seguiu. O apertado cômodo mal-iluminado, com vestes brancas dos membros do coro penduradas na parede, tinha o mesmo cheiro de mofo da sacristia de Portsmouth, e a fez pensar novamente que estava se esquecendo das coisas — que o passado estava se repetindo como uma sequência de fotografias, embora não exatamente da mesma forma.

O sr. Watkins saiu e retornou pouco depois com um copo-d'água. Fechou a porta com cuidado, após olhar para fora.

— O que a senhorita queria saber? — perguntou, entregando-lhe o copo.

— Obrigada. É difícil explicar. Estou buscando informações sobre o sr. Parrish. Ele... ele é muito respeitado na comunidade?

— Sim, acho que poderia dizer isso — disse o sr. Watkins. — Exerce suas funções como secretário conscienciosamente. Frequenta sempre a missa, é um generoso contribuinte. Deu um caixote de laranjas para a festa anual do coro. Bom com as palavras. Não tenho muito mais a dizer, senhorita.

— Ele tem família?

Ele ficou em silêncio, aparentemente estudando-a antes de responder.

— Ouvi dizer que existe sim senhora Parrish — disse finalmente.

— O senhor já a viu?

— Não. Posso perguntar qual o seu interesse? Não sei se estou fazendo certo lhe falando tudo isso, entende? Para saber eu precisaria saber o motivo de suas perguntas.

— Sim. É bem simples. O sr. Parrish alega ser casado comigo, e eu sei que ele não é. Não sei nada sobre ele. Seus vizinhos não

querem falar comigo e achei... achei que pudesse descobrir alguma coisa aqui.

— Entendo. Bem, é uma situação incomum, a senhorita deve concordar. Não sei se o vigário pode ajudá-la. Ele se dá muito bem com o sr. Parrish, cujo nome quer dizer paróquia em inglês. Até faz piadas sobre isso, falo do vigário. O sr. Parrish é minha paróquia, costuma dizer. Ou: o que seria de minha paróquia sem o sr. Parrish? Na semana passada disse: minha paróquia padeceria sem as preces de Parrish. Ah, e as laranjas que ele comprou para a apresentação anual do coral, o vigário as chamou de as parrudas de Parrish. Riu por horas dessa última. O vigário se diverte com as próprias piadas. Ele é muito chegado ao sr. Parrish.

— Então ele não poderia me ajudar — disse Sally. — Acho que já entendi. Há quanto tempo o sr. Parrish é o secretário daqui?

— Deixa ver. Ele chegou aqui tem dois anos, de algum lugar da costa sul, se me lembro bem...

— Portsmouth.

— Isso. Ele se apresentou ao vigário assim que chegou. Não é nada tímido, não tem papas na língua, por assim dizer. Acho que ele até tinha uma carta de recomendação, pelo que o vigário disse pra mim. O vigário gosta de passar informações. Quem sabe...

Ele olhou para uma pequena escrivaninha no canto da sacristia. E então pareceu mudar de ideia.

— Olha, vou fazer uma coisa que eu não deveria — disse. — Só vou fazer isso porque não gosto do sr. Parrish. Também não deveria falar isso, sei que é meu dever como cristão respeitar a todos, mas não posso evitar. Eu não confio no homem.

Com uma das chaves de seu chaveiro ele destrancou a escrivaninha. Folheou um amontoado de papéis e entregou uma carta a Sally.

— Este lugar é uma bagunça — disse. — Ele é um bom homem, o vigário; tem bom coração, sem dúvida, é divertido, mas é muito ingênuo. E seria bom uma mão por aqui para dar uma organizada. Mas não tenho nada a ver com isso, eu sei.

Sally leu a assinatura e se sentou. Era uma carta do reverendo Beech. Dizia:

Caro sr. Harding,

Escrevo com muito gosto para lhe recomendar e apresentar o sr. Arthur Parrish.

Ele foi membro de nossa congregação por cinco anos, tempo esse em que se destacou não só pela regularidade e reverência com que frequentava os cultos cristãos, como também por suas qualidades pessoais.

Como ele está de mudança para uma residência em sua comunidade, venho por meio desta lhe assegurar que o senhor encontrará nele um cristão devotado e um amigo trabalhador.

Com elevado apreço,
Gervase Davidson Beech.

A carta datava de 14 de julho de 1879 — seis meses após a falsificação do registro de casamento e depois que o novo pároco já havia assumido a direção da igreja de Portsmouth. O endereço do remetente no papel barato estava borrado: rua Anselm, alameda Taverham, Norwich.

O coração de Sally disparou.

— Muito obrigada — disse. — O senhor não imagina como isto me foi útil... É comum, não entendo muito dessas coisas, é comum que um clérigo escreva cartas desse tipo?

— Como sou apenas um sacristão, não sei dizer, senhorita — respondeu —, mas nunca vi algo do tipo antes. O sr. Harding fez questão de me mostrar a carta. Então acho que não é muito comum não.

Ela leu a carta de novo. A caligrafia era estreita e curiosamente tremida em algumas partes, como se o sr. Beech fosse um frágil ancião. Mas, enfim, ela havia conseguido o endereço, e a viagem até lá já tinha valido a pena.

— Muito obrigada, sr. Watkins — disse, levantando-se. — O senhor foi muito prestativo. Esse sr. Beech foi o pároco que assinou

o registro de casamento que o sr. Parrish alega ser meu e dele e tenho estado à procura dele.

O sacristão olhou para fora da sacristia e fechou a porta novamente:

— Me dê seu endereço, senhorita — pediu. — Caso eu fique sabendo de alguma coisa. Não acho que vou. O sr. Parrish é, sem dúvida, muito popular por aqui; com suas laranjas e tal, sempre alguma coisa agradável para dizer para as pessoas, suas generosas doações à igreja. Mas sabe como é, tem algumas pessoas em quem se confia, em outras, não.

Ela pensou em oferecer uma recompensa, mas achou melhor fazer uma doação à caixinha da igreja; e, com o endereço do sr. Beech na bolsa, foi para casa, para Twickenham.

E lá encontrou uma visita.

— Rosa! Que maravilha ver você! Mas chegou tão rápido!

— Até parece que ia ficar perdendo tempo em casa. Quem acha que sou?

Rosa era sua amiga mais antiga, à exceção de Jim Taylor. Era a irmã de Frederick. Quando Sally a conheceu, Rosa ganhava a vida como atriz, para vergonha dos pais. Tanto ela quanto Frederick haviam sido uma decepção para o pai: um pastor que, embora fosse irmão de Webster Garland, nada tinha de genialidade, senso de humor ou generosidade. Apesar das lágrimas, orações e súplicas, ele cortara relações com os filhos e também os afastara da mãe. Somente depois que Rosa se casou com um clérigo e abandonou os palcos, ele voltou a vê-la. A morte de Frederick foi dolorosa, sem dúvida, mas sentida em silêncio. O fato de Fred ter tido uma filha nunca foi mencionado, Sally sabia disso; embora soubesse que Rosa tinha dado pistas à mãe.

O marido de Rosa, o reverendo Nicholas Bedwell, era um homem completamente diferente. Tivera uma participação na primeira grande aventura na vida de Sally, quando conheceu Rosa. Fora um lutador de boxe na juventude, era destemido e amigo, e apesar de lamentar, como padre, que Sally tivesse tido uma filha sem ser casada, como ser humano, entendia. E tanto ele como Rosa amavam

Harriet desmesuradamente. Por questão de discrição, quando os visitava Sally *era* a viúva Lockhart. A mentira era necessária para que não precisassem esconder a amizade deles, apesar de Sally e Rosa ficarem pouco à vontade com a situação.

Nicholas Bedwell era pastor de uma popular igreja em Oxford e não pôde comparecer, mas Rosa foi em seguida para lá, deixando os dois filhos com as babás por um ou dois dias. Ela e Sally se sentaram na sala do café da manhã (com novos trincos e novas fechaduras) e tomaram chá, enquanto Sally contava tudo à amiga: desde o momento em que tomou conhecimento do pedido de divórcio até a recente descoberta do endereço do sr. Beech.

— Essa é a história mais absurda que já ouvi — disse Rosa. — Ele não pode se sair bem dessa história. O que disse o seu advogado? Quer dizer, eles vão rir disso tudo na corte, certo?

— Queria que ele fosse um pouco mais otimista — disse Sally. — Ele quer focar na defesa desses argumentos malucos... — Sally folheou a petição, que estava sobre a mesa de centro, no meio delas. — Toda essa baboseira sobre alcoolismo e tudo mais. Não acho que tenha a menor importância. Acho que ele deveria se ater à questão do casamento e martelar nisso ao máximo até que a mentira desmorone. Mas ele está se enganando... Não sei.

— Muda de advogado. Consulte outro. Pelo amor de Deus, arranje alguém competente!

— Mas sei que ele é competente. Obviamente, conhece a lei, e ele fez algumas sugestões bem sensatas na última vez que o vi...

Mas fui eu quem foi a Clapham e encontrou o endereço de Beech, pensou, e fui eu quem descobriu o registro em Portsmouth. Será que o oneroso detetive que contratei já descobriu alguma coisa?

Os cabelos ruivos de Rosa brilhavam à luz do fogo da lareira. Ela tinha o semblante franzido.

— Não seria melhor que Harriet passasse um tempo em Cowley? — sugeriu, referindo-se à sua casa em Oxford. — Estamos falando da questão central, não é? Esse homem quer Harriet. Não é você que eles querem. Toda essa balela de divórcio é só para ficarem com ela.

— É isso: eles querem a guarda de Harriet. O ponto é que, se a criança é ilegítima, a mãe tem o direito à custódia. Mas se os pais são casados, então o direito é do pai. O advogado me explicou. Então, é isso mesmo, tudo isso é por causa dela. Mas preciso lutar legalmente, Rosa. Tenho que ir até o fim para desmascarar essa farsa, ir para os tribunais, pois, se eu não for, ele automaticamente ganhará a causa e eu a perderei...

De repente e para sua surpresa Sally caiu em prantos. Elas estavam a sós na sala, já que Harriet estava tomando banho com Sarah-Jane, e Rosa se levantou de imediato e a abraçou. Sally a agarrou como não agarrava ninguém desde a morte de Frederick.

— Só não entendo por *quê!* — disse, quando o choro cessou. Elas estavam lado a lado no sofá. — Se eu soubesse, eu poderia... não sei... oferecer algo em troca, subornar, enfrentar de outra maneira, mas é justamente esse não saber que me deixa tão amedrontada... É como enfrentar um fantasma ou um louco, sei lá... E saber que ele estava planejando isso há tempo, antes mesmo de Harriet existir, esse sujeito andava me espreitando todo esse tempo...

— Já investigou tudo?

— Tudo? Acho que sim, creio que sim... O que mais posso fazer?

— Casa Somerset. O Registro de Nascimentos e Óbitos. Deve haver o registro de nascimento de Harriet, certo?

Sally se ajeitou na cadeira.

— Claro! Claro! Como não pensei... — Mas então seu semblante voltou a se fechar e ela voltou a afundar no sofá, de um jeito que Rosa nunca tinha visto, de um jeito desamparado e impotente.

— Ele já deve ter alterado o documento — disse —, certamente. Vou lá ver, mas sei o que vou encontrar.

— Não — disse Rosa. — *Eu* vou lá. Vou amanhã. Sabe, se eles armaram tudo isso antes de Harriet nascer, não deve ser ela que eles querem. Eles só a querem porque sabem que é a melhor maneira de machucar você.

Sally refletiu sobre a ideia. Era verdade, mas não tornava a situação mais fácil. Olhou para a parede, involuntariamente. Rosa

olhou na mesma direção e viu a marca de bala da noite anterior. E ergueu as sobrancelhas.

— Pois é — disse Sally. — Comprei outra pistola. Achei...

— E eu achei que você já tinha tido sua cota de pistolas — interrompeu Rosa, gentilmente. — Após a primeira vez.

A primeira vez foi quando Sally atirara em Ah Ling, o pirata de nacionalidades holandesa e chinesa. Rosa estava nas redondezas e chegara, por uma questão de minutos, tarde demais para detê-la. Na ocasião, Sally havia jogado a arma fora, desejando nunca mais tocar em qualquer outra.

— Mas é que... eu me sinto mais segura... Não, isso também não é verdade. Estou com raiva, Rosa. Com uma arma eu posso... Ah, eu sei. É errado, é, eu sei. Mas se o único jeito de salvar Harriet for matando esse homem, não pensarei duas vezes. Apertarei o gatilho com prazer. E, no momento, a única coisa que faz com que eu não me desespere é a ideia de que *poderia* fazer isso. Isso faz de mim um monstro ou coisa parecida? Imoral? Desumana? Sem feminilidade? Não me importo. Eu *não* vou desistir. Não vou ficar sentada de braços cruzados vendo Harriet ser roubada de mim. Vou lutar na justiça, mas se for preciso...

Sally ficou ali sentada, com as mãos tensas sobre os joelhos. Rosa ficou observando-a e então pôs suas mãos sobre a mão de Sally.

— Mas fiz progressos — disse Sally. — Descubri o endereço do sr. Beech.

— E eu vou atrás da certidão de nascimento de Harriet — disse Rosa.

— E tem um homem chamado sr. Lee em algum lugar de Spitalfields. Ele aparece nessa história num certo momento. Vamos pôr Harriet na cama e depois você pode me ajudar a escrever uma carta para o sr. Beech. Acha que Nick consegue descobrir alguma coisa sobre esse misterioso clérigo?

No dia seguinte, Rosa foi à Casa Somerset e voltou indignada, após ter pago um centavo para tirar uma cópia da certidão de Harriet Rosa Parrish, que dizia que ela teria nascido no dia 30 de setembro de 1879, na rua Telegraph, em Clapham. Seu pai se

chamava Arthur James Parrish, e sua mãe, Veronica Beatrice Parrish, cujo sobrenome de solteira era Lockhart. Não havia qualquer registro de Harriet Rosa Lockhart, nascida naquele mesmo dia, na Casa do Pomar, em Twickenham.

— Estou começando a entender o que você quer dizer — disse Rosa. — É uma mentira, uma falcatrua, mas eles pensaram em *tudo*... Nós vamos pegá-los. Vamos derrotá-los de alguma forma.

Ela não disse, embora Sally não precisasse que a lembrassem, que era uma pena que Harriet não tivesse sido batizada, do contrário eles teriam a certidão como prova e ajudaria na defesa de Sally ante o tribunal. Bem, agora era tarde demais para arrependimentos.

Rosa passou dois dias na Casa do Pomar. Foi um período estranho. Havia uma nuvem negra sobre a cabeça de Sally, e ela sabia que logo viria a tempestade, mas a vitalidade e o bom-senso de Rosa fez parecer impossível que a tormenta pudesse ferir Sally. Mas sabia que iria. Sally sentia como se estivesse vivendo em dois mundos paralelos, e não sabia dizer a qual pertencia.

No dia em que Rosa partiu, outro documento legal chegou. Assim que o recebeu, foi às pressas para a travessa Middle Temple.

— Trata-se de um mandado de segurança contra a senhorita — respondeu o advogado. — Ah, minha cara. Que infelicidade. O que a senhorita andou fazendo, srta. Lockhart?

— Um mandado... o que é isso?

— É uma ordem da corte para que você se mantenha longe, ah, minha cara, minha cara... a senhorita esteve na casa do sr. Parrish?

— Sim.

— E andou incomodando... pelo que diz aqui, a senhorita aborreceu uma vizinha.

— O *quê*? Falei com ela por menos de um minuto. Foi ela quem me aborreceu. E para que serve esse maldito mandado? Quer dizer que estou proibida de fazer perguntas às pessoas, por Deus?

— É precisamente isso. Foi muito pouco sensato, srta. Lockhart. E nos colocou numa posição desconfortável...

— Por acaso o seu detetive já começou a investigar?

— Não, ainda não.
— Mas, como pode? Por que não? Já não resta muito tempo!
— Srta. Lockhart, peço que não fale neste tom de voz comigo. Sei muito bem que a natureza feminina é mais estridente que a masculina, mas espero um mínimo de autocontrole da sua parte. Ainda não contratei um detetive.

Sally fechou os punhos tentando se controlar.

— Mas, sr. Adcock, falamos sobre isso há três dias. *Por favor...* por que ainda não contratou um detetive particular?

— Pelo melhor dos motivos. Quero ter certeza de que contrataremos o melhor. Tenho procurado boas referências... gostaria de ver as recomendações que já estudei? Srta. Lockhart, não deve perder a confiança em seu advogado. Eu entendo perfeitamente a ansiedade que a senhorita está sentindo, mas de nada ajuda deixar que ela se transforme em descontrole. E certamente não ajuda tomar iniciativas como a de sair investigando por conta própria. Já parou para pensar que tornou as coisas ainda mais difíceis para o detetive? Ele terá de neutralizar a má impressão que a senhorita causou antes de começar. E, na verdade, agora com esse mandado de segurança, não sei nem se será possível fazer novas diligências. A não ser que seja de forma muito sutil e cuidadosa... mas com tantas salvaguardas... Srta. Lockhart, temo que a senhorita prejudicou sua defesa. O outro lado certamente irá alegar...

— Estou tentando entender — ela disse. — Acredite, sr. Adcock, estou tentando entender como uma mulher que é inocente pode perder a própria filha para um estranho, e como, ao fazer perguntas sobre isso, ela é ameaçada por uma ação legal. Que tipo de lei é essa que dificulta a vida de quem apenas tenta descobrir por que está sendo perseguida, para início de conversa? Sabe *como* me sinto?

Ele abriu as mãos. Tentou se mostrar sábio e tolerante, mas na verdade parecia fraco e tolo. Sally desviou o olhar e se virou para a porta.

— Se eu não for mais à casa dele, estarei livre da ação civil? — perguntou, com a mão na maçaneta.

— O documento é bem abrangente... Pelo que parece, sim, envolve a casa dele, os vizinhos que a senhorita... é... visitou e qualquer outro lugar que possa causar inconvenientes... Poderíamos alegar abrangência. Acho que seria um bom argumento. Se a senhorita desejar, posso...

— Não. Não perca tempo. Conseguiu providenciar uma reunião com o sr. Coleman? O advogado de defesa?

— Ah, tivemos sorte. O sr. Coleman concordou em comparecer ao encontro às 17h30 da tarde do dia 17.

— Um dia antes...

— Sim, um dia antes da audiência. Fui muito enfático com o sr. Coleman em relação à sua solicitação. Ele não partilha da mesma opinião da senhorita, não acredita que o encontro será de alguma valia, mas generosamente acatou seu pedido.

Bem, melhor do que nada, pensou Sally. Estava ficando obcecada. O caso havia ocupado de tal maneira sua mente que ela não conseguia se concentrar em mais nada além por mais de alguns minutos. Ficou remoendo as palavras do sr. Adcock, tratando de tirar algo positivo do que ele dissera, como um mineiro garimpando ouro, tentando ser justa, tentando não se irritar com a lentidão dele, procurando ver na atitude dele competência e sabedoria em relação aos assuntos legais.

Mas não conseguiu por muito tempo. Estava colérica. Como as leis podiam ser utilizadas de maneira tão vil, tão sem princípios? Será que os advogados que elaboravam as petições e os mandados, e preparavam os processos, não pensavam sobre o que estavam fazendo? Será que tamanha majestade e tamanho esplendor do sistema legal inglês se curvavam tão facilmente a algo tão obviamente errado?

Ela não ousou pensar que sim. Permanecia crédula, com esperanças de que a corte iria indeferir a petição, e, parte dela, ainda acreditando que aquilo não passava de um pesadelo. Enfim,

era a condição perfeita para se atacar uma vítima, se você fosse um predador.

O sr. Parrish, ao contrário, acabara de ter uma reunião altamente satisfatória com seu advogado.

— Eles contrataram Coleman — informou o sr. Gurney.

— Ele é bom?

— O melhor.

— Bem, quem contratamos? Não conseguimos o melhor? Se não, por que não?

— Não precisamos do melhor. Temos Sanderson. O segundo melhor é o suficiente para uma causa consistente como a que temos. Coleman não teria a menor chance mesmo que fosse a junção de Demóstenes e Cícero.

O sr. Parrish já ouvira falar desses dois senhores, mas não recentemente. E grunhiu.

— Espero que saiba o que está fazendo — respondeu.

— Coleman também sabe. Ele fará um belo trabalho. Estou ansioso para ouvir sua defesa. Mas não vai ganhar, e sabe disso. E eu sei que ele sabe, pois conheço o escrevente dele.

— Que bom — disse Parrish. — E quanto ao outro negócio? O financeiro?

— Vai depender de o caso tomar o rumo certo, como sabe. O que irá acontecer. Legalmente, os bens de sua esposa são seus bens; não há separação de bens, a lei é clara.

— Então é tudo meu.

— Não diria exatamente nestes termos — disse o sr. Gurney, cuja consciência, embora já há muito houvesse praticamente se esvaído pelo ralo, havia deixado uma rara poça de meticulosidade e melindre. — Eu preferiria dizer que seus bens, que foram mal-utilizados pela sua esposa, contra a vontade do senhor, irão naturalmente e devidamente voltar a ser de seu total controle.

— Diga como quiser — disse o sr. Parrish. — Um aceno com a cabeça é tão eficaz quanto um piscar de olhos. O que importa é que assim que a corte julgar a meu favor, não apenas a criança, bendita

seja, mas o dinheiro e a propriedade que minha esposa administra serão meus. Certo?

— Exatamente — confirmou o advogado.

— Nenhum obstáculo de última hora? Nenhuma complicação inesperada? O senhor enviou o mandado?

— Deve ter sido entregue esta manhã.

— Excelente — disse o sr. Parrish. — Sabe, sr. Gurney, mais importante do que recuperar o meu dinheiro, sabe o que mais desejo?

O sr. Gurney fez um som indeterminado de educada dúvida.

— Minha menininha — disse o sr. Parrish. — Eu deixaria todo o dinheiro para a mãe dela, deixaria de verdade, só para ter aquela cabecinha dourada sobre os meus ombros novamente. O senhor tem filhos, sr. Gurney?

O advogado tinha dois filhos em Eton, ambos idiotas, ambos inúteis, ambos terrivelmente caros para se sustentar. A ideia de suas douradas cabeças em seu ombro deixou o advogado nauseado. Emitiu outro som indeterminado.

— Ainda assim — disse o sr. Parrish, levantando-se —, devo fazer justiça, não posso ignorar o aspecto financeiro. Não posso deixar que falte alguma coisa para minha garotinha.

E com estas palavras ele foi embora. O sr. Gurney teria ficado ali pensando em seu cliente, se ainda pensasse, mas a imaginação, a generosidade e o humanismo que um dia lhe pertenceram já não surtiam efeito havia anos. Guardou o arquivo do sr. Parrish e se debruçou sobre um "singelo" processo de desapropriação da residência de uma viúva.

Ao se afastar da travessa Middle Temple, Sally se deu conta de que não havia contado ao sr. Adcock sobre a invasão à sua casa, do homem no quarto de Harriet e do desaparecimento do urso de pelúcia.

Parou na Gate House, onde a travessa dava na rua Fleet. Deveria voltar e contar tudo? A imagem da provável reação do advogado a fez desistir. Haveria uma lei contra denúncia a pessoas que lhe roubaram? Certamente ele diria que fora insensato da parte dela ir à

polícia, pois aquilo a qualificaria como encrenqueira e agitadora, e haveria mais mandados a proibindo de até mesmo mencionar o assunto; e ela ainda deveria remover os novos trincos e as novas fechaduras e colocar os antigos, para não tornar as coisas difíceis para os assaltantes...

Sally nem conseguiu rir da própria imaginação. Há dias não ria, e raramente sorria. Ela não sabia, e Rosa não quis lhe falar, mas Sally nunca estivera tão pálida, com profundas olheiras. Não estava comendo, não tinha apetite. Estava dormindo mal, acordando ao menor ruído e sem conseguir voltar a dormir, e quando conseguia, o sono era invadido por sonhos perturbadores. Na noite anterior, sonhara que deixava Harriet sentada num banco de praça, enquanto ia se encontrar com o advogado, e então se esquecia da filha e só voltava a se lembrar ao chegar em casa; então voltava correndo, em pânico, e, claro, o banco estava vazio. Acordou chorando de culpa e foi ao quarto da filha, que dormia, e se deitou ao lado dela, abraçando-a com força e sussurrando que nunca a abandonaria, nunca a deixaria sozinha, enquanto a luz cinza e fria da aurora surgia tímida, a lembrando de que estavam a um dia da audiência.

A sensação era de como se esperasse sua execução.

Portanto, era compreensível que sua reação não fosse nada favorável quando alguém puxou a manga de sua blusa na rua Fleet. Sally olhou ao redor, esperando encontrar um mendigo, e automaticamente abriu a bolsa em busca de uma moeda para se ver livre do homem rapidamente. Mas o rapaz que viu certamente não era um mendigo.

Era um jovem com um quepe baixo, rente aos olhos, um lenço azul de bolinhas no pescoço e um cinto grosso com taxinhas que suspendiam suas calças de veludo cotelê. A julgar pelo rosto dele, o que viu não foi nada animador: pois os anos de rua tinham deixado em Bill uma expressão permanente de sombria ameaça.

Ela o encarou, surpresa, e em seguida olhou para a mão áspera e marcada de cicatrizes que ainda pousava sobre a manga de sua blusa.

— Senhorita Lockhart? — perguntou. — Escute, sei quem a senhorita é. Tem um homem que quer...

A voz rouca e baixa, o tom de ameaça que ele usava foram demais para ela. Sally sacudiu o braço, desvencilhando-se da mão dele, pegou o braço dele e, para a surpresa do rapaz, o arrastou para um canto da Gate House e o empurrou contra a parede. A raiva a deixou mais forte, e seu movimento foi tão inesperado que Bill não reagiu, além de ele estar sem equilíbrio, e antes que tivesse tempo de entender o que acontecia, um objeto duro e doloroso pressionou sua costela. Ele olhou para baixo e viu o brilho metálico de um revólver.

Ela estava numa posição que fazia com que seu corpo encobrisse a arma das pessoas que passavam. Ela sabia o que estava fazendo; ele sentiu todos os pelos do corpo se arrepiarem ao notar o recuo do cão. Um toque no gatilho e era o seu fim. Suas mãos ficaram imóveis como pedra, a expressão no rosto dela deixava claro que ela puxaria o gatilho sem hesitar.

— Diga a Parrish — ordenou Sally — que basta ele me dar o menor dos pretextos para eu meter uma bala nele. E isso vale para seus garotos de mensagem. *E* para quem ousar invadir minha casa novamente. Fique longe de mim, entendeu bem? Me deixe em paz!

Sua voz baixa e intensa e o ódio em seus olhos — belos negros olhos, bastante improváveis numa pessoa tão loura — o fizeram permanecer em silêncio. Damas não se comportavam assim. Não carregavam armas na bolsa, não exibiam tamanha paixão. Assim, ficou ali, calado e quieto, contra a parede da Gate House, enquanto o revólver sumia de sua vista e ela se afastava, engolida pela multidão, e desaparecia.

— Parecia uma leoa, sr. Goldberg — disse Bill. — Ela não ia me escutar. Teria atirado em mim num piscar de olhos.

Era um pouco mais tarde naquele mesmo dia, e eles se encontravam numa taberna desagradável próxima a Covent Garden. Goldberg, com um chapéu de largas abas e uma capa preta, fumava um charuto que lhe dava ares de respeito, o mesmo dos peões com jeito de durões na mesa ao lado.

— Nada a se fazer então — disse Goldberg. — Que história é essa de invasão?

Bill repetiu o que conseguiu se lembrar.

— Alguém invadiu a casa dela e ela acha que foi Parrish — concluiu Goldberg. — Você para ela numa rua e ela acha que é Parrish. Dá pra entender, acho. Uma pena, no entanto. Temos que esperar o momento certo.

— Sabe onde ela mora, sr. G.? Podemos ficar de olho na casa dela, por exemplo.

— Não, droga, não sei. Inventei uma história para ver o advogado de Parrish há algum tempo e peguei uns papéis da escrivania enquanto o secretário estava de costas, e foi assim que fiquei sabendo do processo contra ela. Não sei, Bill. Isso está me cheirando a pilantragem. Quanto mais descubro sobre Parrish, mais repulsivo ele me parece. Bem, falhamos hoje. Precisamos tentar outra coisa na próxima vez.

A CASA DO CANAL

Naquele final de semana, Goldberg levou Bill a Amsterdã. Goldberg iria participar de um congresso organizado pelos partidos socialistas da Holanda e da Bélgica, e esperavam dele um discurso polêmico e provocador. Bill nunca havia saído de Londres, e não desgrudou de Goldberg sequer um minuto, embora se esforçasse para demonstrar tranquilidade e coragem. Obviamente, não falava alemão, idioma usado por Goldberg durante quase toda a viagem. Goldberg o apresentou aos demais como seu guarda-costas, um camarada de Londres, e Bill cumprimentava a todos com um aperto de mão educado, aceitava as enormes canecas de cerveja holandesa e observava. Estava impressionado com o respeito que todos tinham por Goldberg. Aonde quer que fossem, uma residência particular, um café ou um salão de reuniões, ele era reconhecido e ovacionado, cercado por admiradores de todos os tipos: homens mais velhos, cavalheiros com pose de acadêmicos, russos com grandes barbas, trabalhadores e sindicalistas, e não menos importante, as jovens mulheres. Goldberg se movia entre eles como um rei que voltava do exílio: ouviam-no hipnotizados, ofereciam drinques, o presenteavam com charutos, ficavam de pé e

o aplaudiam quando ele chegava. Olhavam-no boquiabertos discursar com sua clara, grossa e bem-humorada voz. A estima de Bill por Goldberg só aumentava ao ver o amigo e protetor tratado com tanto respeito e tanta admiração.

Bill não sabia, pois não sabia ler, que havia um bom tempo os artigos de Goldberg eram publicados em meios de imprensa radicais do Leste Europeu; e Bill também não sabia, pois não entendia nada de política, que Goldberg representava para muitas pessoas uma possibilidade real de propagação dos ideais socialistas em meio às ideias dominantes, e o resgate dos ideais socialistas do poço raso e dividido deixado pelo fracasso da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Havia no congresso delegados da Alemanha, França, Grã-Bretanha, Rússia e Dinamarca, além da Bélgica e da Holanda. Primeiro, Bill gostava de observar todos eles juntos. Em seguida, de tentar adivinhar que idioma falavam, mesmo sem entender uma única palavra que diziam. Ele seguia Goldberg para todos os lugares, próximo e fiel como um cão, e assim como um cão, sem entender o que seu mestre dizia ou fazia. No segundo dia, porém, ouviu alguém conversando em iídiche e — ainda como um cachorro — apurou os ouvidos e olhou ao redor.

Eles estavam numa abarrotada taberna, próxima às docas: um local impregnado de fumaça e do cheiro de arenque defumado. Goldberg discutia um dos pontos da doutrina socialista com um grupo de Berlim, e Bill os observava com atenção; particularmente, uma jovem que, com sarcasmo, não parava de interromper, e o próprio Goldberg — como ele lidava com a situação. Ele se dirigia a ela com o mesmo humor ácido que utilizava ao falar com os homens, e não menos ríspido, e ela chegou a corar de vergonha mais de uma vez. A jovem era morena, forte, de aparência orgulhosa, com belos e grandes olhos raivosos. Bill supôs que ela fosse judia. Bill imaginava a sensação de ter uma moça o olhando com a intensidade com que ela encarava Goldberg, quando ouviu alguém falar em iídiche atrás dele.

Ele se virou e seus olhos se cruzaram com os olhos do homem. Devia ter pouco mais de 20 anos, estava sentado com dois outros homens, bebendo *schnapps*: rosto ossudo, cabelos pretos e crespos e barba rala, também preta. Evidentemente, ele devia ter percebido a ligação entre Bill e Goldberg, pois acenou com a cabeça e ergueu o copo. Bill olhou para Goldberg, que estava ocupado, então se levantou e, hesitante, dirigiu-se à mesa do rapaz.

— Avram Cohn — disse o jovem, erguendo a mão para cumprimentá-lo.

— Bill Goodwin — disse Bill, apertando a mão do rapaz.

Cohn disse algo em iídiche e Bill sentiu vergonha.

— Só falo inglês — disse Bill. — Não falo quase nada de iídiche.

— Não tem problema, nós falamos inglês — disse Cohn. — Sente-se, vai. Tome umas *schnapps* conosco.

Lisonjeado pela atenção, Bill se sentou. Cohn apresentou os outros dois sentados à mesa: um jovem ruivo chamado Meyer e o outro chamado Giuliani, com aparência extremamente nervosa, que não parava de roer as unhas, morder os lábios e mexer na barba.

— Então você é da Inglaterra — disse Cohn.

— É, de Londres — respondeu Bill, pegando o pequeno copo com destilado que Cohn lhe serviu. Olhou para Meyer e então tomou a bebida de um só gole, como o outro fizera. Na mesma hora, teve de buscar ar para os pulmões e conter as lágrimas.

— Você é amigo do grande Goldberg? — perguntou Cohn, voltando a encher o copo de Bill.

— Bem... faço alguns serviços para ele.

— Que tipo de serviços?

Bill ficou na dúvida se deveria falar sobre o sr. Tubb. Se fossem socialistas provavelmente não ligariam. E eram judeus, logo, aprovariam a doação de todo aquele dinheiro para o Abrigo Judeu. Bebeu o segundo trago (menos impactante dessa vez, embora continuasse não gostando muito do gosto) e então seu olhar buscou Goldberg, que, alterado, discutia com a moça. Ninguém estava perto o bastante para escutar.

— O último serviço que fiz — disse Bill — foi cobrar taxas. Tem um homem em Londres chamado Parrish. Ele está ganhando dinheiro à custa de judeus, de estabelecimentos comerciais que exploram os judeus, entendem? Além disso, ele tem meia dúzia de casas... locais de apostas, de mulheres, aonde vão os da nobreza, os ricos. Então pensamos em tirar um pouco desse lucro. Goldberg vai escrever sobre esse tal Parrish mais cedo ou mais tarde, vai denunciá-lo. E, outro dia, tirei trezentos paus de um dos capangas dele.

— Você o assaltou? — perguntou Cohn. Os três escutavam Bill atentamente. Impressionados, pensou Bill.

— Só... ataquei ele. Peguei o dinheiro. Demos tudo para o Abrigo dos Judeus.

— Ahhh... — disse Cohn. Os três expressavam profundo interesse, profundo respeito.

O rapaz chamado Meyer disse:

— Você não se importa em usar violência? Isso é bom. É poderoso.

— Se o motivo for bom — disse Bill.

— Claro — respondeu Meyer. — Claro. Foi o que quis dizer. Digame, tem mais camaradas como você com a mesma cabeça em Londres?

— Bem, alguns — disse Bill. — Os Fenianos. Os garotos irlandeses. Conheço alguns. Em Lambeth, de onde venho.

— Fenianos? — perguntou Giuliani.

Cohn falou rapidamente em iídiche. Giuliani, olhando para Bill, fez que sim com a cabeça. Então Cohn disse:

— Conhece alguém dos Fenianos?

— Tenho alguns amigos do grupo. Eles sabem que nunca delataria eles. Conheço muitos irlandeses.

— E o que o sr. Goldberg acha de seus amigos Fenianos?

— Bem, nunca falei deles com o sr. Goldberg. Ele tem seus pontos de vista, entende. Eu respeito.

— Claro — respondeu Cohn. — Todos nós entendemos. Mas ele não precisa saber de tudo, não é? Interessante o que você disse a

respeito dos irlandeses. Gostaria de conhecer alguns deles.

— Posso apresentar — disse Bill.

— Pode? Ah, que bom. E outra coisa...

Ele encheu o copo de Bill novamente. Bill olhou, querendo recusar, porém com vergonha de fazê-lo. Pôs os cotovelos sobre a mesa, aproximando-se, esforçando-se para ouvir Cohn, que começava a contar em voz baixa sobre o significado político da violência. Cordialmente, Meyer acrescentava um comentário aqui e ali; Giuliani roía as unhas. De vez em quando, como se já estivesse acostumado, Bill dava um gole de *schnapps*. A voz de Cohn continuava a ressoar em seus ouvidos. Era como se um novo mundo se abrisse para Bill; como se, subitamente, ele estivesse sendo apresentado a um novo idioma, sem o inconveniente de ter que estudar. Ouviu a teoria... de que havia um motivo por detrás... de que a violência poderia ser pura e nobre... e ele aprendeu uma nova palavra: terrorismo. Terrorista. Chegou a estremecer por causa de uma sensação que pouco tinha de prazerosa. Cohn continuou falando: sobre nacionalismo, sobre liberdade, sobre comunismo, sobre anarquismo, sobre dinamite.

Ao saírem do café, Bill e Goldberg estavam sozinhos. Bill não sabia bem como havia parado ali nem exatamente onde estava, mas o fato era que ali estava, e se sentia profundamente desconfortável. E o motivo de seu desconforto era Goldberg.

— O que você disse para aqueles vermes na taverna? — Goldberg perguntou ríspidamente.

— Eh?

Bill piscou freneticamente. Ouvir aquele modo de falar foi como se tivesse recebido um golpe repentino. Tentou clarear a mente.

— Eles me falavam... Eles perguntavam... sobre os irlandeses. Os Fenianos. Dinamite e outras coisas.

Goldberg lhe lançou um olhar colérico. Bill, que nada temia, se viu tremendo de medo.

— E? — perguntou Goldberg.

— Eles disseram... Tavam falando de um negócio, sei lá... terrorismo...

Num piscar de olhos, Bill se viu erguido contra a parede, com os pés no ar. Goldberg o agarrava com uma única mão e a outra, fechada, fazia pressão sob o queixo de Bill. Sabia que o homem era forte, ombros de peão, porém a velocidade e a violência de seus movimentos... Bill não tinha sequer fôlego para reagir.

— Esse tipo de assunto é puro veneno — disse Goldberg. — Esse tipo de gente é puro veneno. São parasitas, vermes, lombrigas. Eles não têm nada em comum conosco, não têm nada a ver com o progresso ou com o socialismo. Sabe o que essas bombas fazem? Já viu uma bomba explodindo? Já viu uma criança inocente ser dilacerada em pedaços? Eu já. Lutar? Claro que vamos lutar se for preciso. Mas lutamos contra o mal, não contra inocentes, e é fácil saber diferenciar. Tudo o que eles querem é matar, matar qualquer um, matar pelo prazer de matar, espalhar o pânico, derramar sangue, destruir. Como diabos isso pode tornar o mundo melhor? Use a voz. Use as palavras. Fale para as pessoas. Discuta. Organize. Isso, sim, surte resultados. Isso, sim, significa progresso. É nisso que se baseiam decência, princípios e coragem. Se eu vir você com esses covardes imundos de novo, eu juro, é o seu fim. Use a inteligência. Abra os olhos. Compare. Ouça, *pense*. Quem é bom? Quem é mau? Use a *cabeça*!

Ninguém jamais havia falado assim com Bill. Ele estava assustado, não tanto pela força física de Goldberg, mas por se sentir desafiado. Não era um medo funesto, doloroso. Havia algo de excitante nesse medo. E orgulho também. Goldberg acreditava que ele, Bill, tinha valor.

Não tinha certeza de como conseguiu acompanhar Goldberg ao auditório onde este discursaria naquela mesma tarde. Lembrava-se de ter comido arenque defumado em algum lugar; de ter tomado uma xícara de café forte e bem quente; e de ter caminhado por ruas estreitas, pequenos cais e pequenas pontes, por barcaças ancoradas, cachorros latindo, homens com cachimbos na boca descarregando carvão, pacotes de tabaco, sal. Lembrou do auditório enfumaçado, das cadeiras ocupadas, do entusiasmo no ar, do silêncio tenso quando Goldberg iniciou o discurso.

Num canto, nos fundos do auditório, Bill não conseguia nem sentar, e por mais que desejasse fechar os olhos a cabeça insistia em pender bruscamente, fazendo-o despertar assustado.

Goldberg falava em alemão com sua clara, rouca e expressiva voz, os dramáticos olhos, a curva bem faceira do lábio. De início, as anotações desordenadas, depois, a maneira com que pouco a pouco ia se afastando da tribuna até ficar defronte da plateia sem nada que os separasse, as anotações já esquecidas, as palavras agora vindas do coração, quase cantadas. Bill estava completamente hipnotizado por aquela voz, aquela personalidade. Ainda que as palavras fossem um mistério para ele, nelas havia paixão, humor e vivacidade; havia zombaria, sarcasmo e raiva. Força intelectual. E esperança. Bill era só fascínio. Goldberg comemorava e clamava junto com o público. Avram Cohn, Meyer e Giuliani, os Fenianos e o Terrorismo: tudo esquecido.

Bill sentiu alguém sacudir seu ombro e acordou. A cabeça doía terrivelmente e o gosto na boca era horroroso. Estava enjoado: já estavam em alto-mar?

Goldberg dizia alguma coisa. Bill se esforçou para levantar e prestou atenção.

— Tzaddik... ele está aqui. Em Amsterdã. Venha, meu garoto, vamos espionar. Está com dor de cabeça? Bem-feito. Da próxima vez, fique só na cerveja. Ponha seu sobretudo, está muito frio lá fora.

Bill não sabia onde estavam. Um lampião iluminava um pequeno e estreito cômodo com um fogão de ferro e janelas circulares. E então caiu em si: estavam numa barcaça. Um marinheiro os levaria para algum lugar — para as docas? Não lembrava. Não tinha importância. Goldberg queria sua ajuda e eles encontrariam o Tzaddik.

Fez um tremendo esforço para ficar de pé e forçou os braços a entrarem na manga do sobretudo.

— O que vamos... o Tzaddik... quer pegar ele? O que vamos fazer?

Goldberg espreitava atentamente para fora da janela. Bill conseguia ver pouco: estava escuro lá fora, e nada se movia, mas

logo passou uma janela iluminada de uma casa em meio à névoa e Bill sentiu uma vertigem. Sentou-se no beliche.

— Vamos espionar, como já disse — repetiu Goldberg. — Tentar descobrir quem é ele, o que está fazendo. Apenas observar.

Bill levantou a gola do abrigo e amarrou o lenço azul e branco no pescoço. Só então notou que havia outro homem no barco. Estava deitado no beliche superior, com a cabeça apoiada na mão e o cotovelo na cama.

— A carruagem dele foi desembarcada mais cedo de uma das barças no rio Reno — disse o homem em voz baixa. — Parece que ele veio de Colônia. Estamos a caminho de Herengracht para ver se ele está na casa onde suspeitamos que está hospedado.

— O que faremos depois? — perguntou Bill. — Querem dar uma surra nele ou o quê?

Goldberg olhou na sua direção.

— Queremos ver o que conseguimos descobrir. Isso é tudo, Bill.

— Sabe o que é um *dybbuk*? — perguntou o outro homem.

— Um *dybbuk*? O que é isso? — perguntou Bill.

— É um espírito do mal. Um demônio. Bem, esse Tzaddik tem um *dybbuk* como seu servo. Eles geralmente se apossam das pessoas... entram no corpo delas. Esse não, ele não precisa estar dentro de ninguém para viver. Você talvez o veja em breve se ficar de olhos abertos.

Bill teve vontade de zombar do homem. Goldberg se voltou para a janela; o homem no beliche o observava impassível.

A barça encostou suavemente na beira do canal. Bill escutou uma voz do lado de fora chiando para um cavalo e ouviu o relinchar do animal e o sacudir da cabeça.

— Vamos — disse Goldberg. Ele ergueu o braço para cumprimentar o homem no beliche e disse algo em alemão, Bill acenou com a cabeça antes de seguir Goldberg pela pequena escada que levava ao deque.

A névoa gélida o penetrou. Estava completamente escuro. À sua volta havia apenas água e céu. Os poucos pontos de luz que conseguia ver — esparsas janelas amareladas, a fraca luz de uma

barcaça — estavam envoltos por um halo de umidade sufocante. Bill saltou o vão entre o deque sujo da embarcação e o piso de pedra da margem. Ouviu Goldberg trocar umas palavras com o homem a cavalo e fechou ainda mais o sobretudo ao sentir o frio atingir seus pulmões.

O marinheiro estalou a língua e o cavalo voltou a sacudir o freio preso à rédea. A barcaça se afastou da margem pesadamente. Goldberg deu um tapinha no ombro de Bill e fez sinal para que o acompanhasse, e Bill o seguiu por um escuro beco cercado por dois grandes edifícios. Não soube dizer se eram galpões ou mansões. Luzes brilhavam no segundo andar de uma das construções, a outra estava totalmente às escuras.

Do outro lado do beco, uma rua estreita beirava outro canal, com uma margem arborizada e elegantes casas de tijolos enfileiradas do outro lado da via, de frente para o rio. O silêncio imperava, exceto pelo constante som do gotejar da água.

— Que horas são? — sussurrou Bill.

— Passa da meia-noite. Já passou a ressaca de *schnapps*? Ouça! Será que é ele?

Bill se esforçou para ouvir, e em seguida ecoaram sons de patas de cavalo e rodas de ferro. Goldberg se escondeu na penumbra, atrás de um tronco de árvore e Bill recuou para dentro do beco. Ficou de pé colado aos tijolos úmidos, ouvindo as ferraduras se aproximarem e a carruagem parar.

Bill não conseguia ver Goldberg, mas sabia que ele estava a poucos metros de distância. Enfiou a mão no bolso e pegou o caquinho de espelho que sempre levava consigo.

No reflexo, espectral devido à luz que agora vinha da janela de uma casa, viu uma grande e preta carruagem com um cocheiro e, em frente à porta, dois criados de libré ocupados com um aparato. Depois de retirarem uma plataforma de ferro debaixo do carro, ajustaram a altura dela. Ao terminarem, um deles pôs uma rampa de madeira sobre as escadas da entrada da casa e o outro destrancou a porta da carruagem. Era diferente das portas convencionais: a lateral do veículo corria para o lado.

Os criados entraram na carruagem e momentos depois uma enorme cadeira de rodas apareceu. Os criados a carregaram com extremo cuidado até a plataforma de ferro e então, enquanto um deles a mantinha fixa, o outro mexia numa manivela na lateral da plataforma, descendo a cadeira ao nível do chão.

Sentado na cadeira, imóvel, um enorme homem envolto pela escuridão. Bill conseguiu ver apenas a obesa e grotesca silhueta com uma cartola na cabeça. Em seguida, viu uma mão grande com luvas escapular da cadeira debilmente e ouviu uma voz aguda, suave e falha ordenar alguma coisa. O criado mais próximo pegou a mão gentilmente e a colocou ao lado da outra no colo do homem.

Quando a plataforma foi finalmente baixada, os dois criados se puseram detrás da cadeira e a empurraram rampa acima, e então Bill viu algo que quase o fez desmaiar.

Alguma coisa saltou da cabeça do homem — um ser escuro, ágil, do tamanho de um gato, que pulou suavemente sobre o colo do homem e lá ficou, gorjeando baixinho.

Era o *dybbuk*, pensou Bill, com um calafrio de medo invadindo seu corpo e sua alma.

Aquilo era metade homem, metade demônio: tinha mãos, tinha rabo, irradiava malevolência. Devia saltitar e dançar pelo inferno atormentando os amaldiçoados. Bill o observou pelo breve momento em que os criados empurraram a cadeira pela rampa para dentro da casa e então percebeu que havia prendido a respiração, tamanho o medo que sentia.

Deixou sair o ar num suspiro surdo e estremecido.

Ora, que ridículo. Devia ser o efeito da *schnapps*. Era a névoa, não conseguia enxergar direito. O pequeno espelho devia estar embaçado devido à umidade. Mas e o diabinho naquele corpo pequeno e escuro? E a maneira como ele se arrastou de cima da cabeça do homem — ou será que ele estava sentado no ombro do sujeito?

De repente, o silêncio foi rompido. Um gemido veio da carruagem. Era de uma mulher, Bill achou... e era de dor...

Com a mão trêmula, ele levantou o espelho de novo. O cocheiro permanecia no seu lugar, na carruagem, de costas para Bill; os cavalos estavam imóveis, dava para ver os vapores que saíam dos flancos dos animais se misturando à névoa. A porta da carruagem se abriu.

E então o pequeno ser maligno saiu em disparada da casa e entrou na carruagem num único salto. A mulher deu um berro.

Antes que Bill tivesse tempo de raciocinar, Goldberg já estava no meio do caminho até a carruagem. No entanto, ele parou ao ver que a mulher apareceu na plataforma de ferro — os longos cabelos escuros, capa preta, olhos e boca abertos de pavor — e caiu em cheio sobre a calçada.

Em segundos, ela se pôs de pé. Parecia não ver nada: estava numa espécie de transe que ultrapassava o medo e a razão. Como se Goldberg não estivesse lá, ela passou correndo por ele, o rosto rígido, e avançou na direção da margem, atirando-se nas águas. Afundou rapidamente.

Bill saiu correndo da viela e se juntou a Goldberg na beira do cais. A água estava escura e a bruma sobre a superfície era tão espessa que não se via um palmo adiante, mesmo a superfície estava turva. Marolas agitavam o mar, e nem sinal da mulher.

Uma voz detrás deles fez Goldberg se virar e responder no mesmo idioma. Era o cocheiro, que olhou rapidamente para a casa, cuja luz que vinha do portal dourado era engolida pela névoa. Um criado apareceu e o chofer fez sinal para que ele se aproximasse.

— Se perguntarem, estávamos de passagem — Goldberg sussurrou para Bill.

E então disse algo em holandês para o chofer, algo sobre a polícia, pensou Bill. O criado ouviu, fez um aceno positivo com a cabeça e correu para dentro da casa. Bill se agachou na beira do cais, mas nada viu. Ela havia desaparecido.

Mais criados saíram da casa com lanternas e um deles foi até uma pequena ponte próxima; e então um policial chegou com uma rede e um croque. Pouco tempo depois uma pequena embarcação a vapor

com luzes elétricas chegou ruidosamente por debaixo da ponte e atracou no cais.

Os policiais pareciam ser competentes, sérios. Bill imaginou que houvesse um procedimento de rotina para a busca e o resgate de corpos. Em circunstâncias normais, a presença de policiais era motivo de desconforto para Bill, mas, depois do que tinha visto, até preferia estar perto dos homens da lei. Pelo menos, eram reais, de carne e osso, não eram fantasias diabólicas.

Alguns minutos depois, quando os policiais já se encontravam num bote salva-vidas com seus croques debaixo da água, Goldberg cutucou Bill e disse em voz baixa:

— Estamos recebendo olhares curiosos por parte dos criados. Acho que é hora de darmos o fora daqui. Não a encontrarão, e acho que já vi o bastante.

Goldberg disse algo vago e genérico para os homens que ali se encontravam, desejou boa-noite, boa sorte e se afastou. Bill o seguiu. Lançou um último olhar de relance para a casa, mas não viu qualquer sinal do homem na cadeira de rodas ou de seu *dybbuk*.

O AFIADOR DE FACAS

Um dia depois do encontro com Bill, Sally recebeu uma carta postada com selo de Norwich. Abriu-a na mesma hora.

Cara senhorita Lockhart,

Sinto informar-lhe que o reverendo Beech já não reside neste endereço e que desconheço sua nova morada.

Por este motivo, estou retornando sua carta. Espero que me perdoe por tê-la aberto, já que o fiz para averiguar o endereço da senhorita.

Atenciosamente,
T.D. Gunston, bacharel, FRCP,
diretor, São Anselmo.

A carta de Sally estava em anexo. Num primeiro momento, ela não soube o que pensar: uma onda de decepção a atropelou. Naturalmente, ela havia imaginado que São Anselmo fosse uma paróquia, porém se tinha um diretor e esse diretor era um médico, a confusão começara toda de novo. Um asilo? Um abrigo para missionários?

Sally se retirou da mesa de café da manhã, levando a xícara de chá para a escrivania, e escreveu ao dr. Gunston em seguida.

Caro dr. Gunston,

Obrigada por responder minha carta para o sr. Beech.

Tenho urgência em falar com ele devido a um problema de extrema importância. O tempo é curto e a única pista que tinha sobre seu paradeiro era o nome São Anselmo, que imaginei ser uma paróquia, onde ele era o pastor. O senhor disse que ele não mora mais aí. Gostaria de lhe perguntar por que o sr. Beech esteve hospedado em São Anselmo e por quanto tempo.

Qualquer informação será útil.

Ela assinou a carta, fechou o envelope e levou a correspondência para o correio no caminho para Londres.

Ficou sentada em seu escritório por vários minutos, primeiro manuseando uma pluma, depois ficando imóvel. Era como se estivesse adormecida — um sono verdadeiro, diferente da interrupção temporária da insônia que sofria na cama. Era um momento em que o peso da responsabilidade diminuía, quando sentia que sua existência minguava ao menor patamar possível.

Isso preocupava Margaret Haddow, e preocupava a secretária Cicely Corrigan. Cicely levava cartas para Sally assinar ou lhe perguntava qualquer coisa, apenas para despertá-la de seu triste transe. No dia em que Sally escreveu uma nova carta para São Anselmo, Margaret decidiu levar Sally para almoçar e ter uma conversa com ela.

Foram a um restaurante especializado em carnes, na rua Watling, que já conheciam. Era tão raro ver mulheres no centro da cidade — uma pessoa parada na confluência de ruas no horário de maior movimentação veria apenas homens durante dez minutos seguidos —, que Margaret e Sally ainda se sentiam um pouco estrangeiras naquele território. Haviam estado em restaurantes para os quais nunca mais voltaram. Mas esse lugar era simpático, as mesas e os assentos eram confortáveis e a comida era boa.

Margaret fez o pedido para as duas: costeletas de cordeiro com legumes. Quando a comida chegou, ela fez com que Sally comesse.

— O que há de errado com você? — perguntou. — Sei que você tem motivos para estar preocupada, mas não pode se deixar abater assim. Você é saudável, inteligente, ganha o próprio sustento e é uma sócia extremamente talentosa. Levando tudo em consideração, você não está nada mal. Como essa costela. E a couve-flor, que está deliciosa. Geralmente cozinham demais a couve-flor. Aqui, sabem o momento exato de tirá-la da água. Quer molho?

Sally sorriu.

— Desculpe — disse. — Deixei isso me absorver. Não consigo pensar em mais nada...

— Então, pense nisso: temos que receber a cri-cri da sra. Carpenter hoje à tarde. Ela vai contar que o querido marido insistiu em investir em ouro, ouro nunca falha, e dirá: ponha todo o dinheiro em minas de ouro, querida. Ela tem cerca de 6 mil libras e também quer um seguro de vida... Devemos dizer que ela deve investir em quê?

Sally bebeu um gole de água.

— Acredito no potencial das ações da empresa ferroviária boliviana — respondeu. — Hickson está promovendo essas vendas e está se saindo muito bem.

— Li alguma coisa a respeito de Hickson recentemente... ou será que ouvi do sr. Battle... — O sr. Battle trabalhava no andar de baixo do escritório delas, uma espécie de jornalista. Margaret deu alguns toques na mesa tentando se lembrar. — Ah, sim. O sr. Battle me mostrou um artigo de jornal, não me lembro qual, que atacava Hickson violentamente. Apenas calúnia, segundo Battle. O artigo denunciava que Hickson era dono de estabelecimentos que utilizavam mão de obra semiescrava. Não sei quanto disso é verdade; parecia uma tentativa de desmoralizá-lo, pois o texto não apresentava provas de nada. Vou perguntar ao sr. Battle se ele ainda tem o artigo.

— Por que ele mostrou isso a você?

— Falávamos sobre socialismo. Era um jornal socialista.

— Ah! — disse Sally. — E o que você acha de Hickson?

Margaret fez uma careta.

— Difícil dizer — respondeu. — Sei que devemos ser cautelosas diante desse tipo de acusação, mas...

— Acha que ele está envolvido nessa história? Bem, talvez Hickson não seja a melhor opção para a sra. Carpenter. E produtos químicos? Os alemães estão criando coisas extraordinárias...

Elas conversaram sobre os investimentos da sra. Carpenter e depois sobre a situação do mercado em geral e os efeitos das medidas econômicas do governo. Era o tipo de conversa que agradava Sally, e aos poucos seus olhos se animaram e o rosto recuperou seu colorido.

A estratégia de Margaret funcionou tão bem que Sally chegou a comer um pudim de leite de sobremesa. Então viram a hora e voltaram às pressas a Bengal Court, com medo de se atrasarem para o encontro com a sra. Carpenter.

Sally havia decidido ir a Oxford naquele fim de semana. Rosa havia feito um convite e Sally tinha certeza de que a visita faria bem a ela e à filha. Com certeza, a menina estava percebendo a ansiedade de Sally. Ela não demonstrava, pois a natureza de Harriet era mais para firme e alegre do que para reflexiva, mas a pequena também começara a acordar no meio da noite e já havia molhado a cama pela segunda vez em uma semana, um problema que elas achavam já estar superado.

No sábado de manhã elas fizeram as malas e foram com Sarah--Jane à estação para tomar o trem para Oxford. Era um dia fresco e revigorante de outono, e Sally se lembrou de um outro dia, nove anos atrás, quando ela e Frederick foram a Oxford a fim de levar notícias sobre o irmão do homem que ela ia visitar agora. O desenrolar daquela história levou fim com a morte de Matthew Bedwell, pelas mãos do mesmo homem em quem Sally atiraria mais tarde. Esse tipo de violência era impensável na atual situação de Sally, com tantos advogados na história. Ainda assim, lá estava ela passando pela bela rua High, enquanto o sol de outono tocava os edifícios dourados, com um revólver na bolsa com cinco balas...

Chegaram a tempo para o almoço, e os primos de Harriet, May e Matthew, de 6 e 4 anos, respectivamente, a receberam com alegria. Rosa estava completamente absorvida com os preparativos de um espetáculo na cidade. Ultimamente, era a atividade mais próxima do teatro da qual participava, exceto quando estava na plateia, como espectadora.

O reverendo Nicholas, um homem de físico forte cuja face alegre mantinha ao redor dos olhos as marcas da época de pugilista, a recepcionou calorosamente.

— Quanta bobagem — disse. — Rosa me contou tudo. Está claro que esse sujeito é um canalha. Venha almoçar conosco e à tarde vamos dar um passeio. Procurar castanhas no bosque...

A mesa do almoço estava repleta, e as crianças, barulhentas, mas o pai não as repreendeu, já que percebia o quanto isso deixava Sally feliz.

No bosque, à tarde, enquanto o cão da família Bedwell farejava por entre as folhas no chão e as crianças corriam por todos os lados, Sally contou a Rosa e ao marido sobre o mandado de segurança e a carta de São Anselmo.

— Já ouvi falar desse lugar — comentou Nicholas Bedwell. — Não sei por que não pensei nisso antes. É uma espécie de asilo; é patrocinado com dinheiro de caridade para ajudar clérigos em situações precárias... esse tipo de coisa... geralmente eles classificam como para "idosos e enfermos", ou algo parecido. Você escreveu ao diretor?

— Na mesma hora. Mas não creio que ele tenha algo de importante para me contar. Ele deixou bem claro que não sabe onde o sr. Beech se encontra agora. Procurei pelo nome Beech no Catálogo Crockford de Clérigos. Ele tem aproximadamente 50 anos, não é nada idoso, embora possa muito bem estar enfermo. Foi missionário no exterior; talvez tenha contraído malária ou alguma doença grave.

— Onde ele trabalhou como missionário?

— Na China. Mas era bem jovem então. Acho que tem doenças recorrentes que acompanham a pessoa para a vida toda... O último

endereço que aparece dele é o de Portsmouth, mas meu Crockford está desatualizado. As castanhas já estão acabando? Vou procurar por mais.

Sabendo que não haveria muitas castanhas, o clérigo havia trazido de casa um punhado delas no bolso, espalhando-as disfarçadamente em lugares onde as crianças pudessem encontrar. Harriet tinha achado três, para sua alegria.

Caminharam mais um pouco, entre conversas sobre o outono, sobre quão rápido as crianças estavam crescendo, sobre a escola que May e Matthew iam frequentar, e sobre o espetáculo de Rosa. Quando as crianças começaram a demonstrar sinais de cansaço, eles fizeram o caminho de volta para a paróquia. A névoa começava a se acumular e alguém em algum lugar do bosque queimava folhas.

Em casa, Nicholas contava uma história para as crianças, enquanto torravam algumas castanhas na lareira do quarto dos meninos. Harriet se sentou no colo de Sally, se aninhando, dedo na boca. As outras duas crianças se sentaram ao lado de Rosa no sofá, com olhos arregalados e atentos à história, ele imaginando ser o pobre Pinóquio e ela, a princesa, ambos aprendendo sobre o que significava ser corajoso, destemido, amado, triunfante e responsável. Nicholas era um bom contador de histórias, assim como Jim, embora as de Jim fossem bem diferentes.

Harriet não prestou atenção na história. Estava cansada e a voz reconfortante do tio e o colo aconchegante da mãe eram suficientes para deixá-la satisfeita. Na hora de ir para a cama, Sally a carregou para o quarto e trocou sua roupa delicadamente.

— Não vou acordá-la para tomar banho — disse em voz baixa para Sarah-Jane. — Deixa ela dormir. Amanhã de manhã dou um banho nela.

Sally beijou o rosto de Harriet, afastou os cachos louros de cima do rosto da filha e a deitou na pequena cama ao lado da sua.

Na manhã seguinte, foram todos à igreja. Sally tinha sentimentos contraditórios com relação à igreja, embora sempre a frequentasse quando visitava Oxford, em consideração a Rosa e Matthew. Seria bom ter fé em alguma coisa, mas seria simples demais. O mundo

não era simples assim. Olhou a velha igreja, acompanhando as linhas do púlpito, lendo as escrituras na parede, tentando entender o que as imagens dos vitrais representavam e ouvindo o sermão de Nicholas. Nicholas, o contador de histórias; era impossível dormir em seus sermões. Mas todo o cuidado era pouco para não repetir os sermões, pois as pessoas se esqueciam de discursos fracos e sem graça, mas não esqueciam das boas passagens e certamente saberiam se ele repetisse alguma.

Mais tarde, o almoço e por último as despedidas. Logo o coração de Sally voltou a ficar pesado e ela se deu conta de por que havia ido até lá. Era o mesmo impulso que a fizera limpar o salão de café da manhã e guardar todos os objetos antigos; mais uma atividade prazerosa do passado havia tido um ponto final.

Na plataforma da estação, Sally e Rosa se abraçaram com força.

— Pode mandá-la para cá sempre que quiser — sussurrou Rosa.
— Poderia ficar mais, se quisesse.

Sally fez que não com a cabeça.

— É tarde demais para isso — disse. — Não posso ficar me escondendo. Tenho que estar lá para enfrentar o que vem pela frente. Tenho um encontro marcado com o conselheiro da Rainha na quarta-feira. Se ele for bom como meu advogado diz ser, vamos ganhar.

— Estou falando sério — disse Rosa. — Pediremos a custódia dela se for preciso. Podemos adotá-la. Qualquer coisa que estrague os planos dele.

Sally sorriu.

— É melhor eu ir agora — disse. — O guarda da estação está me olhando impaciente. Se o Nick descobrir qualquer coisa sobre o sr. Beech...

— Ele está escrevendo algumas cartas agora. Nós o encontraremos. Vá, rápido, entre no trem...

Sally se juntou a Harriet e Sarah-Jane, o guarda fez soar o apito e o trem pôs-se a mover. Sally acenou para Rosa todo o tempo em que o trem se afastava pela paisagem sob a luz do pôr do sol de outono.

Na noite da segunda-feira, depois de uma tarde difícil, com dois clientes muito exigentes, e de uma visita a uma casa em Islington, Sally chegou em casa e encontrou Ellie aflita.

— Senhorita... senhorita — sussurrou ao ver Sally entrar pela porta da frente. — Ele está aqui, senhorita! O amolador de facas!

— O amolador de facas... — Sally estava tão cansada que demorou alguns segundos para lembrar. E então abriu os olhos animada: — Que bom — disse. — Onde ele está?

— Na cozinha, senhorita... mas ele tá quase terminando. Está se arrumando para ir embora. Vou ver se consigo enrolar...

— Não se preocupe. Vou lá agora.

Sally tirou sua capa e o *bonnet* e rapidamente caminhou na direção da porta que dava para a cozinha, nos fundos do corredor, na escuridão do vão das escadas. Parou, mão na maçaneta, ouvidos atentos. Escutou a voz de um homem e sussurrou para Ellie:

— Entre comigo e se posicione na frente da porta dos fundos. Tem como fechá-la com chave?

Ellie confirmou com a cabeça. Seus olhos arregalados brilhavam em meio à penumbra.

— Tranque-a então.

Ela girou a maçaneta e entrou. Ellie a seguiu na mesma hora e se dirigiu às pressas para a porta dos fundos. A sra. Perkins tirou os olhos do bolo que estava preparando, surpresa com a inesperada movimentação, e Sally ficou parada defronte da outra saída.

O homem estava de pé, maleta na mão, ao lado da mesa da cozinha. Uma fileira de afiadas e brilhantes facas estendida na frente dele. Ele não terminou a frase que começara, perplexo, e então tirou seu quepe.

— Boa noite, madame — disse.

Ele tinha bigode, cabelos pretos, estava um pouco acima do peso. Sua expressão era afável.

— Como o senhor se chama? — perguntou Sally.

— Cave, madame. George Cave. Alguma coisa errada, madame?

Ela hesitou.

— O senhor poderia me acompanhar, por favor? — disse. — Gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

— Como quiser, madame, claro — disse ele.

Pôs a maleta que segurava no chão e a seguiu pelo corredor. A sra. Perkins e Ellie não se moveram.

— Por aqui — disse Sally, indicando a sala de café da manhã.

Ela se sentou à mesa, enquanto ele permaneceu, tranquilo, na soleira da porta.

— Quem o mandou até aqui? — perguntou ela.

— Ninguém, madame. Trabalho sozinho. Trabalho em algumas casas na cidade, lojas também. Peguei muitos serviços do velho Pratts. Ele não tava dando conta de tudo, andava com as pernas fracas.

— O senhor não presta serviços ao dr. Talbot.

— Onde fica, madame?

— Na rua Hertford.

— Essa é a área do sr. Pratt. Ele ainda cuida das casas da rua Hertford e da praça Nelson. Perto de onde ele mora, entende, madame. É prático pra ele. E eu não me incomodo. Tenho serviços de sobra pra me manter ocupado. A cidade tá crescendo rápido. Há o novo hotel e...

— O senhor conhece um homem chamado Parrish?

Ele mostrou-se pensativo.

— Ele mora em Twickenham, madame? Porque não consigo me lembrar do nome.

— Não.

Ela o encarou e notou que o coração estava acelerado. Ele parecia sinceramente confuso.

— O senhor fica perguntando às minhas criadas sobre minha vida?

— Claro que não, senhorita. Me acusaram de...

— Sei que vocês conversam sobre assuntos que dizem respeito a esta casa. Minha governanta me contou.

— Então é melhor a senhorita tirar isso a limpo com ela, senhorita. Não tenho interesse algum na vida dos outros a ponto de

sair bisbilhotando, como a senhorita tá sugerindo. Sou um homem honesto, madame, sempre fui. Tem muita gente nesta cidade que pode falar por mim. E não preciso mais voltar aqui. Tenho muitos clientes pra garantir meu sustento. Se tem alguma reclamação, pode falar. Senão, vou embora, e se a cozinheira da senhorita quer alguém para amolar suas facas, que arranje outra pessoa.

Vermelha de vergonha, Sally se levantou.

— Perdoe-me, sr. Cave. Peço desculpas. Tivemos uns problemas por aqui, é só isso, e alguém de fora parece saber tudo que se passa nesta casa. Estou apenas tentando...

— Basta, senhorita. Não volto mais numa casa onde sou suspeito de ser um espião. Tem muita gente querendo os meus serviços.

E ignorando os pedidos de desculpa de Sally, ele se virou e saiu. Alguns minutos depois, ela ouviu a porta dos fundos da cozinha bater.

Ela voltou a se afundar na cadeira. Aquilo fora um desastre. E ela estava muito cansada.

* * *

O noivo de Ellie, Sidney, o cavaliço do dr. Talbot, havia marcado um encontro com ela para as oito da noite. Ambos gostavam de ir ao teatro de variedades e havia um novo espetáculo no Britannia. Segunda-feira não era o melhor dia para frequentar teatros — costumavam ficar vazios —, mas assim podiam ficar de mãos dadas num lugar aquecido e tomar uns drinques. Ele era um homem liberal, o dr. Talbot — assim como a srta. Lockhart —, nada tinha de conservador ou moralista e não se incomodava em dar folga aos empregados à noite, diferente de outros patrões.

No intervalo do show, Ellie contou a Sidney sobre o amolador de facas. Ele escutou a história sobre o invasor na casa e se mostrou seriamente preocupado; disse que elas precisavam ter um homem na casa e se ofereceu para dormir lá. Ellie disse para ele deixar de gracinhas, pois não cairia naquele conto do vigário. Mas ele não se convenceu com a história do amolador de facas.

— Esse sujeito não me engana — disse. — Dá para reconhecer esse tipo de gente a léguas de distância. Esses homens de conversa mole, esses sim são os perigosos. Sempre uma resposta na ponta da língua. Eu não caio nessa.

— Mas, se ele é inocente, não é natural agir assim? — argumentou Ellie.

— Não. É aí que você se engana. Estudei uns casos de polícia, é fato que em geral o inocente *nunca* tem histórias bem-arrumadinhas. Ninguém, certo? A gente esquece das coisas. É natural. Onde você estava na noite de 14 de agosto? Viu? Você não se lembra. Mas o seu bandido vai falar tudo, olhar bem nos seus olhos, com cara de santo. Porque ele já planejou tudo o que ia dizer, entende? É sempre assim. Essa conversa fiada sobre o sr. Pratt... tudo mentira. E esse tal de Tremble que você me falou?

— Ah, o sr. Molloy. Chamam ele de Trembler. É um apelido. Ele trabalhava pro sr. Garland antigamente. Ele é dono de uma hospedaria em Islington agora. A srta. Lockhart foi lá hoje...

Era agradável conversar com Sidney. Ele era muito bem-informado e estava sempre disposto a ouvir, diferente de alguns rapazes que ela conhecia, exibidos e cheios de si. Sim, ele era bem atrevido, mas Ellie gostava disso num homem. E ele também tinha um lado sério. Tinha simpatia pela srta. Lockhart desde o início, acompanhava toda a história.

Quando a orquestra retomou seu lugar no palco (os músicos enxugando os bigodes sujos de cerveja, disse Sidney, e realmente alguns realmente o faziam), ele apertou a mão de Ellie.

— Pode contar comigo — disse Sidney. — É o amolador de facas que está por trás disso. Fizeram bem em se livrar dele, na minha opinião. São sempre eles, coitadinhos desentendidos, os culpados. Nós é que somos os caras honestos, nós, os caras estranhos, tímidos, esquecidos...

Ele deslizou o braço por detrás das costas de Ellie e ela sorriu.

— Olha quem fala — disse ela.

— O que eu disse? Prova que sou honesto, não prova?

Ela permitiu que ele ficasse com o braço onde estava. Juntos, assistiram à segunda metade do espetáculo.

O EMINENTE CONSELHEIRO DA RAINHA

A manhã de quarta-feira nasceu fria e tempestuosa. Sally não havia dormido bem. Acordara algumas vezes durante a noite, tomada pela ansiedade do encontro com o advogado de defesa, o conselheiro da Rainha, e tivera dificuldade de pegar no sono novamente. Viu a luz cinza circundando as extremidades da cortina, ouviu a chuva açoitando o vidro da janela e dormiu um sono intranquilo pouco antes de Ellie despertá-la.

Quando saiu para Londres, a chuva engrossou e o vento arrancava os galhos sem folhas das copas das árvores. Chegou ao escritório molhada e com frio, e demorou a acender a lareira, pois o vento soprava contra, insistindo em apagar a chama. Depois, demorou a lavar as mãos sujas de carvão pois teve que esperar a chaleira aquecer a água.

O resto do dia não foi muito melhor. Durante a manhã, Sally descobriu que cometera um erro na carta que havia escrito aos corretores de ações, acarretando a má aplicação do dinheiro de um cliente. Por sorte, não tinha sido uma quantia muito alta e o investimento acabou não dando prejuízos, mas era o tipo de engano que ela achava que nunca ocorreria. E era o tipo de erro que o

escritório não podia se dar o luxo de cometer. Afinal, ela agora tinha uma sócia, e lhe devia satisfações.

Almoçou rapidamente — sanduíches previamente preparados pela sra. Perkins, uma maçã do pomar, café preparado no recalcitrante fogo da lareira —, enquanto dava uma rápida lida nas colunas do *The Times* e no jornal semanal *Financial Chronicle*. Foi quando um nome chamou sua atenção e precisou ler com cuidado a página toda até encontrá-lo novamente. Daniel Goldberg era o nome e aparecia num dos principais artigos, que incitava o governo a tomar medidas mais enérgicas e a expulsar os estrangeiros agitadores que abusavam da tradicional hospitalidade britânica, com o objetivo de promover o ódio e a discórdia. Aparentemente, Goldberg era uma personalidade ilustre nos círculos socialistas e já havia sido expulso da Prússia e, depois, de Bruxelas. Ao mesmo tempo que pedia sua expulsão da Grã-Bretanha, o jornal fazia questão de enfatizar que indubitavelmente apoiava todas as liberdades de expressão e de ideias que tornavam o país um exemplo para os outros, porém etc...

Sally leu o texto sem tomar partido. E aquilo era preocupante; não gostava dessa neutralidade de sentimentos que coloria o mundo de cinza. Precisava ter uma posição mais definida sobre o socialismo, porque se tratava de uma questão fundamental. Inclusive sabia o que devia sentir, mas o ódio e o medo gerados por Arthur Parrish a deixavam sem ânimo para repelir uma teoria econômica.

Deixou o jornal de lado, fez algumas anotações sobre movimentações financeiras, andou de um lado para o outro e fez mais café. Finalmente, Cicely Corrigan, a mais gentil das criaturas, perdeu a paciência:

— Pelo bom Jesus, srta. Lockhart, por que não sai para uma caminhada ou algo parecido? Não há mais nada para fazer aqui e a senhorita está ficando cada vez mais aflita. Vá e pegue um pouco de ar frio e chuva, e gaste essa energia, e quando chegar tome um bom banho quente e vai se sentir bem melhor. Deixe que eu arrumo tudo e tranco a porta.

— Está bem — disse Sally. — Talvez seja uma boa ideia.

Vestiu a capa e o chapéu, pegou as botas que secavam ao pé da lareira e as calçou. Deixou o escritório, sem sequer dar uma olhada de relance na papelada na escrivaninha.

Chuviscava e havia uma neblina fina e fria no ar, mas Sally não deu importância, e a passos vagarosos passou pela rua St. Paul's, descendo a Ludgate Hill, e seguindo ao longo do Embankment até o Parlamento. A maré do Tâmis estava baixa, expondo a margem do rio, cinzenta, turva e com detritos. Desembarcadouros, depósitos de madeira, serrarias e fundições espalhavam-se lúgubres sob o céu baixo. Guindastes movidos a gás do lado oposto da escadaria Whitehall erguiam-se e voltavam a baixar aparentemente sem propósito. Com a maré baixa, a ponte de Westminster parecia estranha sobre seus longos e estreitos pilares. Tudo estava errado. O mundo parecia louco.

Sally sacudiu a cabeça ao ver o Big Ben badalar três horas da tarde e apressou o passo ao cruzar a ponte. Já na margem do lado sul, virou à direita na direção de Lambeth e por duas horas seguidas caminhou com determinação. Não conhecia aquele lado do rio e logo se perdeu. Aquela situação acabou sendo conveniente: se ela não sabia onde estava, ninguém mais saberia. Viu extensos terrenos com habitações pequenas e precárias, pontes férreas, uma prisão, um hospital, capelas, uma grande praça com elegantes casas do século XVIII, uma obra inacabada, um mercado, um asilo para trabalhadores pobres, um teatro, casas, casas, casas; uma quadra de críquete, uma fábrica de gás, uma cervejaria, um estábulo, um canteiro de obras, uma estação de trem, uma escola; casas lúgubres de tijolos artesanais, mais casas, um asilo para cegos, uma gráfica...

Não tinha noção da vastidão de Londres, embora tivesse vivido na cidade por tanto tempo. Geralmente, quando passava por aquela área estava no trem e lendo jornal ou fazendo anotações. Ela conhecia Londres como uma ideia, não como realidade. Em cada uma daquelas casas havia pessoas reais. Em cada um daqueles estabelecimentos comerciais havia decisões sendo tomadas. Atrás da porta as pessoas estavam se apaixonando ou morrendo, ou dando à luz, ou presas a um casamento cheio de mágoas e rancor. Aquele

pequeno menino mancando: por que mancava? Não parecia bem e estava malvestido. Será que alguém havia lhe dado uma surra? Ou tinha nascido assim? Ou sofria de raquitismo? A velha senhora com um tabuleiro de fósforos... o velho judeu no bazar mais adiante numa barraca de livros usados... a mulher que devia ter a mesma idade de Sally, que perdera todos os dentes, e cujo rosto carregava uma cicatriz de queimadura em uma das faces — Sally sentiu compaixão por aquelas pessoas, todas pobres e anônimas. Eram anônimas por causa da ignorância de Sally. Assim como ela, cada um deles tinha uma vida e uma história própria.

E continuou caminhando sem rumo, observando, absorvendo e sentindo o ambiente ao redor até ouvir outro badalar de um relógio de algum lugar próximo à praça St. George, indicando que eram cinco da tarde. Sally avistou um ponto de cabriolés de aluguel. Encontrou um carro parado à espera e pediu ao condutor que a levasse até a rua Temple.

A ponte Blackfriars estava bastante movimentada e apenas às cinco e vinte da tarde Sally pagou o cocheiro e saltou na esquina da travessa Middle Temple, seguindo às pressas para Pump Court, onde ficava a sala de audiência do sr. Coleman, o conselheiro da Rainha. Já estava escuro e as janelas de frente para o pequeno largo reluziam em meio à pesada neblina. Sally hesitou, sem saber por qual porta entrar, até que da penumbra surgiu uma figura vindo de uma das portas e avançou na sua direção.

— Srta. Lockhart! Eu já estava ficando realmente aflito...

Era o advogado de Sally, o sr. Adcock. Estava nervoso, sem o chapéu, que deixara no interior do edifício.

— Cheguei pontualmente, não cheguei? Não havíamos marcado o encontro para as cinco e meia?

— É quase isso, agora. Seria extremamente inoportuno se a senhorita chegasse atrasada... o sr. Coleman é tão ocupado...

Ele abriu a porta e Sally subiu as escadas e seguiu por um corredor, onde os aguardava um empregado que os levou até uma aquecida sala de trabalho. Três funcionários trabalhavam em

silêncio, escrevendo com canetas metálicas sob a luz intensa de lampiões.

Um outro funcionário os guiou até outro escritório e bateu à porta com deferência. Não ouvindo resposta, ele então abriu a porta com cuidado e fez sinal para que eles entrassem.

— O sr. Coleman os receberá em alguns minutos — disse com voz suave, uma voz que parecia caminhar em pantufas. — Por favor, podem esperar aqui.

Ao entrar no suntuoso e aconchegante gabinete Sally percebeu quão molhada, desarrumada e despenteada estava. Suas botas deixaram marcas de lama no lustroso piso. O sr. Adcock havia recuperado o chapéu com o criado e agora mexia na aba com nervosos dedos.

O funcionário se retirou. Sally não viu razão para não se sentar e foi o que fez.

— Descubri novas informações sobre o sr. Beech — disse. — Não vai se sentar, sr. Adcock?

— Beech, Beech? — perguntou, sentando-se na outra poltrona, em frente a uma mesa.

— O clérigo que assinou o registro de casamento — ela lembrou.

— Sim, claro. O que a senhorita descobriu?

— Ele foi residente, por um tempo, em...

Mas Sally não pôde continuar sua fala, pois a porta se abriu e um corpulento homem, a toga esvoaçante em um dos ombros, entrou rapidamente e pôs uma gorda pilha de papéis sobre a mesa. Um chumaço de cabelos pretos e grossos coroava sua calvície. As costeletas grossas e arruivadas desciam até o queixo. O nariz carnudo, os olhos inchados, lábios pesados e bestiais. Tudo expressava severidade, ameaça e desdém.

O sr. Adcock pôs-se de pé na mesma hora, inclinando-se para a frente instintivamente, mãos pressionadas como se suplicasse.

— Sr. Coleman... o seu secretário nos mostrou o caminho... tomamos a liberdade de esperar pelo senhor aqui.

O advogado deu um grunhido. Sem se dar o trabalho de notar Sally, sentou-se e pôs-se a folhear uns papéis.

— Bem? — disse após alguns segundos, sem tirar os olhos dos documentos.

— É... Minha cliente, a srta. Lockhart, solicitou uma entrevista, sr. Coleman, o senhor deve se lembrar. Ela acredita que... é... pode ajudar a esclarecer alguns detalhes...

— Uma perda de tempo — disse o sr. Coleman.

— O que foi que o senhor disse? — inquiriu Sally, sobressaltada.

Ele a olhou surpreso. Seus olhos pequenos e inchados irradiavam desdém.

— Disse que é uma perda de tempo. Já li todos os documentos, não há nada que esta reunião possa acrescentar. Ainda assim, aqui está a senhorita.

Ele voltou a olhar para a folha à sua frente e virou a seguinte antes de fazer uma anotação a lápis. Sally notou que o documento se referia a uma questão comercial — não tinha qualquer relação com a documentação dela.

— Eu estava a ponto de contar ao sr. Adcock uma descoberta que fiz a respeito do clérigo que...

— Tarde demais para isso. Não vamos ganhar este caso saindo por aí atrás de possíveis evidências.

— Pode ser importante.

— Será importante se fizer alguma diferença, e não fará.

— Então o que fará? Como vou ganhar este caso, sr. Coleman?

— Não interferindo com suas sugestões.

— Entendo. E ele ganhará sozinho?

Os olhos ferinos se ergueram e reencontraram os de Sally, que revidou com desprezo. Ao seu lado, o sr. Adcock estava à beira de um ataque de nervos.

— Creio que a srta. Lockhart está ansiosa por... — ia ele dizendo, mas foi interrompido pelo outro advogado.

— Seu caso é um tanto pobre — disse o conselheiro da Rainha com voz estridente e irritante. — Eu já não tenho muitas esperanças de que a senhorita terá êxito. E se for assumir este tipo de comportamento que está tendo comigo na corte, eu garanto que irá perder. Impertinência e sarcasmo não me impressionam e

certamente não vão impressionar a corte. Sua única chance de ganhar é ficando calada, senhorita, responder as perguntas que fizerem, e da forma mais simples, breve e educada que conseguir, sem a presunção de imaginar que a senhorita sabe mais do que os profissionais como conduzir um processo tão sutil e complexo como uma defesa jurídica.

Sally ficou sem ar. Fechou os olhos por um instante, fechou os punhos e ouviu-o pegar outra folha. Estava ciente de como o apreensivo e agoniado sr. Adcock se remexia na poltrona. Então, deu um suspiro e disse:

— E por acaso posso saber que abordagem o senhor usará ao me defender?

— Não é da sua conta. Li todos os documentos. É tudo o que a senhorita precisa saber.

— Se realmente leu todos os documentos, o senhor deve saber que a questão central do caso é se sou ou não casada com o sr. Parrish. E se...

O corpulento homem se levantou, com os polegares nos bolsos do colete, e a olhou colérico.

— A questão central do caso é a moralidade — disse —, decência. E não pense nem por um momento que artifícios para desacreditar registros e assinaturas vão alterar isso. A senhorita ousa vir até aqui, uma mulher que por vontade própria abriu mão da virtude, que se comportou como uma prostituta qualquer, e que deseja negar à criança bastarda a quem deu a luz o benefício de um nome legítimo e de um lar. É isto o que senhorita parece: uma alma lasciva, egoísta, gananciosa, de mente fraca e perversa. Ah, não tente protestar. A única chance que tem de não perder a criança é deixar que eu tente convencer a corte de que a senhorita está arrependida. Que está envergonhada do que fez. Que se arrepende amargamente da sua atitude impensada e equivocada de abandonar a sua casa. Fique quieta e chore um pouco, e talvez a corte seja persuadida, com meus argumentos, de que seria melhor para a pobre criança continuar com a senhorita, em vez do pai. Não quero ser prejudicado na tentativa de tirar o melhor proveito de um mau caso

com suas bobagens sentimentais sobre evidências... como se isto fosse uma novela sensacionalista para entreter mulheres desocupadas. A senhorita nada sabe das leis, não é um assunto para mulheres. Pare de encher sua cabeça com assuntos que não entende e de perder tempo com bravatas. Mantenha-se em silêncio e finja constrangimento, e deixe comigo a tarefa de defendê-la.

Sally ficou ali sentada, imóvel por alguns instantes, então sorriu docilmente.

— Quanto estou pagando por essa experiência? — perguntou. — Pensando melhor, não se dê o trabalho de responder. Cavalheiros não discutem questões financeiras. Diga: o que vai acontecer com minha criança se eu perder o caso amanhã?

— A senhorita terá que entregar o seu filho ao pai dele em local e data a serem decididos pela corte.

Sally arregalou os olhos e prendeu a respiração. Ela não era tão impassível quanto achava que fosse.

— E o senhor leu os documentos — ela disse com voz trêmula.

— Claro que sim — ele respondeu, arrogante.

— É uma pena não ter notado as muitas referências ao fato de que a criança é uma menina, não um menino — disse Sally, levantando-se. — Obrigada por me esclarecer a situação. Não tenho dúvidas de que o senhor terá no tribunal o mesmo desempenho eficaz que teve aqui hoje. Tenha uma boa noite.

Sem olhar para o sr. Adcock, Sally se virou e saiu da sala. Ouviu seu advogado gaguejar um pedido de desculpas, ouviu o conselheiro da Rainha responder ríspida e brevemente, ouviu os passos apressados do sr. Adcock saindo do edifício e seguindo-a pela estreita passagem da travessa Middle Temple.

Ela parou e esperou que ele a alcançasse.

— O sr. Coleman — ele começou a falar, sem fôlego — é um dos mais eminentes, respeitáveis advogados do reino. Se eu imaginasse que a senhorita o trataria com... perdoe-me mas devo dizer... insolência e desrespeito, eu nunca teria...

— Insolência e sarcasmo, acho que foi o que ele disse — interrompeu Sally. — Ele está errado de qualquer forma. Se não

sabia que minha criança era uma menina não deveria ter afirmado que leu todos os documentos do meu caso.

— É apenas um detalhe...

— Ah, ela é apenas um *detalhe*? É este o linguajar dos advogados para se referir a uma criança? Já escutei o suficiente desse vocabulário por hoje, obrigada, sr. Adcock.

Ela se virou, mas sentiu que ele a tocava no braço e se deteve.

— Srta. Lockhart, acredite, a intenção do sr. Coleman era simular o nível de tensão, de... de desconforto que a senhorita irá enfrentar amanhã. Foi perspicaz da parte dele, foi uma ilustração valiosa de como e a quê o outro lado indubitavelmente irá submeter a senhorita. E não se esqueça de que foi por insistência sua que marquei esta reunião. O tempo do sr. Coleman é tão incrivelmente valioso...

— Boa noite — disse, desvencilhando o braço da mão dele e indo embora.

Duas horas depois, completamente molhada e com frio, Sally chegou em casa. Um banho quente, um sanduíche, uma dose do uísque de Webster, algumas cartas, uma espiada em Harriet, um beijo de boa-noite e cama. Pela primeira vez em semanas ela dormiu perfeitamente bem. Havia tomado uma decisão. Sabia exatamente o que fazer.

CUSTÓDIA

Cicely Corrigan sentou-se nos fundos da sala de audiência do tribunal, nos assentos destinados ao público, e tentou entender o que ouvia. Estava praticamente sozinha. Havia um homem de cabelo preto, metido num largo sobretudo cinza, no outro extremo do banco, que passou todo o tempo escrevinhando num bloco de notas. Talvez, pensou, fosse um poeta morto de fome, que buscava nas salas de tribunais um lugar seco e aquecido para passar os dias.

A audiência não durou muito. Por causa da ausência de Sally, o resultado foi o esperado. O advogado de defesa fez um esforço acanhado para justificar a ausência de Sally, alegando que ela estava de tal forma tomada de remorso e arrependimento que não havia podido comparecer. E fez um apelo à corte para que adiasse o julgamento por seis meses, período este em que a defesa tentaria uma reconciliação. Mas o advogado do sr. Parrish contestou; o tempo para uma reaproximação havia muito já se esgotara. O sr. Parrish já fizera inúmeras tentativas de reconciliação, pessoalmente e por meio do advogado, e fora recebido com desprezo e rejeição pela outra parte. Obviamente, várias provas, incluindo cartas,

estavam à disposição, caso a corte desejasse examiná-las. A corte não quis. O sr. Parrish ficou todo o tempo sentado, com expressão humilde e triste, embora nobre, levando em consideração as circunstâncias.

Menos de vinte minutos depois de iniciada a audiência foi concluída. Foi proferida a sentença de dissolução do casamento, assim como a custódia da filha, Harriet Rosa Parrish, conhecida como Harriet Rosa Lockhart, foi dada ao pai, Arthur James Parrish. Os advogados de Sally foram notificados para que sua cliente entregasse a criança no escritório do advogado do sr. Parrish antes das cinco da tarde daquele mesmo dia, e naquele instante já eram onze horas da manhã. E, caso ela não o fizesse — não disseram isso, mas Sally sabia e tinha explicado a Cicely —, estaria desacatando a corte e poderia ser presa. A sorte havia sido lançada.

— Mas o que você vai fazer?

— Me esconder — Sally respondeu —, e então provar que ele mentiu. Coma outro pedaço de bolo.

Elas estavam numa casa de chá na Strand. Sally estivera ocupada durante todo o dia, mas arranjava tempo para encontrar Cicely às quatro e meia. Margaret estava com um cliente, senão estaria lá também. Cicely ainda estava perplexa com a nova faceta da sua srta. Lockhart: *mãe* de uma *criança*... Comeu o último pedaço do bolo automaticamente, evitando encarar Sally.

— Onde está a... Onde está sua... Onde está Harriet agora?

— Com uns amigos meus. Está segura. Ficaremos bem lá por alguns dias e depois vou procurar um lugar só nosso.

— Em Londres?

— Bem, se não conseguir me esconder em Londres, não conseguirei em nenhum outro lugar. Há dias só tenho pensado nisso. Sei que estou certa. Se fugir para o exterior, nunca descobrirei o que está por detrás disso... preciso estar por perto. Investigar. De nada me adiantaria também ir para uma pequena cidade no interior. E, certamente, eu ia chamar mais atenção do que se levasse uma melancia pendurada no pescoço, não acha? Mas em Londres ninguém nota ninguém. Somos todos anônimos. É o único lugar

onde posso estar. Sinto muito por causar tanto transtorno a Haddow e à senhorita. Sou-lhe muito grata, Cicely...

A srta. Lockhart estava diferente. Não parecia mais abatida; seus olhos brilhavam, a face estava corada e parecia até estar contente, apesar de tudo. Sally terminou o chá e pediu a conta.

— Diga à srta. Haddow que escreverei para ela hoje à noite. Não me arrisco a ir ao escritório, pois pode estar sendo vigiado, mas farei com que ela saiba sobre meu paradeiro. Vou precisar de um bom tempo para resolver essa história... ela talvez precise de um apoio extra, mas eu explicarei tudo na carta. Obrigada por tudo. Sei que isso não faz parte do seu trabalho...

Sally deixou Cicely na casa de chá e cobriu o pescoço e as bochechas com a gola de pele da capa antes de sair na úmida tarde.

Já escurecia e as ruas estavam repletas. Sally esperou pelo ônibus e, ao entrar no veículo abarrotado e sacolejante, sentou-se entre uma gorda senhora com um agasalho de mão e um senhor com um guarda-chuva molhado. Em seguida pôs-se a pensar no que iria fazer. Dar jantar para Harriet, colocá-la na cama e contar à filha que no dia seguinte sairiam numa aventura, como a de Jim e do tio Webster, e então, antes das preces, cantaria as cantigas favoritas de Harriet.

E então, quando Harriet já estivesse dormindo, Sally iria pedir ao sr. e à sra. Molloy que a acolhessem numa emergência, que a autorizassem a usar a residência deles para os encontros com Margaret, e para que Sarah-Jane Russell pudesse ir e deixar notícias sobre Twickenham. Depois, jantar e cama. Não estava cansada, mas sabia que dormiria.

O ônibus parou. Ela se espremeu entre as pessoas em direção à saída e saltou. Agora estava completamente escuro. As lamparinas reluziam como enormes dalias fantasmagóricas em meio à garoa. As pessoas na rua passavam apressadas, cabisbaixas, embrulhadas em sobretudos com golas altas e cachecóis. Um varredor rondava a cabine de condutores de cabriolés, a postos para o caso de ter que sair em disparada e abrir caminho com a vassoura e limpar a via, se alguém fosse cruzar a rua. Numa das esquinas da praça onde Sally

entrava um vendedor de castanhas torradas estava agachado, taciturno, sobre o braseiro. Sem se importar em anunciar seus produtos, ele apenas mexia as castanhas sobre o fogo quando ameaçavam queimar.

Sally cruzou a praça. Vivera ali algum tempo, quando Harriet ainda não era nascida. A pensão pertencia a dois velhos amigos, Trembler Molloy e sua esposa. Trembler havia trabalhado para Frederick quando Sally conheceu a família Garland, e quando a esposa de Trembler recebeu uma herança, Sally os auxiliou na compra da casa e na abertura do negócio.

A pensão ficava do outro lado da praça, depois das árvores, no pequeno jardim central, e Sally demorou a avistá-la. E quando a viu parou na mesma hora.

Havia uma carruagem parada em frente à casa. Dois homens se encontravam na escada e um deles era policial.

Sally achou que o coração fosse parar. Não era possível que já a tivessem encontrado... Ela recuou, entrou no quintal da casa mais próxima e espreitou pela grade do portão.

A silhueta da sra. Molloy era visível na soleira da porta iluminada pela luz do interior da habitação. Ela olhava para alguma coisa que o policial lhe mostrava e balançava a cabeça. O outro homem avançou um degrau, e parecia argumentar, enquanto a sra. Molloy balançava a cabeça negativamente. Sally não conseguia ouvir nada do que eles conversavam por causa do ruído do tráfego na rua atrás dela e do constante e pesado som de goteiras produzidas pela chuva: era como assistir a três pequenas personagens num teatro de sombra.

Ah, não os deixe entrar, sussurrou Sally, aflita...

Então os homens se viraram e caminharam em direção à rua. A sra. Molloy bateu a porta, cujo estrondo Sally pôde ouvir, enquanto os dois sujeitos entravam no carro.

O condutor apertou as rédeas do cavalo e o veículo se afastou do meio-fio, indo na direção de Sally. Ela se escondeu debaixo das escadas, e, preocupada com a luz que vinha da janela da cozinha acima dela, escondeu o rosto com a gola da capa.

Assim que a carruagem virou a esquina e desapareceu, Sally saiu de onde estava e correu pela calçada, escorregando no piso molhado, e só não caiu porque se segurou na grade de uma das casas. Em seguida correu até a casa dos Molloy e bateu à porta, desesperada.

— Sou eu, Sally! — exclamou ela pela abertura das correspondências. — Sra. Molloy, sou eu!

Ouviu os passos da senhora. A porta se abriu pouco depois e Sally adentrou agoniada o pequeno hall.

— Ela está bem? Está aqui?

— Pelo bom Senhor, senhorita, quem pensa que sou? — disse a sra. Molloy. — Não os deixaria entrar de jeito nenhum, não tenha medo. Mas disseram que voltarão em meia hora com um mandado de busca. É melhor a senhorita...

— Meia hora? Preciso ir embora agora! Vou levá-la. Poderia me ajudar... poderia vesti-la para o frio? Vou pôr umas roupas na mala. Ah, e será que o sr. Molloy poderia chamar um carro para mim?

— Para onde vai? — a sra. Molloy perguntou preocupada.

— Não sei. Qualquer lugar. Pensarei no caminho. Por favor, sra. Molloy... para o caso de eles voltarem antes do previsto...

A senhora, firme e segura, confirmou o pedido com a cabeça, mas sua fisionomia estampava dúvidas. Sally correu pelas escadas até o primeiro andar, apanhou no quarto a mala que havia levado da Casa do Pomar, dentro jogou algumas roupas, produtos de higiene, uns sapatos e sua agenda, que estava no criado-mudo; e, por último, um pequeno pacote envolto em tecido impermeável, que tombou pesado sobre a pilha de roupas na mala. Era a pistola.

Olhou em volta, mas não havia levado muito de casa: a bolsa, o talão de cheques, as chaves.

Fechou a mala e a carregou apressadamente até o térreo. Lá encontrou o sr. Molloy, com um cachecol e chapéu-coco, vindo da rua.

— A carruagem está à sua espera, senhorita — disse. — É uma de quatro rodas. Um pouco desconfortável se a senhorita for muito longe...

— Deus o abençoe — Sally disse. — Harriet...

— Minha senhora está cuidando dela. É uma aventura e tanto para a menina. Mas, não sei, as crianças de hoje estão sempre nos surpreendendo. Nada as abala. Para onde vai, senhorita?

— Honestamente, não sei. Mas escreverei assim que souber.

— Não se preocupe, senhorita, nunca iremos entregá-la. Pode ficar aqui se desejar, a senhorita sabe disso, não sabe?

— Com um mandado de busca, eles acabariam nos descobrindo...

Uma porta se abriu e a pequena Harriet apareceu, seguida pela sra. Molloy, que carregava uma grande sacola de papel.

— Mãe — disse Harriet, e logo acrescentou com voz abafada, pois Sally se curvou rapidamente e a abraçou: — *Bicoito!* Olha.

Ela se contorceu impaciente para se livrar do abraço e apanhou um do saco.

— Coloquei alguns biscoitos recém-saídos do forno no saco — esclareceu a sra. Molloy. — Nunca se sabe, não é? — disse.

— Deixe-me carregar a sua mala, senhorita — pediu o marido.

A sra. Molloy se agachou para dar um beijo em Harriet, que retribuiu o abraço distraidamente, enquanto se agarrava ao saco de biscoitos. Estava tão empacotada — com chapéu, casaco, luvas e botas — que mal conseguia se mover. Sally a pegou no colo e antes de agarrar sua bolsa de pele de carneiro caracul e ajeitar a alça sobre o ombro com a outra mão endireitou o chapéu na filha.

— Limpei e troquei a fralda há pouco — a sra. Molloy sussurrou. — Não vai precisar trocar por algum tempo. Ah, antes que eu me esqueça, estão todas limpas e secas, e aqui também estão os produtos para a higiene...

Pegou uma avantajada bolsa de pano branco com fraldas dobradas e a entregou ao marido assim que ele reapareceu à porta de entrada. Sally queria dizer a eles um monte de coisas, mas só teve tempo de dizer uma:

— Obrigada. Não sei o que teria sido de mim... Escrevo para vocês amanhã. Adeus.

Harriet, olhando tudo com ares de realza, sob a aba do chapéu felpudo, percebeu o que estava acontecendo e transferiu o saco de

biscoitos para a mão esquerda e deu tchau com a direita. Então, após uma troca de olhares de agradecimento e alguns movimentos atrapalhados, Sally e o sr. Molloy levaram as bolsas para o cabriolé e Harriet se sentou próxima à janela.

— Para onde, madame? — perguntou o cocheiro.

— Ah. É... Charing Cross, por favor — disse Sally.

Ela fechou a porta do veículo e se sentou, pondo Harriet no colo. O cocheiro falou suavemente com o cavalo, soltou o freio e a carruagem partiu. Sally se virou para trás e acenou até perdê-los de vista, quando o carro virou a esquina e a porta da casa que tão bem a acolhera desapareceu.

LIVRO DOIS

RUA VILLIERS

Sally encontrou uma pensão na rua Villiers — uma travessa ao lado da estação Charing Cross. A dona da pensão que Sally escolheu era alemã; não demonstrou qualquer interesse em Sally, exceto por seu dinheiro. Sally pagou um guinéu adiantado para uma semana de estadia: quarto com saleta privativa. Carvão e velas não estavam incluídos no preço e Sally pagou por eles. Não havia serviço de quarto, nem lavavam roupas; as refeições poderiam ser servidas sob prévia negociação. Sally negociou.

— Seu nome, por favor — pediu a dona do estabelecimento, após anotar tudo que haviam acertado. Elas se encontravam num frio e sombrio corredor, com Harriet observando tudo, desconfiada, ainda agarrada ao saco de biscoitos.

— Sra. Marchbanks — Sally respondeu de improviso. Manteve a mão esquerda dentro do abrigo de mão: precisava comprar uma aliança. O que usavam as viúvas? Devia se passar por viúva; era menos suspeito. Havia tanto a descobrir.

— Ela molha a cama? — perguntou a dona do estabelecimento.

— Ah... não. Quer dizer, quase nunca. Às vezes.

— Vou te dar uma capa de plástico. Por favor, coloque sobre o colchão. Venha por aqui.

Com a bolsa feita de carpete debaixo do braço, a bolsa de pano de Harriet numa das mãos e a filha no outro braço, Sally seguiu a mulher por uma estreita escada até o segundo andar. A mulher pôs a vela que carregava no peitoril da janela e, pegando um molho de chaves, retirou uma e destrancou a porta mais próxima.

— Aqui está — disse. — Vou providenciar a capa de plástico. Por favor, não se esqueça.

Sally entrou na pequena e fria saleta e pôs Harriet no sofá.

— Há somente uma cama — informou a mulher. — Ela terá que dormir com a senhora. Vou buscar umas velas e carvão. Espere aqui.

A proprietária desapareceu. Sally pôs a mala no chão e foi até a janela. A rua reluzia úmida sob as luzes de um pub ao lado e meia dúzia de postes de luz a gás. Mais adiante, para a direita, a rua Strand estava movimentada, com ecos dos sons de rodas e ferraduras sobre os paralelepípedos, e dos gritos de dois vendedores de jornais rivais do lado de fora da estação. Ali era mais barulhento que em Islington e bem mais barulhento que a silenciosa Casa do Pomar.

— Mamãe — disse Harriet —, escuro.

Sally se virou e se sentou, pondo a criança no colo. Desamarrou o laçarote do gorro de pele e tirou-o da cabeça da filha, acariciando seus cabelos louros e cacheados, quase tão crespos quanto os do pai.

— Sim, está escuro, mas a senhora está trazendo velas e logo ficará claro. E acenderemos uma lareira para nos mantermos aquecidas, e comeremos biscoitos, o que acha?

— Todo o *bicoito*.

— Vamos guardar alguns para amanhã, e depois você vai para a cama.

— *Todo o bicoito*.

— Vamos ver. Olhe, aí vem a luz.

Harriet olhou em volta e viu um menino magricelo, fungando, trazendo um balde com carvão em brasa e em seguida despejando

um pouco do carvão na lareira. Sem prestar atenção em Sally ou Harriet, ele tirou uma vela do bolso do colete, encaixou-a no castiçal no parapeito da lareira e acendeu um fósforo. Depois da vela acesa, ele mexeu no punhado de carvão dentro da lareira com uma pá e esvaziou o balde, jogando o restante do carvão sobre a brasa. Misturou o carvão quente com o restante despejado e se retirou.

— Espero que a brasa não se apague — disse Sally. — Não tenho fósforos. Talvez ele tenha trazido um pouco de lenha...

Levantou-se e organizou o fogo de maneira mais eficiente. O quarto parecia um pouco mais acolhedor com a luz da vela, porém não muito. Harriet se apoiou no encosto do sofá e tirou as luvas para poder enfiar o dedo na boca.

— Com sono, minha pequena? — perguntou Sally.

— Mmm.

— Não durma ainda. Vou trocar sua roupa e colocá-la na cama. Não vai demorar.

Pouco tempo depois a dona da pensão retornou com mais velas, achas para o fogo e um grosseiro plástico. Ela concordou em trazer um pouco de leite para Harriet e uma xícara de chá, pão e queijo para Sally. Cinco minutos depois o fogo queimava com intensidade, as velas reluziam pelo quarto, as cortinas e a porta fechadas.

Enquanto Harriet tomava seu leite e comia biscoitos à mesa, Sally levou uma vela para o quarto. Estava frio e a roupa de cama parecia não ter sido trocada, cheirava a mofo. Sally tirou os lençóis e as cobertas e levou tudo para junto da lareira. Então desdobrou a capa de plástico e a colocou sobre o colchão.

— Terá de crescer rápido, pequenina — sussurrou Sally.

Havia um urinol embaixo da cama, e no andar debaixo um banheiro e um lavabo. Sally pegou a jarra da bacia sobre o tripé que havia no quarto, pegou um pouco de água quente e depois tirou da mala os artigos de higiene pessoal.

Harriet já havia terminado o leite e Sally tirou a roupa da filha; a fralda ainda estava seca, para sorte de Sally. Harriet estava muito sonolenta; as bochechas estavam ruborizadas e ela chupava o polegar. Sally sentou a filha na bacia e a lavou, para em seguida

vesti-la com a camisola e escovar seus cabelos. Depois refez a cama, já com as cobertas aquecidas pelo fogo da lareira.

Quando carregava a filha para cama, Harriet começou a chorar — com soluços desesperados.

— O que foi? Qual é o problema, querida?

— Carneirinho, Carneirinho...

Desde a perda de Bruin, o cordeiro de pelúcia havia se tornado o bichinho de estimação de Harriet para dormir. E haviam esquecido o animal na casa dos Molloy. Sally se sentou na cama e abraçou a filha, ninando-a carinhosamente, enquanto a menina pressionava o rosto no ombro da mãe.

— Calma, querida... calma... escute, amanhã escreveremos para a senhora Molloy e pediremos a ela que entregue Carneirinho para o carteiro trazer até aqui, está bem? Poremos a carta no correio amanhã cedo. Estamos vivendo uma aventura. Carneirinho... Carneirinho ficou lá para cuidar do sr. e da sra. Molloy esta noite. Porque ele é um cordeiro muito valente. Mas — Sally teve uma ideia: Sally pôs a pequena na cama tão subitamente que a filha parou de chorar tamanha a surpresa do movimento. — Olha lá, um camundongo!

Procurando lembrar como fazê-lo, Sally pegou um lenço da bolsa, sacudiu-o e então o dobrou, torcendo e esticando, e dando nós até formar uma criatura com duas orelhas e um rabo. O pai de Sally havia lhe ensinado a proeza quando ela era pequena.

Harriet pegou o pano e levou-o ao peito com uma das mãos, enquanto o polegar da outra mão permanecia firme na boca. Sally beijou a filha, deitou-a e a cobriu, e apagou a vela ao seu lado. Um fio de luz vinha da saleta e Sally podia ver apenas lampejos de lágrimas no rosto de Harriet.

Lavanda azul, dilly-dilly,
Lavanda verde,
Quando eu for rei, dilly-dilly,
Você será minha rainha...

Sally se lembrou de quando era pequena e ficava doente e o pai, sentado pacientemente no escuro ao seu lado, com sua voz cheia, cantava velhas cantigas como essa, contava histórias, ajudando-a a se sentir melhor e a protegendo. Sally não havia conhecido a mãe. Ele fora pai e mãe para ela, assim como ela era pai e mãe para Harriet.

A menina dormiu rapidamente. Sally ajeitou as cobertas da filha e foi para a saleta na ponta dos pés.

O fogo estava quase apagado. Sally se ajoelhou e tentou reacendê-lo, com algumas folhas de jornal, gravetos e carvão seco. Quando o fogo já estava estável, ela se levantou e olhou as mãos sujas. Não havia onde lavá-las, a não ser que descesse ao lavabo. Esfregou-as na saia e se sentou à mesa, exausta, afastando os cabelos dos olhos com o punho.

Respirou fundo e expirou lentamente. Então trouxe a vela para mais perto, apanhou na bolsa acarpetada um caderno de notas, um lápis e se pôs a escrever.

25 de outubro de 1881

Não sei o que fazer. Não sei direito como lavá-la, como alimentá-la e muito menos como conseguiremos sair desta situação, mas, afinal de contas, muitas mulheres conseguem. Estou acostumada com Sarah-Jane fazendo tudo (lembrete: enviar dinheiro para ela equivalente a um mês — será que estaria tudo resolvido até lá?) e simplesmente não tinha ideia do tanto que há por fazer e com que se preocupar na rotina diária de uma criança.

O que farei?

Temos dez libras ou um pouco mais. Precisarei ir ao banco retirar mais amanhã e abrir uma nova conta com outro nome. E comprar uma aliança. As viúvas usam na outra mão ou coisa parecida? A quem posso perguntar? Como não sei isso? Acho que dará para vivermos sem problemas por enquanto. Encontraremos um lugar melhor que este, mas não posso, não devo de jeito nenhum, ter nenhum contato com a Casa do Pomar ou com os

Molloy, com a loja, o escritório ou com qualquer conhecido. A não ser por meio de cartas.

Será que terei de viver assim pelo resto da vida?

Muito menos ter contato com o advogado. Ele vai apelar contra a decisão? Podemos apelar? Creio que posso ao menos escrever para ele. Embora suspeite já ter queimado todas as minhas possibilidades com ele.

O que preciso fazer, já que não tenho como provar que H não é filha de Parrish, é descobrir por que ele está fazendo isso comigo e quem está por detrás disso. Por detrás dele. Descobrir tudo que puder. Se ele estiver fazendo alguma coisa ilegal, não darão a custódia a ele.

E ainda tem o clérigo. O sr. Beech (lembrete: avisar a Rosa sobre o novo endereço assim que estivermos em segurança). O ponto mais fraco dele é o registro civil. Se conseguir descobrir por que

Sally interrompeu a escrita ao ouvir Harriet se esticar, mas ela ainda dormia e murmurava alguma coisa em seu sono. Pôs mais carvão na lareira e voltou a se sentar.

então poderei derrotá-lo. É minha única chance.

Um pouco mais cedo, à noite, Ellie ouviu alguém bater à porta da Casa do Pomar. Deixou o jogo de paciência na mesa da cozinha e falou:

— Quem pode ser?

— Não saberá se não for ver — disse a sra. Perkins, que lia o jornal numa cadeira de balanço.

Ellie se levantou receosa. Assim como Sarah-Jane Russell, já havia tido uma entrevista desagradável com a polícia, começava a se perguntar se não tinha falado demais ou deixado escapar o paradeiro de Sally a alguém. E agora podia ser o sargento que voltava ao se lembrar de mais perguntas ou, quem sabe, eles tivessem um mandado de busca da casa.

Mas não era um policial. Era um jovem de cabelos escuros num sobretudo pesado e grosseiro. À primeira vista achou que fosse um mendigo, inclusive pelo leve sotaque estrangeiro, mas o rapaz parecia bem-educado.

— Estou à procura da srta. Lockhart — disse. — Ela se encontra?

— Não, senhor — disse. — Não sei onde ela está.

— Quem responde pela casa na sua ausência?

Ellie ouviu a voz de Sarah-Jane atrás dela e se virou.

— Posso saber seu nome? — perguntou Sarah-Jane.

— Daniel Goldberg. Sou jornalista. Sei o que aconteceu com a srta. Lockhart e acho que posso ajudá-la, mas preciso conversar com ela pessoalmente.

Ellie pôs-se de lado, mas Sarah-Jane não se aproximou da porta; ambas desconfiavam de estranhos.

— Não posso dizer onde a srta. Lockhart está, porque não sei — disse Sarah-Jane. — Ela não voltou desde que saiu nesta manhã. Não sei quando vai voltar. Mesmo se soubesse, acho que não poderia contar, mas realmente não tenho ideia.

— Posso deixar um recado para ela? — pediu o estranho.

— Não vejo problema — disse Sarah-Jane. — O senhor não vai escrever sobre isso, vai? Vai sair nos jornais?

— Ainda não. — Ele escreveu algo num caderno, destacou a folha, dobrou e nela escreveu o nome de Sally no verso. — Por favor, entregue isto a ela. É importante. Boa noite.

Ele fez um cumprimento com o chapéu preto de abas largas e se retirou. Ellie fechou a porta em seguida.

Sarah-Jane olhou o bilhete desconfiada.

— Acha que ele tá falando a verdade? — perguntou Ellie.

— Não sei. Não sei nada. Acho que não custa mandar a mensagem para a sra. Molloy... Mas se ela não estiver lá, como o policial disse, ela não vai receber.

— Melhor deixar aqui — disse Ellie —, até a gente receber alguma notícia.

Sarah-Jane concordou. Deixou o bilhete na mesinha do corredor e Ellie voltou para a cozinha.

O GERENTE DE BANCO

Sally despertou várias vezes durante a noite, devido à cama estreita e ao sono agitado de Harriet. A filha chegou a dar um grito, mas o abraço caloroso de Sally logo a acalmou. Quando julgou que era hora de acordar, tensa e cansada, vestiu o penhoar e deixou a filha dormindo, enquanto acendia a lareira e punha a chaleira com água para ferver. Seria possível continuar vivendo daquele jeito por muito mais tempo?, perguntou-se. Era tudo tão precário e provisório! Precisava encontrar um lugar mais apropriado tão logo fosse possível. Então poderia buscar Sarah-Jane e começar a desvendar o mistério.

Preparou um chá e foi acordar Harriet. Naquele curto espaço de tempo, a menina havia feito xixi na cama. Sally ficou ali parada, indecisa. O que Sarah-Jane faria? Não conseguia se lembrar. O que ela, Sally, deveria fazer?

Levantou as cobertas para que não ficassem molhadas e então tirou a filha da cama. Harriet protestou e tentou voltar, mas Sally a levou até a saleta e a pôs de pé em frente à lareira antes de retirar o lençol da cama. E agora? Teria de lavar a filha, mas como iria lá embaixo pegar água quente e deixar a menina sozinha com a lareira

acesa? Da próxima vez pegaria a água antes de Harriet acordar. E faria o chá depois. Até conseguir tomá-lo já estaria frio e a água que usara para o chá poderia ter servido para lavar a filha.

— Fique aqui, querida — disse. — Mamãe vai pegar um pouco de água. Não chegue perto do fogo...

Pegou a jarra e desceu correndo até o banheiro. Estava ocupado. Mais indecisão, e então uma porta ao lado do banheiro se abriu e um homem saiu vestido com um sobretudo e um chapéu-coco. Ele a olhou boquiaberto, chocado em vê-la de penhoar, e então desviou o olhar e desceu mais um lance de escadas. Sally ficou ali parada, ruborizada pelo constrangimento. Então a porta do banheiro se abriu e outro homem surgiu, também todo vestido. Assim como o homem anterior, ele fez uma pausa e então a olhou como se fosse dizer alguma coisa, mas apenas franziu a testa e desceu as escadas.

Sally rangeu os dentes e entrou no banheiro rapidamente, encheu a jarra com água quente do aquecedor a gás e correu de volta para o quarto, fechando bem a porta.

— Vamos lá, Hattie, vamos tomar um banho — disse, despejando a água na bacia.

— Não — disse Harriet, ainda sonolenta, e fincou os pés entre as pernas de Sally, como um filhote em busca de refúgio.

Sally a despiu, retirando a camisola molhada e pegajosa, e após passar a esponja molhada pelo corpo da filha, envolveu-a com a toalha, enquanto procurava uma roupa limpa para vesti-la. Mas tinha saído com tanta pressa que se esquecera das meias-calças de Harriet.

— Terá de vestir as meias de ontem. Mais tarde compraremos novos pares para você. E acho que a mamãe também terá que vestir as mesmas de ontem. Vamos, agora se levante...

Quando vestia a filha, percebeu que o fogo havia se apagado. Não restava mais papel para reacendê-lo.

— Ah, minha menininha, está difícil, não está? — disse, pondo a menina sentada na poltrona.

Os olhos de Harriet a encararam ainda sonolentos e então se fecharam, preguiçosamente, e a menina se remexeu no couro frio e

escorregadio da poltrona como se procurasse uma posição mais confortável.

— Fique aí um pouco — disse Sally. — Mamãe vai se vestir e então nós vamos... Não sei. Vamos tomar café da manhã.

Com o lençol que havia tirado da cama Sally secou o plástico com que cobrira o colchão e então se vestiu. Ia descer e pegar mais água para se lavar, mas não desejava que ninguém mais a visse de penhoar pelos corredores. Precisava de mais privacidade.

E limpeza. Até encontrar um lugar em que se sentisse mais à vontade, onde pudesse lavar roupa, teria que comprar dezenas de meias compridas para ambas, e calças íntimas também. Faria uma lista depois do café da manhã. Mas precisava encontrar logo outro lugar para ficarem.

Após pegar água, despiu-se, lavou-se, voltou a se vestir e então se sentiu um pouco melhor. O relógio batia oito horas da manhã e do lado de fora o dia estava úmido e enevoado. Dava para ouvir o barulho do trânsito na rua Strand. Sally ergueu Harriet até o parapeito da janela para mostrar-lhe a rua lá fora.

— Ouça! — disse. — Consegue ouvir o barulho do trem?

O apito do trem soou de algum lugar atrás do escuro muro da estação Charing Cross. Harriet apontou para alguém na rua.

— Tommy! — disse.

Um homem numa carroça de leite enchia duas enormes jarras para uma criada. O cavalo estava parado placidamente, sacudindo a cabeça.

— Não, não é o Tommy, mas se parece com ele — concordou Sally. — É outro leiteiro. É o leiteiro de Charing Cross.

Havia muito que observar na rua: um varredor, um vendedor de jornais, várias carruagens. Harriet gostava mais dos cabriolés, por causa do movimento elegante que faziam com apenas suas duas rodas pelas ruas. Em seguida, um policial, grande e gordo, como costumavam ser os policiais, dois pardais e um pombo, uma senhora com um pequeno e saltitante cachorro preto que fez Harriet rir.

Ao pressionarem os rostos no vidro da janela, elas puderam ver a rua Strand e os anúncios nas laterais dos ônibus que passavam.

Harriet inventava nomes nos anúncios e Sally a corrigia, divertida, lendo-os corretamente.

Às oito e meia da manhã, bateram à porta da saleta e a dona da pousada entrou com uma bandeja com chá, torradas, manteiga e geleia. Ainda sem entender onde estava e quem era aquela mulher e sem gostar da cara amarrada, Harriet se sentou imóvel e desconfiada, enquanto Sally explicava sobre os lençóis e pedia mais lenha e papel para a lareira.

Depois, as duas foram para o quarto. Harriet olhou para a bandeja, as torradas eram bem finas. Perguntou-se se teria o mesmo gosto das torradas grossas. Em seguida sua mãe voltou do quarto com a senhora. A mãe parecia aborrecida e a senhora carregava o lençol contrariada. Elas estavam zangadas com ela, pensou Harriet, e sentiu medo.

Mas assim que a senhora se retirou, sua mãe foi beijá-la e as duas comeram torradas, que tinham o gosto de sempre, mas os da geleia e do leite eram diferentes dos que ela conhecia.

O que acontecera fora que a dona do estabelecimento havia falado a Sally das reclamações que recebera por Sally ter aparecido em vestimentas impróprias na frente de hóspedes do sexo masculino. O comportamento era intolerável, na opinião da dona do lugar, e Sally teria que se retirar da pensão naquele mesmo dia.

Os protestos de Sally de nada serviram. A mulher já havia tomado sua decisão, imutável, resoluta a ponto dela reembolsar Sally pelo dinheiro adiantado pelo restante da semana. Sally deveria ir embora assim que terminassem de comer.

Quando a discussão (embora muito decorosa, sem alteração de voz e educada, de ambas as partes) terminou, e Sally já se encontrava sentada passando manteiga na torrada de Harriet, Sally sentiu um surpreendente alívio. Era o destino, pensou. Não tinha gostado do lugar mesmo.

— Vamos encontrar outra casa hoje — disse a Harriet —, e depois vamos buscar Sarah-Jane para viver conosco, o que acha?

— E Carneirinho.

— Ah, e Carneirinho, claro. Escreveremos para a sra. Molloy e ela dará Carneirinho ao carteiro, lembra? Agora coma tudo. Vamos fazer as malas e começar a procurar um lugar novo. Temos o dia todo.

Cerca de 45 minutos depois, e após um gélido diálogo com a dona da pensão, Sally e Harriet estavam na rua Strand. Chuviscava pouco, mas estava frio e úmido, o ar estava tão saturado de umidade que se condensou na bolsa felpuda usada também de abrigo de mão, mesmo antes de saírem da rua Villiers.

Sally queria ir primeiro ao banco, o London and Counties, que ficava a quase um quilômetro de onde estavam. Agarrando as bolsas e malas em uma das mãos e segurando Harriet com a outra, pôs-se a andar entre a multidão, sem conseguir escapar dos esbarrões — meninos que vendiam jornais, engraxates, homens apressados para o trabalho, damas fazendo compras, porteiros em serviço, mensageiros correndo, como peixes contra a corrente. Sally estava ciente todo o tempo de que o escritório de Arthur Parrish não ficava muito distante dali e que não podia ser vista.

Tentava se convencer de que aquela possibilidade era absurda e que ninguém a veria numa rua movimentada daquelas, que estava segura, mas mesmo assim ficou nervosa. Chamava atenção com aquelas pesadas bolsas.

Ao chegar ao banco, pôs Harriet sentada numa cadeira ao lado da bagagem.

— Tome conta de tudo — pediu. — Mamãe vai pegar um pouco de dinheiro.

Ela tinha duzentas libras na conta. Se retirasse tudo e pusesse em outra conta, com outro nome, teria condições de alugar uma casa modesta ou um apartamento por um ano e viver confortavelmente. Não gostava da ideia de carregar todo aquele dinheiro na bolsa, embora não fosse muito longe. Havia vários bancos nas proximidades. Não podia solicitar o montante em cheque, pois correria o risco de ser rastreada. Já dinheiro era irrastrável.

Foi ao caixa e explicou o que queria. Estava prestes a assinar o pedido de retirada do dinheiro quando viu a expressão no rosto do homem.

— Dê-me licença, srta. Lockhart — e se levantou. — Preciso checar um detalhe com o gerente.

Com um olhar curioso para ela, ele se retirou e entrou numa sala. Sally ouviu sinais de alarme tocando em seu coração. Olhou em volta. Harriet brincava em silêncio, contando os anéis talhados no pé de mogno da mesa ao lado dela. O porteiro, resplandecente em seu uniforme, estava parado próximo, com expressão benevolente para a menina, erguendo o chapéu ao abrir a porta para uma senhora que saía do banco. Será que ele a deteria se tentasse fugir com Harriet.

— Srta. Lockhart?

O gerente estava atrás do balcão, ao lado do constrangido caixa. Era um careca de meia-idade e sorria condescendente; Sally havia estado com ele uma ou duas vezes antes, porém nenhuma no último ano.

— Desejo tirar algum dinheiro de minha conta — disse Sally. — Há algum problema?

— Acho melhor conversarmos em particular — disse ele. — Por gentileza, a senhorita poderia me acompanhar até minha sala?

Sally pensou: más notícias. Ele vai me contar alguma coisa ruim. O caixa trocou olhares com o gerente e então se dirigiu até o porteiro, como se estivesse contando uma piada.

Ela foi buscar Harriet e seguiu o gerente até o final de um corredor. Na sala, sentou-se à mesa em frente ao gerente esperando que ele se pronunciasse. Harriet estava no seu colo, assustada.

— O que foi, sr. Emes? Por que não posso ter o meu dinheiro?

— Não há dinheiro na sua conta — explicou ele. — Na verdade, a conta foi encerrada.

Sally sentiu o queixo cair. Realmente estava, notou, sentindo-se uma boba, logo voltou a fechar a boca.

— Como é que é? O que aconteceu com o meu dinheiro? Tinha duzentas libras na minha conta. Onde foi parar?

— Seu... é... seu marido esteve aqui hoje, bem cedo, com documentos emitidos pelo tribunal dando a ele poderes de... Eu não tinha como, entenda... Estava acompanhado de um advogado e...

— O senhor deu a ele meu dinheiro?

— O dinheiro dele. Perante a lei, os bens de uma esposa pertencem ao marido para que ele os utilize como bem entender. A não ser que haja um acordo, por assim dizer. E o advogado...

— Mas não sou casada com aquele homem! Nunca fui! Ele não é meu marido!

Harriet olhava a mãe com olhos arregalados, alarmada. Sally acariciou os cabelos da filha na mesma hora.

— Srta.... é... srta. Lockhart, não havia possibilidade de dúvidas. O advogado exibiu todos os papéis necessários. Fiquei perplexo quando a informação chegou a mim pela primeira vez, como a senhorita pode imaginar. Mas tomei todas as precauções para me certificar de que estava fazendo a coisa certa.

— Então o senhor já sabia. E por que cargas-d'água não me avisou antes?

— A senhorita não estava aqui.

— Mas meu dinheiro... — Sally passou as mãos pelo rosto desesperada, sacudindo a cabeça.

— Legalmente, o dinheiro é dele. Preciso lembrá-la disso. O banco nada fez de errado.

— O senhor deixou aquele homem... aquele estranho... sair daqui com o meu dinheiro?

Estava tão chocada que não conseguia sentir raiva. Ficou ali sentada, sem fôlego, aturdida.

— Ele está longe de ser um estranho, creio eu — disse o gerente.

— Os princípios da lei estabelecem claramente que o marido...

— Há quanto tempo ele vinha arquitetando isso?

— Naturalmente, o banco não iria entregar o dinheiro de um cliente de maneira irresponsável. Já havíamos recebido uma notificação há algum tempo. Foi necessário providenciar os documentos necessários para concluir as formalidades, e com a decisão da corte, ontem...

Sally se levantou. No meio de seu choque, ela se lembrou do caixa e do porteiro. Será que ele tinha dado uma mensagem ao porteiro? O escritório de Parrish ficava a poucas ruas de distância;

ele poderia estar chegando no banco naquele instante. Ela pegou a filha e a manteve próxima.

— O senhor teve uma atitude abominável — disse ao gerente. — Não consigo encontrar as palavras apropriadas para descrever quão desprezível o senhor é. Permitiu que esse homem... esse ladrão... roubasse todo o meu dinheiro... o senhor entregou tudo a ele e nem ao menos se deu o trabalho de me avisar, seu trapaceiro, mentiroso, covarde...

O rosto descarnado do homem mostrou-se perverso como o de uma ratazana. As faces reluziam suadas, mas seu sorriso era mais insosso que nunca. Sally se virou rapidamente e se retirou. O caixa estava na porta de saída como se à espera de alguém. O porteiro ausentara-se. Sally estava certa. Quando ela seguiu, decidida, em direção à porta, o caixa ensaiou um movimento para detê-la, e ela parou.

— Se encostar em um fio de cabelo meu — disse em alto e bom tom — irá se arrepender para o resto da vida. Agora, saia do meu caminho imediatamente.

Algumas pessoas se viraram. Sally reparou nos semblantes perplexos, pescoços esticados. Ela deu um passo à frente e o caixa recuou. Sally abriu a porta e saiu, e minutos depois ela e Harriet estavam a quase 200 metros de distância, misturadas à multidão anônima da Strand.

Harriet puxava a mão da mãe. Sussurrava alguma coisa. Sally se agachou para ouvir, mas não conseguiu entender o que a menina dizia. Pegou-a no colo, mas ainda assim um zumbido no ouvido a impedia de ouvir a filha. Apenas beijou Harriet e continuou caminhando. Harriet se calou. Normalmente, Sally falava e Harriet balbuciava de volta, e embora não fosse realmente uma conversa, elas conversavam do jeito delas. Sally, lábios tensos e presos, não falava naquela manhã, logo Harriet também não falava.

Ainda não eram dez horas, viu Sally num relógio de uma tabacaria. Talvez fosse uma boa ideia sentar, tomar um café, conversar com Harriet, acalmar-se um pouco.

Havia uma casa de chá do outro lado da rua. Em cinco minutos estavam sentadas a uma mesa de canto e Harriet tomava um grande copo de leite, enquanto Sally observava a funcionária servir um café fumegante de um bule de prata.

— Poderia me trazer o jornal? — pediu.

— Certamente, senhora — disse a moça.

Senhora. Teria que se acostumar com o novo tratamento. Era uma senhora... Ah, sra. Jones... Já estava exausta, e não eram nem dez horas da manhã ainda. E todo aquele dinheiro... Ela tremia. O que iria fazer? Bem, havia o suficiente na bolsa para pagar por uma pensão e sobreviver por algumas semanas. Até lá teria tempo para escrever para Margaret pedindo que vendesse algumas ações.

— Mamãe?

— Sim, querida?

— Quero Carneirinho.

— Eu sei. Assim que chegarmos na casa nova vamos escrever para que tragam ele para você, lembra?

— Que casa nova?

— Bem, não gostamos muito da casa onde dormimos hoje, por isso, obrigada — disse à moça que lhe trouxe o jornal. — Vamos nos mudar para outra casa. Uma casa boa.

— E Sarah-Jane — disse Harriet com firmeza.

— Bem... não por enquanto. Mas em breve. Em breve, eu prometo. Precisamos encontrar uma bela casa. E encontraremos. Mas a mamãe precisa ler o jornal para saber aonde ir.

— Por quê?

— Porque... porque é onde se procura esse tipo de coisa. Nos classificados. Agora fique quietinha enquanto a mamãe procura.

Harriet obedeceu apesar de não ter ficado nem um pouco satisfeita com a resposta. Tirou as luvas e com os dedos percorreu a estampa em alto-relevo da toalha de mesa. Os odores no local eram agradáveis. Ela não conseguia se lembrar de que não havia gostado da casa onde haviam dormido na noite anterior. Pouco se lembrava do lugar. Mas recordava com clareza de seu quarto com o cavalinho de balanço, a toca de Bruin feita pelo tio Webster e a casa de

bonecas. Subitamente, teve uma enorme vontade de brincar com a casa de bonecas.

Então, a mãe tossiu, o tipo de tosse de quando se tem um nó na garganta. E seus olhos estavam grandes e úmidos, o rosto afogueado. Harriet observou a mãe com curiosidade.

A matéria de jornal que Sally lia:

PROCURA-SE

SUMIÇO DE ESPOSA APÓS SENTENÇA DA CORTE

Após a decisão da Alta Corte, na tarde de ontem, esposa e filha desaparecem pela segunda vez.

O sr. Arthur Parrish, agente comercial, da rua Telegraph, nº 27, Clapham, foi o autor da ação contra sua esposa, com pedido da custódia da filha. A sra. Parrish havia abandonado o lar meses antes.

A custódia foi concedida ontem pelo juiz Hawke, contudo descobriu-se que a sra. Parrish

e sua filha Harriet, de 2 anos, haviam desaparecido da casa onde residiam.

A sra. Parrish tem 24 anos, cabelos louros e olhos castanhos. Talvez ainda esteja usando o sobrenome Lockhart, utilizado após abandonar o lar que compartilhava com o marido.

Os policiais estão à procura das duas e possuem um mandado de prisão para a sra. Parrish pelo rapto da menina.

Sally largou o jornal na mesa e olhou estarrecida ao redor, com olhos que precisavam ser enxugados. Quantas pessoas haviam lido aquilo? O que havia de errado com as leis da Inglaterra que permitiam que uma mulher fosse perseguida por sequestrar a própria filha?

Pegou a filha impetuosamente e a pôs no colo, abraçando-a. Harriet virou a cabeça para poder ver o rosto da mãe.

— Mamãe.

— O que foi, minha pequena?

— Quero um pão doce. Um pão doce de *efante*.

— Ah! — Sally deu uma risada e voltou a enxugar os olhos. — Um pão doce do elefante? Como os que costumamos dar aos elefantes, não é? Faltou a palavrinha mágica.

— Por favor?

— Bem melhor.

Sally chamou a funcionária, pediu pão doce e mais café. Graças aos céus existiam casas de chá, pensou. Com alguns centavos poderia ficar lá o tempo que quisesse, com direito a alimento, bebida e jornal.

Pela vitrine, observou as pessoas passando na rua. Não seria possível que alguém a reconhecesse, seria? Deveriam, talvez, afinal, fugir para o exterior. Ou talvez ela devesse pintar o cabelo.

Quando Harriet terminou, Sally pediu a conta e novamente pegou as bolsas. Harriet a acompanhou tranquila, indiferente a tudo.

Ela acha que eu sei o que estou fazendo, Sally pensou.

Miraculosamente, um cabriolé vazio apareceu em frente a elas, assim que saíram do estabelecimento. Ela fez sinal para o veículo parar e pediu ao cocheiro que a levasse a Bloomsbury. Em menos de um minuto eles passavam pelo lado sul da praça Trafalgar, e Harriet estava agarrada à mão de Sally, olhando a traseira brilhante do cavalo, pegajosa pela umidade, e as rédeas que vinham do assento do condutor, acima e detrás delas, virando para a direita, enquanto o carro contornava uma esquina da rua Cockspur e entrava na Haymarket.

Sally não sabia explicar por que escolhera Bloomsbury, exceto que ali fora um lugar que ela um dia julgou seguro, na loja de fotografia, onde Harriet havia sido concebida, na noite em que Fred morreu. Ela se perguntou por que não havia pensado naquele local antes.

Pagou ao cocheiro, na praça Russell, e Sally e Harriet ficaram ali paradas como passageiras recém-desembarcadas.

— Que caminho tomar? — perguntou Sally.

— Pra casa — respondeu a filha.

— Encontraremos uma casa — respondeu Sally —, e essa será nossa casa. Por onde devemos começar a procurar? Por ali? Por lá? Descendo a rua? Você escolhe.

Harriet ficou pensativa. A praça era muito grande. Sally a pegou no colo para que a filha pudesse enxergar melhor e a menina apontou para uma rua no lado leste da praça.

— Tudo bem — disse Sally. — Vamos começar por lá. Seja uma boa menina e fique do meu lado enquanto cruzamos a rua.

As bolsas estavam começando a pesar. Harriet saltitava obedientemente ao lado de Sally, enquanto as duas se encaminhavam para a rua eleita pela pequena: casas de muros altos de tijolos, simples embora clássicas, porém todas com aparência de serem caras. Não havia nada ali para elas.

Em seguida, elas viraram numa rua mais estreita, que dava num pequeno largo, fechado ao tráfego por um portão. Chamava-se passagem de Boas-vindas.

— Aqui parece agradável, Hattie — disse. — Vamos bater à porta. Qual delas?

Harriet apontou e Sally bateu à porta. Uma jovem criada abriu a porta, olhando curiosa. Sally então disse:

— Estamos procurando quartos para alugar. Sabe se tem alguém nesse largo que alugue quartos?

— A sra. Parker, na casa 5 — disse a empregada. — Só não sei se há algum quarto vago. É logo ali.

Assim como o restante das casas no entorno, a de número 5 era bem malcuidada, alta e estreita, com uma desgastada porta de entrada, cuja aldrava não devia ser polida havia anos. Mas parecia gasta pelo uso constante, indicando que a casa era sempre visitada e em constante movimento, e o parapeito das janelas era coberto de flores.

Outra criada, mais velha, menos arrumada e menos curiosa que a da casa anterior, abriu a porta.

— Sim, tem um quarto livre. Vou chamar a sra. Parker. Entrem, saiam da friagem.

No estreito corredor havia um porta guarda-chuvas e uma bicicleta e as paredes estavam repletas de fotos — aquarelas malpintadas com molduras malfeitas. A casa cheirava a repolho.

Minutos depois a dona da casa, uma mulher agitada, de corpo arredondado e olhos brilhantes e vívidos, saiu da cozinha, enxugando as mãos no avental.

— Bom dia — disse Sally. — Fui informada de que a senhora tem um quarto para alugar. Estou à procura de uma acomodação temporária.

— Sim... sim — disse a sra. Parker de maneira teatral, dando um passo atrás e olhando Sally como se mentalmente tirasse as medidas dela para produzir um vestido. — Ah, sim. — Sua voz era grave e dramática, com um leve sotaque *cockney*, de quem havia nascido no lado leste de Londres, quase todos trabalhadores e operários. — Nós já nos conhecemos.

— Já? Não creio que...

— No plano espiritual. Sou uma especialista no assunto e reconheço os sinais. Seu espírito é jovem, minha cara, por isso provavelmente ainda não consegue reconhecê-los. Que nome usa nesta encarnação?

A pergunta esteve desconfortavelmente próxima da verdade. Sally piscou freneticamente e então se lembrou:

— Ah... sra. Jones. E esta é minha filha Harriet.

Harriet estava ocupada girando o pedal da bicicleta. Sally a pegou no colo para evitar que ela derrubasse a bicicleta. A sra. Parker esmiuçou Harriet intensamente e recebeu de volta um olhar impassível.

— Ela tem uma alma sábia — disse a sra. Parker. — E a senhora... a senhora tem uma alma jovem. Está em apuros, minha cara. Tem muitos segredos. Venha por aqui...

Sally a seguiu por dois vãos de escada. O local estava parcialmente limpo, e dependendo da área por onde passassem sentia odor de móvel lustrado ou fumaça de charuto. No segundo patamar das escadas a sra. Parker abriu uma porta pintada de verde.

— O Quarto Verde — disse a senhora. — As cores que vemos no mundo físico são emanções do infinito, sabia? As vibrações das cores afetam nossas almas. Para a senhora, eu recomendaria o quarto azul, mas um cavalheiro, um comerciante, já o alugou por seis meses. Mas o verde não fará mal.

O quarto era humilde, porém confortável. Nas paredes, uma nova leva de espantosas pinturas penduradas — pareciam paisagens imaginárias carregadas de verde.

— É... quanto vai custar a...

— Um guinéu por semana — informou a sra. Parker. — Com refeição sai por 27 xelins e seis centavos. Carvão e gás são cobrados à parte, não lavamos roupa.

— Há um detalhe. Minha filha — pôs Harriet no chão, que já se contorcia em seu colo, e se aproximou da senhora. — de vez em quando ela...

— Por aqui — indicou a sra. Parker, abrindo a porta do quarto e mostrando o interior a Sally. — Faz xixi na cama? — continuou. — Um dos inconvenientes menos relevantes do mundo físico. Não se preocupe com isso, minha cara. Vamos estender este emborrachado da Índia no colchão. Está admirando os quadros? Meu filho Rodney quem os faz. Ou melhor, é ele quem guia minhas mãos, de lá do mundo espiritual. Nossas refeições aqui, sra. Jones, são todas vegetarianas, não vai se importar, tenho certeza, e são feitas na sala de jantar. Por quanto tempo quer o quarto?

— Ah... por uma semana. A princípio. Acabo de chegar em Londres, sabe. Vamos procurar por algo permanente...

— Viúva? — disse a sra. Parker animada.

— O pai de Harriet morreu antes dela nascer.

— Ele pode vê-la, pode vê-la neste momento. O almoço será servido em vinte minutos. Lizzie vai arrumar a lareira e as camas. Terei que pedir que pague a semana adiantada.

Sally pagou pela semana e pelas refeições, e também pelo carvão e pelo gás que utilizaria para a luz. Descobriu que além dos privilégios espirituais ela e Harriet teriam uso exclusivo do banheiro e do lavabo, já que aquele andar estava vazio.

— Mas acho extremamente necessário e desejável a higiene em todos os sentidos — disse a sra. Parker do topo da escada, cumprimentando rapidamente com a cabeça uma jovem magrela que saía de um dos quartos no andar de baixo.

— Ah, eu também — respondeu Sally.

Quando a mulher se foi, Sally entrou no quarto e tirou o chapéu e as luvas. Harriet estava brincando com a porta do armário, se olhando pelo espelho pendurado no interior da porta. Sally se sentou na cama mais larga do mínimo quarto e, tomada pelo cansaço, se deitou e fechou os olhos.

Parecia que um minuto havia se passado quando Harriet sacudiu sua mão.

— Mamãe! Mamãe!

Alguém batia à porta. Esforçando-se para se levantar, Sally se apressou para abrir a porta.

— A sra. Parker avisa que o almoço está sendo servido — disse a criada, com jeito cansado.

— Obrigada — disse Sally. — Estamos descendo agora mesmo. Vamos Hattie, vamos lavar as mãos.

A criada desapareceu escada abaixo, e Sally tirou o chapéu e o casaco de Harriet rapidamente, escovou seu cabelo e levou a filha ao lavabo, lavou suas mãos e — lembrou — tirou o pouco de dinheiro que ainda restava do bolso do casaco, colocando no bojo do vestido. Em seguida, desceram as escadas apressadamente.

O almoço consistia em legumes temperados com caril e batatas, *Yorkshire pudding* e geleia. Harriet se recusou a comer, deixando Sally constrangida: deveria insistir, confrontá-la? Deveria deixar como estava para evitar chamar a atenção? Dentre os diferentes sentimentos que experimentava agora, Sally sentia vergonha por saber tão pouco dos hábitos alimentares da filha. Sarah-Jane Russell era quem cuidava de todos esses detalhes e de maneira tão discreta que Sally mal percebia que ela própria nada fazia. Descobria isso só agora, sentindo na própria pele.

Ela fez Harriet comer todo o *Yorkshire pudding* que tinha no prato, e por isso tiveram de ficar na mesa depois que todos já haviam se retirado. Quando finalmente terminaram, foram direto para o quarto, mas encontraram o sr. Parker na escada.

Ele olhou em volta com ar conspiratório, enfiou a língua no interior de uma das bochechas e, aproximando-se das duas, disse em voz baixa:

— Sempre que quiserem uma torta de carne, há uma simpática loja na esquina... se tiverem interesse. De vez em quando dou uma escapada para comer uma torta à noite... não contem à sra. Parker... posso trazer uma se desejarem.

Exultante com seu prazeroso segredo, ele desceu as escadas.

Sally encontrou as camas feitas e, como Harriet bocejava, deixou que a menina tirasse um cochilo. Achou o lenço no fundo da bolsa acarpetada e fez reviver o ratinho ao qual Harriet se agarrou de imediato, adormecendo em seguida.

Sally se dirigiu à saleta, fechou a porta e suspirou com um cansaço tão profundo que se transformou num bocejo que parecia não ter fim. Então se sentou, apanhou seu caderno de anotações e escreveu:

Nos mudamos novamente. Não posso escrever sobre o outro lugar, asqueroso demais. Aqui é humilde, porém mais simpático. Ah, e o dinheiro... Faz pouco mais de uma hora que não penso sobre isso. Mas para ele tirar tudo como tirou — e o gerente ter permitido e planejado tudo com antecedência, sem me avisar

Ela caiu em prantos. Chorava de raiva. Enxugou os olhos de qualquer jeito e voltou a escrever.

Não adianta chorar. Tenho três libras e seis xelins, comida e estadia pagas por uma semana.

Tarefas:

Imediatas:

1. Escrever para Margaret — mensagem — venda Anglo-egípcia, Grand Trunk do Canadá — guardar o dinheiro na conta *dela*. Ou numa algibeira, em dinheiro.
2. Escrever para os Molloy — Carneirinho.

Seguintes:

3. Encontrar uma casa para morar.
4. Trazer Sarah-Jane para nos ajudar — não posso investigar Parrish se tiver que tomar conta de H.

5. Descobrir o *porquê*.

Pôs o lápis de lado, trêmula, e então se lembrou que poderia acender uma lareira. A tarde cinzenta estava calma e fria do lado de fora, mas pelo menos *era* do lado de fora. Notou, chocada, que não haviam se passado ainda 24 horas desde o encontro com Cicely na casa de chá. Neste mesmo horário, na tarde anterior, ela tinha um lar, dinheiro e uma filha só dela. O que era agora? Uma refugiada?

Arrumou a lareira e a acendeu, depois lavou as mãos e desfez as malas.

A CASA DE CHÁ

Depois de retirar o dinheiro de Sally do banco e prudentemente depositá-lo em sua conta, o sr. Parrish foi para o seu escritório. Viu Rubinstein, o vendedor de tabaco, no primeiro andar, e lhe desejou um bom-dia; verificou a correspondência na caixa do correio; cumprimentou os dois funcionários e, após um olhar cuidadoso à sua volta, sentou-se em sua mesa, satisfeito com aquela manhã lucrativa de trabalho.

Quando seu relógio de ouro da Companhia Americana de Relógios lhe indicou meio-dia, apanhou o chapéu e o casaco e saiu de novo. Caminhou rapidamente pela Strand e em seguida subiu a rua Fleet, passando pela catedral de São Paulo, pelo Banco da Inglaterra, entrando na Cornhill. Aproveitou a caminhada. Balançava os braços e respirava fundo, usando o diafragma, de acordo com o método criado pelo dr. Alver, do Instituto de Ciências da Suécia, cuja palestra sobre higiene frequentou na primavera anterior.

Na Cornhill, após consultar o jornal, procurou pelo número 14. Quando encontrou — um edifício de escritórios com uma discreta placa de metal com as palavras *Arthur C. Montagu, Investigadores Particulares* —, entrou sem hesitar.

Havia muitas agências desse tipo em Londres — agências de detetives, nos dias de hoje. Montagu era a maior delas: uma empresa dinâmica, confiável e bem-sucedida, com vinte anos de experiência, uma equipe grande e bem-treinada, que agia com discrição. Se alguém quisesse descobrir quem havia fugido com o marido, ou por que o escrevente-chefe parecia estar tão próspero, justamente quando o cofre da empresa andava mais vazio que nunca, Arthur C. Montagu e sua discreta equipe iriam fazer uso de seus vinte anos de experiência, descobrir tudo e depois mandar a conta. Anunciavam seus serviços nos classificados — discretamente — do *The Times*, onde o sr. Parrish viu o nome da empresa pela primeira vez.

Logo se viu num moderno e organizado escritório, ocupado por aparelhos de comunicação de última geração e máquinas de datilografar. Um jovem funcionário bem-apegoado fazia anotações.

— Esposa... sua aparência? Ah! Uma fotografia. Fundamental. E a filha... nome? Idade? Foto? Não? Que pena. Desapareceu? Quando? Ontem. Fingindo ser Lockhart, da Garland e Lockhart, Fotógrafos, Twickenham. Algum motivo para crer que ela possa ter ido para o exterior? Temos comunicação instantânea, via telegrama, com Paris e Berlim, sr. Parrish. E o novo sistema via telefonia estará instalado na semana que vem. Não? Possivelmente ainda está em Londres? Possivelmente não? Nomes de sócios, conhecidos, amigos... Taylor... Garland... Bertram: Hon. Charles Bertram... quem é ele? Sócio de Garland, no momento está na América do Sul. Ela não teria ido para lá, teria? Escritório em Londres, consultora financeira — minha nossa! Uma mulher de negócios, a sua senhora, senhor. Sim, claro, melhor não fosse, o senhor tem razão. Sim, mas estamos numa nova era... o quê? Emancipação! Como? Muito bem, sr. Parrish, daremos início às investigações. O senhor entende, não podemos prometer nada... Londres é uma cidade bem grande... ainda assim a Arthur C. Montagu deve surpreender o senhor. Muito bem. Arnold! Faça circular esta descrição imediatamente e mande o sr. Billings até aqui.

O sr. Billings era o responsável pela investigação em si. Parecia convenientemente tenaz, com uma expressão de cão Santo Humberto que inspirava confiança.

O sr. Parrish pagou um depósito para cobrir os gastos do sr. Billings e se foi, levando no bolso um folheto explicativo sobre as escalas de preços de Arthur C. Montagu. Restava mais uma visita a fazer, de acordo com o conselho que um dia ouviu do cavalheiro Jack Draper, o famoso boxeador peso-médio: quando o rival estiver imprensado na corda, acerte-o com toda a força, de uma só vez, com tudo que puder.

O sr. Billings era um homem metódico, mais metódico até que o sr. Parrish, apesar da sua falta de conhecimento a respeito dos Princípios Científicos dos Negócios nos quais o sucesso do sr. Parrish se baseava. Logo depois de sair do escritório ele virou no Bengal Court, um lugar pequeno e estreito cercado por quatro igrejas. Os raios do sol nunca conseguiam chegar até ali; tinha uma permanente atmosfera sombria e austera. A casa de número 3 era tão lúgubre e desinteressante quanto as demais. O sr. Billings, apesar da aparência e da profissão, era um homem de coração bom e alegre, e olhou em volta com desgosto. Ali não era lugar para uma mulher, pensou ao parar em frente ao número 3.

Havia um porteiro de serviço, detrás de uma porta de correr, que o enviou ao terceiro andar, e ao chegar lá, encontrou um ambiente mais leve e agradável: o parapeito da janela guardava uma exuberante planta e da janela via-se uma bela torre de igreja, com uma cúpula absurdamente pequena no topo. Mais adiante, a Mansion House.

Havia uma porta com a placa *S. Lockhart, Consultora Financeira*, e ele bateu.

— Entre — disse uma voz de mulher.

Fácil assim?, pensou. Certamente que não...

A jovem sentada à mesa devia ter pouco mais de 20 anos e não era nem a srta. Lockhart nem a sra. Parrish. De acordo com a foto que carregava a moça era bonita. Esta não era. Pelo menos, não à primeira vista. Em sua expressão transbordava uma espécie divertida

de autoconfiança, o que desagradou ao sr. Billings, visto que ela parecia excessivamente astuta. A última vez que viu uma expressão parecida foi quando a tia o pegou fumando charuto detrás de um arbusto no jardim. Não seria fácil dobrar aquela ali.

Mas não custava tentar.

— Srta. Lockhart? — perguntou.

— Não, sou a srta. Haddow. A srta. Lockhart não se encontra. Posso ajudar?

— Ah, bem, eu desejava mesmo era falar com a srta. Lockhart. Eu represento os srs. Gillray & Gillray, advogados, e o motivo de minha visita é referente a uma herança. Deixaram uma boa fortuna para a srta. Lockhart e...

— Posso ver o seu cartão?

Rápida, também. Ele achou um cartão no bolso do colete e entregou a ela. Ficou preocupado ao vê-la apanhar um guia de endereços comerciais. Caso ela verificasse o endereço do cartão veria que pertencia a uma estalagem, e um pouco mais de pesquisa a levaria a descobrir que o dono do estabelecimento era a Arthur C. Montagu — Investigadores Particulares. Era melhor jogar limpo com ela, pensou. Esta aí era esperta demais para se deixar enganar.

Mas antes que tivesse tempo de dizer qualquer coisa alguém bateu à porta; e foi ali que acabou a sorte de Sally.

A srta. Haddow abriu a porta e disse:

— O senhor se incomoda de esperar um pouco. Estou atendendo uma pessoa...

— Trago uma mensagem da srta. Lockhart. — A voz parecia de um militar.

O sr. Billings pôde ver através da porta aberta que se tratava de um estafeta uniformizado. Teve uma ideia.

— Espere um momento senhorita — disse, dando um passo à frente. Os três agora se encontravam agrupados ao redor da porta, porém os outros dois estavam momentaneamente perplexos e ele só precisaria de um minuto. — Recentemente tem havido casos de homens com uniformes de estafeta coagindo as pessoas. Onde está seu talão de notas? — exigiu do homem.

O visitante, um homem corpulento, grisalho, cheio de medalhas no peito, ia responder, mas a srta. Haddow falou primeiro, severa:

— Apenas o contratante pode exigir o talão de notas. Que eu saiba, ninguém mais.

— Está tudo bem, senhorita — disse o estafeta. — Não me incomodo em mostrar meu talão de notas a ninguém.

Ele exibiu um caderninho. O sr. Billings tirou o folheto da mão do homem, olhou rapidamente e disse:

— Boa tarde, senhorita — Entregou o talão de volta ao estafeta e foi em direção às escadas.

Margaret Haddow observou-o partir, primeiro, perplexa, em seguida com raiva. Sentiu como se tivessem passado a perna nela, sem entender por quê. Pegou a carta com o estafeta, deu uma gorjeta e se sentou para ler.

— Cabriolé, cabriolé!

O sr. Billings estava com sorte. Um carro vazio passava naquele instante. O cocheiro ouviu e deu a volta, tão bruscamente que um varredor de rua teve que pular para o meio-fio para salvar vida, soltando em seguida uma torrente de palavras chulas, algumas até então desconhecidas pelo sr. Billings.

— Corpo de Estafetas, na rua Strand — disse, enquanto pulava para dentro do veículo. — Não me importa quão rápido o senhor vá.

O condutor era do tipo que gostava de aventuras. Já havia feito um ou dois varredores voar e estava sempre disposto a acertar um. Sacudiu as rédeas, bateu o chicote e saiu à toda por uma estreita passagem entre uma carruagem ligeira e uma carroça, causando um grito alarmado do primeiro carro e uma salva de ofensas do segundo. Pouco depois, sacolejavam, quicavam e ribombavam pela rua Lombard como uma biga romana. O sr. Billings agarrou o chapéu, satisfeito, agradecendo as severas normas do Corpo de Estafetas.

O corpo era formado por soldados e marinheiros aposentados, e lá era possível contratar um estafeta para realizar tarefas rotineiras ou levar mensagens, carregar um pacote, distribuir circulares, transportar dinheiro ou talões de cheque do banco para uma

residência, ou mesmo cuidar da segurança de um edifício vazio durante à noite — basicamente, um pouco de tudo, na verdade; e havia uma tarifa fixa para cada uma das incumbências, que estava impressa no talão de notas que o sr. Billings solicitara.

Além dos valores, o talão levava impresso o número de registro do profissional, que os falsários que se faziam passar por estafetas não possuíam. O sr. Billings não deixou de notar o número e a autenticidade do documento. Agora queria apenas se antecipar à srta. Haddow.

O condutor parou o veículo com uma barulhenta chicotada, um puxão no freio e uma derrapagem das rodas. O sr. Billings saltou rapidamente, jogou uma moeda ao cocheiro e disse:

— Espere aqui! — E correu para dentro do edifício.

— O estafeta número 318 — disse. — A corporal. O senhor tem como saber onde ele está neste momento?

— Por que, senhor?

— É urgente. Caso de polícia. Precisamos que ele testemunhe sobre um assassinato... ah, me perdoe... meu cartão. Advogado. Aparentemente, o número 318 pode servir de álibi para o nosso cliente. Depende dele salvar o meu cliente ou levar um homem inocente à força. Onde ele está, rápido?

Assim como a maioria das pessoas, o sargento parecia extremamente impressionado com a palavra força. Pegou um enorme livro de registros e começou a folheá-lo, lambendo um dos dedos para facilitar o virar de páginas.

— 318... cabo Lewis — disse. — Mensagem para ser entregue em Bengal Court, no Centro. Da parte da srta. Lockhart, número 5, passagem de Boas-vindas, em Bloomsbury. Ele partiu às...

— Eu o encontrarei — disse o sr. Billings, e saiu às pressas novamente, deixando o sargento com o dedo ainda sobre o livro de registro.

Margaret Haddow amassou a carta e soltou um palavrão. Havia escutado de um cocheiro uma vez e agora considerava o palavrão apropriado para o momento.

Ela *tinha* sido ludibriada. Àquela altura, o homem com chapéu - -coco e cara de Santo Humberto já devia ter descoberto o endereço de Sally — ou o encontraria em breve. E o que faria agora? A única coisa que podia fazer era ir lá ela mesma, imediatamente. E ela tinha um compromisso em vinte minutos: um cliente estava a caminho, e ela já havia adiado o encontro uma vez. Elas não podiam se dar o luxo de perder aquele cliente, mas ao mesmo tempo não podia abandonar Sally.

Foi até a outra sala do escritório, onde Cicely Corrigan arquivava algumas cartas.

— Preciso sair — disse Margaret. — É uma emergência. Agora, escute... o sr. Patten deve chegar em vinte minutos. Dê a ele nossas profundas desculpas e agende um novo encontro com ele. Sinto muito em deixar essa tarefa...

— É ele, não é? — disse Cicely.

Elas ouviram o som de vozes do lado de fora. Margaret fechou os olhos, exasperada, e raciocinou o mais rápido que pôde.

— Você terá que ir então — disse. — É *muito* importante. Pegue seu casaco e chapéu e tome um cabriolé para a passagem Boas-vindas, em Bloomsbury... entendeu? Vá até a casa 5. Peça que o cocheiro fique aguardando. A srta. Lockhart está lá. Diga a ela para ir para... Ah, o Museu Britânico, não fica muito longe de lá, e que me encontre no Salão da Assíria. Ela não pode continuar naquele endereço... da passagem Boas-vindas. Eu vou ao museu assim que puder. Ah, o dinheiro para o cabriolé. Aqui está. Dá para ir até lá, deixar Sally no museu e voltar para cá. Rápido... é extremamente importante.

Desconcertada, porém disposta a ajudar, Cicely vestiu o casaco surrado rapidamente, pôs o chapéu comprado no ano anterior e pegou o dinheiro, enquanto Margaret se apressava para abrir a porta.

Cicely descia correndo as escadas quando Margaret se virou para o visitante e estranhou que houvesse uma outra pessoa além do sr. Patten. A visita era fruto do conselho do lutador Jack Draper seguido pelo sr. Parrish; Margaret só descobriu isso minutos depois.

O sr. Parrish realizava uma transação financeira em nome de uma Sociedade Missionária quando o sr. Billings surgiu precipitadamente na antessala do escritório dele e falou com um de seus empregados.

— Não posso interromper o sr. Parrish no meio de uma reunião — disse o empregado, um jovem com rosto em formato de peixe que parecia ter padrões morais elevados. — Neste momento, ele se encontra com o secretário nacional das Missões Unidas para o Sul da Índia e Ceilão. Não creio...

— Leve isso a ele, meu rapaz — disse o sr. Billings, escrevendo num cartão da Arthur C. Montagu: *Tenho o endereço da srta. Lockhart — Billings.* — Vá. Não fique aí parado de boca aberta.

O empregado engoliu em seco e bateu à porta do escritório. O sr. Parrish não gostava de ser interrompido sob qualquer circunstância, mas ele não tinha opção...

O patrão leu o cartão, semicerrou os olhos e se levantou na mesma hora.

— Ele está aí fora? — perguntou.

— Sim, sr. Parrish.

— Peça que espere. O senhor terá que me perdoar, sr. Pryor. Trata-se de um assunto urgente. Teremos que deixar para outro dia o mobiliário da sua igreja. Mas, por agora, em breve as Bíblias e os chapéus de aventureiro serão enviados a Madras no próximo navio. Tenha um bom-dia, senhor... Acompanhe o sr. Pryor até a saída, Blake.

O missionário, que tinha em mente o envio de telas de mosquito e *punkahs*, se viu sendo mandado embora às pressas — recebeu seu chapéu para que se retirasse. Momentos depois o sr. Parrish apanhava o próprio chapéu.

— Aonde? — foram suas únicas palavras para o sr. Billings.

— Bloomsbury. Um cabriolé nos espera lá fora.

— Bom rapaz.

Um minuto depois eles se aproximavam da travessa Drury. O condutor estava adorando aquela tarde.

Cicely Corrigan correu para o ponto de cabriolés de aluguel, na rua King William, bem mais do que apenas nervosa. Nunca havia

tomado um cabriolé sozinha na vida. Uma vez pegara com o pai, quando pequena. Quanto deveria dar ao cocheiro? Ouviu falar que eles eram bem grosseiros quando não recebiam o suficiente...

Desejou que tivesse a tranquilidade da srta. Lockhart ou a segurança da srta. Haddow. Eram ambas tão maduras! Será que a universidade fazia isso com as pessoas?

Bem, teria que se virar. Correu para o primeiro veículo da fila e disse:

— Bloomsbury, por favor, número 5, passagem das Boas-vindas.

— A senhorita é quem manda — disse o condutor quando ela entrou no cabriolé, tomando as rédeas para movimentar o carro. E o veículo partiu.

Até ali fora bem fácil. Além disso, podia perguntar à srta. Lockhart sobre a gorjeta ao cocheiro.

Mas ele não parecia ir rápido o bastante. O fluxo de veículos estava realmente intenso — eles estavam parados atrás de um ônibus que andava bem lento, que por sua vez estava sendo contido — ela inclinou a cabeça para ver melhor — por um carro funerário. Para piorar, ao chegarem à praça Ludgate tiveram que parar, pois um policial dava preferência aos veículos que vinham da rua Farringdon, do lado direito.

Ela teve a impressão de que uns dez minutos haviam se passado, mas finalmente voltaram a avançar. Pouco a pouco o tráfego foi melhorando e logo o cabriolé passava pela rua Fleet. Virou à direita na travessa Chancery, com seus eminentes e austeros edifícios de tijolos com ares de escritórios de advocacia em ambos os lados da rua. Na Holborn, passando pelos antigos edifícios com tetos triangulares de quatro ou mais andares ao longo da rua; novamente à direita na Southampton Row e finalmente chegava à rua Bloomsbury. Cicely não conhecia a região, embora tivesse ido, uma vez, ao Museu Britânico com o pai e o irmão.

O condutor abriu uma pequena janela que fazia comunicação com o interior do carro, atrás da cabeça de Cicely, assustando-a.

— Qual é mesmo o endereço, madame?

— Ah! Passagem das Boas-vindas. Não sei onde fica...

— Terei de perguntar. — O homem fez tilintar o arreio e o cavalo diminuiu o ritmo, em seguida o veículo parou junto à calçada. Um policial alto e largo como um monumento passava perto.

— Passagem das Boas-vindas? — perguntou o cocheiro. — Sabe onde fica?

— Que curioso — comentou o oficial de polícia. — É o segundo cocheiro a perguntar isso em menos de cinco minutos. Logo ali, companheiro... descendo a rua, primeira à direita. Mas não pode entrar com o cabriolé lá.

— Obrigado — disse o condutor, que puxou as rédeas e eles partiram na direção indicada.

Cicely se ajeitou no assento: alguém mais estava à procura de passagem das Boas-vindas. Era com isso que a srta. Haddow estava preocupada.

O carro virou a esquina e estacionou na entrada bloqueada da passagem das Boas-vindas. Outro cabriolé já se encontrava ali. Cicely saiu do veículo e deu a volta para falar com o condutor. Alguma coisa estava errada. Não sabia o quê, mas sentiu uma súbita e desagradável ansiedade.

— O senhor poderia esperar aqui por alguns minutos? — ela pediu. — Voltarei com outra senhorita e depois pretendemos ir ao Museu Britânico.

— A senhorita terá de me pagar antes — disse o condutor.

— Ah... desculpa... quanto?

— Um e seis centavos, querida.

Cicely remexeu na bolsa, achou as moedas que procurava e entregou ao homem. Corou ao ver que o cocheiro olhava as moedas com as sobrelhas erguidas. Quanto mais deveria dar a ele? O que a srta. Lockhart faria?

— Se o senhor ainda estiver aqui quando voltar, darei uma gorjeta.

O homem concordou com a cabeça. Cicely passou correndo pela barra que fechava a rua, enquanto o outro cocheiro olhava a concorrência com curiosidade: será que haveria uma perseguição?

Ao encontrar o número 5, Cicely bateu à porta. Que foi aberta por uma criada de expressão cínica e cabelos desgrenhados.

— A srta. Lockhart se encontra?

— Lockhart? Ah... quer dizer a sra. Jones. Tem mais dois esperando lá em cima. Quer se juntar a eles?

— Mais dois?

— Dois cavalheiros. Acabaram de chegar. Isso aqui tá parecendo a praça Picadilly. Quer subir ou não?

— Ela não está aqui?

— Saiu com o bebê. Uma gracinha. Já deve tá voltando. Vai entrar ou não? Está um frio maldito com esta porta aberta.

A criada era um tanto fora dos padrões e Cicely não conseguia imaginar a srta. Lockhart vivendo naquela casa.

— Sabe aonde ela foi? — perguntou Cicely.

— Não faço a menor ideia e, além disso, estou com frio — respondeu a empregada.

Cicely olhou em volta.

— Vou esperar aqui — disse.

A criada deu de ombros e fechou a porta.

Cicely ficou ainda mais ansiosa. Aqueles homens no andar de cima... haviam chegado no outro cabriolé, que estava aguardando assim como o seu... para quê? Para levar a srta. Lockhart?

De onde estava podia ver os dois condutores observando-a: o dela, com expressão azeda, o outro, com uma ânsia nervosa. Bateu uma palma da mão na outra, de leve, e se virou para o outro lado da rua. A tarde cinzenta chegava na pequena rua, e uma fina e fria neblina encobria os telhados. E se a srta. Lockhart tivesse ido embora de vez? Por quanto tempo o cocheiro iria esperar?

No entanto, um minuto depois, a srta. Lockhart apareceu numa das esquinas da rua. Levava uma cesta em uma das mãos e a neném na outra. Parecia cansada. Avistou Cicely no mesmo instante.

— Ah, srta. Lockhart! Graças a Deus — exclamou Cicely.

— Cicely... O que faz aqui? A srta. Haddow recebeu meu recado?

— Recebeu... ela me mandou aqui, porque o sr. Patten, sabe, o cliente, chegou bem na hora e ela disse para que eu viesse o mais

rápido possível... Srta. Lockhart, há dois homens esperando na casa. Achei melhor ficar esperando aqui fora... Ah, a srta. Haddow está vindo. Ela pediu que a senhorita saísse da casa e esperasse no Museu Britânico. Acho que ela sabia sobre a chegada desses dois homens. Ela pediu que a senhorita a encontre no Salão da Assíria. Tem um cabriolé esperando...

— Ah... ah, obrigada, Cicely. É melhor irmos agora. Vamos, Hattie, querida...

— Mama — disse a menina e lhe sussurrou alguma coisa.

A srta. Lockhart fez que sim com a cabeça, deu a cesta a Cicely sem dizer uma palavra. Contrariada, levou a menina para um estreito vão entre duas casas, levantou a saia e a anágua da filha e a esperou terminar de fazer xixi na valeta da rua. Cicely sentiu a cabeça dar voltas, quase desmaiou, tamanho o constrangimento e desconforto. Na verdade, por um breve instante a cena pareceu irreal. Já era um choque saber que a srta. Lockhart tinha uma filha, mas deixar a criança fazer isso no meio da rua...

Ela não sabia o quanto isso custava para Sally.

Minutos depois, estavam as três no cabriolé — Harriet no colo de Sally —, passando pela praça Russel e descendo na direção da entrada do Museu Britânico.

Cicely explicou o que tinha acontecido da forma mais clara que pôde. Sally apenas acenava a cabeça positivamente. Estava mais do que claro: elas teriam que se mudar novamente. Por mais quanto tempo Harriet aguentaria esse ritmo? E *ela*?

Estava pálida, os lábios tensionados. E cansada. A filha, em seu colo, com as bochechas ruborizadas e o polegar na boca, cabeça apoiada no ombro de Sally, olhava Cicely com olhos grandes e escuros como os da mãe.

O veículo foi diminuindo a velocidade até parar e Sally saltou, pôs a filha no chão e pegou a cesta com Cicely.

— O Salão da Assíria? — perguntou. — Espero que ela venha logo. O museu fecha em vinte minutos. Mas... obrigada, Cicely.

Ela sorriu rapidamente e foi apressada com a menina para o portão da entrada do museu. Cicely se ajeitou no assento e abriu a

pequena janela de comunicação com o cocheiro.

— De volta ao centro, por favor — pediu. — Esquina da Cornhill com Gracechurch.

O carro se afastou e Cicely notou que estava tremendo, mas não sabia se era de vergonha, choque ou frio. Era vergonha, embora não tivesse a menor ideia do porquê; era como se de repente percebesse que a srta. Lockhart era muito mais madura do que imaginara, o que significava ter que lidar com situações, nas quais Cicely nem conseguia pensar sem corar. A srta. Lockhart perdera a áurea deificada de antes, estava bem diferente. Envelhecida, mais cansada, até com algumas rugas. Longe da mulher ideal. E ainda por cima segurando a criança na sarjeta como fizera... Em contrapartida, de alguma forma, ela se mostrava mais real. Mais forte. Ao se atravessar as aparências, tudo mudava de figura de maneira extraordinária... Esquecera de perguntar quanto deveria dar de gorjeta ao cocheiro. Nas atuais circunstâncias, não teria ousado importunar a srta. Lockhart com isso. Cabia a ela agora amadurecer um pouco também.

Sally deixou que a filha subisse as escadas, mas logo a pegou no colo ao entrar no museu. O atendente disse:

— Estamos fechando em 15 minutos, madame.

Sally fez que sim com a cabeça.

— Sabe me dizer onde fica o Salão da Assíria?

— Do lado esquerdo, madame. Depois siga em frente até o final.

Sally pôs Harriet no chão, mas a pequena protestou.

— Hattie, precisa andar, querida, pois os braços da mamãe estão cansados...

— Não quero!

Sally olhou em volta. O atendente a olhava atravessado, assim como o homem no balcão na entrada.

Com braços doloridos, carregou Harriet pelas galerias grega e romana, com suas frias e brancas estátuas de olhares complacentes e lânguidos; pelo Salão do Egito, por colossais deuses e obeliscos de pedra, que nunca haviam parecido tão estranhos a Sally como agora; até que finalmente chegaram ao Salão da Assíria. Faces

enormes e cruéis, com barbas em formato de espada, um touro gigante, figuras gravadas numa enorme placa de pedra, marchando, de lado, em nome de alguma causa brutal e arrogante, milênios atrás...

Não havia mais ninguém no local. Sally pôs Harriet no chão; em seguida, a cesta. Havia comprado novos produtos de limpeza — sabonete, uma boa toalha — e um saco com biscoitos de gengibre. Harriet estava inquieta e ruborizada. Sally lhe deu um biscoito, torcendo para que nenhum funcionário aparecesse e as expulsasse por sujarem o Salão da Assíria com farelos. Por que não colocavam um banco ali? Harriet estava de pé, apoiada sobre as pernas da mãe, envolvendo-as com um braço, a outra mão segurando o biscoito. Se estivessem em casa agora, Sarah-Jane saberia o que fazer: daria um copo de leite a Harriet e depois a colocaria para dormir, pois a menina estava febril.

Concluiu que não poderia voltar à casa da sra. Parker, pois alguém poderia estar à espreita. Logo, perderia todos os seus pertences — suas roupas e as de Harriet, tudo, exceto o que tinham na cesta e o que vestiam.

Ao pensar na enormidade do desafio que ela tentava superar, e em como a sorte estava contra ela, foi tomada pelo medo e pela exaustão. Como queria dormir, e dormir tranquila! E como Harriet também desejava isso. A pobrezinha se apoiava em Sally e mal conseguia segurar o biscoito. Sally se agachou e pegou a filha, abraçando-a com força, deixando que Harriet descansasse a cabeça em seu ombro. Harriet fechou os olhos em seguida. Sally pensou: Não posso me apoiar em nada. Devo ficar firme e ereta. Se me mantiver firme e não me inclinar até a chegada de Margaret, ficaremos bem.

Caminhou lentamente de um lado para o outro, sob a fraca luz que ali chegava através do empoeirado telhado de vidro. As esculturas, antigas e amedrontadoras, dominavam imponentes ambos os lados do salão, figuras entalhadas de escravos, batalhas e leões sendo caçados, como lembranças de um pesadelo que insistiam em atormentar.

O biscoito caiu dos dedos adormecidos de Harriet. Sally se curvou e colocou o biscoito na cesta, ajeitando Harriet em seus braços mais confortavelmente.

Sally sussurrou, mais para si mesma do que para a própria filha:

— Não se preocupe, minha pequena, vamos sair dessa. Voltaremos para casa em breve e tudo ficará bem. Aí brincaremos com Carneirinho e com Sarah-Jane, e Jim e o tio Webster logo voltarão também e você vai poder dormir na sua caminha novamente... Ah, cadê a Margaret? Vão fechar daqui a pouco...

Caminhou até a porta e olhou pelo longo corredor e suas estátuas fantasmagóricas. Uma senhora e seu companheiro passeavam sem pressa, examinando inscrições; um jovem desenhava e um funcionário olhava o relógio. Ninguém mais à vista. Então, o funcionário guardou o relógio no bolso e se dirigiu ao casal, que assentiu com a cabeça e se dirigiu, a passos curtos, à saída. O jovem guardou os lápis.

Sally recuou, para que não a vissem e procurou um lugar para se esconder, mesmo que fossem dormir no chão, mas em seguida um homem olhou para dentro do salão e disse:

— Estamos fechando agora, madame.

O coração não ficou menor pois já estava no limite da compressão. Ela fez que sim com a cabeça e apanhou a cesta, passando novamente pelos obeliscos, faraós, Vênus e Minervas.

Do lado de fora, no topo da enorme escadaria, teve vontade de chorar. Harriet pendia em seu colo desajeitada, Sally tinha os pés doloridos, se sentia suja, pegajosa, fedida, sentia frio e medo. Com dificuldade, pôs-se a andar para o portão.

Um cabriolé estacionou em frente a entrada. Margaret saltou, com pressa, deu um punhado de moedas ao cocheiro e ao se virar avistou Sally. As duas correram uma na direção da outra.

— Ah, graças a Deus...

— O que está acontecendo?

— Você recebeu...

— Deixe que eu carregue...

Palavras truncadas atropelavam a conversa, e logo Margaret estava com a cesta na mão e Harriet estava desperta outra vez: quente, olhos pesados e polegar na boca.

— Vamos tomar um chá — disse Margaret.

Ela tomou a dianteira, caminharam um pouco e entraram na rua Duke, uma tranquila via pública com uma agradável casa de chá na esquina.

— Tenho passado mais tempo em casas de chá... — Sally disse, mas não soube como finalizar a frase. Sentou, exausta, e deixou que Margaret assumisse o controle e pedisse chá e bolinhos.

Margaret explicou o motivo do atraso. E era grave. A conversa com o sr. Patten transcorreu sem problemas, mas outro homem aparecera — com uma ordem judicial.

— Uma ordem judicial? Que espécie de ordem judicial?

— Não vi os detalhes... queria vir para cá o mais depressa possível. O principal é que Parrish conseguiu um mandado de restrição impedindo você de ter acesso ao seu dinheiro. Suas ações, tudo... não pode tocar em nada. E ele já entrou com um pedido legal para se apossar de todos esses bens. Ah, Sally...

— Ele não pode — disse Sally, e sua voz era tão fraca que nem ela ouviu direito. — Ele já tirou todo o dinheiro que eu tinha no banco...

— O quê? Está dizendo que esse fanático mentiu, deu falso testemunho e agora está fazendo isso com você... quanto já perdeu?

— Duzentas libras... Eu ia vender as ações de, não sei, a estrada de ferro Grand Trunk do Canadá, acho, só para conseguir algum dinheiro, mas... E tem a sociedade... se ele conseguir isso, legalmente, pode prejudicar minha sociedade com você... Ah, Margaret, estou com tanto medo...

Ela falava em voz baixa, mas Harriet não parecia prestar atenção. Tomava o leite com cuidado, tentando não deixar derramar nada. Margaret pegou a mão de Sally e a apertou.

— Pare de sentir medo e tome seu chá — disse. — Logo a gente decide o que fazer. Harriet, quer que eu corte uns pedaços de bolo para você?

Sally respirou fundo até que as mãos parassem de tremer e então deu um gole no chá.

— Se ao menos soubesse *por quê* — disse. — Achei que se conseguisse o meu dinheiro poderia... não sei, alugar um lugar para morar e me esconder e depois contra-atacar e descobrir por que ele está fazendo isso comigo... mas ele é rápido demais, Margaret. Já não posso mais voltar para o lugar que havia arrumado, e as pessoas lá eram tão amáveis e... Não tenho coragem de voltar para Twickenham, devem estar vigiando a casa, e agora sem meu dinheiro...

Precisou se calar.

— O que o seu advogado está fazendo? — perguntou Margaret. — Esta perseguição é intolerável. Ele precisa deter esse sujeito.

— Não pode. A única saída é dizer a verdade. Se Parrish mente e continua mentindo, e tem documentos para apoiar as mentiras e se tudo parece conspirar a favor dele, então... Quero dizer, é claro que o juiz se viu obrigado a... É a minha palavra contra a dele, sendo que ele é um homem respeitável, não é? Secretário de igreja e outras coisas. De acordo com a corte, eu sou uma mulher imoral, vivendo, sabe-se lá como, com dois homens solteiros. O que mais se podia esperar? Achei que pudesse me esconder em Londres, mas, meu Deus, é como viver numa redoma de vidro...

Margaret pegou um caderno de notas e uma pena prateada.

— Neste exato momento — disse —, você precisa de dinheiro, abrigo...

— E de um banho — disse Sally.

Margaret pôs tudo no papel de forma abreviada e clara, como havia aprendido na faculdade.

— E a longo prazo você precisa...

— De tempo para investigar. Segurança... preciso ter certeza de que — fez um sinal com a cabeça em direção a Harriet — está segura. É muito difícil seguir nesse ritmo com ela, pobrezinha, não fiz mais nada além de ficar cuidando dela, alimentá-la e assim por diante. O que não seria um problema se eu não precisasse de tempo

para lutar. Não posso fazer as duas coisas. Por isso, preciso de tempo e segurança. Dinheiro. Voltamos ao início.

— A situação não é tão ruim — disse Margaret. — Vamos achar um hotel para vocês hoje à noite. Poderiam ficar na minha casa, mas meus primos estão passando uma temporada com a gente e não há lugar. Mas amanhã...

De repente, Sally agarrou a mão de Margaret.

— Lá fora — disse. — Aqueles três homens... Aquele é o Parrish? O que está na frente?

Margaret olhou para fora do estabelecimento e rapidamente juntou um punhado de moedas da bolsa e entregou de qualquer jeito para Sally.

— Saia pela cozinha — disse. — Deve ter uma saída nos fundos. *Vá agora, corra, agora.*

Sally agarrou Harriet, que ficou tão desorientada que sequer protestou, e correu para a cozinha. Ouviu a voz de um homem gritar atrás dela e em seguida a voz de Margaret dizer em alto tom que iria chamar a polícia. Segundos depois, Sally e Harriet se encontravam numa mínima cozinha, onde uma jovem untava biscoitos numa mesa.

— Por favor — disse Sally. — É uma emergência. Esta porta dá na rua?

Pasma, a mulher ficou boquiaberta, sem reação. Sally correu para a porta e deparou com um escuro e pequeno jardim cercado por um alto muro. Assustada, Harriet começou a chorar.

Sally passou então a filha para o braço esquerdo e meteu a mão direita na cesta, apoiando as costas na parede.

A porta da cozinha foi escancarada e a moça na cozinha deu um berro. Um homem apareceu na porta e correu na direção de Sally, mas logo parou, diante da pistola na mão dela.

— Sim, está carregada — disse Sally. — E atiro se for preciso. Levante as mãos e volte por onde veio. Senhorita, segure a porta.

Eles obedeceram. Ela não reconheceu o homem: um rosto comum de bigode, com roupas comuns. Ele recuou para a porta devagar e Sally o seguiu.

A casa de chá, que minutos antes estava cheia de pessoas curiosas e apreensivas, agora estava em silêncio. Atrás do primeiro homem havia outros dois — Parrish e outro, que ela não conhecia. De pé estavam Margaret e dois clientes, nervosos, com olhos arregalados. Ao verem a pistola, dois outros clientes levantaram e se encostaram na parede.

Silêncio por um instante e então Parrish disse:

— Sally, querida, não é assim que se...

Ela se virou para ele como um tigre, o dedo no gatilho. Os olhos dela faiscavam e ele deu um passo atrás.

Sally disse:

— Onde está o gerente?

— Eu sou a gerente — disse uma mulher de preto atrás da caixa registradora.

— A senhora tem a chave da porta?

— Tenho.

— Venha para fora comigo, por favor. Se você se mover — disse para Parrish —, ou qualquer um desses homens, eu te mato. *Você.* Parrish. Mato.

Parrish e seus homens ficaram imóveis observando, enquanto a gerente retirou uma chave do molho pendurado na cintura. Sally não conseguia olhar para Margaret. Foi andando de costas na direção da porta, apontando a pistola para os três homens.

— Venha comigo — disse Sally à gerente. — Os outros, fiquem onde estão.

A mulher trancou a porta e acompanhou Sally. Os homens, trancados do lado de dentro, correram para a porta e mexeram na maçaneta. Os clientes olhavam nervosos pela vitrine. Sally pôs Harriet no chão, pegou a chave da loja e a guardou na bolsa.

— As cópias também, por favor — disse, supondo haver uma duplicata no molho de chaves. A gerente entregou as cópias sem titubear e Sally as jogou o mais longe que pôde na rua, ouvindo-as cair em alguma poça no meio da escuridão.

— Sinto muito — disse à gerente. — Não tinha outra opção.

Os homens agora batiam na porta. Sally desarmou a pistola com cuidado, guardou na cesta e pegou Harriet no colo novamente antes de sair correndo. Uns poucos transeuntes haviam parado para ver a cena. Não demoraria muito para os três homens quebrarem a janela e pularem para fora, pensou Sally. Tome um cabriolé, se esconda, faça alguma coisa...

Um ônibus com destino a Holborn estava passando. Forçou caminho pela calçada repleta de gente e saltou para dentro do veículo pela parte traseira. Em seguida subiu para o segundo andar na contramão dos homens que desciam pela escada, empurrando-os. Esticou o pescoço, avistou um lugar vago e se sentou com Harriet no colo.

Olhou pela janela, mas não viu sinal de perseguição. As vitrines das lojas agora estavam iluminadas: a rua New Oxford estava repleta de vendedores, homens de negócios voltando para casa, vendedores de jornais, vendedoras de flores. A tarde tinha ido embora e a escuridão encobria tudo.

— Até o fim da linha — disse Sally ao cobrador. Dando a ele quatro centavos. Recebeu o bilhete e se apoiou no assento, voltando a tremer, agora que havia relaxado um pouco.

Acariciou o cabelo de Harriet, com gestos automáticos.

— Vamos nos esconder, não vamos, Hattie? — sussurrou.

— Quero ir para casa — contestou Harriet.

Sally não conseguiu responder, segurando a filha com força, enquanto o tráfego as levava na direção de East End.

O CEMITÉRIO

Sally e Harriet seguiram no ônibus até o ponto final. Harriet dormia e Sally estava tensa, com frio e desesperada por uma noite de sono. Apanhou a cesta, ajeitou a filha de forma mais confortável na dobra do braço esquerdo e se levantou.

— Onde estamos? — perguntou ao velho cobrador.

— Na rua Whitechapel — disse ele. — Próximo ao Hospital de Londres. Não vamos além disso. Este é o ponto final.

Sally saltou do veículo, na rua movimentada. Era início de noite e tanto a rua quanto a calçada estavam cheias de gente. A atmosfera impregnada de barulho do tráfego, de cheiro de peixe frito, sinais luminosos e luzes a nafta. Harriet esfregou os olhos. Sally a colocou no chão por um instante e a menina se agarrou à barra da saia da mãe, chorando. Sally remexeu a bolsa e encontrou três xelins e sete centavo, e só.

Um minuto após outro minuto, pensou. Não olhe muito para a frente. Certamente encontraria uma casa de penhores mais adiante. O que poderia vender?

Quase não usava joias. Tinha um medalhão numa corrente, que Frederick havia lhe dado, mas não iria vendê-lo, e não tinha brincos,

braceletes ou broches. O único objeto rentável era o relógio de ouro de seu pai.

Pois muito bem, penhore, disse a si mesma. O penhorista vai guardar o relógio por um ano e um dia, não pode vendê-lo até lá, e tudo estará resolvido bem antes disso; então poderei comprá-lo de volta.

E também tinha sua pistola...

Não. Tinha precisado dela naquela tarde e poderia precisar de novo. Um relógio não faria falta, não em Londres, onde todo edifício alto ostentava um relógio no topo, alguns marcando a mesma hora.

— Venha, vamos achar uma casa de penhores — disse a Harriet, pegando a mão da filha. Encontrou uma a poucos metros de distância.

Por ser uma quinta-feira à noite e o dinheiro do salário semanal já no fim, o lugar estava movimentado. Famílias pobres estavam ali para penhorar um ou outro pertence para cobrir os gastos do fim da semana até o recebimento do próximo salário, na semana seguinte.

Uma fila de mulheres aguardava sua vez na loja fedendo a mofo, enquanto o penhorista e sua esposa cuidavam dos centavos e xelins e preenchiam recibos ou guardavam os itens que recebiam. Objetos ordinários, como panelas, sapatos de crianças, uma gravura emoldurada do falecido príncipe consorte.

Sally se sentiu deslocada, bem agasalhada em seus casaco e chapéu, e Harriet olhava tudo com olhos arregalados, um pouco amedrontada pelo lugar sombrio, sujo e apertado, pelo cheiro de roupa velha e pelos corpos suados. As mulheres também as observavam com curiosidade e trataram de se manter um pouco afastadas de Sally, conversando em voz baixa.

Então, chegou a vez de Sally. O penhorista, um senhor de cabelos brancos, com olhos calculistas, disse:

— Não demore muito, por favor, tenho muitos clientes para atender.

— Quero penhorar um relógio — disse. Nunca fizera isso antes; não tinha certeza de quanto pedir ou como se comportar. — É um relógio de ouro.

— Me mostre então — disse o velho.

— Claro. Desculpe. — Tateou a bolsa em busca do relógio e quase o deixou cair das mãos enluvadas. Ela e Harriet eram as únicas com luvas na loja. Entregou o relógio do pai, que continuava funcionando com precisão, e observou as mãos indiferentes do homem levá-lo ao ouvido, abri-lo, baterem na tampa com a unha. Ele esmiuçou os detalhes do relógio.

— Cinco xelins — disse o homem.

— Cinco xelins?! — Sally protestou. O relógio valia aproximadamente cinco libras, vinte vezes mais. Mas o penhorista já olhava impaciente por cima dos ombros de Sally, alguém a empurrava; e Sally notou que cinco xelins era muito dinheiro para qualquer uma das mulheres ao seu redor. Ele controlava a situação e ela não viu alternativa. Só lhe restou dizer:

— Está bem.

Ele então preencheu o recibo, cortou ao meio: um pedaço foi fixado ao relógio e o outro entregue a Sally, que guardou o papel por dentro da luva. O homem jogou o relógio na gaveta, sem o menor cuidado. Após receber meia coroa, dois xelins e seis centavos do penhorista, Sally pegou a filha pela mão e se retirou da loja.

— Anime-se, meu bem — disse uma corpulenta mulher, carregando um guarda-chuva.

Sally sorriu. A mulher tinha um jeito tão positivo e alegre que melhorou um pouco o ânimo de Sally. Mas cinco xelins! Esperava por algo em torno de três libras...

Do lado de fora, na movimentada rua, de repente sentiu fome. Não tinham onde dormir, mas não faltavam opções de comida. Logo ali, um prato com enguias por um centavo, outro de ostras logo em seguida, peixe frito, na taverna mais adiante.

— Está com fome, querida? — perguntou.

— Quero ir pra casa — disse Harriet.

— Daqui a pouco. Vamos procurar algo para jantar.

Caminhou pela rua, segurando a mão de Harriet, e a criança a seguia de boa vontade. Apesar de sonolenta e quente, de uma forma que preocupava Sally, a pequena estava fascinada com as

luzes, o burburinho e os gritos — desde que com sua mamãe por perto.

Sally sentiu a filha puxar sua mão e indicar um açougueiro de rosto espantosamente pálido sob a luz a nafta, que animadamente fatiava ao meio um animal irreconhecível, cortando o bicho como se fosse um pirata num livro de aventuras, enquanto seu companheiro anunciava:

— De graça! Quer dá quanto, madame, dê seu preço! É quase dado... repare nesse belo e gordo pedaço de carne... não você, belezura, falo dessa velha vaca bem aqui... não, também não falo da senhora... É quase de graça! Quer dá quanto?

Ao lado deles, um vendedor de verduras colocava grandes batatas na cesta de um cliente, e um pouco mais adiante um brechó, que expunha do lado de fora casacos usados em cabides e uma caixa cheia de sapatos. Sally e Harriet andavam pela rua como verdadeiras turistas. Então era assim que as pessoas viviam na Whitechapel? Penhoravam guarda-chuvas quebrados, comiam enguias, vestiam sapatos alheios. Dormiam...

Não! Não pense onde vai dormir esta noite, ainda. Um passo de cada vez. Primeiro a comida.

Encontrou um lugar de aspecto simpático ao lado da loja de roupas usadas. Pela vitrine, Sally viu as pessoas sentadas comendo, e um cheiro bom de petiscos vinha lá de dentro.

Abriu a porta e entraram no estreito e enfumaçado restaurante, com pequenas mesas com bancos. Havia um lugar vazio à esquerda, com pratos sujos ainda na mesa, mas não havia outra escolha. Sally levantou Harriet para que se sentasse no banco de madeira e se apertou para conseguir sentar.

As pessoas a olhavam curiosas. Será que era tão diferente deles? Um operário grisalho na mesa em frente enfiava uma enorme quantidade de purê de batata na boca, sem conseguir tirar os olhos das duas. Sally se perguntou quanto tempo levaria até ela começar a levantar suspeitas. Talvez não tivesse sido uma boa ideia ir a East End.

O empregado então apareceu, num longo avental que um dia havia sido branco. Ele retirou os pratos e talheres sujos, as garrafas de cerveja vazias, limpou a mesa com um imundo pano úmido e disse:

— Sim?

— Vocês têm um cardápio?

— O quê?

— O que tem para comer?

— O de sempre. Salsichão com purê, enguia cozida, arenque frito e torta de carne de dois centavos.

— Uma torta, por favor. E...

— Purê?

— Ah! Sim.

— E a pequena? Hein? Qualé teu nome? — perguntou a Harriet, que o olhava naquele instante.

A menina escondeu o rosto na manga do casaco da mãe.

— É Harriet — disse Sally. — Vamos dividir a torta e o purê, se o senhor puder trazer um garfo e uma colher para ela, por favor. Ah... e uma xícara de chá e um copo de leite — acrescentou, torcendo para que eles servissem essas bebidas ali.

O homem fez que sim com a cabeça, piscou para Harriet, que já emergira da manga da mãe, e saiu apressado. Discretamente, Sally contou o dinheiro que lhe restava: oito xelins e sete centavos. E no dia anterior... se tivesse tido a ideia de retirar seu dinheiro antes...

Não. Não pense nisso.

A torta de dois centavos era enorme. Havia pedaços de carne dentro, imaginou Sally, e a crosta era grossa, o molho tinha um cheiro delicioso e o prato estava bem quente. Bem, era possível comerem com o que tinham, não passariam fome. Passo a passo. Cortou alguns pedaços da torta para Harriet e pôs de lado para que esfriassem um pouco.

Harriet agora estava completamente desperta, olhos brilhantes e bochechas quentes, de um jeito que sempre acabava em insônia queixosa. Um momento de cada vez, Sally repetiu. Agradeça por ela ainda estar acordada. Soprou um dos pedaços para que esfiasse

mais rápido e o ofereceu a Harriet numa colher. Naquelas circunstâncias, as boas maneiras à mesa não tinham a menor importância.

Quase não conseguiram comer a torta inteira e sobrou um pouco de purê, pois não havia mais lugar no estômago. Sally demorou o quanto pôde na mesa, leu os dizeres de um pôster de uma apresentação de um teatro de variedades fixado na parede atrás de Harriet, apontando com o dedo e explicando à filha o que era um ilusionista e o que fazia o *señor* Chavez, a maravilha sem ossos do México. Harriet ouviu a tudo feliz. Provavelmente, entendia um décimo do que Sally dizia, mas gostava mesmo da voz da mãe e do fato de estarem juntinhas e aquecidas.

— Sobremesa, madame? — perguntou o moço. Sally olhou para o homem, ele se dirigia a Harriet, que retornou o olhar, confusa. — Temos pudim de ameixa, rocambolo de geleia e creme de ovos, bolo de frutas secas...

— Não, obrigada — disse Sally. — Mas gostamos da torta. Pode trazer a conta.

— Eh? Agora mesmo. Torta de dois centavos, purê... molho-chá-leite... cinco centavos, madame — disse ele.

Ela deu a ele seis centavos e disse que ficasse com o troco. Ele ergueu a sobrancelha. Não devia ter dado gorjeta? Eles não dão gorjetas por aqui... ou dei muito pouco? Deveria ter dado mais?

No entanto, ele colocou a moeda no bolso do colete, recolheu o prato e os talheres e disse em voz baixa:

— Boa noite, madame. Escuta... não se importa se eu der um conselho? Não é sua roupa que a denuncia. É seu sotaque. Fale um pouco mais grosso e não vai chamar a atenção. Logo se acostuma.

Ela abriu a boca para contestar, mas voltou a fechá-la e fez que sim com a cabeça. Após passar o sujo trapo na mesa ele voltou para a cozinha.

Bem, para a rua outra vez, pensou, pegando Harriet no colo. Estava pesada, cheia de torta, ou estaria cansada demais?

Sabia agora que seu jeito de falar a delatava. Mas nunca havia aprendido a falar o linguajar dos de East End: dos operários e

trabalhadores mais humildes. Nunca precisara aprender. Até agora. Não, era tolice, não tinha como fingir o sotaque, soaria ainda pior.

Então, o que faria?

Harriet estava bem, contente de estar no colo da mamãe, olhando as mesas cheias, os pubs, as lojas, a grande quantidade de gente se esbarrando, vendendo coisas, discutindo, fofocando. E Sally estava momentaneamente contente por vagar com a filha, pois ali no meio da penumbra da rua, onde havia apenas a fraca luz das lamparinas, de forma inconstante e teatral, ela se sentia invisível. Quase ninguém olhava para elas. Sentia-se segura.

Mas tão cansada! Era como se estivesse embriagada, supôs Sally, já que nunca havia estado bêbada. Se bem que, uma vez, ficou inebriada pela fumaça do ópio, uma sensação similar à que sentia agora...

Perdeu a noção do tempo e do quanto haviam caminhado, ela não sabia onde estavam. Sabia apenas que estavam livres. De vez em quando, passavam por casas com placas em que se lia: *Hospedagem* ou *Quartos para viajantes*, e noutra casa um papelão fixado na janela exibia a palavra *Ospedajem*. Sob a mortífera luz, todas pareciam insalubres: lugares estreitos e escuros, com janelas imundas.

As lojas e tabernas ali ficavam abertas até tarde. Mas estava seco agora e o céu sem nuvens. Passaram por uma velha loja de objetos de segunda mão, com cobertores dobrados na vitrine. Num impulso, Sally entrou, sem se importar com o mau cheiro, e comprou dois cobertores por quatro centavos. Até agora já havia gasto dez centavos, mas estavam alimentadas e se manteriam aquecidas. Não se lembrava, ao sair da loja, o que tinha dito ao velho vendedor ou que tipo de sotaque havia utilizado, mas ele não pareceu surpreso.

Em frente à loja, uma construção que parecia uma igreja, com altas árvores próximas e um banco de jardim, seria mesmo um banco? Estava difícil ver na escuridão. Sim, era um banco, e estava seco, pois estava bem embaixo de uma espessa copa de um teixo.

Estendeu um dos cobertores sobre o banco, enquanto Harriet observava, confusa. Sally então se sentou, pôs a filha no colo, e com

o outro cobertor enrolou-se com a filha, antes de se deitarem.

— Ah, Hattie — sussurrou. — O que seu papai diria se nos visse assim? Sabe o que ele diria? Ele diria: Lockhart, você é louca. Com toda a Inglaterra para se esconder, escolhe um banco de praça no East End para dormir. Ele diria ainda: Encare, enfrente. Seja forte e mostre a eles...

Harriet pôs-se mais perto de Sally, com o polegar na boca, tranquilizada pelo sussurrar de Sally e pelo calor do corpo da mãe. Após um instante, Sally continuou conversando consigo mesma, o ar que saía da boca mal soprava o chapéu felpudo de Harriet.

— Fred, o que devo fazer? Parece que são muitos inimigos para enfrentar, e eu não sei quem são ou por que, por que querem... Mas eles não vão conseguir, sabe disso, não sabe? Você sabe que nunca desistiria dela. Prefiro morrer antes. Sabe disso, não sabe? Ah, Fred, esse silêncio que chega de onde você está... O dinheiro, Fred, o dinheiro esta manhã... equivale a quatro anos de trabalho para muita gente neste país. Não acreditariam nos próprios olhos se vissem tanto dinheiro. Aquelas pobres mulheres, Fred, penhorando panelas por alguns centavos... E foi tudo embora...

— Tudo embora — murmurou Harriet, sonolenta.

— Tudo embora — disse Sally, apertando a bochecha da filha. Então sussurrou novamente: — Tudo embora. Mas a outra parte é ainda mais valiosa. Se Margaret tivesse conseguido vender uma parte das ações para mim, ainda estaríamos bem. Uma pequena casa para morar, não sei, em Hampstead ou em algum lugar parecido, e Sarah--Jane poderia ir morar conosco e cuidar de Harriet... eu mudaria meu nome... sra. Jones... e então contratar. Eu poderia, Fred, já fiz isso antes, não fiz? Já não lutei e ganhei? Mas eu tinha você. E sabia contra quem lutava...

Olhou na direção do escuro cemitério. A rua parecia distante agora, os gritos dos vendedores chegavam abafados pela distância, pelo som das folhas ao vento e pelo cansaço. Um vulto tropeçou dentro do cemitério, bêbado, e caiu sobre um túmulo, lá ficando, enquanto praguejava. Então a criatura que Sally não conseguia distinguir se era homem ou mulher voltou a se levantar, vestida com

trapos, e caminhou cambaleante até o portal da igreja. A pessoa parecia se preparar para deitar quando outro indivíduo — mais uma sombra entre sombras — se levantou e lhe deu um empurrão. O vulto caiu; Sally ouviu alguém vomitando, em seguida, um xingamento abafado.

Viu tudo isso sem sobressaltos. Pouco a pouco foi se dando conta de outros corpos movimentando-se na escuridão, pelos portais, detrás de lápides, em outro banco mais adiante, protegidos pelas árvores.

— Há um monte de gente aqui — sussurrou. — Todo mundo dormindo, que é o que eu deveria estar fazendo. Dá para ver mais duas pessoas, ou são três, no outro banco. Abraçados como eu e Harriet. Ah, Fred, fiz mal em ter vindo aqui. Não devia expor Harriet a isso. Mas não sabia o que fazer. Eu, a mulher incrivelmente independente... ah, era tão orgulhosa. Vivia do meu próprio dinheiro, fazendo negócios e me achando tão esperta e agora isso, e de repente estou dormindo num banco com míseros sete centavos e dois cobertores velhos...

Subitamente, prendeu a respiração. Tinha mais alguém no banco com ela. Harriet não se moveu, mas Sally tremia de medo. Era um homem, e ele as olhava.

E então ouviu passos: pesados, firmes, vindo pelo caminho de pedras, e sabia por que esse banco estivera vazio. Os passos pararam.

O policial vestia uma capa e segurava uma lanterna, que iluminou em cheio o rosto de Sally.

— O que pretende fazer? — perguntou. — Porque não pode ficar aqui. Não é uma mendiga.

Antes que ela pudesse responder, o outro homem, que se encontrava na sombra, falou:

— Está tudo bem, senhor policial — disse numa voz grossa, com um forte sotaque... Russo? Polonês? — Minha esposa não fala inglês. Estamos descansando. Acabamos de desembarcar, viemos de Hamburgo.

— Têm para onde ir então?

— Ah, sim. Tenho um primo na rua Lamb, em Spitalfields. Mas tínhamos que descansar um pouco.

— É melhor irem andando. Aqui não é lugar para descansar.

O oficial observou o homem pegar o braço de Sally gentilmente. Ela permitiu que ele a ajudasse e puxou os cobertores para cima do pescoço, abraçando Harriet para mais perto.

Sem dizer nada, ela acompanhou o homem pelo caminho de pedra; saíram pelo portão e viraram à esquerda para a rua.

— Quem é o senhor? — perguntou, quando já estavam bem longe dos ouvidos do policial.

— Um amigo — disse ele. — Amigo de um amigo. Meu nome é Morris Katz. Perdoe-me por me referir à senhorita como minha esposa, mas parecia o mais sensato a fazer. O policial ainda está nos observando. Pode me acompanhar?

A MISSÃO

Ele tinha estatura mediana, era forte e vestia um sobretudo surrado e chapéu preto, que tirou ao falar com ela, sob a luz vacilante da lamparina na parede. A espessa barba era negra e a expressão de seu rosto traduzia uma interessante mistura de bondade, simpatia e determinação.

Ele voltou a colocar o chapéu e a sombra encobriu seu rosto.

— Nunca ouvi falar do senhor — disse Sally. — Se é um amigo saberá meu nome. Qual é o meu nome?

— Seu nome é Lockhart e sua filha é Harriet.

— Como soube quem eu era? Estava me seguindo?

— Sim, já há algum tempo. Quando a senhorita apenas imaginava que estava em perigo, mas saiba que tem amigos que ainda não conhece.

— Amigos... Quem? Quem é o amigo de quem o senhor falou há pouco?

— Não acho que seu nome vá significar alguma coisa para a senhorita. Não é o sr. Parrish, se era o que imaginava. Agora, seria mais seguro se a senhorita viesse comigo, pois o policial ainda nos vigia.

Sally se virou e viu o policial, ainda de pé, desconfiado, nas proximidades do jardim da igreja.

— Para onde? — ela perguntou.

— Uma casa perto daqui. Há uma cama. Estarão seguras lá.

Ele voltou a andar. Sally trocou Harriet de um braço para o outro e o seguiu. Estava perplexa. Se isso era um sonho, como parecia ser, então ela iria até o fim, pois até o momento o sr. Katz parecia ser um homem confiável. Além disso, ela não tinha outra opção.

Quando um bêbado, uma gangue de garotos e até duas mulheres gritando e brigando ameaçaram empurrar Sally para fora da calçada, ele se aproximou dela e a pegou pelo braço, a protegendo. Não do tipo beligerante, mas tinha mãos fortes e passos firmes. Sally deixou que ele a guiasse.

Não muito tempo depois, numa silenciosa rua em algum lugar de Spitalfields, o guia de Sally parou e tocou a campainha de uma grande casa com detalhes do século XVIII nas janelas, e uma janela semicircular na porta. Uma mulher de meia-idade apareceu e em silêncio abriu caminho para que eles entrassem.

Sally se viu num velho corredor mal-iluminado, em que predominava o cheiro de repolho cozido. Não havia pinturas, carpete ou linóleo no piso, embora as tábuas estivessem limpas.

Os braços doloridos pediam a Sally para pôr Harriet no chão, mas a menina estava profundamente adormecida e choramingou quando a mãe ensaiou o movimento. Exaurida, Sally mais uma vez trocou a filha de braço e suspirou ao perceber que ela estava molhada de xixi. Não tinha roupas limpas para trocá-la. O que faria?

A mulher que os deixara entrar e o seu guia conversavam em voz baixa. Ao terminarem a conversa, ele se voltou para Sally.

— A senhorita ficará aqui — disse ele. — Estará em boas mãos. Em breve voltarei, e poderemos conversar. Mas agora preciso ir.

Ele ergueu o chapéu e uma vez mais Sally viu seus desconcertantes olhos pretos. Em seguida ele partiu. A mulher lhe disse:

— Venha por aqui, senhorita, a srta. Robbins irá vê-la agora.

— Mas quem... — Sally começou a falar, mas a mulher já subia as escadas à frente dela. Sally a seguiu e foi levada até um dos cômodos. A mulher anunciou o nome de Sally e se retirou.

Era um quarto espaçoso e espartano, praticamente vazio, exceto pela presença de umas duas cadeiras e uma enorme mesa apinhada de papéis, documentos, exemplares da revista *Hansard* e de vários jornais políticos. Sentada à mesa, uma mulher que Sally supôs ser a srta. Robbins: cerca de 40 anos, dona de um semblante severo, quase ameaçador, e de corpo rijo e forte. O vestido austero combinava com os cabelos presos num coque, e ela não parecia nem um pouco preocupada em suavizar sua aparência. O branco dos olhos era bem maior que a íris, dando uma desconcertante aparência predatória. Ficou olhando Sally por alguns segundos e então se levantou e estendeu a mão. Sally a cumprimentou.

— Sente-se, srta. Lockhart — disse a mulher. — Sou Elizabeth Robbins. Esta é a sede da Missão Social de Spitalfields. Estava à sua espera.

Mais perplexidade. Sally se sentou, segurando Harriet com cuidado.

— À minha espera? — perguntou, atordoada.

— O sr. Katz me contou sua história. Um homem chamado Parrish inventou ser seu marido e pai da sua filha, correto?

— É... mas quem é o sr. Katz? E como me conhece? Srta. Robbins, não entendo...

— Tenho certeza de que o sr. Katz irá lhe explicar tudo amanhã. Por ora, a senhorita e sua filha precisam de roupas limpas. Susan irá lhe mostrar seu quarto em alguns minutos. Sem dúvida, também deseja se banhar. Pode ficar aqui o tempo que desejar, mas terá que ajudar. Soube que a senhorita é uma mulher de negócios muito competente.

— Sou consultora financeira — disse Sally. — Quer dizer, era. Mas eu... hoje descobri que... O que estou tentando dizer é que não tenho dinheiro algum, srta. Robbins, nada.

— Pode trabalhar. A senhorita é forte e saudável. Poderá limpar e arrumar as camas. Cozinhar. Ajudar a sra. Turner. O que for preciso.

Sally fez que sim.

— Sim, qualquer coisa. Posso ajudar com a contabilidade...

— Isto não levaria mais do que dez minutos. Por acaso a senhorita é socialista?

— Não... Por quê?

— Apenas curiosidade. Não se preocupe, não tentaremos convertê-la. Vou chamar Susan e ela levará vocês até lá em cima.

Tocou um sino e voltou a atenção para os seus papéis, ignorando Sally. A criada bateu à porta e entrou. A srta. Robbins disse a ela que levasse Sally para o quarto de hóspedes e providenciasse roupas de dormir para ela e a filha e então desejou um seco boa-noite.

Sally seguiu a mulher até o andar de cima e depois por um acanhado e estreito quarto, onde a mulher acendeu um cotoco de vela e ajeitou as cobertas numa pequena cama.

— Vou ver se consigo uma jarra com água quente, senhorita — disse. — Tem toalhas no armário. O banheiro fica na porta ao lado.

Ela saiu e voltou minutos depois com uma vasilha com água muito quente e duas camisolas de algodão fino, uma para Sally e outra de tamanho infantil. Sally as recebeu agradecida. A mulher era taciturna e não quis conversa, retirando-se em seguida. Sally então se concentrou em despir Harriet. A criança estava contrariada, irritada e zonda de sono, mas deixou que a mãe a lavasse e secasse, emitindo apenas alguns gemidos e tremendo de frio. Sally havia enrolado a camisola pequena ao redor da vasilha, que estava excessivamente quente. A camisola não havia sido arejada e tinha cheiro de umidade.

— Vamos dividir a mesma cama outra vez, minha pequena, como fizemos ontem à noite, na rua Villiers.

Fora apenas na noite anterior? Aquele havia sido o dia mais longo de sua vida, pensou. Pôs Harriet na cama, deu-lhe um beijo de boa-noite, cantou umas duas cantigas, observou-a fechar os olhos e enfiar o polegar na boca, retirou o espesso cabelo do rosto da menina (Não tinham escova. Teria de comprar uma amanhã. Mas com que dinheiro?) e ficou sentada ao lado de Harriet até ter certeza de que tinha dormido.

Então bocejou. O bocejo parecia vir de um longo caminho e quando chegou fez o queixo cair tanto que Sally achou que nunca mais seria capaz de voltar a fechar a boca. Depois se sentou com os cotovelos apoiados sobre os joelhos, não sentindo nada além de um profundo cansaço.

E teria adormecido ali mesmo não fosse o tumulto que ouviu no corredor. Alguém gritava, algo golpeava o piso. Sally deu um salto e correu para ver o que era.

Uma terceira mulher que Sally ainda não havia visto carregava outra, alcoolizada, cuja cabeça sangrava profusamente — tentava levá-la ao banheiro. Viu Sally ali parada e chamou:

— Pode dar uma mão? Ligue o gás no banheiro...

Sally correu para o banheiro e fez o que foi pedido e em seguida voltou para ajudar a carregar a mulher. Ela berrava incoerências e resistia. O cheiro que exalava era repugnante.

— Vamos levá-la para lá... limpar seu ferimento... Venha Mary, isso, boa menina, não adianta resistir... Aqui estamos, agora vamos dar uma olhada nessa ferida.

A enfermeira, se é que era enfermeira, bateu com um banco atrás das pernas da mulher para que ela se sentasse e então segurou firme com as duas mãos a cabeça dela e examinou o machucado. Sally pôde ver que o couro cabeludo, na altura do ferimento, atraía insetos apesar da vasta cabeleira encaracolada da mulher.

— Ela precisa de um banho — disse a enfermeira. — Não pode dormir neste estado. Pode me ajudar?

Um pouco mais velha que Sally, ela era rápida, as faces vermelhas, animada e com uma fala de uma pessoa culta. Abriu a torneira da banheira.

— Bem... sim, claro — respondeu Sally.

Ajudou a despir Mary, que continuava resistindo, porém com menor intensidade, apesar de ter se jogado no chão e se levantado num rompante. Em meio ao escândalo — com muitos xingamentos — de Mary, Sally descobriu que a mulher conseguia o dinheiro da bebida se prostituindo. E ao saber que a mulher tinha sífilis, afastou-se bruscamente.

— Ah, não se preocupe — disse a enfermeira, bem-humorada, ensaboando a cabeça imunda de Mary e afundando-a debaixo da água para enxaguá-la. — A senhorita não vai pegar. Minha nossa, eu ficarei surpresa se esta for a única doença que Mary tem. Ela não vai — baixando o tom de voz enquanto ensaboava vigorosamente a orelha de Mary —, ela não vai durar muito. Em um ano vai estar morta. O álcool vai matá-la... é o que acho, embora pelo menos meia dúzia de outras coisas possam matá-la também. É um corte feio, esse da cabeça, mas aposto que quem quer que tenha feito isto recebeu em dobro. Não acredito que a violência a mate...

Mary, talvez anestesiada pela água quente e pelo banho vigoroso, estava praticamente inconsciente. Sally ajudou a tirá-la da banheira e a enxugou o melhor que pôde, enquanto a enfermeira aplicava um curativo na testa da mulher.

— Coloque a roupa dela no cesto — pediu a Sally. — Amanhã lavamos e a devolvemos a Mary. Quem é você, afinal?

— Sally Lockhart. Mas não faço ideia de... Quer dizer, que lugar é este? Você é enfermeira?

— Meu nome é Turner e na verdade sou médica. — Sally corou. Sabia que já existiam médicas qualificadas, mas perceber que logo ela, Sally, de todas as mulheres, havia achado que uma mulher prestando assistência médica fosse necessariamente uma enfermeira... Mas a dra. Turner não parecia ter se incomodado. Agora tentava colocar uma camisola em Mary. — E isso aqui é uma missão. Não é religiosa. Não estamos aqui para salvar almas. Na verdade, desconheço o que seja uma alma. Nos contentamos em salvar vidas. Trata-se de uma missão socialista. A srta. Robbins é a presidente da Liga Socialista Feminina do Leste de Londres. Eu estou aqui apenas para cuidar de ferimentos, distribuir remédios e fazer curativos. O que a traz aqui?

— Um homem chamado Katz me trouxe aqui — disse Sally, tentando enfiar um dos braços de Mary na manga da camisola. — Mas, para ser sincera, não sei por quê. Claro, sou muito grata a ele, mas... Ia dormir na rua. Eu simplesmente não sabia o que fazer...

Ela se viu pateticamente prestes a chorar. A dra. Turner olhou para Sally com curiosidade, observando as roupas evidentemente caras, e achou melhor não fazer qualquer comentário.

— Vamos levar Mary para a cama — disse. — Ela vai dormir como uma pedra. Vamos, Mary... hora de dormir com os anjinhos... lá nas nuvens, com os anjinhos.

Aquele entusiasmo era impressionante, pensou Sally. A dra. Turner era o tipo de mulher inglesa de bom coração que em outras circunstâncias estaria escalando montanhas inexploradas ou viajando pelos confins do rio Zambezi. Difícil imaginar alguém mais capaz do que essa médica para lidar com os problemas e incidentes de East End. Sally a ajudou a levar Mary para a cama (num estreito quarto, onde duas outras camas já se achavam ocupadas) e então levou as roupas imundas para a área ao lado da cozinha.

— Pode deixá-las num canto — disse a médica. — Com sorte, elas criarão pernas e sairão caminhando. Agora, é melhor lavar suas mãos imediatamente.

Sally lavou as mãos e voltou a bocejar. Retornou ao quarto atordoada de sono. Quem era essa dra. Turner? Quem era a srta. Robbins? Principalmente, quem era Katz? Não consigo raciocinar, nem tenho condições de escrever no diário. Amanhã de manhã descubro. Harriet está segura. Pelo menos por enquanto. Chegue um pouquinho pra lá, neném. Deixe a mamãe dormir.

Dentre os corredores de imundos pardieiros, de feios largos e becos fedorentos de East End, havia algumas esquinas cheias de elegância e beleza: conjuntos e até ruas inteiras de antigas casas compridas, de tijolos, construídas para tecelões de seda protestantes, que haviam fugido de perseguições na França, num tempo em que arquitetos não eram capazes de construir nada feio mesmo se tentassem.

Um desses lugares da região de Spitalfields (a poucos passos da missão) chamava-se praça Fournier. O século XIX praticamente não havia chegado ali. Se tirassem o cabriolé do meio da rua, banissem o menino do açougue, sumissem com o cartaz anunciando as qualidades do Caldo de Carne Brand's e se fosse possível espalhar

por ali perucas do século XVI, espadas, chapéus de duas abas e liteiras, e se o grande dr. Johnson voltasse para jantar, como fizera no número 12 da praça Fournier, não veria diferença nenhuma.

A residência de número 12 estava bastante movimentada. Luzes brilhavam em quase todas as janelas. O som de talheres e o cheiro de lenha queimada vinham da cozinha, localizada no subsolo da casa, e invadia os demais andares, um grande número de criados ia e vinha pelos cômodos, carregando lampiões, abrindo as cortinas, arrumando móveis.

Do lado de fora, o passageiro de uma descomunal carruagem acabava de desembarcar. Lacaios ocupavam-se em retirar um aparato de metal que estava debaixo de uma das portas da carruagem. Um deles abriu a porta de correr do veículo: uma porta bem mais ampla que a de uma carruagem convencional, assim como o próprio carro, bem mais largo e imponente que qualquer outro. Era a carruagem que Jacob Liebermann havia visto em Riga, que Bill e Goldberg haviam visto em Amsterdã e que trouxera o Tzaddik para essa casa em Londres.

Já no corredor da casa, um pajem removia com destreza a manta preta que cobria as pernas de seu amo, sentado na cadeira de rodas. Um lacaio retirou o chapéu do homem num rápido e apreensivo movimento e, sem piscar, abriu e tirou a capa do patrão. O motivo de sua apreensão era a pequena e malevolente criatura que o encarava, o *dybbuk*, que apavorava os poucos que o viam. Sentado no ombro direito do passageiro inválido, os dedos pontiagudos junto aos cabelos e à orelha do homem, balbuciando algo. Era um macaco cinza.

Ninguém falava. Todos esses movimentos bem-ensaiados eram feitos em silêncio. Depois de guardados o cobertor, o chapéu e a capa, outro criado abriu uma porta dupla de um quarto de banho, onde já havia uma tina com água quente e sabonete perfumado. O pajem empurrou a cadeira de rodas para dentro do quarto e lavou o rosto e as mãos do amo, enxugando-os delicadamente com uma toalha morna, em seguida, tocando um sino. O macaco apenas

observava, agora pendurado no toalheiro, os olhinhos selvagens e virulentos fixos nas mãos do pajem.

A porta se abriu e outro criado atravessou o corredor com a cadeira de rodas até chegar a uma acolhedora e iluminada sala de jantar. Assim que se aproximaram da mesa, o macaco saltou do ombro de seu dono e andou por cima dos pratos e talheres. Deu uma volta no centro de mesa prateado e no saleiro de cristal, roçou o rabo levantado no candelabro e pegou uma maçã de uma enorme fruteira, antes de correr com ela de volta para o lugar do lado de seu dono, devorando-a com mordiscadas nervosas.

O senhor riu. O mordomo serviu uma taça de vinho e outro criado, do lado de um aparador, servia sopa de tartaruga numa terrina.

— O elevador — disse o patrão. Sua voz era grave e o sotaque esquisito.

— Sim, sr. Lee — o mordomo respondeu prontamente. — Já foi instalado e funciona perfeitamente. Testamos ontem, senhor.

— Que bom. Pode ir. Michelet me servirá.

O mordomo se curvou. O pajem, roliço e de boca pequena, fina e vermelha, posicionou o prato de sopa em frente ao patrão e partiu uma bisnaga de pão em pequenos pedaços. O macaco pôs o que sobrou da maçã sobre a mesa.

O sr. Lee fez um som com a língua e o macaco pegou um dos pedaços de pão, molhou-o na sopa e levou à boca do dono. Este mordeu o pedaço e, ao engolir, outro pedaço idêntico já o aguardava na pequena mão de unhas escuras.

— Michelet, você não está sendo ágil o bastante com esse guardanapo — observou o sr. Lee tranquilamente, dirigindo-se ao pajem. O empregado empalideceu e abriu de uma só vez um pano branco, limpando o queixo do patrão com cuidado, solícito, antes de prendê-lo ao redor do pescoço do sr. Lee. Enquanto isso, o macaco jogava outro pedaço de pão na sopa e em seguida o empurrou rápida, abrupta e bruscamente na boca do sr. Lee.

Após meia dúzia de pedaços de pão, o sr. Lee disse:

— Coma, Miranda.

O macaco enfiou um pedaço de pão na própria boca, mastigando ferozmente, ao lado do prato, com o rabo balançando na beirada da mesa.

O pajem removeu o prato e substituiu por outro, com fatias de linguado com creme de leite. O macaco repetiu o procedimento anterior, enfiando os pedaços de comida na boca do mestre com a mesma pressa e brusquidão, enquanto o pajem se posicionava ao lado para limpar o queixo do sr. Lee, para o caso de gotas do molho escorrerem para fora da boca. O que não acontecia com frequência, pois Miranda era rápido demais nos movimentos. O pajem também servia a taça de vinho diretamente na boca do patrão.

Ao terminar o peixe, foi servido cordeiro, cortado em pedacinhos para caberem na mão do macaco, com legumes também picados da mesma forma; e depois fatias de melão; por último, torrada com ovos mexidos e anchovas. O macaco comeu duas mãos cheias de tudo, exceto as anchovas.

Após a refeição, foram servidos um vinho do Porto e castanhas amassadas pelo pajem e oferecidas pelas mãos do macaco. Foi quando o sr. Lee disse:

— Basta. Leve-me ao escritório.

Ao ouvi-lo, Miranda saltou na mesma hora de onde estava para os ombros do mestre; lembrou-se da maçã e voltou a saltar para pegá-la, retornando ao ombro de seu protetor, e se acomodando, sem deixar de morder a restante da fruta, enquanto o pajem empurrava a cadeira para fora da sala de jantar e entrava no escritório. Já posicionado confortavelmente ao lado da lareira, com café e conhaque postos numa mesa, e o macaco adormecido encolhido em seu colo, o sr. Lee voltou a falar.

— Pode trazer o secretário agora — disse em voz baixa.

O pajem fez uma reverência e se retirou. Um minuto depois voltou acompanhado de um homem alto, de cabelo louro e bem curto, penteado para cima, no estilo prussiano. Ele pôs uma maleta no chão, bateu os calcanhares e se curvou.

— Bem-vindo de volta sr. Lee — disse. — Espero que tenha feito boa viagem.

— Boa noite, Winterhalter. A viagem foi agradável, obrigado. Por favor, sente-se.

Café e conhaque foram servidos e o pajem se retirou.

A voz desconhecida despertou o macaco, que, sentado sobre um dos ombros do sr. Lee, lançava olhares raivosos para o visitante. Este nem notou; sentou-se ereto e, ocasionalmente, a pedidos do sr. Lee, erguia a xícara de café ou a taça de conhaque até a boca do patrão. O macaco observava os mínimos detalhes do movimento do homem.

— Pois bem, Winterhalter. Quanto Parrish arrecadou para mim? — perguntou o sr. Lee.

— Depositei no banco 7.846 libras, sete xelins e três centavos desde sua última visita, sr. Lee. Além da venda das “mercadorias brancas” para a Argentina, que rendeu 3.400 libras. Ao todo, são 11.246 libras, sete xelins e três centavos. Os gastos aumentaram desta vez, sobretudo por causa da polícia. O contato do sr. Parrish, o inspetor Allen, infelizmente, foi transferido de seu posto e...

— E ele não vai abrir a boca, assim espero.

— Já tomamos as devidas providências, senhor.

O sr. Lee fez que sim com a cabeça.

— Que bom — disse. — Bom. Agora, mudando de assunto. Fiz uma viagem produtiva à Rússia. As possibilidades são muitas e já comecei a organizar. Estou satisfeito com o desempenho de Parrish. Irei premiá-lo com mais responsabilidades. Por falar nisso... O problema familiar dele está indo bem?

— A sentença da corte foi favorável, ontem mesmo, sr. Lee. Favorável a Parrish, claro. O problema deve ser solucionado a qualquer momento. Ah... conseguimos isso.

Pegou a maleta e retirou dela um objeto pequeno e macio. O macaco soltou um chiado agressivo e o sr. Lee fez um som com a boca para acalmar o animal. Winterhalter pôs o objeto ao lado da lamparina. Harriet teria reconhecido o objeto; era seu ursinho de pelúcia, Bruin.

— Ah — disse o sr. Lee —, vamos colocá-lo num lugar seguro. Miranda está com ciúme. Excelente trabalho, Winterhalter. Excelente.

Agora, vamos aos negócios russos. Preste bem atenção e faça anotações se achar necessário. Trata-se de um assunto complexo.

O secretário abriu um caderno, pegou sua lapiseira de prata e ajeitou-se na cadeira, atento. O brilho da lapiseira chamou a atenção do macaco; os olhos pretos e implacáveis acompanhavam cada movimento enquanto os dois homens conversavam. O macaco saltava da poltrona para o carpete, para as cortinas, para a lareira, sem parar um minuto. Sob a luz vermelha da lareira, Miranda parecia um demoniozinho brincando no palácio do Príncipe das Trevas. Uma única vez tentou se aproximar do urso de pelúcia, mas o sr. Lee o repreendeu e Winterhalter colocou o brinquedo fora do alcance do macaco.

BRINCANDO COM TIJOLINHOS

Ao acordar, Sally ouviu vozes, passos e sons de uma casa movimentada. Não fazia ideia da hora. Harriet dormia profundamente e continuava seca. Sally permaneceu deitada por mais alguns minutos, aproveitando os últimos instantes de sossego, e então se levantou e abriu a fina cortina. Tinha uma torre de uma igreja no fim da rua estreita, e o relógio indicava dez para as oito.

Acordou Harriet, deu-lhe um banho, a vestiu e as duas desceram para a cozinha, que parecia ser o centro nervoso da casa. A dra. Turner estava lá, tomando café da manhã numa mesa comprida, com outras seis ou sete mulheres, todas malvestidas e desgrenhadas em diferentes níveis. A criada que havia aberto a porta para Sally na noite anterior fritava ovos. Mary, a mulher com o corte na cabeça, não estava. A dra. Turner cumprimentou Sally.

— Ah! Srta. Lockhart! Venha comer. Há mingau, torradas e chá na chaleira e... Olá! Qual o seu nome?

Após a apresentação de Harriet, mãe e filha se sentaram. As outras mulheres olharam com curiosidade, porém apenas por alguns segundos. Ali parecia haver um ambiente democrático com o qual

Sally já estava acostumada: lembrava os velhos tempos na rua Burton. Enquanto comiam mingau aguado e torradas queimadas, a médica explicava um pouco mais sobre o abrigo.

— A srta. Robbins herdou muito dinheiro da empresa da família... uma fábrica de chocolate, acho, cacau ou algo parecido... e criou esta missão há cinco anos, para disseminar ideias progressistas em East End, quer dizer, socialismo, secularismo, o que preferir. Mas logo descobriu que não era exatamente disso que precisavam, ainda. Então transformou o lugar num abrigo. Um lugar para mulheres que não tivessem para onde ir. Quanto a mim, eu ia ser missionária na África, dá para acreditar? Mas ao ouvir falar da srta. Robbins resolvi conhecer seu trabalho, e fiquei. Aqui continuo até hoje. Já não tenho tanta fé em Deus. Acho que ele virou as costas para nós. Precisamos nos preocupar com o *corpo*, sabe. As almas dão conta de si mesmas. Uma mulher que precisa de medicamento agora, quem sabe, estará viva na semana que vem e então poderá se preocupar com a alma. E o que dizer de criança que precisa de abrigo para não ser morta pelo pai? Apenas... e se conseguir... após voltar a conseguir confiar num adulto poderá ouvir falar sobre Jesus. Se não, será uma perda de tempo. Pelo menos é o que eu acho. Claro, isso aqui é uma gota no oceano. Fazemos muito pouco em comparação com o que precisa ser feito. Há milhares... milhares lá fora morrendo de fome e... — Ela se calou e então deu de ombros. — Você ainda vai escutar a srta. Robbins vociferar de forma assustadora — continuou —, mas é uma mulher justa. Apenas não dê motivos para que ela morda, ou poderá perder uma parte do corpo. Ela disse hoje de manhã que tinha um trabalho para você. Se quiser deixar Harriet com a gente, ela estará perfeitamente segura. Susan pode tomar conta dela. Não sei em que apuros você se meteu, mas ela ficará bem aqui.

Sally tinha todos os motivos para não se afastar da filha. Enquanto Parrish a estivesse caçando, temia perder Harriet de vista. No entanto, após ver a dra. Turner trabalhando, começara a confiar na médica. Naquele momento, não havia local mais seguro para

Harriet do que a Missão Social de Spitalfields. E já era hora de Sally retribuir a hospitalidade.

Uma hora depois, quando já havia arrumado tudo e deixado Harriet aos cuidados de Susan, a criada, Sally caminhava com a srta. Robbins rumo ao bairro Wapping. Em dado momento, aproveitou a oportunidade para perguntar sobre o sr. Katz.

— O sr. Katz é amigo da missão. Já ajudou muitos refugiados... na maioria judeus, claro. Katz é relojoeiro de profissão. A casa dele está cheia de gente neste momento, ou acredito que ele a teria levado para lá.

— Mas como ele me conhece?

— Não sei. Ele tem muitos conhecidos nos grupos socialistas em Londres.

— Ele disse que tínhamos um amigo em comum, mas não consigo pensar em ninguém.

— Nem eu — disse a srta. Robbins. — Terá de perguntar isso a ele. Agora vamos ao que interessa. Há uma mulher no Rowley Court que ajudamos no ano passado, quando o marido começou a maltratá-la. Ele estava desempregado, na época, mas as coisas melhoraram. Ele está empregado e bebendo menos. Acompanhamos de perto, entende? Esse será seu trabalho. Cá estamos, vamos virar a esquerda. Se eu fosse você, manteria a barra da saia bem longe do chão.

A srta. Robbins dobrou o mapa que consultava e entrou na escura viela. Era um dia claro e frio, mas enquanto seguia a srta. Robbins pelo beco, ladeado por altos muros de tijolos, o céu e o ar fresco pareciam ter desaparecido para Sally. Quase desmaiou com o fedor. Cobriu o rosto com a manga da blusa. Era um cheiro tão insuportável que Sally quase recuou. Ao virarem a esquina, entrando no largo, ela descobriu a causa do fedor. A única latrina compartilhada entre as oito residências do local estava entupida e transbordava, as pedras do piso estavam encharcadas por um rio de excrementos. Uma criança estava de cócoras na escada de uma das casas, nua da cintura para baixo. Era um pouco maior que Harriet, apesar de o rosto ossudo parecer com o de um macaco velho.

— Mãe! — berrou o menino ao ver as visitantes, e desapareceu, correndo com pés descalços, sujos de excremento.

— Suspenda sua saia. Não se preocupe com as botas, pode lavá-las depois. Não perca tempo com náuseas. Anote tudo. É para isso que estamos aqui — disse a srta. Robbins.

Sally ergueu desajeitadamente a saia do sobretudo como aconselhou a srta. Robbins, em seguida apanhou o caderno de anotações e o lápis.

— Srta. Robbins, tá vendo como são as coisas? — disse a mulher que apareceu à porta. — Tem três semanas, madame. A gente perguntou pro dono e ele diz que num é problema dele, mas da Companhia de Águas. Mas num sei pra onde ir, madame. Ou o que dizê...

Ela tinha o rosto chupado, era muito magra e um dos olhos estava muito contundido. As roupas estavam sujas, mas bem-remendadas, e os olhos eram cheios de vida.

Sally não estava conseguindo controlar o enjoo. Era inacreditável que alguém conseguisse ficar mais de cinco minutos naquele ambiente mefítico, quanto mais morar ali! E, no entanto, lá estavam as provas vivas de que isso era possível. Sally se concentrou, anotando as palavras da mulher, prendendo a respiração.

Então, a srta. Robbins insistiu em inspecionar a latrina pessoalmente.

— Não adianta reclamar se não conhecermos de perto o problema — disse. — Precisamos de fatos, quanto mais, melhor. Lembra-se do dia em que entupiu? O que vocês fizeram, quando conversaram com o proprietário?

Ela fez um verdadeiro interrogatório e depois de descobrir tudo o que desejava saber tocou o rosto machucado da mulher e disse:

— Como conseguiu isto, Martha?

— Ah... Caí no escuro e bati no pé da escada, madame. É verdade. A vela apagou e deu preguiça de voltar pra pegar a caixa de fósforo.

— Seu marido ainda está trabalhando?

— Tá sim, madame.

- Quanto ele traz para casa?
- Dezenove xelins na semana passada. Vinte na semana antes.
- E estão conseguindo sobreviver com isso?
- Na conta, madame. Mas melhor que muita gente. Tô em dia com o aluguel e isso é ótimo, madame.
- É verdade. Acho que o dono da casa concordaria também. E as crianças, como estão?
- Vendendo saúde, feito touro. Eu achava que ia tudo ficar doente com essa imundici, mas tão todos bem ainda. Mas descendo a rua tem gente com tifoide. A duas quadras daqui. E não demora muito chega aqui. E aí...
- Está bem. Deixe comigo. Vou dar um jeito de arrumarem isso. E se o seu marido voltar a machucá-la, espero que me avise, está bem?
- Claro que sim, madame — respondeu Martha com voz submissa.

Despediram-se e as duas partiram. Sally estava pálida, ainda tentando controlar a ânsia de vômito. Sem dizer uma palavra, a srta. Robbins abriu uma garrafa com amônia e a ofereceu a Sally. O cheiro ajudou a reanimá-la um pouco.

— Espero que tenha tomado nota de tudo — disse. — Pode passar a limpo para mim depois, mas precisarei das informações antes. Venha.

Com passos rápidos, ela guiou Sally por sob os arcos de Londres, pela ferrovia de Blackwall, subindo a rua Leman, em direção a Whitechapel. O lugar era deprimente, mas pelo menos o ar estava livre daquele fedor. Embora carregasse outros tipos de mau odor: uma fábrica de açúcar à esquerda produzia um forte cheiro de melado, que se misturava ao cheiro sufocante de carvão animal, umas duas ruas depois, do outro lado.

Na rua Colchester, a srta. Robbins leu as placas de metal com os nomes dos proprietários até encontrar a que procurava e então entrou sem bater. Sally a seguiu com o caderno, preparada para fazer anotações.

Um homem gordo escrevia num livro de contabilidade, enquanto um homem magro contava moedas numa mesa.

— Cooper? — inquiriu a srta. Robbins. — O senhor é responsável pelos aluguéis de Rowley Court?

— O que foi que disse? — perguntou o gordo. O magro parou de contar as moedas.

— O cano está entupido em Rowley Court. Uma das inquilinas se queixou com o senhor no...

— Dia 25 do mês passado — completou Sally.

— E o senhor não fez nada. O lugar agora se encontra em situação desumana. O senhor informou o problema para a Companhia Metropolitana de Águas?

— Devo ter informado. Mas não consegui...

— Por carta? Posso ver a cópia? — perguntou a srta. Robbins.

— Não, não pode! Como ousa entrar aqui e cobrar...

— Como ousa deixar seus inquilinos em condições insalubres, à mercê de doenças? Como ousa permitir que crianças vivam em tal ambiente? Como ousa cobrar o aluguel dessas pessoas quando não faz nada para resolver um problema tão vergonhoso? Quanto tempo acha que vai demorar até a tifoide chegar lá? Ou a cólera? Fico feliz em tê-lo conhecido, sr. Cooper. Nos veremos novamente.

— Por favor, por favor, espere um minuto, madame... Deixe-me explicar... Aquelas casas não me pertencem. Eu só as administro. Repassei as reclamações dos inquilinos para o dono. Madame, fiz isso assim que fiquei sabendo do problema, mas não posso fazer mais nada. O problema é inteiramente de responsabilidade da Companhia de Águas e o que o senhor... Quero dizer, o que o dono das casas fez com relação a... Quer dizer, se ele relatou o caso à... é... à Companhia de Águas, não saberia dizer...

— Qual o nome do proprietário?

— Ah, bem, trata-se de uma empresa, madame, não se trata de um indivíduo.

— O nome?

Ele fingiu procurar o nome dentro de um grosso livro de contabilidade, embora devesse saber o nome de cor e salteado.

— Empresa Imobiliária do Leste Londrino, madame.
— É uma sociedade anônima? — perguntou Sally.
— Como?
— É uma empresa de sociedade limitada? Está registrada como empresa? Existe como uma entidade legal ou não? — Sally continuou.
— Perdoe-me senhorita, mas não compreendo.
— Não importa. Qual o endereço da empresa?
Ele se mostrou preocupado.
— Angel Court, seguindo a rua Throgmorton. Olhe...
— Tenham um bom-dia — disse a srta. Robbins, e se retirou. Sally a seguiu.
— Que história foi essa de sociedade anônima? O que quis dizer?
— indagou a srta. Robbins.
— Se a empresa é constituída como sociedade anônima, então é legalmente uma entidade, assim como uma pessoa qualquer, e pode ser processada. Caso contrário, se for limitada, torna-se necessário descobrir os donos e processar um por um. Quer descobrir?
— Veremos. Primeiro tentaremos entrar em contato com a Empresa de Águas. Não tenho dinheiro para processar ninguém.
Nem eu, agora, pensou Sally, enquanto caminhavam em silêncio. Era, contudo, um silêncio mais amistoso do que das vezes anteriores. Sentiu-se como se houvesse passado num teste.
Os escritórios da Empresa de Águas ficavam em Bishopsgate, a aproximadamente 800 metros dali. Ao chegarem lá foram atendidas por um educado funcionário chamado sr. Hanbury.
— Rowley Court... Rowley Court... Empresa Imobiliária do Leste Londrino... Ah, tenho aqui um registro de um tal sr. Cooper referente a uma reclamação... Sim, enviamos uma carta confirmando o recebimento, veja, tenho aqui uma cópia do registro.
Ele sorriu gentilmente e mostrou a carta a elas.
— E isso é tudo o que vocês vão fazer? Mandar uma carta? Sr. Hanbury, creio que o senhor deveria pôr seu casaco e chapéu e vir conosco.
Ele se mostrou comedidamente surpreso.

— Como?

— O senhor viu o estado do lugar?

Ele esticou as palmas das mãos.

— Madame — disse —, não a conheço e não sei quem representa, mas problemas como esse são de total responsabilidade do proprietário. Além disso, serei muito sincero com a senhorita: não me compete tomar decisões sobre as melhorias a serem implementadas na cidade. A Empresa de Águas já tem previsto um programa...

— Não estou falando de melhorias, falo de reparos. E esse é urgente. Os moradores de Rowley Court estão tendo de andar com esgoto até o tornozelo. Quando vão providenciar o conserto?

Ele ergueu as sobrancelhas e os ombros, dando a entender que não tinha o que responder.

— Entenda, o problema é que, com muita frequência, esses lugares estão repletos de judeus... estrangeiros..., gente da mais baixa classe. As noções de limpeza que eles têm são bem diferentes das nossas. Entendo perfeitamente que as senhoritas tenham ficado indignadas com o fedor e a degradação do lugar, mas, acreditem, eles estão acostumados a coisa muito pior. Eu poderia levá-las a...

— Já escutei o bastante — disse a srta. Robbins. — Tomaremos nota de seus comentários e os incluiremos na carta que enviaremos ao seu superior; com cópia para o membro do Parlamento do distrito de Tower Hamlets. Tenha um bom-dia.

Deu as costas para o funcionário e se afastou para ir embora, com a dignidade habitual. Antes de deixarem o lugar, Sally teve tempo de reparar na simulada demonstração de indiferença do homem.

— O que eles vão fazer? — Sally perguntou, enquanto caminhavam de volta para a missão. — Vão realizar o conserto?

— Vão — respondeu a srta. Robbins. — Mas você deverá escrever as cartas assim mesmo, por favor, e enviá-las o quanto antes.

— Eles sempre usam a desculpa dos judeus?

— Ah, quase sempre. A imigração aumentou muito em menos de um ano; é conveniente culpar os recém-chegados pelas más

condições. E alguns realmente *não* têm higiene. Não tiveram chance de serem diferentes.

Naquela tarde, quando já não havia mais nenhuma mulher para ajudar, Sally ocupava-se de cinco crianças que estavam temporariamente no abrigo da missão. As mães, todas com pouco mais de 20 anos, todas aparentando ter o dobro da idade que tinham, haviam fugido de casa, da violência dos maridos. Uma delas era alcoólatra e encontrara quantidade de licor suficiente para se embriagar antes do meio-dia. Outra, uma irlandesa magra e muito tímida, chamada Bridget, recebera da srta. Robbins uma pilha de roupas para remendar.

Estava sentada ao lado de Sally num quarto amplo e vazio, na frente da casa, observando as crianças se ocuparem com tijolinhos de montar e umas poucas bonecas estropiadas. Sally estava um pouco apreensiva em ter Harriet brincando com as outras crianças: medo de doenças, sujeira, e um novo temor — da falta de boas maneiras, pensou, e corou envergonhada — surgiu como fantasma, que ela logo afugentou. Primeiro, porque não ficariam ali por muito tempo; segundo, porque ela não estava mais em posição de ser esnobe.

Um dos filhos de Bridget, um pequeno e raquítico menino de uns 3 anos de idade, mancava, e Sally perguntou qual era o problema.

— O pai bateu nele com uma pá de ferro, madame — explicou a mãe. — Olhe as costas dele.

Ela chamou o menino e levantou a camisa surrada e a camiseta que usava por baixo. As costas estavam em carne viva. Havia três enormes ferimentos, com pus saindo de grossas cicatrizes, uma massa vermelha de machucados, e próxima ao centro da espinha uma horrível ferida aberta, com pele enrugada.

— Essa ferida — disse, apontando para a pior delas. — Foi com o atizador que tinha acabado de sair da lareira. Mas foi a bebida, não meu marido. Ele é um bom homem, mas quando bebe vira um animal.

Sally perdeu a fala por alguns instantes.

— Já mostrou à dra. Turner? Ela viu as costas dele?

— Ah, sim, já. Ela passou pomada, mas disse que é melhor deixar a ferida descoberta, deixar cicatrizar sem nada em cima.

O menino se afastou mancando rapidamente. Apático, parecia não falar nenhuma palavra de inglês, além de parecer um homem velho.

— A senhora foi à polícia? — perguntou Sally.

— Pra falar do meu marido? Eles não se metem.

— Mas a criança... com certeza, ele pode ser punido por isso, não?

— Sabe o que aconteceu antes, madame? Quando o meu marido bateu com a pá no menino? Levaram ele para a delegacia e ele ganhou uma multa... imagine, multar um homem sem dinheiro! Ficamos semanas sem ter o que comer para pagar a multa. Bom, pelo menos ele ficou sem beber durante um tempo. Foi uma bênção.

Sally ficou observando o menino, Johnny, sentado no chão, um pouco distante das outras crianças. Harriet fingia tomar chá com torradas diante de duas atônitas meninas; um menino brincava, só, com dois soldadinhos. O fogo na lareira era baixo. Além de quatro cadeiras e da mesa, havia uma caixa contendo brinquedos em péssimo estado e nada mais. As crianças brincavam no chão de tábua corrida; Bridget costurava ao lado de Sally; estava tudo calmo.

Para Sally era como se o mundo tivesse sido envenenado. Como permitiam que certas coisas acontecessem? Não era de espantar que a dra. Turner achasse que se Deus existia tinha dado as costas à maioria das pessoas. Mas ela, Sally Lockhart, estava ali agora. O que fazia? Estava melhor do que antes?

Pouco à vontade, descruzou as mãos e alisou a saia, levantou-se desastradamente e se ajoelhou ao lado de Johnny.

— Quer brincar? — perguntou.

Ele a olhou. Ela esboçou um sorriso, que se apagou diante do olhar duro do menino. Então se virou de lado, pegou uns tijolinhos de madeira e os levou para perto dele. Havia tijolos grandes e outros pequenos, embora pesados. Todos velhos, uns cacos.

— O que acha de construirmos uma casa? — ela perguntou.

Ele a observou reunir alguns blocos um em cima do outro.

— Quer colocar alguns aqui? — ela perguntou. — Olhe, o grande pode ficar no canto...

Ela foi montando as peças e mostrando a ele. Lentamente, ele foi entrando na brincadeira, mas sempre fazendo o que ela sugeria: ou não estava disposto a tomar iniciativa ou simplesmente não tinha ideia do que fazer.

A casa ficou pronta rapidamente, pois não havia muitos tijolos com que brincar. Tinha porta, porém faltava o telhado, e só havia uma janela.

Eles se ajoelharam e olharam a casa.

E agora?, pensou Sally. Com que mais podemos brincar?

Ele não sabia o que era brincar, pois nunca havia brincado antes. Ao olhar para aquele lúgubre pedacinho de gente de 3 anos de idade Sally teve vontade de chorar, pois sentia-se impotente: ela também não sabia brincar. Sabia tão pouco quanto ele o que fazer com uma casa de mentirinha.

Em casa, era Sarah-Jane quem brincava com Harriet, e Sally apenas se aproximava, sorria diante da encantadora cena e se retirava. Ou, então, era Jim quem levava a pequena para caçar camarelos no jardim, após tê-los escondido cuidadosamente; e era Webster quem dava carona à filha no trilho da câmera de movimento. Sally apenas observava a tudo brevemente e voltava para algo mais importante, como ler o jornal sobre finanças ou orientar alguém sobre como ganhar dinheiro.

E agora ela era incapaz de mostrar a um menino como brincar.

Uma casa vazia de tijolos os separava. Sally estendeu uma das mãos e a empurrou de leve, e a casa desmoronou.

Naquela noite, o sr. Katz foi visitar Sally.

Ela já havia escrito as cartas para a srta. Robbins, posto Harriet na cama, jantado um pedaço de pão com queijo e ajudado a dra. Turner na enfermaria — cortando gazes velhas para ataduras e lavando frascos para remédios. Ainda não tivera um momento sequer para si mesma, embora soubesse que em breve teria de pensar sobre seu problema financeiro e escrever a Margaret e avisar

a Sarah-Jane onde estava, e finalmente descobrir por que Parrish a estava perseguindo. Por enquanto, sentir-se segura era o suficiente.

Às oito horas a criada, Susan, foi à enfermaria para avisá-la que uma visita a esperava no primeiro andar. O coração de Sally disparou, mas logo Susan acrescentou que se tratava do mesmo senhor que a tinha levado até ali na noite anterior. Observada pela dra. Turner, Sally secou as mãos, sentindo a cor voltar-lhe à face.

O sr. Katz a esperava no escritório da srta. Robbins. Levantou-se quando Sally entrou. Agora, na luz, podendo vê-lo melhor do que na noite anterior, notou a roupa puída e as botas gastas. Contudo, a voz grossa e imponente era a mesma de antes: tranquilizadora, assim como o olhar permanecia cortês e amigável. Eles se cumprimentaram com um aperto de mão.

— Sr. Katz, eu lhe sou muito grata — disse ela. — Mas espero que possa me dizer quem é e como sabe quem eu sou.

— Vou levá-la a um homem que precisa da sua ajuda — ele disse. — Ele dirá tudo o que a senhorita precisa saber.

— *Minha* ajuda? Não estou em condições de ajudar ninguém!

— A senhorita o ajudará quando ouvir o que ele tem a dizer. A senhorita tem uma capa e um chapéu? Lembro que os que vestia ontem à noite são muito chiques... poderia pegar outros, emprestados. Não estamos sendo vigiados, mas é melhor não arriscarmos.

— Posso emprestar os meus — disse a dra. Turner, que entrava por acaso. — Roupas velhas. Ninguém vai reparar nos meus trapos. Não se preocupe com Harriet, vamos tomar conta dela.

A médica tirou uma capa marrom encardida de um cabide e jogou-a para Sally, que a vestiu. Logo depois veio o chapéu — um pouco grande para Sally, mas do tamanho suficiente para encobrir o rosto —, e, em seguida, foi ao quarto apanhar a bolsa, e pronto.

— Aonde vamos? — perguntou.

— Soho.

Ele falou pouco no ônibus, assim como na movimentada rua Oxford, onde saltaram, e pouco também enquanto desciam a rua

Dean. Somente ao se aproximarem de uma estalagem ele disse a ela quem estavam indo ver.

— Seu nome é Jacob Adler — disse —, embora ele tenha outros nomes além desse. Sabe, ele é procurado pela polícia de outros países... não pelo que a senhorita consideraria crime, creio. Nessa casa, neste país, e por enquanto, ele é conhecido como Goldberg, Daniel Goldberg.

— O jornalista?

Ela estava prestes a subir as escadas, mas deteve-se.

— Já ouviu falar dele? Então já deve saber porque ele não é popular.

— Não tenho nada para falar com um jornalista. Muito menos...

— Muito menos com um jornalista socialista?

Ela não respondeu. Sentiu-se pega em flagrante: o que quer que respondesse, a deixaria em apuros. Agora que já estava ali, seria tolice não ver o homem; quanto ao "socialismo", o que havia presenciado naquele único dia havia lhe causado desconforto de muitas e diferentes maneiras, e sua reação nesse momento era uma delas.

— Está bem — respondeu.

— A senhorita tem dinheiro suficiente para voltar para Whitechapel? Não entrarei com a senhorita, tenho outro compromisso.

— Sim. Mas por que...

— A senhorita o encontrará num cômodo do segundo andar. Aquela é a janela dele. — Ele apontou para uma pequena janela iluminada. No teto do aposento, Sally viu uma sombra se movimentar. — Pode entrar. Este é um local de encontros e reuniões; tem sempre gente entrando e saindo. Ninguém vai perceber. Boa noite...

E antes que Sally pudesse responder ele já tinha desaparecido na multidão que saía do pequeno teatro vizinho.

Sally se voltou para a casa. A porta estava aberta, e como Katz dissera, era grande o movimento de pessoas entrando e saindo. Um

aviso anunciava na porta aulas de inglês. Havia outro cartaz, mas Sally não conhecia aquelas letras: não era russo. Seria hebraico?

Subiu a escada da entrada da casa e entrou num salão cheio de gente, onde um pequeno homem barbudo, numa jaqueta roxa, discursava para uma pequena plateia. Sua voz era possante; os gestos, exagerados; o olhar, hipnotizante. E as pessoas aplaudiam, celebravam, assobiavam e gargalhavam — também havia gente comendo e bebendo, fumando e discutindo com o orador, com outros da plateia, com os que estavam do lado de fora e não haviam conseguido entrar na sala.

Ao subir o primeiro patamar da escada, Sally viu outro ambiente com homens e mulheres sentados, lendo jornais, escrevendo ou jogando xadrez. Mais parecia um clube do que uma hospedaria. Ouviu três idiomas distintos que lhe eram familiares e outros tantos que nunca ouvira antes; ninguém reparou nela.

Subiu o segundo lance de escadas. Ali estava mais escuro e silencioso. O coração acelerou: e se fosse uma armadilha? Se a tivessem enganado? E se Katz a tinha levado até ali e voltado a Whitechapel e levado Harriet...

O que passou por sua cabeça para se deixar levar até ali? Que idiota! Será que nunca aprenderia?

Os dedos procuraram a pistola debaixo do xale, dentro da cesta. Lá estava, dura, pesada e carregada. Segurou-a, deixando o pulso sob a alça da cesta, para que pudesse atirar sem empecilhos, e bateu à porta entreaberta, de onde vinha um fio de luz.

— *Ja* — ouviu-se a voz. — Entre.

Ela abriu a porta e entrou devagarinho.

APENAS UM HOMEM TRABALHANDO

Goldberg olhou na direção da porta. Sally estava na soleira, trêmula e alerta como uma tigresa, e de cada centímetro de seu corpo vibrava um nervosismo eletrizante. Os olhos intensos brilhavam, os cabelos louros luziam. Ela era mesmo incrível: desesperada, assustada, porém indomável. E, ele notou na mesma hora, bela — não, bela era pouco —, ela era magnífica.

Ele nunca a vira, ainda assim sabia quem ela era. Ele se levantou.

— Srta. Lockhart, entre, seja bem-vinda. Sabe a quanto tempo estou tentando encontrá-la?

— Eu... Um homem chamado sr. Katz me trouxe até aqui. Mas...

— Eu pedi que cuidasse da senhorita. Ele a levou para a missão da srta. Robbins?

Ela fez que sim com a cabeça, confusa. Goldberg ofereceu uma cadeira e se virou para o aparador.

Sally olhou à sua volta, surpresa. O lugar era cheio de vida — sentiu-se envolta por uma multidão, como se estivesse na Bolsa de Valores, na Câmara dos Comuns, nas cochias de um grande teatro — o lugar borbulhava de vida, energia e ideias.

E, no entanto, ali, um só homem e sua mesa de trabalho.

Ele se virou do aparador e disse:

— Aceita uma taça de vinho?

Sem esperar pela resposta, encheu duas pequenas taças de um vinho encorpado. A mesa estava repleta de jornais e livros, o chão, coberto de papéis, pois ele tinha um método de trabalho bem simples: quando terminava de encher uma folha (apenas em um lado), ele a jogava no chão e pegava outra. No momento, estava na metade de uma, com uma caligrafia precisa e clara, apesar das muitas gotas e dos muitos borrões de tinta. O peso de papéis — uma pedra do tamanho de um punho — segurava uma pilha deles; uma caneca, ao lado da pedra, guardava muitas canetas e muitos lápis.

Ele deu a ela a taça e se sentou.

Daniel Goldberg era mais jovem do que Sally havia imaginado; em seus 20 e tantos anos, vasta cabeleira preta, poucos fios brancos nas têmporas. Forte, com ombros musculosos e mãos que pareciam capazes de partir ao meio um dos grossos relatórios espalhados na mesa — e sua expressão dizia que o fazia com prazer. Tinha olhos escuros e “ruguinhas” — marcas de expressão. O nariz, adunco e de narinas largas; os lábios, carnudos e amplos. Não era muito bonito; mas tinha um vigor que ela nunca havia visto num homem antes.

Ele ergueu a taça.

— À derrota dos nossos inimigos — disse.

Ela deu um gole. O vinho era encorpado e doce.

Então os dois, ao mesmo tempo, brindaram, sorrindo, e ele perguntou:

— A menina está bem?

— Sim, está. Mas... como me conhece? E nossos inimigos, acaba de dizer... Parrish também é seu inimigo? Por favor, sr. Goldberg, o que está acontecendo?

— Parrish é um criminoso. Estou investigando um esquema fraudulento, uma colossal conspiração contra imigrantes judeus. Ludibriados, compram bilhetes de navios falsos, pagam por despachantes que não existem, taxas e cobranças de trânsito fictícias e Deus sabe lá mais o quê. Deus? Não, sou eu quem sabe o

que mais: uma centena de pequenos golpes que sangram milhares de pessoas que estão sendo trapaceadas, roubadas, humilhadas. Já vi como funciona em São Petersburgo e no percurso até Wapping, Hull e Liverpool, e sei que vai muito além: Nova York. No momento, os russos não precisam de muito estímulo para perseguir os judeus, mas acredito que tem gente... uma conspiração ou organização, complô, seja lá o que for, empenhada em incitar mais pogroms contra os judeus, assim criando novas ondas de imigrações. Sabe o que é pogrom? Destruição, saques, terror.

“Bom, e tem alguém organizando isso. Eu o vi, mas não sei seu nome. Eles o chamam de Tzaddik, é uma palavra iídiche; significa o homem justo, abençoado. Uma ironia, claro. O Tzaddik tem agentes em toda a Europa, e não tenho dúvidas sobre sua atuação, também, na América. O agente em Londres é o sr. Parrish.”

Sally prendeu a respiração.

— Continue — pediu.

— Ele foi estrategicamente escolhido. Um agente comercial — não há profissão mais genérica que esta, não acha? — com dinheiro entrando e saindo, fica fácil praticar ilegalidades e não ser pego pela justiça. E ilegalidades não faltam. Por exemplo, alguns imigrantes, quando embarcam em Londres, têm o endereço de um parente ou conhecido. Mas muitos não têm. Parrish têm homens trabalhando nas docas que levam esses imigrantes, cobrando uma taxa por isso, claro, a uma hospedagem, onde os recém-chegados pagam caro por um quarto, um mês adiantado. Logo, no dia seguinte, eles descobrem quanto custaria um aluguel justo, mas aí já é tarde, não têm mais como reaver o dinheiro, e quando deixam as estalagens para um lugar melhor... ah, os donos dos estabelecimentos não se importam, pois muitos mais chegam no navio seguinte. Há muitos, muitos outros esquemas de fraude e extorsão em East End, administrados por Parrish, e ele ainda nem começou os negócios de exploração da mão de obra, embora já esteja planejando.

“Mas ele tem outras galinhas dos ovos de ouro, não só judeus. Há seis casas em West End que pagam a ele entre sessenta e setenta libras, toda semana, pelo aluguel. Normalmente, uma casa do

tamanho dessas custaria o quê? Dois guinéus? Três? Mas ele cobra sessenta, setenta libras por semana de cada uma delas. São casas de apostas, prostíbulos. Sei disso tudo porque há cerca de duas semanas planejei um assalto ao homem que arrecada esse dinheiro. — Ele viu a expressão de espanto no rosto de Sally e disse animadamente: — Ah, sim. Além de jornalista, também estou no mundo do crime. Ainda não matei ninguém, mas não faço disso um princípio. O dinheiro roubado nesse caso foi entregue ao Abrigo Judeu em Wapping. O que eu procurava na verdade era isso: o livro com a discriminação dos aluguéis.”

Ele abriu uma gaveta e retirou o livro encardido que Bill havia roubado do sr. Tubb. Sally o folheou: especificações sobre todo o dinheiro arrecadado durante meses... Ela lia, atordoada.

— Então o pegamos! — exclamou ela. — Com isso, eu posso... Se ele for um criminoso, não vão entregar Harriet a ele! E terá de devolver meu dinheiro...

— A senhorita testemunharia contra ele, não testemunharia?

— Claro, com isto!

— Pense novamente, perante a corte a senhorita é a esposa dele.

— Ah... — Ela se deu conta, contrariada. — A esposa não pode testemunhar contra o marido. Mas certamente...

Ele pegou o livro de volta.

— Vou manter isto num lugar seguro. Nós o usaremos, mas não por enquanto.

— Como... qual o seu interesse por mim e minha... situação? — ela perguntou. — Não tenho nada a ver com a imigração judaica.

— Qualquer coisa que tenha relação com Parrish me interessa. E, naturalmente, quando soube que ele estava se divorciando da esposa e pedindo a guarda de uma criança, quis entender o porquê. E quanto mais eu me fazia essa pergunta, mais louco parecia tudo.

— É louco — disse ela. — Achei que estivesse maluca. Por quê? Por que eu, por que Harriet? Não tinha explicação, a não ser que tudo fosse verdade e eu tivesse me esquecido... As pessoas, sim, se esquecem de coisas extraordinárias; eu sei, já aconteceu comigo... Mas me esquecer *disso*, teria que estar louca, e houve momentos

em que acreditei que estivesse... Mas não. Harriet não é filha dele. O pai dela morreu. E além disso...

— Além disso, uma mulher como você nunca se casaria com um homem como Parrish — disse com naturalidade. — Claro que não. Não faz sentido.

— Mas o que faz sentido?

— Isso — disse. — Essa ideia insana não é de Parrish. Há alguém por detrás dele. Alguém que quer puni-la, tirando sua filha. Parrish está fazendo isso pelo dinheiro; ele é ninguém, é um peão no tabuleiro. Se não fosse ele, teria sido outro. Esqueça Parrish. O homem por trás disso é Tzaddik.

Ela permaneceu sentada em silêncio. Havia pensando em diferentes hipóteses, uma centena de vezes, sem um nome para classificar a sombra que se encontrava atrás de tudo. As possibilidades haviam sido, sem exceção, fantásticas, vazias e apenas especulativas. A possibilidade que esse homem trazia era sólida, provava que ela não estava louca. Significava que ela tinha um aliado.

— Agora entende por que precisava encontrá-la? — ele continuou. — Porque quero descobrir quem é o Tzaddik. Sei um pouco sobre ele. Mas se ele a odeia... e se você puder dizer quem ele é, bem, aí o pegamos! E você estará livre... pois poderia ir ao tribunal. Por falar nisso, da próxima vez, eu escolheria um advogado de defesa melhor. Eu o vi em ação. É um babaca.

— Não se preocupe quanto a isso. Sr. Goldberg, esta é a notícia mais animadora que recebo desde... ah, em semanas. Mas esse homem, como se chama? Tzaddik? O que é? Quem é ele?

Goldberg lhe contou o que havia acontecido em Amsterdã. Ela ouviu atentamente. Arregalou os olhos ao ouvir a parte em que ele narrou sobre o enorme e estranho corpo paralisado, a sombra diabólica e saltitante do macaco, a menina na carruagem que gritara e preferira se afogar a... o quê? Sally sentiu calafrios de medo. E esse era o homem que queria Harriet?

Mas quem poderia ser?

— Acho que ele está em Londres — disse Goldberg. — Não tenho certeza. Mas um conhecido viu uma enorme carruagem preta sendo descarregada de um navio nas docas há uns dois dias. E faz sentido que ele tenha chegado bem na época do veredito da corte sobre o seu caso, não? Devem estar zangados com sua fuga.

— Eles quase me pegaram ontem — comentou ela. — Tive que... Bem.

Ela tirou a pistola da bolsa. Ele assobiou.

— Arma pesada — disse ele. — Já atirou com ela?

— Quase, ontem. — Ela contou tudo que acontecera, desde o início, quando recebeu o pedido do divórcio naquela manhã, no jardim de casa, até o momento em que Katz a encontrou no banco do jardim ao lado da igreja. Ele a interrompeu apenas uma vez, quando ela lhe disse que um rapaz a tinha parado na entrada da travessa Middle Temple.

— Era Bill — disse ele. — Um protegido meu. Me contou sua reação. Disse que foi violenta, que quase o matou. Que parecia uma tigresa. Queria conhecê-la pessoalmente e agora consegui. Por favor, continue.

Eles se olharam intensamente por apenas um instante e então ela baixou os olhos e continuou. Quando Sally terminou, ele permaneceu calado na cadeira por alguns segundos, pôs as palmas das mãos sobre a mesa e se levantou.

— Bem — disse. — Bem... A senhorita merece mais vinho.

Pegou a taça dela e voltou a enchê-la.

— Tokay — disse ele. — Foi feito em meu país.

— O senhor é húngaro?

— Fui, um dia. Agora sou... É aqui que vivo, onde trabalho. Escrevo em inglês. Talvez esteja me tornando inglês. Um brinde à queda do Tzaddik!

Brindaram e beberam. E Sally notou que começava a enrolar a língua. Foi um relaxamento súbito, o alívio de encontrar um aliado. Mais do que isso: era a natureza de seu aliado, a presença hipnotizante daquele homem, sua vitalidade perturbadora. Parecia que ao redor dele invisíveis tempestades eletromagnéticas atuavam

com toda a força. Simplesmente porque ele tinha um trabalho, uma ocupação a que se entregava de corpo e alma, e isso era uma das qualidades que ela mais admirava em alguém. E então se sentiu como uma garotinha novamente, sem saber o que dizer.

Mas você não é mais uma garota, disse a si mesma. É uma adulta. Encontre algo para dizer.

— No caderno de Parrish — disse, apontando-o na mesa — há o item “mercadorias brancas”. O que significa?

Ele a olhava fixamente.

— Meninas vendidas para se prostituírem. Esse é outro ramo do negócio de Tzaddik, mais um passatempo que lhe dá prazer. Parrish está envolvido nisso também. Eles empregam mulheres, a maioria delas fala iídiche, para irem às docas procurarem meninas que viajam sozinhas. Oferecem a elas um lugar para ficarem, e quando as recém-chegadas se encontram longe de alguém que possa ajudar ou que fale sua língua, ficam sabendo do preço que terão de pagar pelo abrigo. São as meninas que trabalham nessas casas sórdidas de Parrish... metade delas refugiadas, pobres meninas judias que aqui chegaram sozinhas. Quando ficam doentes ou desgastadas, são levadas para o exterior e vendidas em bordéis da região portuária. A América do Sul é o destino preferido. É com esse tipo de gente que estamos lidando, srta. Lockhart: homens capazes de fazer essas coisas.

Ela ficou em silêncio, não conseguia encontrar a própria voz. Ele prosseguiu:

— Entende por que preciso da sua ajuda? Precisamos descobrir por que o Tzaddik quer lhe fazer mal. Se descobrirmos isso, descobriremos quem ele é. E então, quem sabe, poderemos destruí-lo. Agora... vamos aos detalhes técnicos. O que precisa em primeiro lugar? Dinheiro?

Sally se concentrou.

— Sim. E preciso avisar onde estamos à babá de minha filha. E à minha sócia, a srta. Haddow... Essas são as três coisas mais urgentes. Em seguida, preciso descobrir o paradeiro do clérigo que assinou meu registro de casamento.

— Muito bem. — Ele pegou uma folha de papel e escreveu nela; a mão pegou a caneta e o tinteiro sem precisar olhar e cada vez que molhava a pena na tinta o fazia com destreza.

— É a sua vez de escrever agora... para a babá de sua filha e para sua sócia, e eu levarei o bilhete a elas, assim vão me conhecer e confiar em mim. Até onde eu sei, Parrish não me conhece. Sabe que alguém está atrás dele, mas não sabe quem é. Venha, escreva os bilhetes.

Ele se levantou e ofereceu o lugar a ela. Sally fez o que ele pediu e guardou cada uma das cartas num envelope lacrado, enquanto ele a observava, apoiado no parapeito da janela. Ela notou que ele a olhava e não se incomodou. Na verdade, não pôde evitar sentir um certo prazer em ser observada por um homem daqueles. Mas ela guardou tal sensação em um recanto da mente, planejando voltar a ela mais tarde.

— Acabou? — perguntou. — Que bom. Agora eu a acompanharei de volta à missão. Eu sei, a senhorita tem uma arma, está bem, mas quero acompanhá-la assim mesmo. Além de poder desfrutar da sua companhia, quero conhecer o abrigo, para um dia poder conhecer a srta. Robbins e seu trabalho. Poderei escrever uma matéria interessante a respeito do abrigo, quando tudo isso terminar. Alguns camaradas menosprezam o trabalho de pessoas reformistas da classe média que vão viver com os pobres e que tentam fazer o bem. Eu, não. Claro, não deveria haver miséria, e o trabalho mais importante a fazer é erradicá-la. Mas enquanto existir miséria e suas amigas estiverem fazendo esse trabalho, então dezenas de mulheres terão um lugar seguro para dormir ou um remédio para a tosse esta noite. Seu chapéu...

— Obrigada — Sally respondeu. — Na verdade, não é meu. Grande demais. Peguei emprestado...

Ela sabia a razão da sua resposta. Pura vaidade. Mas era a primeira vez em muito tempo que desejava estar bonita. Agora não, pensou consigo, agora não. Mais outro assunto com que se ocupar mais tarde.

Não conversaram muito no ônibus e ela lançou um rápido sorriso enquanto apertavam as mãos na porta da missão, sob a luz do lampião. Mais tarde, depois de já ter dado um beijo em Harriet e deslizado por entre as cobertas ao lado da filha, Sally se permitiu encarar esse estranho e apreensivo júbilo que sentia fervilhar em algum lugar em sua mente: o fato era que viu em Daniel Goldberg algo raro — um homem que ela reconheceu de imediato, mesmo sem conhecê-lo, como sendo seu igual.

A apenas um quilômetro de distância o Tzaddik se encontrava sentado em seu salão de estudos, esperando que o sr. Parrish explicasse como conseguira perder Sally.

O macaco estava pendurado no ombro do mestre, manuseando uma castanha incessantemente, com sua pequena mão preta, antes de mordiscar a noz com rapidez. O sr. Parrish teria ficado nervoso não fosse a tática oriental de controle da mente que utilizava agora, ensinada pelo conhecido místico Wu Shu-Fan, num livro que ele comprara na primavera anterior. Incluía longos exercícios de respiração e movimento em espiral de energias psíquicas pela espinha dorsal.

Com as energias psíquicas espiralando rapidamente de baixo para cima, a respiração profunda feita a partir do diafragma, o sr. Parrish explicou o sucedido:

— Ela tinha uma pistola, sr. Lee — disse. — Eu não tive dúvidas de que ela atiraria em mim primeiro, pois era eu quem estava mais em evidência; e que depois, se fosse preciso, atiraria nos outros dois homens e escaparia, em meio ao pânico, como de fato fez. Não gostaria da inconveniência de ser ferido, embora o constrangimento de ser morto teria sido ainda pior, especialmente para o processo judicial. Não teria como pleitear a guarda da criança. O que fizemos foi quebrar a vitrine da casa de chá e segui-la. Ela apanhou um ônibus que ia para East End. As ruas estavam cheias de gente, numa hora movimentada... mas eu tomei um cabriolé e segui o veículo de perto para ver onde ela saltaria. Infelizmente, o trânsito estava muito congestionado e acabei perdendo o ônibus de vista. Notei,

porém, que se tratava de um carro verde e que a linha terminava em Whitechapel.

— Você tirou os pertences dela da pensão em Bloomsbury?

— A dona do estabelecimento, a sra. Parker, não deixou que tirássemos nada da casa. Posso providenciar que furem os objetos, se quiser, sr. Lee.

O grande homem refletiu sobre a proposta. O macaco terminou a noz e desceu, primeiro com a cabeça, do ombro do inválido, em busca de uma nova castanha na vasilha cheia que o mordomo havia trazido. O sr. Lee fez um leve comando com a boca a que de pronto o macaco atendeu, levando a noz à boca do dono, empurrando-a entre os lábios.

Após mastigar e engolir a noz, voltou a falar:

— Não roube nada da pensão. Continue procurando Sally. Não fiquei muito bem-impressionado com o que fez até agora. O senhor não tem suficiente autocrítica. Pode ficar com o dinheiro que tirou da conta bancária dela. As ações e os títulos, o senhor irá transferi-los para mim. Se a encontrar, terá tudo de volta, se for encontrada por outra agência, nunca mais verá a cor desses bens. Faça isso imediatamente. Amanhã de manhã quero um documento demonstrativo de que todas as ações, todos os títulos e investimentos originalmente registrados em nome de Veronica Beatrice Lockhart, e que no momento pertencem a Arthur James Parrish, foram transferidos para o meu nome.

— Entendo perfeitamente, sr. Lee — balbuciou o sr. Parrish. Agora a técnica oriental para controlar a mente ia de mal a pior. — O senhor planeja contratar outra agência, então, senhor? Se me permite perguntar, qual será essa agência com a qual competirei?

— Permito, sim — respondeu o sr. Lee. — A Polícia Metropolitana. Ao sair, verá que há um cavalheiro à espera no corredor. Trata-se do subcomissário de polícia Bushell.

A espiral psíquica sucumbira por completo. O sr. Parrish se levantou e estava prestes a dizer algo, mas olhou o rosto impassível do patrão e desistiu.

— Boa noite, senhor — disse, esforçando-se para se mostrar positivo e projetar uma impressão de vigor e eficiência. — Amanhã de manhã trarei a informação financeira que me pediu, senhor. Boa noite.

O subcomissário Bushell era um homem de meia-idade com uma tosse seca e atitude respeitosa — para com o sr. Lee, diga-se de passagem, pois com o sr. Parrish sua atitude foi de indiferença. O oficial entrou e se sentou, passando a ouvir atentamente o que o sr. Lee explicava.

— Uma mulher chamada Lockhart, srta. Sally Lockhart, provavelmente está escondida, embora eu não tenha certeza, em East End, com uma criança de 2 anos de idade, uma menina chamada Harriet. Quero que a encontre. Ela é loura, bela, com pouco mais de 20 anos. Imagino que esteja com muito pouco dinheiro. Já está sendo procurada pela polícia; o jornal na mesa, à sua direita, lhe explicará por quê. Miranda, outra noz...

O macaco saltou imediatamente para a cumbuca, agarrou uma noz e enfiou boca adentro do sr. Lee, enquanto o policial lia o artigo que Sally havia lido dias antes no *The Times*.

O sr. Bushell terminou a leitura e dobrou o jornal com cuidado.

— Confesso que não estava sabendo desse caso — admitiu o policial. — Por ser um oficial antigo na corporação não me atenho a essas operações corriqueiras. Seria difícil me informar sobre o assunto sem chamar a atenção dos colegas, logo seria meio indevido...

— Encontre-a — disse o sr. Lee, indiferente. — Invente o que quiser. Do contrário, informarei ao seu superior, e aos jornais, sobre suas ligações com os bordéis. Tenho todos os detalhes de todas as visitas que o senhor já realizou: as horas, os pagamentos, o dinheiro que já ganhou e já perdeu por lá, e de todas as meninas com quem esteve. O senhor deveria saber que teria um preço a pagar, Bushell, e este é o preço: ponha todos os homens que conseguir atrás dela e encontre essa mulher.

Por desconhecer os mistérios das técnicas orientais de controle da mente o sr. Bushell desfaleceu visivelmente. Então consentiu com a

cabeça, suspirou e se levantou.

— Mais uma coisa — disse o sr. Lee antes de o visitante alcançar a porta. — Em algum lugar no Soho há um homem que se autodenomina Goldberg, um jornalista. Soube que ele anda abusando de sua posição como hóspede deste país e está espionando várias operações comerciais legítimas. Seria um ato de decência e patriotismo da polícia descobrir o que esse patife esconde e avisar ao ministro do Interior sobre as atividades do estrangeiro e finalmente deportá-lo. Aliás, ele foi condenado à morte na Hungria, as autoridades húngaras devem estar ansiosas por recebê-lo de volta. Providencie isso também, por favor.

A ORDEM DA SANTÍSSIMA SOFIA

O sr. Parrish tinha muitos contatos nas margens insalubres do submundo e não tardou em começar a busca por Sally. Para tanto, ele se baseou na ciência, nos princípios ensinados pela obra-prima de Abner T. Handley, *O Amigo do Jovem: Um Guia para o Sucesso nos Negócios*, cuja leitura lhe tomou horas do seu pragmático tempo. Abner T. Handley destacava, com eloquência, as questões referentes à cautela e ao espírito empreendedor; e o sr. Parrish resolveu criar um novo paradigma para esses dois quesitos, ao oferecer cinquenta libras a quem lhe trouxesse notícias sobre o paradeiro de Sally — com o dinheiro dela, claro. O que poderia ser mais sagaz e econômico do que fazer a presa pagar pela caça?

Simultaneamente, o subcomissário Bushell instruíu os superintendentes dos distritos da Polícia Metropolitana de Whitechapel, Stepney e Thames, para que mobilizassem o maior número de homens possível na busca. Ao todo, havia 1.235 policiais sob seu comando, e embora considerassem injustificada e exagerada a interferência do velho, que deveria estar carimbando papéis em alguma repartição da Scotland Yard, eles cobiçavam os louros pela

captura de Sally; assim, voltaram para suas repartições e colocaram parte considerável dos 1.235 policiais disponíveis nas ruas.

O subcomissário Bushell também não se esqueceu de Goldberg. Ele mesmo tinha opinião formada sobre os estrangeiros agitadores e socialistas, ou comunistas, anarquistas ou coisa pior, e conhecendo um agente que já havia realizado um trabalho junto a esses grupos para ele convocou o homem da Scotland Yard e lhe deu a missão de encontrar o tal perigoso político encrenqueiro e avisar assim que tivesse novidades.

Nessa mesma manhã, Sally voltou a sair com a srta. Robbins. Dessa vez foram visitar uma família que trabalhava na fabricação de caixas de fósforos. A srta. Robbins estava reunindo estatísticas para uma pesquisa sobre as condições sociais em East End. Sally foi com ela, pois queria conhecer um dos chamados *sweatshops*, locais de grande exploração de mão de obra.

A família consistia em cinco integrantes: pai, mãe, duas filhas adolescentes e um menino enfermo de 7 anos. Todos se espremiavam num pequeno quarto, 3 por 2,5 metros. O menino se achava deitado num colchão em um dos cantos e respirava com dificuldade. Os demais trabalhavam ao redor de uma mesa, iluminada pela fraca luz da rua que atravessava a janela. O ar estava carregado de odores de doença, suor, peixe, cola. As mãos dos membros da família moviam-se sem parar, colando papéis de cor magenta em pedacinhos de madeira, pondo-os para secar para depois dobrá-los em forma de caixinhas. Uma das filhas, uma menina de aparência viva e rebelde, agrupava e amarrava pacotes de caixas já prontas. Ganhavam da fábrica dois centavos e um vintém por dúzia de caixas, explicou o pai. Sally não acreditou no que ouviu, mas a srta. Robbins confirmou. Além disso, era responsabilidade da família comprar a linha e a cola. Trabalhavam todas as horas do dia e boa parte da noite para não morrerem de fome.

— Este não é exatamente um *sweatshop*, pois eles trabalham por conta própria, e não para o proprietário do local que organiza e vistoria o trabalho. Mas não deixa de ser exploração. Neste caso, pela fábrica de palitos de fósforo. Infelizmente, aquela menina logo

vai acabar fugindo de casa. A que amarra os pacotes. A dona de um bordel na rua Devonshire está a incitando com ofertas tentadoras. Lá, vai ganhar dinheiro rapidamente e morrer cedo de alguma doença venérea.

— Não pode ter certeza disso — disse Sally, sentindo-se na obrigação de fazer um comentário otimista.

— Não posso mesmo. Talvez um cavalheiro de bom coração e com renda anual de quinhentas libras se apaixone e case com ela. Ou quem sabe um anjo caia do céu e a leve direto para o paraíso. Ou pode vir a ser atropelada por um ônibus. Não posso prever o destino das pessoas. Mas é inegável que há meninas bonitas como essa em milhares de *sweatshops*, igualmente cheias de vida, espertas e frustradas, e um grande número vai acabar da forma como eu descrevi. Com certeza.

Sally não tinha como argumentar. O sentimento de pena a deixava impotente e sem ação, por isso voltou-se para o que ela entendia: dinheiro, lucros e custos. Tentou se lembrar de quantos clientes ela havia aconselhado a investir nos fabricantes de fósforos Bryant & May's. Ora, ela mesma tinha ações da empresa.

Ao chegar à missão, soube que havia três cartas para ela, mas não teve tempo de vê-las até terminar de ajudar na cozinha a servir sopa e pão às mulheres e crianças do abrigo. Um cavalheiro moreno havia trazido as cartas, foi tudo que a criada informou. Sally as guardou no bolso para ler depois, mas sentiu o coração acelerar ao reconhecer a letra cheia e firme em uma das cartas.

Quando Harriet já tinha terminado de jantar e as mulheres já haviam limpado a mesa e lavado a louça, Sally levou a filha para tirar uma soneca. Harriet estava dengosa — um pouco febril e queixosa. Sally a mimou e a acariciou na cama até a menina adormecer; então a cobriu com as cobertas.

Finalmente, sob a tênue luz da tarde, tirou as cartas do bolso. Reconheceu a caligrafia de Sarah-Jane Russell e abriu o primeiro envelope:

Querida srta. Lockhart,

Espero que esteja bem-escondida e a salvo. Três homens estão vigiando a casa desde ontem e um policial veio com um mandado para revistá-la. Tive que deixá-lo entrar. Ele disse que tem um mandado de prisão para a senhorita. Não pude acreditar, é horrível demais, mas se ele disse deve ser verdade. Ele levou muitos papéis e outras coisas. Tentei evitar, mas ele disse que o mandado lhe dava poderes para isso. Quero tanto que os senhores Jim e Webster voltem logo da América do Sul, mas por enquanto nenhuma notícia deles.

A sra. Molloy esteve aqui hoje para saber da senhorita; está terrivelmente preocupada. Não quero piorar as coisas, mas a cozinheira e Ellie precisam receber seus salários amanhã e eu não tenho dinheiro nenhum.

Mando, pelo sr. Goldberg, uma carta de Oxford. Ele veio aqui antes, mas como não sabia quem era, nada disse.

Farei o que puder para ajudar. Por favor, dê um beijo em minha querida Harriet por mim e diga que a adoro. Desejo muito que tudo isso acabe logo.

Com todo o meu amor,
Sarah-Jane.

A carta de Oxford tinha a caligrafia de Nicholas Bedwell.

Minha querida Sally,

Creio ter encontrado seu elusivo sr. Beech. Um colega que foi capelão do Exeter College é hoje. Bem, é uma longa história, mas o que importa é que há um lugar em Hampstead (rua Rolfe) conhecido como Ordem de Santa Sofia. O nome completo é mais longo, mas tenho pressa de chegar ao correio, sei que você descobrirá em breve.

Parece ser uma irmandade de padres, monges ou alguma coisa do tipo. Sofia significa sabedoria. A irmandade é uma dessas invenções perfumadas e vazias com a qual não perco meu tempo. Há muitas parecidas aqui em Oxford: universitários recém-formados que dão uns aos outros títulos extravagantes e realizam

rituais excêntricos. É católica romana, não anglicana. Enfim, meu colega Reggie Routledge me disse que um bom número de fiéis já pertence a essa ordem; e um deles é um tal Gervase Davidson Beech, que passou bom tempo convalescendo, pela falta de uma palavra melhor para usar, na comunidade de São Anselmo, Norwich.

Se me permite o conselho: faça um ataque frontal (vá lá e o encare), talvez seja a melhor aposta. Não dê tempo de ele pensar numa desculpa. Espero não estar julgando mal o homem, mas a natureza da aflição que parece tê-lo levado a São Anselmo para se curar me leva a crer que não estou equivocado. Mas talvez queira que eu, como homem clérigo, descubra mais sobre ele.

Nada li nos jornais sobre o julgamento. Não preciso dizer que você e nossa querida Harriet estão em nossas orações. Me informe sobre sua decisão.

*Com grande afeição,
Nicholas.*

Pôs a carta de lado se sentindo ao mesmo tempo exultante e exasperada. Se Nicholas sabia qual era a aflição do sr. Beech e se isso era relevante para o processo legal, por que diabos ele não havia especificado a doença?

De qualquer forma, em uma ou duas horas poderia perguntar isso pessoalmente ao sr. Beech. Obrigada, Nick, pensou, e decidiu que responderia a ele assim que voltasse.

E então abriu a carta de Goldberg, notando que suas mãos tremiam.

Cara srta. Lockhart,

Uma pena não tê-la encontrado na missão, mas a excelente dra. Turner foi bastante gentil ao aceitar entregar as cartas à senhorita. Espero que contenham novidades que a alegrem.

Vou visitar a srta. Haddow agora. Espero revê-la na missão, à noite.

Às pressas,
Daniel Goldberg.

Sem saber por quê, Sally se sentiu murchar e se achou uma boba por isso. Pediu a Susan que cuidasse de Harriet e saiu apressada.

Primeiro, um ônibus verde-escuro para Tottenham Court, seguido de um amarelo para Haverstock Hill, seis centavos pelas duas passagens e 45 minutos depois que deixara a missão Sally chegou à rua Rolfe, procurando a Ordem de Santa Sofia. Era uma rua suburbana e tranquila, as casas com amplos jardins e protegidas por árvores. Não tinha ideia do que procurar, mas pouco tempo depois viu um aviso pintado num portão de madeira. Em pequenas letras góticas, dizia:

A Mais Nobre e Sagrada Ordem
da Emissão
da Abençoada e Divina Santíssima Sofia.

A casa era bem-cuidada e o jardim bem-cultivado e quase austero. Sally tocou a campainha e um minuto depois um homem magro de batina de padre católico abriu a porta.

— Boa tarde — disse Sally. — Procuo o sr. Beech.

Ele parecia um pouco contrariado.

— O sr. Beech está... Bem, ele está na casa... Ele a está aguardando?

— Não, mas saberá quem sou quando me vir — disse Sally. — Meu nome é Lockhart.

Tentou ser o mais simpática possível. Havia algo de medíocre naquele homem, com um anel de ametista e um medalhão de ouro que beirava o ridículo pendendo da corrente que caía do pescoço. Sally desejou que ele não fechasse a porta. O homem hesitou e acabou por dar passagem a ela.

— Bem, terá de esperar no corredor — disse.

A mobília era escura e opressiva, meticulosamente limpa e encerada; um cheiro de incenso no ar; um ambiente impessoal. Sem

paciência, o padre lhe ofereceu uma cadeira para sentar e desapareceu pelas escadas. Sally se sentou e esperou. Com exceção do incenso e da estranha atmosfera institucional, nada indicava que ali fosse a sede da Ordem da Maior Emanação da Abençoada Sofia, o que quer que isso significasse.

Cinco minutos depois, escutou passos na escada. Um homem chegou ao pé da escada e se virou para ela: velho, magro e pálido, com as mesmas vestes do religioso que lhe havia aberto a porta e com o mesmo cordão com o medalhão pendurado no pescoço.

— Sr. Beech? — perguntou ela.

— Sim — respondeu ele. — Infelizmente não a conheço, srta. Lockhart. Não sei como posso ajudá-la.

— O senhor já foi o reitor da igreja de St. Thomas em Portsmouth?

— Já, mas há algum tempo eu...

Ele vacilou. Ela o olhou alarmada, pois o homem parecia que ia desmaiar. Ele agora sabia quem ela era.

Sally não o ajudou. Apenas observou enquanto ele procurava com dificuldade uma cadeira. Parecia querer afundar nela, mas se manteve de pé, apoiando os braços no encosto.

— É melhor me acompanhar até a biblioteca — disse, com uma voz que era quase um sussurro.

Ele abriu uma porta para ela. Quase não se podia chamar aquilo de biblioteca: umas poucas prateleiras com livros, algumas cadeiras e, sobre a lareira, uma pintura, estilo simbolista, de várias pessoas inexpressivas com auréolas e raios dourados.

Ela se sentou e ele fechou a porta.

— O senhor sabe por que estou aqui? — ela disse.

— Sei.

— O senhor forjou a certidão de um suposto casamento entre mim e o sr. Parrish.

— Eu... Sim.

Ele estava de pé ao lado da mesa, hesitante, girando o medalhão dourado entre os dedos. Nesse ambiente, mais iluminado, Sally notou que a medalha não era de ouro, mas de latão. Levava uma

vaga silhueta feminina em alto-relevo, rodeada de raios, como se emanasse luz.

— O que é este lugar? — ela perguntou, após alguns minutos de silêncio.

— Um grupo... de iniciados dedicados a entender a propagação, por assim dizer, da Sabedoria Divina.

— A sabedoria divina? É muito diferente da sabedoria de todos os dias?

— Bem... Naturalmente, há um aspecto esotérico que eu não posso... Níveis de iniciação... É um sistema complexo, baseado, acima de tudo, na ideia de salvação por meio de... de... do conhecimento... Trata-se de uma doutrina muito antiga... Gnosticismo...

— Então, se a pessoa detém o saber correto vai para o céu. Bem, posso entender isso. O oposto disso é não saber nada, e isso é um verdadeiro inferno, sr. Beech. Durante três anos não sabia que era casada com o sr. Parrish, por exemplo. É esse o tipo de exemplo de conhecimento secreto ao qual o senhor se dedica?

— Srta. Lockhart, imploro que me deixe explicar...

— É exatamente por isso que estou aqui.

Ele puxou uma cadeira e se sentou em frente da mesa. A pele era flácida, pálida, amarelada; parecia estar severamente doente. O guia dos clérigos, que Nicholas possuía, revelava que o sr. Beech tinha pouco mais de 50 anos, no entanto, aparentava ter 80. Os olhos estavam muito vermelhos e lacrimejantes. Nunca vira tanta fraqueza, miséria, tanta... o quê? Mas havia uma certa malícia, uma teimosia na expressão do rosto dele que desagradou Sally.

— Então? — ela perguntou.

— Foi algo que ocorreu quando eu já não estava bem de saúde — disse. Os olhos dele não se demoravam em Sally, se desviando e voltando para ela, inquietos. — Desde jovem, quando era missionário, nos trópicos, tenho sido vítima de uma aflição que, de tempos em tempos... ah... me torna menos sensato do que deveria. Esse incidente envolvendo a senhorita... Grande motivo de

arrependimento e constrangimento para mim... Aconteceu num desses períodos de perturbação.

— Por que fez isso?

— Tentei explicar. Perco a noção das minhas ações... Foi um lapso deplorável, realmente deplorável. Eu admito.

— Perguntei *por quê*. Por que fez isso? Ele o obrigou?

— Ele?

— Parrish, claro.

— É difícil afirmar depois de tanto tempo... Por favor, acredite, não fiz por maldade. Não fazia ideia de que existia uma mulher com o seu nome... Foi uma brincadeira...

— Ah, pare de mentir, sr. Beech. O senhor faz ideia do que isso acarretou?

— Por favor, srta... Lockhart, por favor, não aumente o tom de voz, eu lhe peço...

— Eu tenho uma filha. Sim, uma filha ilegítima, mas minha, e eu a amo. O pai dela morreu. Não sabia nada sobre o sr. Parrish até receber de repente o pedido dele de divórcio e da custódia da minha filha. E ele foi capaz de fazer isso: inventar essa mentira descabida graças ao que o senhor fez há três anos, quando criou um falso registro de casamento. Tenho procurado o senhor desde o dia em que vi essa certidão e, agora que o encontrei, exijo que o senhor testemunhe perante a corte... e confesse que forjou esse casamento. Somente o senhor pode provar que Parrish não se casou comigo naquele mês de janeiro. Se o senhor...

Ela se calou ao ver que o homem balançava a cabeça negativamente. Ela o encarou e ele olhou para o chão.

— O senhor terá de fazer isso — ela repetiu.

— Não, não posso.

— *Por quê?* Por que está fazendo isso comigo? Minha *filha*... O senhor permitirá que um completo estranho a tire de mim? *Por quê?*

Ele engoliu a saliva várias vezes, tentou falar, pareceu que ia se levantar. Ela foi até a mesa e agarrou o pulso fino do homem, ciente da força desesperada de seus dedos e bastante disposta a esmagar os frágeis ossos do sujeito se fosse necessário.

— Por favor... A senhorita está me machucando...

— Por que fez isso? Que poder ele exerce sobre o senhor, pelos céus? Por que não pode confessar a farsa?

— Não posso... Não posso ser tratado dessa forma...

A porta se abriu. O sr. Beech olhou para a saída como um colegial culpado por alguma desobediência.

— Posso perguntar o motivo de tanto alvoroço? — perguntou o padre que havia deixado Sally entrar.

Ela soltou o pulso do sr. Beech e ele se deixou cair para trás na cadeira, choramingando, lágrimas nos olhos.

— Estou tentando convencer o sr. Beech a fazer o que ele sabe que é o correto. Ele me prejudicou terrivelmente e pôs minha filha em perigo e agora só ele pode resolver tudo. Sr. Beech, eu peço novamente: o senhor vai testemunhar perante a corte, afirmando que forjou uma certidão de casamento?

— Não posso... Seria incompatível com meu... meu... meu trabalho aqui na Ordem da Santíssima Sofia se eu me submetesse a interrogatórios...

— Muito bem. O senhor assinaria uma declaração juramentada?

— Não posso fazer isso. Seria impróprio vindo de um homem de... de batina assumir qualquer tipo de blasfêmia...

— Acredito que o sr. Beech já deixou clara sua posição — interveio o outro homem. — Não creio que a senhorita conseguirá alguma coisa adotando essa postura ameaçadora. Peço que a senhorita se retire.

Ele caminhou na direção dela e Sally disse, em tom desesperado:

— Está bem, não ameaçarei o sr. Beech. Inclusive, retiro o pedido de que testemunhe a meu favor no tribunal. Ele poderá permanecer aqui sem ser molestado. Mas o senhor deve entender que preciso saber *por quê!* Por que fez isso? Foi Parrish quem o obrigou ou foi outra pessoa? O que fizeram para você assinar a certidão?

— Não, não foi ninguém! Não conheço ninguém chamado Parrish!

— O senhor escreveu uma carta a um clérigo em Clapham recomendando o sr. Parrish. Certamente o conhece.

— Eu estava doente!

— Quem foi que o procurou há três anos? Quem o fez assinar o documento?

Os três estavam de pé e ninguém se moveu por alguns instantes. De repente, o sr. Beech estremeceu e começou a chorar. Os ombros sacolejavam, as lágrimas escorriam copiosamente, as mãos tentavam em vão enxugar o nariz e os olhos. O outro homem o ajudou a se retirar da biblioteca. Sally ouviu os frágeis passos subirem as escadas.

O padre voltou a fechar a porta.

— Não sei o que é mais apropriado nesse caso — disse o homem contrariado. — O sr. Beech está, obviamente, sujeito às disciplinas desta ordem, da qual ele se tornou membro recentemente, mas tais disciplinas não podem obrigar nossos irmãos a revelar nada que desejem manter em segredo... Mas há outra pessoa envolvida, a senhorita, e se a compreendi bem, há uma criança em perigo. É uma situação delicada.

Ele lançou um olhar sobre a pintura de mau gosto acima da lareira como se buscasse inspiração.

— Eis o que posso fazer. Não soube por meio de confissão e não acho que seja segredo. A criada sabe, o filho do jardineiro sabe e é melhor que a senhorita fique sabendo por mim do que por outra pessoa. Há anos o sr. Beech sofre de uma desgraça que o assomou na juventude. Quando entrou para a ordem, ele disse que havia se curado, mas descobri, para minha infelicidade, que não era verdade. Ele andava recebendo pacotes, entregues à criada ou ao filho do jardineiro. Por isso, suponho que o remetente dos pacotes é a mesma pessoa que o forçou a prejudicar a senhorita. E essa pessoa ainda exerce poder sobre ele.

— Ainda?

— Ah, sim. Infelizmente, o sr. Beech continua a ser uma vítima; temo que na idade dele...

— Mas que doença é essa? E por que isso permite que alguém tenha poder sobre ele?

— Ah, perdoe-me. Devia ter explicado. O sr. Beech é vítima da morfina. É viciado em ópio.

Ópio...

Sally estremeceu ao ouvir a palavra. Já havia descoberto do que o ópio era capaz, e agora entendia o comentário curioso de Nicholas Bedwell na carta quando se referiu à doença do padre, pois o irmão gêmeo de Nicholas já fora dependente, assim como Bedwell, da droga.

Então era chantagem: assine o registro ou será denunciado. A determinação do padre foi se tornando mais e mais fraca pelos anos de vício e ele acabou assinando o documento. A entrada para a tal seita Santíssima Sofia era uma tentativa de esquecer, de disfarçar, de apaziguar a culpa, dando um toque místico às suas ações. Quantos crimes como aquele ele não teria cometido, quantas mentiras já não teria contado?

E continuavam o provendo da droga. O que era curioso. Por isso não queria dizer mais nada, claro; poderiam cortar o abastecimento. Aquela relação com o ópio acendeu um sinal de alarme em Sally. Sem entender por quê, sua nuca ficou toda arrepiada.

Passou as primeiras horas da tarde brincando com Harriet e cortando pão para o jantar. Definitivamente, Harriet não estava bem. Estava febril e não conseguia se concentrar em nenhuma brincadeira por muito tempo, ficando irritada e chorosa com facilidade. Sally queria mimar a filha; ao mesmo tempo, pensava nos sofrimentos muito mais graves pelos quais muitas das crianças ali presentes haviam passado.

Quando encontrou tempo livre foi à enfermaria falar com a dra. Turner sobre a febre da filha; para a sua surpresa, encontrou a médica sozinha e aos prantos.

— Ah... bobagem... não consigo me controlar, maldição!... mas sempre fico assim... ah, quando vamos conseguir *mudar* essa realidade?

Sally a abraçou e deixou que ela chorasse em seu ombro. A médica lhe contou que uma mulher com tuberculose havia chegado à missão mais cedo e a dra. Turner teve que mandá-la embora. Ela teria que ir para o Hospital de Londres, na rua Whitechapel, não muito distante dali, mas se recusou.

— Eles sabem que ir para lá é uma sentença de morte... Vão lá para morrer, todos dizem isso, e se recusam a ir para o hospital... Ela me implorou para que a acolhesse, mas, ah, não posso permitir que a doença se espalhe aqui dentro... não posso... uma doença como essa acabaria contaminando todos... ela vai acabar dormindo na rua, sei disso...

Sally deixou que ela chorasse. Era tão forte, suas lágrimas tão sinceras, que Sally não conteve as lágrimas — pela dra. Turner, pelo pequenino Johnny, pela mulher alcoólatra, por todas aquelas pobres vidas abandonadas. E todos os problemas e medos que tinha não se mostravam isolados, mas sim junto dos demais, parte desse vasto oceano de infelicidade que batia à porta da missão.

— Não posso ajudá-la — disse Sally.

Elas se olharam, ambas com olhos vermelhos e lacrimejantes. A médica balançou a cabeça negativamente. Então se inclinou para trás, assoou o nariz e suspirou.

— Venha comigo ouvir Jack Burton esta noite — disse. — Ele vai melhorar nosso ânimo.

— Quem é ele?

— Um estivador. Está tentando convencer todos os estivadores a se sindicalizarem, para que o sindicato possa defender os direitos de todos. Se não estiverem unidos, continuarão sendo facilmente explorados... Jack Burton é tão entusiasmado, um orador tão poderoso, ele enche meu coração de esperança, me faz acreditar que tudo é possível. Venha comigo, Sally! Posso chamar você de Sally? Eu me chamo Angela.

— Gostaria de ir com você. Adoraria. Este é um novo mundo para mim. Nunca tinha sonhado que existissem histórias como essas, injustiças assim... a família que faz caixas de fósforos que vi nesta manhã... mas... Estou preocupada com Harriet. Ela está febril e acho que não devia deixá-la. Além disso, uma pessoa vem aqui hoje me ver. Trataremos de problemas que envolvem Harriet. Em breve eu explico melhor, Angela. Descobri algo importante hoje. Acho que estou no caminho certo.

— Virá comigo numa outra oportunidade? Sally, não tenho palavras para explicar quanta força, quanto talento e quanta imaginação desperdiçados e... tantas qualidades: inteligência, coragem, liderança, visão, está tudo lá, nesses trabalhadores e nessas trabalhadoras, eles não precisam de benfeitores da classe média como eu! Tudo o que precisam é de uma *chance*...

— O respeito que eles têm por você não é porque pertence à classe média, Angela, faça-me o favor, eles a respeitam pelo que você é em sua essência. Uma médica... quantos médicos escolheriam trabalhar aqui? Pense no quanto sua decisão foi nobre! E você é uma mulher que lutou para se tornar médica... e as pessoas sabem como é difícil concluir esse curso e o quão determinada você precisou ser para se tornar doutora. Tem ideia de como sua profissão é valiosa? E você sabe que a exerce com competência e dedicação. Não sabe? Não deixe que eles a façam menosprezar suas qualidades. Você também tem motivos para sentir orgulho.

— Eles?

— O inimigo. Os grandes proprietários, os donos de fábricas.

— Os capitalistas?

— É. Incluindo a mim, eu sei. Mas não sou como eles. E estou sempre aprendendo.

Angela concordou com a cabeça, voltou a assoar o nariz e então sorriu rapidamente, os olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

— O que há de errado com Harriet? — perguntou. — Vamos dar uma olhada nela.

Bill estava ocupado. O *melamed*, sr. Kipnis, se achava numa súbita explosão de energia após uma de suas doses do cantil e estava fazendo Bill trabalhar duro na surrada cópia do *Novo e Indestrutível Livro de Lições Pictóricas*, de Webb, Millington & Co.

— Comprei este especialmente para você — disse pela décima vez. — Procurei por ele em toda a rua Farringdon. Demorei horas para encontrar. Custou-me três centavos. Pelo visto, foi muito utilizado. Agora é sua vez. Dê o seu melhor. Comece por aqui, com este pássaro.

Os dedos trêmulos do professor tocavam as páginas do livro aberto. Bill viu a figura de uma coruja e franziu a testa, tentando ler a palavra abaixo do desenho.

— *A... É uma coruja, não é? A coruja... é... encontrada... entre... antigas... antigas...* não consigo ler esta palavra, sr. Kipnis.

— Deixe-me ver. — O velho homem aproximou o livro dos olhos. — *Ruínas*, garoto. Vê, aqui, o bendito R, então você continua com o u e encontra *inas*. Vá em frente.

— *Ruínas e em... ar... árvores.* — A cada pausa Bill sentia um profundo alívio; significava que estava avançando, pouco a pouco. As palavras mais curtas já se mostravam transparentes: ele conseguia, no texto, ver através delas, como pequenas janelas numa casa. E, a cada dia, mais luz entrava na casa, com as palavras mais longas também se tornando familiares, e Bill se sentindo mais à vontade para arriscar e tentar adivinhar as palavras, acertando as suposições com mais frequência. Não demoraria muito para ele se debruçar sobre *O Manifesto Comunista*. — *Ela se alimenta de... de... filhotes... de lebres e coelhos...* aqui, veja, sr. Kipnis, tem coelhos nesta página. É um *coelho*, não é?

— Isso mesmo, rapaz. Está indo bem. É um bom livro, eh? Muita sabedoria nesse livro. Aqui...

O sr. Kipnis olhou à sua volta. Eles se encontravam na pensão da rua Dean e Goldberg havia saído. O *melamed* se curvou para falar com Bill ao pé do ouvido.

— Vou contar uma coisa que ouvi hoje. Diga ao sr. Goldberg que estão atrás dele. A polícia. É melhor ele sumir por algum tempo. Estão atrás dele, foi o que escutei. Diga a ele, está bem?

— Os tiras? Por quê?

— Não sei. Mas é melhor ele ficar quieto. Não há motivo para procurar complicação, se pode evitar.

— E se não quiser se entocar?

— Esta é a rotina de todo judeu, filho. Não somos bem-vindos em lugar algum. O melhor que podemos fazer é ficar na nossa, longe de problemas. Claro, em Jerusalém seria outra história. Em Eretz, Israel. Mas não pra gente, não nesta vida. — Ele suspirou

melancolicamente; seus velhos olhos estavam úmidos. A mão buscou sem jeito o cantil no bolso e ele fez sinal com a cabeça para o livro. — Continue, rapaz, a comoquechama, a coruja. Continue.

Com semblante franzido, Bill voltou a pegar o livro. Fugir — ficar longe de confusão — não era o estilo de Goldberg. Ou de Kid Mendel. Certamente, alguns judeus não fugiam. Que tipo de respeito a corajosa Bridie Sullivan da Lambeth Walk teria por ele, se ele amarelasse e fugisse? Ela tinha colegas como Liam para comparar com Bill.

— Não esqueça — disse o sr. Kipnis. — Dê o recado assim que puder.

— Tudo bem, sr. Kipnis. Mas ele não vai se esconder, o senhor vai ver *só... ela se alimenta de... filhotes de lebres, coelhos, ratos, camundongos e pássaros. Ela... caça quando... chega a noite...*

Às oito da noite a criada abriu a porta do escritório onde Sally estava escrevendo cartas e disse:

— Uma senhorita veio vê-la.

Era Margaret. Sally prendeu a respiração por um segundo e elas se abraçaram.

— Você recebeu... ele...

— Ah, Sally, você não faz ideia...

A expressão de Margaret era de preocupação. Sally puxou uma cadeira para a amiga e a deixou falar.

— Desde quinta-feira, na verdade ontem e hoje pela manhã, contadores estão remexendo e bisbilhotando tudo no escritório: cada carta, cada relatório, cada documento. Eles chegaram ontem cedo, pela manhã. Iam levar tudo embora. Tinham um mandado, mas li com cuidado e vi que em lugar algum dizia que eles poderiam levar nossas coisas, então descii correndo e pedi ao porteiro que trancasse a porta da saída, enquanto eu corria para o escritório ao lado. O daquele advogado esquisito, que manca, lembra? Pois ele foi *excelente*. Foi na mesma hora ler o mandado. Os homens estavam prestes a arrombar a porta e ele disse que os processaria por danos materiais se fizessem aquilo... Enfim, eu o contratei de imediato e conseguimos que não levassem nada do escritório, mas revistaram

tudo, de qualquer forma. Sally, estão arruinando nosso negócio! O sr. Wentworth, o advogado, disse que não estão apenas atrás do seu dinheiro, mas também do seu negócio, e, de acordo com os documentos que ele leu, estão tentando judicialmente nos impedir de continuar as atividades com a alegação de que nossa empresa foi imprópriamente registrada. E tudo por causa da certidão de casamento. A lógica é a de que, como você não revelou que estava empregando dinheiro do seu marido no negócio, todas as suas atividades tornam-se ilegais. Eles estão simplesmente... se esbaldando... Estive lá o dia inteiro, hoje, tentando responder perguntas, esclarecer pontos e acho que já fizeram tudo o que podiam, por enquanto. O sr. Wentworth tem sido maravilhosamente competente; entendeu todo o ocorrido e tomou todas as medidas para protelar o processo, com mandados de injunção, ordens judiciais, não sei, todos os procedimentos possíveis, e conseguimos segurá-los até segunda-feira. Mas ele não pode fazer muito mais sem a sua autorização. Se conseguir ver detalhadamente o processo e as provas contra Parrish, o sr. Wentworth talvez consiga encontrar uma saída. Mas, ai, Sally, esses homens são tão arrogantes... Entraram em nosso escritório como se pudessem fazer o que bem entendessem... Agora entendo como você se sentiu... violentada... invadida... é horrível...

A controlada e irônica Margaret falando assim, mostrando toda a sua impotência: Sally estava chocada.

— Mas o que aconteceu com você? — Margaret perguntou. — Como chegou até aqui? Que lugar é este? Quem é o homem que esteve no escritório? Ah, não se preocupe, ele não falou nada na frente dos outros. E como está Harriet?

Sally contou tudo que havia acontecido até ali. Apesar dos poucos dias, parecia uma epopeia. Terminou a narrativa com a insatisfatória e estranha, embora intrigante, conversa com o sr. Beech e a descoberta sobre o vício do ópio.

— Margaret, não sei por quê, mas sempre acabo deparando com essa maldição de ópio. Algo está muito errado. E esse advogado, o

sr. Wentworth, você acha mesmo que ele seria capaz de assumir o meu caso? Você confia nele?

— Confio. Ele é ágil, esperto e honesto. Acho que não tem muitos clientes. Ele não é muito atraente, nem cativante. Desconfio que a maioria das pessoas contrata advogados pela aparência. E o escritório dele é bem feio. Mas, pelo que vi da atuação dele, sim, posso dizer que é extremamente confiável. O único problema é que você teria de se entregar à polícia.

— Mas... de jeito nenhum! Nunca poderia...

— *Escute*. Ele não pode ajudar se você estiver foragida. Ele iria apenas se complicar, e aí seria impossível ajudá-la. Ele só pode atuar dentro da lei. Se você se entregar e nomeá-lo seu advogado, ele poderá pagar sua fiança pelo incidente com a arma, na casa de chá, conseguir que Harriet fique sob a tutela jurídica da corte para mantê-la afastada de Parrish, durante esse período, conseguir todos os documentos que se encontram em poder do seu atual advogado e pôr a mão na massa. Se você não fizer isso, ele não pode agir.

Sally se levantou e caminhou até a janela. Na rua, uma escuridão quase absoluta, apenas dois pontos de luz a gás ao longe. Boa parte de Whitechapel — pelo menos as ruas principais — era cheia de vida até o início da noite, com pubs e barracas de comerciantes, mas não aquela rua — era tranquila e não havia viva alma ali.

Apoiou a testa no frio vidro da janela. Com um bom advogado a defendendo talvez conseguisse reagir e sair daquela loucura diabólica. A acusação de Parrish seria invalidada e Harriet estaria a salvo, Sally recuperaria seu dinheiro, seu negócio seria salvo.

No entanto, mais adiante na escuridão havia o Tzaddik. Ele era o causador de tudo aquilo. Mesmo que Parrish fosse descartado, não faria diferença; Tzaddik estava muito bem-protegido, oculto, e a conexão entre ele e Parrish se perderia. E, certamente, ele iria se esconder com um cuidado ainda maior.

Na escuridão, poderia preparar um novo ataque. E mais uma vez seria tão bem-preparado, arquitetado, que estouraria como uma bomba, e fatal. Inclusive já poderia existir uma segunda armadilha para o caso de a atual falhar. Pela meticulosidade com que ele havia

planejado essa emboscada, era difícil imaginar que ele não houvesse pensado em todas as possibilidades. Devia haver dezenas de outras armadilhas à espera de um passo em falso, todas engenhosas e fatais.

Não, sua luta era contra o Tzaddik, e sua melhor chance de vencê-lo era continuar escondida e deixar que Parrish fizesse tudo que estivesse ao seu alcance. Fossem apenas seus bens, ela abdicaria deles sem pestanejar, mas Margaret também seria prejudicada; e se descobrissem onde Harriet estava...

Ela se virou para dizer que não sabia o que fazer... e contar a Margaret sobre Tzaddik, mas antes que tivesse tempo de abrir a boca, a porta se abriu e Goldberg apareceu.

Ao ver Goldberg, voltou-se para Margaret, e percebeu, pela expressão da amiga, a expressão do próprio rosto. E ficou totalmente desconcertada, ruborizada como nunca antes.

Goldberg acenou cortês com a cabeça para Margaret.

— Boa noite — disse. — Seu advogado, o sr. Wentworth, é um bom homem. Conversei com ele. Mas seus serviços terão de esperar. Srta. Lockhart, preciso da senhorita imediatamente. Precisamos ir até o rio. A criança está segura? Então venha. Srta. Haddow...

Outro aceno com a cabeça e ele se retirou, deixando a porta aberta para Sally. Após um olhar desamparado para Margaret, ela o seguiu.

A HISTÓRIA DE REBECCA

Caminharam pela rua Royal Mint em direção à Torre de Londres. Goldberg estava apressado e parecia preocupado, e a única resposta que deu às perguntas de Sally foi:

— Estamos esperando pela chegada de um navio. Eu darei mais detalhes quando chegarmos à margem do rio.

As ruas estavam apinhadas de gente, as calçadas eram estreitas e ele pegou Sally pelo braço, como se tivesse tal direito, caminhando com passos decididos e rápidos, bem próximo a ela. Com a mão contra o braço dele, ela podia sentir a tensão e a força de Goldberg: havia algo extraordinário naquele homem. Sally se surpreendeu com a intensidade das suas próprias sensações e mais ainda com os sentimentos que motivavam tais sensações.

Desceram na direção do rio. A imponente Torre de Londres erguia-se sombria à direita. No final da rua, antes de virarem à esquerda, uma estreita entrada dava numa escadaria de pedras que descia até a margem do rio. Antes de descerem, Goldberg parou e apontou para os portões da doca, um pouco mais adiante.

— Vê todas aquelas carruagens? — perguntou. — E o bando de parasitas?

Sally enxergava apenas uma rua interdita. Um policial tentava, em vão, organizar os carros numa única fila, pessoas se empurravam e berravam. Parecia um amontoado de abutres vorazes e prestes a capturarem suas presas; e foi o que ela disse a Goldberg.

— É exatamente isso que são — respondeu. — Estão à espera dos judeus que vão desembarcar. Os primeiros barcos chegarão daqui a pouco; é melhor nos apressarmos.

Ele a conduziu pela entrada e os degraus abaixo. A única iluminação vinha de uma fraca luz a gás de um armazém à esquerda, e os degraus estavam molhados e escorregadios. Ela pegou na mão de Goldberg.

Um homem num bote os aguardava ao pé da escadaria. Levava uma lamparina muito antiga, que ele levantou ao perceber a aproximação dos dois. Sally fitou o rosto sujo, de barba grisalha, e sentiu, mesmo antes de chegar mais perto dele, um forte cheiro de bebida alcoólica.

— Boa noite, sr. G. — disse o homem.

— Boa noite, Charlie. Vamos buscar uma passageira e queremos desembarcar aqui.

— Como quiser, senhor.

O velho firmou o barco para que Sally entrasse. Goldberg se posicionou na popa ao lado dela e então o marinheiro pendurou a lamparina numa estaca da proa e pegou os remos.

— Onde os aliciadores estão trabalhando?

— No Píer Head, no cais, senhor. Na bacia de Santa Catarina. Essa gente vai ser desembarcada no Píer Head. Veja, há mais de sessenta, talvez setenta pessoas chegando à terra firme, quem sabe até mais. Vê os veículos na rua Lower Thames? Nos últimos dois meses, os cocheiros tomaram gosto pelo negócio também. Tem até um guarda lá para pôr ordem no lugar. Havia mais de cem cabriolés ali na semana passada.

— O que são os aliciadores? — perguntou Sally.

— Parasitas — respondeu Goldberg. — Trapaceiros. Criminosos. Os abutres que vimos agora há pouco.

Suas vozes soavam diferentes, no meio do rio, longe da margem e das muralhas de tijolos.

— Os cocheiros de cabriolé de aluguel — disse o marinheiro — são os piores. Mesmo que as pessoas tenham para onde ir, as que desembarcam, a maioria não fala inglês, então só repetem o endereço para o cocheiro levá-las ao lugar de destino. E então alguns cocheiros andam com eles por toda a cidade, passam por Walthamstow, Leyton, Wanstead Flats, e depois cobram uma fortuna. Vão ocorrer muitos casos como esse hoje, já que esse navio vem de Roterdã. Eles não se importam com os de Hamburgo, cujos passageiros são alvo de interesse dos *sweatshops*, que procuram por “verdinhos”...

— Esse é um novo vocabulário para mim — disse Sally. — O que são “verdinhos”?

— Trabalhadores, os recém-chegados que serão futuros operários. Gente sem trabalho que não conhece nada aqui. Verdes, sabe.

Era uma noite tranquila e a água deslizava sob o barco como uma seda. Goldberg estava sentado em silêncio ao lado de Sally e o velho marinheiro — e seu cheiro de conhaque —, quase caindo no sono. Apenas as ligeiras e quase silenciosas remadas, regulares como um relógio, indicavam que ele ainda estava no comando. Sally se sentia suspensa entre o céu e o mar, o passado e o futuro, o perigo e... e o quê? Olhou para Goldberg, mas não conseguia ver bem a expressão de seu rosto, encoberto pela sombra da larga aba do chapéu.

— Por que me trouxe até aqui? — perguntou. — Tem alguma coisa que quer que eu faça?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Há uma jovem viajando sozinha. Ela tem notícias sobre o Tzaddik e quero garantir que nos conte o que sabe o quanto antes. Precisamos ser rápidos. No navio, haverá mulheres como as que lhe falei a respeito, à cata de meninas solteiras, e provavelmente elas são muitas. Essas mulheres falam ídiche, russo e alemão, fingem pertencer a fundações de caridade judaicas, inventam qualquer coisa para levar as jovens.

— São as mercadorias brancas? — perguntou Sally.

Ele confirmou com a cabeça.

— Precisamos encontrar Rebecca Meyer... e salvá-la das mãos dessas mulheres. O problema é que ela está esperando encontrar uma mulher. Se você a encontrar, ficar com ela, ela virá conosco. Faria isso?

Sally fez que sim.

— Como saberei quem é ela?

— Tenho uma fotografia aqui...

Ele entregou a ela uma foto em péssimas condições e acendeu um fósforo para que pudesse enxergá-la. A menina aparecia de pé na escada de entrada de uma casa russa, supôs Sally. Era morena, robusta, um rosto desconfiado, portava um xale que cobria seu cabelo. Segurando uma vassoura, parecia ser uma criada ou algo do tipo. O fósforo apagou.

— Ela fala inglês? — perguntou Sally.

— Quase nada. Um pouco de alemão, acho. Mostre a ela a fotografia, se quiser. Será difícil, terá que ganhar a confiança dela. Eu não estarei por perto, pois tenho uma outra missão a bordo. Mas você consegue.

Espero que sim, desejou Sally. Enfiou a fotografia dentro da luva e permaneceu sentada ao lado de Goldberg enquanto o barco avançava para o meio do rio.

Foi quando avistou o navio. Encontrava-se mais adiante, entre uma selva de mastros, luzes brilhando das escotilhas e da ponte, rodeado por um enxame de pequenas embarcações — botes como o que os conduzia agora, barcaças, lanchas a vapor e várias outras que Sally não soube identificar —, como abelhas em volta do pólen. Ao se aproximarem, ela viu que o deque estava repleto de sombras, e algumas pessoas já se amontoavam na escada mal-iluminada e tremulante, que as levaria do navio para os pequenos barcos, que as deixariam em terra firme. Mãos as ajudavam a descer, apanhavam suas trouxas esfarrapadas, jogando-as no barco, para em seguida e rapidamente se voltarem para os próximos passageiros.

Charlie, o marinheiro, manteve pouca distância do navio e ficou afastado dos demais, e pela primeira vez Sally notou que agora

havia uma forte correnteza.

Um dos barcos já carregado e pesado se afastou preguiçosamente e outro se apressou para tomar seu lugar ao lado da escada do navio. Aparentemente, não havia critério de organização dos barcos — o primeiro a conseguir chegar ao pé da escada levava a cabo seu negócio, enquanto dos demais barcos na disputa ouviam-se gritos e xingamentos.

O primeiro barco a encostar no navio levava dois homens a bordo, um para remar e o outro, ouviu Sally, como intérprete. Ele falava em iídiche com os tripulantes no deque e Goldberg contou a ela que o homem se oferecera para levá-los até o Píer Head, com viagem de cabriolé incluída, até uma pousada judaica limpa e asseada, com prévia apresentação ao dono do estabelecimento e tudo por pouco mais de dez xelins. Sally ficou pasma, pois a passagem de navio para Roterdã custava apenas uma libra. Ainda assim, pessoas se aglomeravam na saída da escada. Talvez não soubessem quanto valiam dez xelins.

— Ah! — disse Goldberg. — Olha quem chegou.

Uma lancha a vapor alcançara a escada, espantando os barcos menores, que balançavam bruscamente nas águas revoltas produzidas pela lancha. Um homem de rosto largo e rechonchudo, com cartola e sobretudo caros, saiu da lancha e começou a subir com dificuldade a oscilante escada, seguido de outro homem, mais baixo, com chapéu-coco, que carregava uma pasta de documentos.

— Quem é? — perguntou Sally.

— O ilustre Arnold Fox. Nunca leu o nome dele nos jornais? Verá. É um antissemita... está fazendo uma campanha para que o Parlamento não permita a entrada dos judeus na Grã-Bretanha. Charlie, já pode nos deixar na escada. Quero ver o que esse homem está tramando. Pronto, srta. Lockhart?

Sally fez que sim com a cabeça. Sem demonstrar qualquer esforço, o velho marinheiro manobrou o bote e avançou com agilidade, metendo-se entre a proa da lancha de Arnold Fox e o barco logo atrás.

Assim que tocaram no casco do navio, Goldberg agarrou a corda da escada, enquanto Sally pisava na lateral do bote e em seguida num dos degraus da estreita e sacolejante escada. Estava ciente dos olhares que vinham do navio, do empurra-empurra entre os barcos que se aglomeravam sobre as águas escuras e da proximidade de Goldberg, atrás dela. Sentiu a mão dele tocar a sua por um instante e olhou para trás, e ao se deparar com o olhar dele voltou-se em seguida para o navio.

Já no convés, sob a luz bruxuleante das lamparinas de querosene que criavam acentuadas sombras, ele se inclinou e falou em voz baixa:

— Assim que a vir, não perca tempo. Outros estarão ansiosos por fazer o mesmo. Aquela ali, por exemplo... conheço aquela bruxa velha, já a vi antes. É dona de um bordel, chama-se sra. Paton. Veja o que ela está fazendo.

Ele apontou para uma mulher vestida com um casaco de pele suntuoso e com uma maquiagem carregada. Devia ter pouco mais de 50 anos, imaginou Sally. Tinha lábios estreitos e olhos frios como moedas. Acariciava a lapela da roupa de uma bela morena que segurava uma trouxa com seus pertences — indefesa, assustada, educada, ouvia a mulher lhe sussurrar algo de maneira persuasiva. A menina respondeu e a mulher acenou para um homem na amurada do convés e então os três se dirigiram para a escada.

Sally teve o ímpeto de correr até eles e resgatar a menina, mas foi detida pela mão de Goldberg em seu braço.

— Atacamos a raiz, não as folhas. Quer ver mais, olhe aquele homem.

Ele indicou com a cabeça um dos passageiros, um homem grande com um chapéu de pele. Sally reparou que ele agia exatamente como um cão atrás do rebanho. Seleccionava alguns passageiros para descerem do navio e detinha outros, de acordo com os barcos que paravam debaixo da escada, e o fazia com tanta agilidade que parecia ter sido contratado apenas para manter o bom fluxo da fila.

— Quem é ele? — perguntou Sally.

— Um dos aliciadores. Repare nos marinheiros. Alguns participam do esquema, outros, não, mas todos têm uma espécie de senha, sinal, ou coisa do gênero.

Eles ficavam observando debaixo da amurada, mas na escuridão não dava para identificar nenhum sinal de gestos cifrados que provavelmente faziam.

— Quem ele está escolhendo? — Sally inquiriu.

— Os mais ricos. Ou seja, aqueles com uns poucos rublos restantes. Os mais pobres não interessam. Imagine, depois de uma viagem longa desde a Rússia, parasitas em todos os lugares. Mas agora precisa procurar por Rebecca Meyer. Terei que deixá-la por algum tempo, mas a encontro depois. Boa sorte.

Ela assentiu com a cabeça. Ele sumiu entre a multidão, e ela olhou à procura da moça.

Sacos e trouxas espalhados por todos os lados — sacolas de lona áspera penduradas no pescoço, pacotes embrulhados em grosseiros tecidos de algodão, colchões enrolados, acolchoados de plumas que escapavam das cordas que os amarravam. Chapéus: nada de coco, chapéu de caçador ou cartola, com exceção da do sr. Arnold Fox, o antissemita. Nada de quepes de *tweed*; mas sim quepes tipicamente russos, com abas de couro, chapéus de pele carcomidos pela traça, um suntuoso exemplar de pele de carneiro de caracul e xales. Todas as mulheres usavam xales ao redor da cabeça. Crianças: olhos fundos, pálidas, doentes, depois da longa viagem, algumas enfraquecidas devido à fome. Mulheres e homens: rostos de estrangeiros. Todos os homens barbudos, todas as mulheres com maçãs do rosto salientes e olhos escuros.

E o mau cheiro. De roupas sujas, corpos sujos, botas imundas. Cheiro de peixe frito e vômito. Cheiro de doença e pobreza.

Sally estava parada em frente a uma entrada bem-iluminada da parte interna do navio. Um homem de barba grisalha vestido com uniforme estava no meio do caminho, bloqueando a entrada por onde haviam passado o sr. Arnold Fox e seu acompanhante de caderno e lápis na mão.

— Capitão van Houten, eu insisto que o senhor responda a minha pergunta — disse Arnold Fox, com voz grave e estridente. — Estou conduzindo uma pesquisa em nome do Parlamento britânico e preciso de uma resposta. O oficial da alfândega esteve a bordo ou não?

— Claro — disse o capitão, impaciente. — Ele embarcou em Gravesend, como sempre.

— Ele contou os passageiros ou simplesmente aceitou os números dados pelo senhor?

— Está insinuando que meus números são incorretos? Que eu não sei contar?

— Preciso saber, capitão van Houten. Qual o número de estrangeiros a bordo o senhor deu a ele?

— Sessenta e três, e está correto.

— E ele fez a contagem?

— Não me importa se fez ou não. Ele é quem deve responder. Por que não pergunta a ele? Por que me importuna?

— Não tenha dúvida de que vou perguntar a ele — respondeu Arnold Fox. — Desejo ver o relatório oficial da viagem, por favor.

— O senhor não tem autoridade para isso. Eu entrego esses documentos ao fiscal da alfândega. Se quiser vê-los, procure o fiscal.

— Capitão, devo lembrá-lo que esta é uma pesquisa oficial do Parlamento...

— O senhor é membro do governo?

— Não, mas...

— Membro do Parlamento?

— Não vejo...

— Não me faça perder tempo. Qualquer idiota pode vir aqui dizendo que está realizando uma pesquisa oficial, isso não significa nada. Vá brincar em outro lugar.

— O senhor não tem pena da situação em que se encontram essas infelizes criaturas?

O capitão deu um riso sarcástico e se virou de costas. Arnold Fox, nada abalado, voltou ao convés e gritou em meio à balbúrdia:

— Alguém... aqui... fa-la in-glês? Alguém... a bordo... in-glês?

Ele se misturou à multidão, torcendo involuntariamente seu enorme e alvo nariz enquanto tentava achar um intérprete.

Sally também se embrenhou no aglomerado de gente, olhando a fotografia novamente para melhor gravar a figura de Rebecca Meyer. Mas não era uma fotografia grande e o rosto aparecia enrugado contra a luz do sol, e ainda por cima a moça tinha uma aparência comum, parecia com a maioria das mulheres ali presentes. Não seria uma tarefa fácil.

Sally continuou seu caminho entre a confusão de pessoas, tentando ignorar os olhares e observando com cuidado cada mulher ou menina que avistava. No entanto, naquele embolado de gente ficava difícil identificar quem estava ou não sozinho. Mais de uma vez achou ter encontrado Rebecca Meyer, mas então a moça pegava uma criança no colo ou se dirigia ao homem do lado, demonstrando intimidade, levando a crer que era um familiar.

Após caminhar por toda a extensão do deque, onde se aglomeravam os tripulantes, até à proa, pisando sobre trouxas de lona, colchões, caixas danificadas, presas umas às outras por barbante, Sally se virou e olhou na direção de onde viera. Goldberg não estava em lugar algum, mas o homem com chapéu de pele continuava ocupado ao lado da escada, fingindo ajudar, fazendo sinais para os barcos e organizando a fila a bordo. Sally o observou o suficiente para descobrir o esquema: ele fazia sinais para os barqueiros com quatro dedos estendidos para indicar um tipo de passageiro, um dedo para designar outro e assim por diante. Mas ela não conseguiu descobrir como ele conseguia identificar a condição financeira dos passageiros. Agora Arnold Fox, voz estridente relinchando entre um grupo de pessoas, interrogava alguém próximo, enquanto seu acompanhante anotava tudo em seu caderno. Um pouco mais adiante a dona do bordel, a sra. Paton, conversava simpaticamente com uma jovem com xale escuro cobrindo sua cabeça, mão no braço da moça, enquanto — Sally pôde ver — conferia o físico da mulher.

Mas aquela jovem não era Rebecca Meyer?

Sally olhou de novo a foto: poderia ser. Havia muita chance. Estava afastada demais para ter certeza, por isso se aproximou rapidamente. Do canto dos olhos, viu o comparsa da sra. Paton alcançar o topo da escada e trocar algumas palavras com o homem do chapéu de pele; talvez ele tivesse direito a uma parte dos lucros.

Quando estava a pouco mais de um metro de distância da sra. Paton e da jovem, parou. Era tão difícil ter certeza! A sra. Paton falava com uma voz agradável e reconfortante, roçando o áspero tecido da manga da moça, enquanto a menina, cabisbaixa, olhava o convés, inexpressiva. Mas ao erguer o rosto, ele estava franzido, numa expressão que Sally identificou como de desespero, olhando ao redor como se buscasse uma forma de se livrar da sra. Paton. Sally então não hesitou.

— Rebecca! — exclamou, e antes que a jovem tivesse tempo de reagir, Sally se inclinou, a beijou, sussurrando: — *Ich bin deine Schwester...* — Sou sua irmã.

As mãos de Rebecca encontraram as de Sally e um lampejo de compreensão passou pelos olhos dela. Sally se virou para a sra. Paton.

— Por favor — disse. — Minha irmã virá comigo.

A mulher mais velha olhou Sally com ódio e então calmamente, antes de se afastar, espremeu os lábios e deliberadamente cuspiu na lapela da roupa de Sally, dando de ombros para o comparsa junto à escada.

Chocada, Sally ficou paralisada, mas Rebecca pegou um lenço e limpou a saliva. Ela era mais jovem do que Sally havia imaginado: devia ter pouco mais de 18 anos. Mas alguma coisa tinha deixado marcas profundas em sua alma, pois seu olhar estava carregado de dor.

— Vou com você? — disse ela em alemão.

— Sim. Herr Goldberg está a bordo. Logo partiremos com ele.

Sally olhou ao redor, mas não o encontrou. A poucos metros de distância o sr. Arnold Fox, após terminar sua pesquisa, chamou enfadado o marinheiro de sua lancha, e juntou as abas da capa, ao se preparar para descer a escada do navio, com o secretário de

chapéu-coco a tiracolo — levando na pasta o caderno com as anotações.

Sally teve uma ideia: será que conseguiria levá-la adiante sem chamar a atenção?

Avançou, e protegida pela aglomeração de gente deu uma cotovelada na pasta que se encontrava debaixo do braço do homem, justo quando ele ia descer a escada. Com um grito consternado ele tentou agarrá-la, mas foi tarde demais: a pasta bateu na amurada e escancarou-se, deixando cair os papéis, que rodopiaram e oscilaram até mergulharem na escuridão das águas, em meio ao amontoado de barcos. Sally se deleitou com o horror estampado no rosto do secretário e os olhos esbugalhados de raiva de Arnold Fox.

Confusa, Rebecca observava com um sorriso no canto da boca.

— Inimigo — disse Sally.

— Ah!

— Bravo! — disse Goldberg, atrás dela. Ela se virou e então ele disse algo em russo a Rebecca, que respondeu, com cautela.

— Vamos — ele disse, e acenou para Charlie, no bote. Sally viu a miúda embarcação movimentar-se com facilidade entre os demais barcos até o pé da escada; pouco depois, e apressadamente, eles se acomodaram e se afastaram do navio, de volta às águas escuras.

Menos de uma hora depois tomavam chá numa residência em Spitalfields. Era a residência de Morris Katz. A esposa e a filha, uma jovem da idade de Rebecca, receberam Rebecca com abraços, palavras de boas-vindas em iídiche e a levaram para se lavar e vestir roupas limpas. Enquanto isso, Goldberg e o pesado e barbudo Katz conversavam em tons baixos. Sentada, Sally notou o clima protetor e aconchegante da casa, ou seria esse o temperamento judaico? Independente do que fosse, se perguntava onde ela se encaixava naquele mundo. Não que se sentisse excluída; mas era um mundo desconhecido para ela.

Pouco tempo depois a porta se abriu e Rebecca reapareceu. Parecia mais leve agora, menos tensa, mais cansada. Sorriu para Sally e fechou as mãos.

— Preciso ir — disse Goldberg. — Morris, a srta. Lockhart ficará para ter uma conversa com Rebecca.

Ele acenou para Sally com a cabeça, que o observou partir, como sempre surpresa pelas atitudes ambivalentes dele: oscilando entre caloroso e frio, afável e distante, rígido e flexível. Sally se sentiu estranhamente pequena ao vê-lo fechar a porta e sair.

Rebecca se sentou à mesa, ao lado de Sally. Ela era um tanto singular: à primeira vista, aparentava tristeza, apatia e parecia ter raciocínio lento, e então, de súbito, seu rosto ganhava vida, com inteligência e sentimento, por um breve momento antes de mergulhar novamente no estado anterior. Nesses instantes em que se reanimava ela se tornava quase bela; no restante do tempo não passava de mais uma jovem camponesa russa e judia como outra qualquer, doce e complacente. Mas o tempo todo, estivessem eles brilhando ou não, havia sombras em seus olhos.

Misturando o iídiche com o russo, traduzidos pelo sr. Katz, e alemão, que Sally entendia, Rebecca contou sua história.

Vinha de um *shtetl*, de uma comunidade judaica extremamente pobre nos confins da Rússia. Era filha de um leiteiro. Quando perdeu toda a família, assassinada numa das chacinas que ocorreram naquela parte do mundo, ela se tornou criada na residência de um próspero comerciante judeu, que conseguiu escapar da província por meio de propina e se instalou em Moscou. Rebecca aprendeu a ler e demonstrou ser uma menina inteligente, atraindo a atenção do comerciante, que acabou a engravidando. Foi quando deixou de ser atraente para ele, que então a demitiu. Ela então foi viver com artistas e estudantes, e sobrevivia posando como modelo. Quando a criança nasceu, Rebecca morava com um estudante chamado Semyonov, um socialista, que logo foi exilado para a Sibéria. O bebê morreu pouco tempo depois. Mas o curto período em que viveu com Semyonov foi suficiente para que ela assimilasse algumas de suas ideias políticas e começasse a ler e estudar por conta própria — inclusive artigos de Goldberg, publicados em vários jornais proibidos.

E como muitas outras pessoas, ela ficou sabendo da obscura figura do Tzaddik, da assustadora e parasítica presença que

perseguia a vida daqueles que buscavam fugir da desgraça. Não faltavam rumores para alimentar a superstição dos vilarejos nos *shtetl*: que o Tzaddik não era humano e sim uma massa animada de carne trazida à vida por um rabino corrupto; que ele possuía um espírito diabólico que fazia todas as suas vontades; seus súditos raptavam moças para sua casa, onde ele as comia para se apropriar da juventude e da força delas...

Sally lembrou da história que Goldberg contou sobre uma mulher que se afogara em Amsterdã. Não era tão difícil acreditar em histórias horríveis e fantásticas como aquelas.

E, à medida que Rebecca contava sua história, Sally sentiu seu respeito crescer por essa moça aparentemente tímida, pouco expressiva e passiva. Pois, afinal, ela havia descoberto o endereço do Tzaddik em Moscou e conseguido um emprego de criada numa residência vizinha.

— Queria chegar perto e ver com meus próprios olhos. Já não acreditava em superstições; em *dybbuks* e *golems* e todo esse tipo de entes fantasiosos de um folclore ultrapassado. Eu só queria descobrir alguma coisa importante sobre ele. Fiz amizade com uma de suas criadas e descobri que o Tzaddik tinha casas espalhadas por toda a Europa, embora passasse a maior parte do tempo em Amsterdã. Ele fala muitas línguas, mas o holandês parece ser sua língua nativa.

“Eu o vi entrar e sair poucas vezes. Sempre viaja à noite. É enorme... asqueroso. E paralítico. Consegue falar e mover a cabeça apenas. Por isso tem aquele macaco, que o acompanha por toda parte. Dorme na cama dele. O homem tem uma campainha elétrica presa a uma corda, no lugar da convencional, para que o macaco aperte o interruptor para chamar os criados.

“E ele tem um criado especial — um mordomo chamado Michelet, que faz tudo que o macaco não pode fazer, como lavá-lo, vesti-lo. É um homem abominável. Por estar tão próximo do Tzaddik, tem autoridade sobre os demais criados e abusa desse poder, especialmente com as mulheres.

“A criada me contou tudo isso. E me contou sobre os apitos.”

— Os apitos? — perguntou Sally.

Morris Katz confirmou com a cabeça.

— Ouvei falar dos tais apitos. Em Kiev e Berditchev, e em outros lugares também, os saqueadores que invadem lojas e estabelecimentos judeus são controlados por apitos. Alguém faz soar o apito e o que parecia ser uma multidão pacífica se transforma num bando enfurecido. Então, o apito soa novamente e a multidão se dispersa. Depois de conhecer o significado do apito, é assustador ouvi-lo. E o Tzaddik tem algo a ver com isso? — perguntou a Rebecca.

— Tem. Ele ditou uma carta ao seu secretário para ser entregue a um de seus empregados na Bielorrússia. Na carta, ele explica como funciona o sistema do apito. Ele ditou a carta em alemão e o secretário a traduziu, mas o Tzaddik não sabe ler em russo e não confia em ninguém, por isso pediu a outra pessoa que traduzisse a carta, do russo, para ele. A criada ouviu o conteúdo por casualidade e então roubou a carta em russo e a entregou para mim. Tá aqui comigo.

Katz sorriu, um sorriso de orgulho pelo desempenho da camarada. Sally desejou algum dia fazer algo merecedor de um sorriso como aquele. Mas Rebecca olhou para o chão como se estivesse constrangida. Continuou:

— Mas o Tzaddik descobriu que a criada andava conversando com gente de fora da casa e mandou puni-la. Entregou-a a Michelet... Não sei o que ele fez a ela, mas nunca mais a vi. E sei que eles são capazes de terríveis castigos. Um dos criados dele foi açoitado com *cnute*. Quase não se usa mais isso nos dias de hoje, nem mesmo nas prisões do tsar. Ouvei dizer que o homem acabou morrendo. Mas ninguém levantou um dedo sequer para protestar.

Ela fez uma pausa para um gole do chá e prosseguiu:

— Eu tinha amizade pela criada e queria vingá-la. Sabia que o Tzaddik faria outra viagem em breve e não me restava muito tempo, então entrei na casa dele escondida e... Bem, não sabia ao certo o que ia fazer. A bagagem dele estava empilhada no vestíbulo da

entrada. Mal a vi e um alarme tocou. Vários homens apareceram correndo por todos os lados. Eles me levaram para o subsolo.

Ela voltou a fazer uma pausa. Seu rosto estava impassível. Sally ergueu os braços por cima da mesa e tomou as mãos da moça — Rebecca agarrou-as com força.

— Depois de algum tempo, eles pareciam estar saciados e me jogaram no meio da rua. Nunca mais vi o Tzaddik depois disso. Logo, eu falhei. Exceto por...

Alguém bateu à porta da rua e ela se calou. Sally sentiu pelas mãos da jovem o pavor e também as apertou. Os três ficaram imóveis.

Alguém gritava do lado de fora, mas Sally não conseguia identificar o idioma falado. Então pôde ouvir passos pelo corredor, e a porta da cozinha se abriu bruscamente. Morris Katz disse sem fôlego:

— É a polícia... rápido... para o porão. Por aqui...

Ele puxou uma cortina baixa detrás da cadeira de balanço. As batidas à porta ficaram mais estridentes e os gritos diziam:

— Abra! É a polícia!

Katz empurrou Sally e Rebecca.

— Desçam! — ordenou.

Atrás da cortina havia uma porta de menos de um metro de altura. Katz a empurrou, revelando uma escadaria que descia ao encontro da escuridão. Sally se agachou, seguia Rebecca pelos primeiros degraus quando escutou um estrondo vindo de algum lugar da casa.

— Arrombaram a porta da frente — disse Sally, voltando.

Mas tudo que viu foi Katz acima, fazendo sinal de silêncio com o dedo rente aos lábios, e em seguida fechando a porta do porão.

Sally encontrou a mão de Rebecca e as duas se sentaram na pequena escada, tentando se equilibrar, no escuro, atentas.

Uma voz tirana falava:

— Sr. Morris Katz, suspeito que o senhor está acobertando uma pessoa procurada pela polícia...

Uma torrente de palavras em iídiche foi proferida pela voz de Katz, mas o outro homem o interrompeu:

— Basta! Estou procurando um homem chamado Goldberg. Ele está aqui?

Sally apertou a mão de Rebecca. Achou que estavam à procura *dela...*

— Não, ele não está aqui — respondeu Morris Katz. — O senhor tem um mandado de busca?

Ouviu-se um farfalhar de papéis.

— Satisfeito? Muito bem, oficial Bagley, o senhor vasculhe o andar de cima. Eu darei uma olhada no térreo. O senhor sabia que estava abrigando um fugitivo da justiça, sr. Katz? Um assassino. Ele foi condenado à morte no país dele. Qual é a punição na Hungria, sr. Katz, o senhor sabe? Forca ou guilhotina?

HENNA

— **M**as o que foi que ele fez? — perguntou Sally, a voz estava trêmula. — Qual crime cometeu?
Já havia se passado uma hora. Sally e Rebecca ficaram sentadas na escada escura durante todo esse tempo, sem nem ao menos sussurrar, enquanto os passos pesados desciam e subiam as escadas e se moviam acima delas, e vozes estridentes ecoavam. Mais tarde, após alertar Katz, a polícia foi embora, mas ele só abriu a porta do sótão uns cinco minutos depois.

Sally não conseguia pensar em nada mais além da nova ameaça: o que seria dela se Goldberg fosse capturado? Novamente foi arrebatada pelo medo — *seria* ele um criminoso?

— É política... não crime — Morris Katz tentava explicar, embora ele próprio não conhecesse muito bem a história. — Eles dizem que Goldberg está ilegal neste país... não entendo por que... não sei...

— Mas pena de morte? — Sally mal conseguia falar.

— Na Inglaterra, não se leva uma pessoa à força por razões políticas, pelo menos não por razões políticas. Em outros lugares... acusam você de crime por qualquer motivo, não importa qual seja ele.

— Mas disseram que ele era um *assassino*...

— Eles diriam qualquer coisa. Goldberg não seria capaz disso. É um guerreiro, sim, mas...

Então Sally lembrou que Rebecca estava prestes a fazer uma revelação quando a polícia chegou. Ansiosa, voltou-se para a moça.

— Rebecca, quando a polícia chegou, você nos contava algo que fez, disse *abgesehen von* — exceto por...

— *Abgesehen von* — Ah! Der Tzaddik, ja?

— Sim, isso mesmo... Disse que havia falhado, exceto por... E então a polícia apareceu. Lembra?

Sally tinha esperanças de que a história de Rebecca desse uma pista importante, pois apesar de temer que fossem verdadeiras as denúncias sobre Goldberg acreditava que estava próxima de fazer uma descoberta relevante.

— Ah! Lembro. Disse que tinha falhado, exceto por um detalhe. Quando entrei na casa do Tzaddik, antes de os homens aparecerem, vi as malas dele...

— Sim, e?

— E havia etiquetas em cada uma delas. E eu arranquei uma. Não sei por que havia me esquecido disso. Trouxe comigo, está no bolso do meu vestido...

Um segundo depois ela encontrou a etiqueta. Estava amassada e rasgada, mas ainda legível: *H.LEE, ESQ., 12 PRAÇA FOURNIER, SPITALFIELDS, LONDRES.*

— Então esse é o nome dele, ou um deles. Lee. *Esq.* Não é parte do nome, certo? E esse endereço... Spitalfields...

A palavra soou rara devido ao sotaque carregado. Rebecca havia pronunciado apenas com a parte dianteira da boca, pois continha fonemas aos quais ela não estava acostumada. Mas Sally não reparou. Os punhos estavam cerrados e ela os sacudia como se aquele movimento a ajudasse a resgatar a memória.

— Sally? O que foi?

E então Sally se lembrou. O sr. Bywater, o secretário de seu advogado, comentou algum tempo atrás sobre o caso *Lee versus Belcovitch* — sobre como Lee havia tomado o negócio de Belcovitch

e colocado Parrish como administrador. Como podia ter esquecido disso? E o endereço que constava no processo — uma praça em Spitalfields com um nome que parecia francês começando com a letra F...

— É ele! Claro!

E precisou de mais esforço para explicar a razão de sua exaltação e como se envolvera na história: Harriet, Parrish, sua fuga e refúgio na missão. Demorou, mas ao terminar Rebecca passou a olhá-la de outro jeito e com uma expressão que misturava inveja e compaixão. E então Sally se lembrou de que Rebecca tivera um bebê, que havia morrido.

Durante todo esse tempo uma parte de Sally morria de medo, cheia de dúvidas a respeito de Goldberg — e assim que terminou de narrar sua história voltou a esse assunto.

— Precisamos encontrar um advogado. Deve haver uma forma de evitar a extradição dele. Ele tem advogado? O senhor sabe alguma coisa sobre ele, sr. Katz? Eu não sei nada... Mas precisamos encontrar um advogado...

Morris Katz deu de ombros.

— Há um homem na rua Dean no Soho... Não sei se ele é mesmo advogado...

— O sr. Wentworth! — Sally se lembrou do nome do advogado de quem Margaret Haddow havia lhe falado. O que a tinha ajudado, quando mesmo? Naquele mesmo dia?

Sally se levantou — o movimento foi tão brusco que ficou tonta e precisou pegar na mão de Rebecca para não perder o equilíbrio. A outra moça se levantou também.

— Vou encontrar um advogado para o sr. Goldberg — disse alguns segundos depois, passado o mal-estar.

Agradeceu o sr. Katz pela ajuda e então vestiu o *bonnet* e a capa. Tudo se movia muito devagar. As mãos trêmulas fechavam desajeitadamente os botões do agasalho.

Rebecca a acompanhou até a porta e as duas se abraçaram e se beijaram como irmãs.

O Bengal Court parecia espectral sob a luz do luar, vilanesco e misterioso. Reinava ali uma sombra que, como uma enorme manta, cobria a metade do largo, e Sally se sentiu insegura, mas não tinha alternativa. Enfiou a chave na porta do edifício.

Subiu as escadas familiares no escuro e entrou no escritório. Lá acendeu uma vela que estava no armário de arquivos e escreveu um breve bilhete para Margaret. Pedia que avisasse ao sr. Wentworth que ela, Sally, desejava encontrá-lo com extrema urgência, se possível na manhã do dia seguinte. Ela esperaria por ele (não poderia ir ao escritório, pois o lugar ainda podia estar sendo vigiado) — ela hesitou — na igreja São Dionis Backchurch, próximo à rua Fenchurch.

Encontrá-lo significava pôr em risco sua segurança. Sally sabia que o advogado insistiria para que ela se entregasse à polícia. Mas se preocuparia com isso depois. Providenciar um advogado para Goldberg era o mais importante a fazer agora.

Terminou a carta, olhou em volta por alguns instantes e notou o enorme mapa de Londres, pendurado atrás da mesa de Margaret. Custou algum tempo para encontrar a praça Fournier. Ficava a duas quadras de onde Sally estivera pouco antes, na casa de Morris Katz. O catálogo de ruas confirmou o morador do endereço: no número 12 da praça Fournier residia H. Lee Esquire.

De que servia aquela informação? A resposta era: agora estava mais bem-informada. E com uma ideia que germinava dentro dela e causava calafrios. Apagou a vela e se sentou na escuridão, refletindo. Quanto mais pensava, mais assustada ficava, e um peso enorme crescia em seu coração.

Após algum tempo, foi embora silenciosamente e retornou à missão. Ao chegar, o relógio marcava duas horas da manhã. Harriet não gostou de ter que sair da cama quentinha para ir ao lavatório. E, como sempre fazia, resmungou e fez careta de um jeito tão gracioso e familiar que Sally custou a adormecer, não pela apreensão quanto ao destino de Goldberg ou pelo medo do misterioso H. Lee, mas pelo amor que tinha pela filha. O medo e a apreensão vieram depois, em seus sonhos.

São Dionis Backchurch era uma das igrejas projetadas pelo arquiteto Christopher Wren: alta, sombria e majestosa; e vazia às nove da manhã daquele dia. Sally levou Harriet com ela, e as duas se sentaram num banco nos fundos e Sally leu para a filha as inscrições nas tumbas mais próximas.

Apenas cinco minutos depois, a porta da igreja se abriu e apareceu um homem baixo e malvestido, que retirou o chapéu para cumprimentar Sally e, mancando, se acomodou rapidamente no banco em que ela estava sentada.

— Srta. Lockhart... sou Wentworth. Esta é Harriet? Bom dia, Harriet. Reparei que há uma quantidade excepcionalmente maior de policiais nesta manhã, não? Reparou? Humm. Bem, a senhorita já decidiu o que pretende fazer?

— Não é a meu respeito, sr. Wentworth. Meu caso pode esperar. Estou aqui por causa de outra pessoa.

Ele fez que sim com a cabeça enfaticamente, parecendo um passarinho de olhos brilhantes. Harriet o olhava fascinada. No feio rosto de gnomo, sobressaíam os lábios largos e as vastas sobrancelhas ruivas; seus cabelos eram bastante vermelhos. Mas a expressão de sua fisionomia era tão vivaz e alegre que o conjunto não tinha nada de feio. Ele se aproximou de Sally, apoiando um dos braços sobre o encosto do banco.

— Continue — disse ele.

— Se alguém for condenado por um crime em outro país... um cidadão daquele país... e essa pessoa se refugiar aqui, ela pode ser extraditada?

— Qual país?

— Hungria.

— Sim. Existe um tratado de extradição entre a Grã-Bretanha e o Império Austro-húngaro.

— Mas e se ele for inocente? E se for uma armação e a condenação tiver fins políticos?

— A corte britânica não pode julgar o mérito da questão. Isso teria que ser decidido pela corte da Hungria. Mas se as evidências

indicarem que se trata de um refugiado político, então a extradição não é competente.

— O senhor quer dizer...

— Não poderá ser aplicada. Não poderiam mandá-lo de volta.

Sally sentiu um enorme alívio. Recostou-se no banco por um segundo e fechou os olhos, percebendo quão tensa estava. Ao abrir os olhos novamente, o advogado a olhava tranquilamente.

— Pense bem, antes de me contar qualquer coisa — disse. — Lembre-se que também tenho a obrigação de obedecer as leis vigentes.

Sally notou o punho esfiapado do abrigo dele, a gola encardida, assim como o brilho intenso de seus olhos, e sentiu-se confiante — como sempre acontecia quando se via na presença de pessoas que sabiam o que estavam fazendo.

Respirou fundo e contou a ele tudo que sabia sobre Goldberg. Ele só a interrompeu para que ela esclarecesse algumas dúvidas, e com um lápis anotou tudo num gasto caderninho de bolso.

Quando Sally terminou, ele fechou o caderno de um estalo. Então olhou sério para ela com sua fisionomia de gnomo.

— E quanto ao outro assunto... o seu problema? Tem certeza de que não fará nada?

— Eu... Primeiro preciso descobrir mais algumas coisas. Acho que sei quem está por detrás disso. Mas se eu fizer algum movimento agora, ele ficará em alerta e vai procurar outra forma de me atacar.

O olhar dele era cético. Ela continuou:

— Trata-se de um homem que defrauda e explora imigrantes. E... e seduz jovens mulheres a se prostituírem. Foi como conheci o sr. Goldberg, ele está investigando essas atividades.

— Humm — disse ele. — Vou repetir o que já disse à srta. Haddow: não posso ajudá-la enquanto estiver foragida da polícia. Para ser sincero, o correto, neste momento, seria reportá-la às autoridades. Há um mandado de prisão contra a senhorita por rapto de criança, e se eu não entregá-la posso ser considerado cúmplice. Não farei isso, mas deveria. Bem, a senhorita sabe onde fica meu escritório. Aqui está meu cartão com o endereço da minha residência

em caso de alguma emergência. Vou rever meus livros e me atualizar sobre as leis de extradição. Procure-me assim que tiver novidades. Se o sr. Goldberg for preso, entre em contato comigo e entraremos com um pedido de habeas corpus.

— Habeas corpus?

— É uma garantia constitucional em favor de quem sofre violência ou ameaça de constrangimento ilegal na sua liberdade de locomoção, por parte de autoridade legítima. Se a corte decidir que é esse o caso do sr. Goldberg, ele é posto em liberdade. E seria o caso de protelar o processo e ganhar tempo para fundamentar o motivo político.

Ele se levantou e se despediu de Harriet com um solene aperto de mão.

— E como disse há pouco — prosseguiu —, há um número incomum de policiais nas ruas esta manhã. Adeus.

Ele cumprimentou Sally, acenou com a cabeça para ela e Harriet e saiu da igreja tão ligeiro quanto havia entrado. Sally notou surpreendida que em nenhum momento o advogado comentou das enormes dificuldades do caso ou do enorme trabalho que ele teria. Completamente distinto do inútil sr. Adcock. Aliás, ficava difícil imaginar alguém mais ineficiente.

Preocupada com o alerta do sr. Wentworth, Sally saiu pela lateral da igreja e olhou para os dois lados da rua antes de virar na Lime, rumo à Spitalfields.

Ao chegar à missão, muito trabalho a aguardava. Havia doado uma enorme pilha de roupas usadas e Angela Turner precisava que alguém separasse as que ainda estavam em boas condições de uso das que não serviam mais. Com Harriet brincando ao seu lado, Sally passou a manhã realizando a tarefa. Não parava de pensar no que o sr. Wentworth falara sobre extradição e habeas corpus, mas outro assunto ocupava ainda mais seus pensamentos.

Após almoçarem pão com queijo, Sally lavou a louça de outras quatro mulheres e das crianças que ali estavam, em seguida levou a filha para tirar uma soneca. Quando Harriet já estava na cama, Sally se sentou ao lado e acariciou seu cabelo.

— Hattie?

— Mmm.

— Você está sendo uma boa menina. Acha que conseguiria ser corajosa também?

Deitada, a menina olhava para a mãe, o polegar direito na boca, a mão esquerda roçando a orelha direita: eram os sinais habituais de quando estava com sono. Sally se deitou, pondo a cabeça no travesseiro, junto à de Harriet. Falou baixinho:

— Quando a mamãe era pequenininha como Harriet, o papai dela a levava para as montanhas ou para a floresta, e a gente dormia em pequenas barracas e cozinhava na fogueira do acampamento e bebia água do rio. E tínhamos que ser muito corajosos, pois havia tigres, cobras e macacos selvagens. E mesmo quando a mamãe não via o papai dela, sabia que ele estava lá, por perto, e por isso não tinha medo. Agora, Hattie, minha flor, você também será corajosa, não será? Porque a mamãe vai ter que ir embora por um tempo. Mas você ficará com uma amiga que vai cuidar bem de você. E mesmo que você não veja a mamãe, ela sempre estará pertinho de você. E em breve vamos para casa...

Harriet estava dormindo. A emoção embargou a voz de Sally. Delicadamente, afastou alguns fios de cabelo do rosto da filha e a contemplou durante alguns minutos, impressionada com a fisionomia determinada e com a concentração, mesmo dormindo — o jeito tão Harriet de ser. Sally adoraria ver características físicas do seu amado pai na neta; algo impossível, já que ele não era seu pai biológico, fato que Sally só descobriu após a morte dele. A única coisa que Harriet teria do avô seriam as lembranças de Sally. E um dia a empresa que Sally tinha fundado com o dinheiro que ele deixara para ela.

Um dia... Quando? Talvez, em breve.

Sally se levantou sem fazer barulho, escreveu uma carta para Angela Turner, outra para a srta. Robbins e foi ao banheiro.

— Mas, Sally... o que você fez? Seu cabelo... *dein schönes Haar...*
— disse Rebecca

— Quero mudar minha aparência. Mas cortá-lo assim curto não basta. Quero mudar a cor dele. Você poderia me ajudar?

Rebecca se virou para a sra. Katz e a filha dela, Leah, que segurava Harriet no colo, e as três mulheres falaram rápido entre si. Sally entendeu as palavras *mit Henna färben*, e a sra. Katz fez que sim com a cabeça e se retirou.

— Com... henna? Não sei a palavra em inglês. Vai deixá-la ruiva, talvez. Mais para castanho. Sim, dá para fazer. Mas por quê, Sally? O que pretende fazer?

Vendo que Harriet estava ocupada brincando com um cachorro de madeira, Sally respondeu em voz baixa.

— Depois do que você nos disse ontem, tive uma ideia, mas preciso me disfarçar. E preciso deixar Harriet num local seguro. Não posso deixá-la na missão. Eles estão sempre muito ocupados por lá, não há ninguém para cuidar integralmente dela. Mas achei que, talvez, vocês pudessem... E a sra. Katz e Leah são tão gentis... Detesto ter que pedir isso. Mas não tenho alternativa...

Era a primeira vez que fazia um pedido sem ter condições de pagar por ele. Sentia-se meio nua, não apenas pelo pouco cabelo que agora tinha. Rebecca olhou para Leah, e a outra moça, pequena e com fisionomia e energia de um passarinho, concordou com a cabeça na mesma hora.

— Claro — respondeu Leah. — Claro que podemos cuidar de Harriet. Mas o que vai fazer?

Sally estava enjoada. Quanto mais pensava no plano, mais enjoada ficava. Mas já o pusera em curso, e não voltaria atrás.

— Vou entrar na casa dele. Quero vê-lo. Se puder fazer algo para detê-lo, eu farei. Mas preciso mudar de aparência. Ele me conhece... Parrish, com certeza... e não vão suspeitar de uma mulher de cabelo escuro. Não imaginam que eu seja capaz de fazer isso. Bem, é isso que vou fazer.

As duas jovens a olharam boquiabertas. Por um minuto, Sally achou que elas não haviam compreendido o que ela dissera. Mas o inglês de Leah era bom. Não, elas haviam compreendido perfeitamente.

— Mas como? — Leah perguntou.

— Ainda não sei. Encontrarei um jeito. Mas pode levar um bom tempo. Por isso preciso que...

Olhou para Harriet que estava indiferente a tudo, exceto ao cachorrinho de madeira. Rebecca se agachou e ergueu Harriet nos braços, colocando-a no colo.

— Ela estará a salvo — disse. — Nós cuidaremos bem dela. Mas você tem certeza de que quer fazer isso?

— Certeza absoluta. Preciso. Não apenas por mim e por Harriet, mas também pelo sr. Goldberg. Já tomei minha decisão. Por que de repente decidiram prendê-lo? Ele não estava se escondendo: é um jornalista, é muito conhecido. Somente depois que começou a investigar sobre o Tzaddik que a polícia passou a persegui-lo. Não, Rebecca, preciso ir até o fim. Mas preciso que me conte tudo que possa se lembrar... cada detalhe... sobre ele, seus hábitos, sobre os criados... Tudo.

A sra. Katz retornou com uma bacia de água quente e um saco de papel pardo cheio de coisas. Disse algo para Leah, que traduziu:

— Vai demorar duas horas. Mamãe diz que precisa aplicar a tintura com água quente. E como seu cabelo é muito louro, talvez não fique muito escuro. Mas vamos tentar escurecê-lo ao máximo. Teremos de afrouxar seu vestido. Ponha esta toalha ao redor do pescoço para não manchar sua pele...

Observada por uma Harriet curiosa, Sally se curvou na direção da bacia e a sra. Katz começou.

E Rebecca contou tudo de que se lembrava. A criada que conhecera era russa e fazia parte da equipe permanente da casa, não dos empregados pessoais do Tzaddik. Como um monarca, ele viajava com um séquito: seu secretário, um alemão chamado Winterhalter; o cozinheiro, um francês cujo nome Rebecca não sabia; o médico particular, também alemão, dr. Strauss; o cocheiro e os criados que cuidavam da locomoção do patrão; e o mais importante de todos, o pajem, Michelet.

Era função de Michelet lavar e vestir o Tzaddik e atender a todas as necessidades pessoais do patrão. Era a pessoa mais poderosa da

casa, depois do próprio Tzaddik. Era um homem vaidoso, de acordo com Rebecca, que tentava se lembrar do que ouviu a seu respeito; caprichoso, gordo, louco por chocolate e doces, assim como por cigarros aromatizados. Era o único criado capaz de lidar com o macaco, que, impunemente, mordida quem bem quisesse. Certa vez, o macaco mordera a mão de Michelet e este, em vez de sacudir a mão ou tentar abrir a mandíbula do animal, apenas tragou o cigarro que fumava, e quando a brasa brilhou, apagou o cigarro na cabeça do macaco. O símio deu um berro e fugiu. Desde então morre de medo do pajem.

E quanto ao macaco...

— Ele é diabólico — disse Rebecca, enquanto passava um produto de cheiro estranho e forte no cabelo de Sally. — Não me importa o que falem sobre os animais serem inocentes, não saberem distinguir o bem do mal, não conhecerem Adão e Eva, a Árvore do Conhecimento, blá-blá-blá... aquele macaco não tem nada de inocente. Ele sabe o que é maldade, e faz maldade. Se eu acreditasse nas crenças populares, como as dos *dybbuks* e *golems*, acharia que ele é realmente um espírito do mal e não um animal de carne e osso. Quando o Tzaddik quer punir um criado, às vezes, pede ao macaco que ataque o pobre homem, e o macaco obedece. E os criados não ousam se defender... exceto Michelet, como já lhe contei. Ah, e a criada de quem era amiga, Olga, me contou mais uma coisa: ela disse que o macaco está ficando velho. O Tzaddik tentou substituí-lo e treinou macacos mais jovens, sem êxito. Em breve ele estará velho demais para o serviço, e então morrerá, e o que o Tzaddik fará, ninguém sabe... Pronto. Agora temos que lavar o cabelo de novo. Molhe a cabeça na bacia...

Sally prestava atenção a cada frase, enquanto a sra. Katz e Rebecca aplicavam novamente a pasta em seu cabelo, envolviam sua cabeça com uma toalha, voltando a enxaguá-la. O sr. Katz entrou no quarto por um instante, levou um susto e se retirou. Mas acabou voltando para brincar com Harriet.

Algum tempo depois eles jantavam sopa de beterraba com pickles e pão preto, e então Sally, ainda com a toalha enrolada na cabeça,

levou Harriet para o berço que improvisaram no quarto de Rebecca. O sr. Katz já tinha dado abrigo a refugiados; seu negócio prosperava e sempre havia lugar em sua casa para quem estivesse precisando de ajuda. Além disso, gostava de crianças.

Eles deixaram Sally a sós com Harriet para que se despedisse da filha. A menina estava sonolenta e a toalha que cobria a cabeça da mãe já não lhe causava curiosidade.

— Boa noite, minha flor — sussurrou Sally. — Não se esqueça do que a mamãe disse a você sobre ser corajosa.

— Tigres — disse Harriet.

— Isso mesmo. Mesmo que você não veja a mamãe, ela não estará longe de você. Agora, feche os olhos, meu bebê. Seja uma mocinha boa e corajosa...

Sally beijou a testa da filha, as bochechas, e então a abraçou com vontade, as lágrimas caindo no travesseiro, mas Harriet não notou.

Ao descer, retirou a toalha, deixando à mostra o ruivo e curto cabelo. Não se reconheceu no pequeno espelho que a sra. Katz segurava diante dela.

— Obrigada — disse. — Está... Bem, está exatamente como eu queria.

— *Die Augenbrauen!* — disse Rebecca. — As sobrancelhas deveriam ficar mais escuras. Seus olhos já são escuros... estranho, não? Olhos tão escuros, com cabelos tão claros. Mas as sobrancelhas têm que combinar.

Leah arranjou um lápis; Sally passou a língua na ponta e escureceu as sobrancelhas. Agora, ela estava completamente diferente. Lembrou que precisava de um novo nome.

— Louisa Kemp — disse. — Este será meu novo nome. Sou... criada para todos os serviços. Ou coisa parecida. Obrigada por tudo que estão fazendo por mim.

— Sally, não se esqueça que ele é *perigoso*. Ele mata pessoas — disse Rebecca.

— Quanto tempo devemos esperar até irmos atrás de você? — Leah perguntou.

— Mandarei notícias. Caso eu não...

— E quanto ao sr. Goldberg?

Ela hesitou e então deu de ombros.

— Se ele aparecer... Não sei. Diga que consultei um advogado...

Por favor, cuidem de Harriet.

— Ela ficará bem — sussurrou Rebecca.

Beijaram-se e Sally vestiu a capa, o *bonnet* e partiu.

LIVRO TRÊS

O PAJEM

Começou a chover.

Do céu, a chuva caía copiosamente, e toda a parte sul de Londres parecia estar submersa nas águas. As nuvens pairavam baixas sobre a cidade, com suas pesadas barrigas transformando-se em névoa ao tocar os pontos mais altos de Crouch Hill, Streatham Hill, Hampstead e Highgate, para em seguida descarregar, sem intervalos, um enorme volume de água nos bueiros, nas tubulações de esgoto e no solo.

O novo sistema de esgoto de Londres havia sido planejado para suportar grandes quantidades de águas pluviais. Quando era alcançado o nível máximo no coletor principal de águas residuais, esta escoava para os reservatórios e em seguida por uma tubulação própria para enxurradas e, por fim, era lançada no rio Tâmis. Os reservatórios eram alimentados por pequenos rios subterrâneos que corriam sob Londres: Fleet, Stamford, Brook, Walbrook, Tyburn e assim por diante. A maioria desses rios era conhecida, mapeada e registrada, embora muito poucos pedestres, condutores ou passageiros soubessem da existência deles sob seus pés.

No entanto, nas partes mais antigas da cidade havia dúzias de nascentes e riachos já completamente esquecidos. A maioria, tímidos córregos; outros carregavam grandes volumes de água — principalmente depois de chuvas fortes, quando grande quantidade de água tinha tempo de se infiltrar no solo. Esses córregos e rios — havia centenas, talvez milhares — conectavam-se a canos muito antigos, alguns bloqueados e em decomposição, outros ainda conduzindo água, mas todos enferrujados, com muito lodo e muita sujeira, além de sapos, ratos e enguias.

Um desses rios perdidos recebera o nome de Blackbourne. Nascia bem abaixo da superfície, sob um terreno em Hackney onde um dia havia existido um monastério, mas que no tempo de Sally era ocupado por uma fábrica de pickles. Fluía mingudadamente no sentido sul e em algum ponto desembocava no Tâmis, nas proximidades da Torre de Londres. Antes da chegada do século XIII, o rio já se tornara um esgoto a céu aberto, levando não apenas os dejetos das residências londrinas como também animais mortos, detritos das fábricas de papel, de sabão e dos curtumes, ao longo das margens, o que tornava as águas do Blackbourne sinônimo de podridão. No século XVII, Blackbourne havia sido soterrado e esquecido, mas continuava correndo, e em 1646 uma forte chuva causou o desabamento de três casas sobre suas águas. Quinze pessoas se afogaram e três nunca foram encontradas. Pouco depois do incidente o rio foi novamente soterrado e esquecido.

Mas ainda fluía. A tubulação abandonada voltava a lançar dejetos no rio; e todo tipo de imundície lá depositada ao longo dos séculos certamente não tornara aquelas águas nada doces. Um vazamento de um cano de um estabelecimento de abate despejava grande quantidade de sangue nos velhos canos subterrâneos que, por sua vez, acabavam por dar no Blackbourne. Uma fábrica de corantes em Shoreditch liberava todo o seu resíduo químico numa conveniente fossa no terreiro dos fundos. O chorume era completamente absorvido pelo solo e transportado por vários drenos até o rio esquecido, embora vivo debaixo da terra. Um muro de pedra construído por volta de 1665, durante uma peste e de qualquer

maneira, para cercar uma cova comum para muitos corpos, ruína e o Blackbourne passara a acrescentar, ao seu vasto cardápio, essências ancestrais das vítimas da praga. No final das contas, era uma composição impressionante que fluía vagarosa nos dias secos, deixando escapar fios fétidos de água por tijolos corroídos e lajotas soltas de centenas de porões. Nos dias de chuva, quando o rio se avolumava, ia aos poucos arrastando consigo argamassa, cal e cimento das edificações acima dele.

E quem, nessas ocasiões, se encontrasse num porão, poderia ouvi-lo passar.

— Que barulho é esse, Charlie? — perguntou o pintor e decorador ao colega, enquanto se arrumavam para ir embora, após terminarem um serviço.

Charlie pôs-se a escutar.

— Tipo um ronco — disse. — São as águas. — Apontou com o polegar para o novo duto, num canto do porão, que transportava água de alta pressão trazida pela Companhia Hidráulica de Londres, a fim de gerar a energia necessária para movimentar um elevador. — Num confio nisso.

— Num é — contestou o primeiro homem. — Vem lá de baixo do chão. Escuta...

Ele se ajoelhou cuidadosamente e colou a orelha no chão de madeira.

Um som de porta gradeada de metal ecoou no porão quando a porta do elevador se abriu e Herr Winterhalter, o secretário do Tzaddik, apareceu. Olhou para o homem ajoelhado.

— Terminaram? — perguntou secamente.

— Ah, já... Desculpe, patrão. Achei que tinha ouvido um barulho.

O trabalhador pôs-se de pé e o recém-chegado entregou aos dois empregados algumas moedas.

— Essa, acredito, é a quantia combinada — disse. — Aparentemente, concluíram o trabalho de forma satisfatória. Em quanto tempo a pintura estará seca?

— Dá 36 horas — disse Charlie. — A ventilação é fraca aqui. As portas tem de ficar abertas.

Arrumaram suas ferramentas e subiram a estreita escadaria, já que o elevador, evidentemente, estava fora de questão para os empregados, assim como a porta da frente. Por isso saíram pelos fundos.

Sally os observou sair, protegida pelos cabriolés estacionados, do outro lado da praça. Com todas as janelas iluminadas, a casa era uma movimentação só — criados andando de um lado para o outro, carregando coisas ou arrumando as cortinas. Sally deveria, rapidamente, tomar uma iniciativa.

Agarrada à sua cesta, ajustou a capa e correu debaixo da forte chuva até os fundos da casa. Sua história estaria bem-amarrada e pronta? Então desceu as escadas que davam na cozinha.

A janela da cozinha iluminava a pequena área encharcada do lado de fora, mas como o vidro estava embaçado e ninguém a viu quando se aproximou, Sally bateu à porta.

Antes que alguém tivesse tempo de detê-la, Sally entrou, enxugando a água da chuva, que atrapalhava sua visão.

— Aqui...

Uma mulher corpulenta, segurando uma frigideira sobre o fogão a olhava. Uma criada parou no meio do caminho com uma bandeja de pratos sujos na mão, enquanto um lacaio, com uma grande travessa de prata tampada, sob o portal de uma porta, apenas observava Sally.

— *Remuez! Remuez!* — clamou uma voz estridente, de uma quarta pessoa: um homem de cabelos escuros, com o típico chapéu branco de chefe de cozinha, quebrava ovos numa tigela, enquanto fitava a frigideira da rechonchuda mulher. Ela o olhou inexpressivamente. — Mexa! Mexa!

Ela se voltou para a panela, mas era tarde demais: o molho havia fervido e transbordado sobre o fogão. E o cheiro de queimado chegou às narinas de Sally.

O francês lançou uma série de xingamentos, mas não podia sair de onde estava por causa dos ovos em suas mãos. Era a chance de Sally. Avistou, próximo, um pano de prato, pegou-o e correu para

limpar a sujeira, enquanto a mulher de novo se virava para o francês, devolvendo os gritos.

A criada deixou a louça suja sobre a pia, o lacaio saiu da cozinha e a confusão acabou. A mulher corpulenta tirou a frigideira da mão de Sally e disse:

— Obrigada, coração. Pode deixar. Porcaria metida à chique... não entendo nada. Você é a garota da agência?

Sally pensou por um segundo.

— Sim — respondeu.

— Então, deixe sua cesta ali, por enquanto. Mais tarde pegamos um uniforme para você. Veja se consegue auxiliar o monsieur... não sei o que ele quer.

— Falo um pouco de francês, madame... em meu último emprego tinha um cozinheiro francês...

Por alguma razão, ela falou com um leve sotaque de Yorkshire. Decidiu adotá-lo temporariamente, satisfeita com o desenrolar dos acontecimentos, até o momento bastante favoráveis.

— Graças ao Senhor. Não consigo entender esse homem... homem idiota.

Sally pôs a capa e o *bonnet* de lado e foi até o cozinheiro. Em cinco minutos ela se tornou indispensável na cozinha; traduzindo as ríspidas ordens do cozinheiro à robusta mulher, que Sally descobriu ser a sra. Wilson, responsável pela cozinha — controle, arrumações e limpeza, além de cozinheira. Aquele foi o momento mais agitado da noite: aparentemente, havia convidados ilustres na casa e um jantar estava em curso no andar de cima. O cozinheiro chefe, M. Ponsot, esnobe e arrogante, irritava-se com o preparo dos molhos e das massas, deixando a sra. Wilson tinindo de raiva; ela e Sally trocaram olhares de simpatia e compreensão. Que sorte extraordinária ter aparecido justo naquele momento. Mas que agência era aquela que a cozinheira mencionou?

Pouco a pouco, entre uma tradução e um bater de ovos, um pôr água para esquentar e uma moedura de café, Sally foi tentando obter informações que a ajudassem a agir como a pessoa que eles achavam que ela fosse.

— Quando procuraram a agência, sra. Wilson? — perguntou num momento de calma.

— Nessa manhã. Tivemos que mandar a menina embora. Bebia.

— Ah, que pena...

— Por isso fiquei surpresa em ver você. A gente não tava esperando ninguém hoje, só amanhã.

Que alívio. A verdadeira criada só chegaria dentro de algumas horas.

— É, é que por acaso eu estava na agência bem na hora — mentiu Sally.

— De onde você é?

Sally estava satisfeita com seu sotaque de Yorkshire, caso cometesse alguma falha, dificilmente seria notada pelos de Londres. Ainda assim tinha que responder rápido.

— De Bradford. Mas trabalhei para um casal que viajava muito, por isso passei um bom tempo fora, de um lado pra outro.

— Acompanhante de madame? — perguntou a sra. Wilson. — Pedimos uma criada para serviços em geral.

— Sim, fui dama de companhia, mas prefiro trabalhar com serviços gerais.

— Bom saber. Não há madames na casa.

— Ah? — Sally pensou que estava na hora de demonstrar certa curiosidade para manter a farsa. — Quem é o patrão?

— Um cavalheiro chamado sr. Lee. Podre de rico. Mas parálítico, sabe. Não consegue mover um músculo.

— É, mesmo? Que horror...

— E tem dois tipos de criadagem aqui, vai descobrir logo. Nós, sob as ordens do sr. Clegg, o mordomo, e os criados pessoais do patrão. O principal é o pajem, o sr. Michelet. Ele acompanha o patrão a todos os lugares.

O tom de voz não continha juízo de valor, mas o rosto da cozinheira não escondia o desprezo que sentia pelo pajem. Sally viu também um misto de ressentimento e discórdia.

Estava a ponto de aprofundar o assunto quando a porta da cozinha se abriu e um homem de fisionomia austera entrou na

cozinha. Tinha um ar de desgosto que parecia ter nascido com ele — como um dos músculos de seu rosto. Pelo uniforme que vestia, Sally supôs ser ele o mordomo, e se sua leitura da situação estava correta, devia estar tão incomodado quanto a sra. Wilson com a chegada dos outros criados do patrão.

— Então você é a nova criada. Nome?

— Louisa Kemp, sr. Clegg.

— Referências?

Sally havia se preparado para esta pergunta. Nenhum criado conseguia emprego sem referências, que geralmente eram dadas pelo ex-empregador.

— Meu último emprego foi com Lorde e Lady Islip, e, caso o novo patrão queira escrever para eles, tenho certeza de que enviarão uma segunda via da carta de referências, sr. Clegg. Sei que é culpa minha, mas perdi tudo num incêndio. Como já tinha trabalhado para a agência antes e eles me conheciam, daí me chamaram pra esse serviço...

— Lorde e Lady Islip — repetiu, anotando. — Endereço?

Sally o ditou. Lorde Islip era o irmão mais velho de Charles Bertram, o sócio de Webster Garland. Sally sabia que ele cooperaria com ela, mas teria que escrever para ele — ou mandar um telegrama — logo pela manhã. Resolva isso quando chegar a hora certa. Agora, apenas seja modesta e prestativa.

A sra. Wilson contou ao mordomo que Sally falava francês e o sr. Clegg pareceu apreciar a informação, com um movimento de cabeça.

— Pode ser útil — disse. — Pois bem, já que está aqui. Foster... — indicando a criada da cozinha — vai levá-la ao seu quarto quando o jantar tiver terminado. Aliás, nós todos jantamos apenas depois que os criados pessoais do patrão acabam de jantar. Temos que esperar... provavelmente faz bem à alma... Regras: a mais importante... nunca se aproxime do patrão, a não ser que ele a chame. Todas as necessidades dele são atendidas pelo sr. Michelet, seu pajem. Logo, qualquer outra coisa que precise ser feita, como faxina, por exemplo, só pode ser realizada quando o senhor não

estiver por perto. Caso a senhorita seja chamada por ele, se ouvir um sino, não bata na porta e entre, bata e espere. Creio que o sr. Michelet vai explicar melhor. Não se esqueça: o patrão não quer ver você. É um senhor com uma enorme e dolorosa carga. Acredito que a sra. Wilson já tenha explicado. Ele já sofre o bastante, não precisa de mais aborrecimentos.

Sally fez que sim com a cabeça, tentando se mostrar humilde e respeitosa.

— E sabe falar francês? Bom, isso será útil. Acho que o sr. Michelet vai gostar de conversar com você.

Sally não soube como interpretar direito o último comentário. Imaginou ser apenas mais um sinal da tensão existente entre os empregados da casa e os demais.

O jantar dos empregados não foi demorado; a comida, simples, foi servida pela cozinheira e pelo lacaio mais jovem. Ao todo havia 11 criados na casa. Sally pensou que, embora fossem todos um pouco formais e distantes, pareciam pessoas honestas. Nada sabiam ou nada diziam sobre os negócios do patrão. Tudo que descobriu é que ele viajava com frequência e que ficava na residência de Londres aproximadamente um mês a cada três.

Pouco a pouco, a relação entre os criados da casa e os outros ficou clara. Durante a estadia do sr. Lee na residência, o pajem pessoal dele ocupava o lugar do sr. Clegg, obrigando o mordomo a se sentar com os subalternos na cozinha para comer. Sally imaginou que esse fosse o principal motivo do desconforto do homem; era austero e rabugento, com quem ninguém se sentia à vontade, mesmo quando ele tentava ser amigável. A outra criada sussurrou ao pé do ouvido de Sally que o sr. Clegg tinha um temperamento forte e que devia tomar cuidado com o modo de se dirigir a ele.

Sally conhecia pouco sobre formalidades e protocolos de um ambiente como aquele, e precisava lembrar a si mesma o tempo todo que devia ser modesta, reservada e simpática com todos. Parecia estar funcionando. Eles mal repararam nela, exceto pelos olhares interessados dos criados do sexo masculino dirigidos ao seu

corpo. Sabia que se houvesse entrado na casa como convidada eles nunca a olhariam daquela forma.

Fez algumas descobertas após o jantar, quando a outra criada, Eliza Foster, a levou para o quarto que iam dividir e para pegar um uniforme para Sally. Eliza era uma moça baixa e gorda, sem atrativos, com sardas no rosto. Assim que saíram da cozinha, Eliza, com uma vela na mão, sussurrou para Sally:

— Cuidado com o maldito pajem, o sr. Michelet.

— Por quê? O que tem ele?

— Ele tem mãos bobas. E não só as mãos. Por isso Lucy foi embora.

— A outra criada? A sra. Wilson me disse que ela bebia.

— Ela não ia te contar assim, na cara, ia?

Elas subiam as escadas dos fundos e passavam pelo primeiro piso. Eliza parou e pôs em alerta os ouvidos. Os olhos se arregalaram e fez sinal de silêncio.

— Ssssh! Ele tá vindo...

Uma porta se abriu abaixo delas e alguém surgiu segurando um lampião. Eliza apressou-se em subir, mas o homem atrás dela falou:

— Aha! Quem está aí?

Eliza parou. Sally notou que a colega ficou hesitante. A criada se virou e esperou o homem subir, com os olhos fixos no chão até que ele se dirigiu a Sally:

— E qual o seu nome?

— Louisa Kemp, senhor — ela respondeu.

— Ah! Que senhor que nada! Sr. Michelet — disse. — Ou, se preferir, Monsieur Michelet. Olhe para mim, menina.

Sally o encarou. Ele tinha um rosto gordo e desagradável, e que, curiosamente, transparecia suavidade e agressividade ao mesmo tempo. Ele ergueu a mão e Sally estendeu a sua — que o homem reteve e levou ao seu rosto.

— Que mão suave — disse. — É de uma criada, Louisa?

— Fui dama de companhia, sr. Michelet.

— Ah. Muito suave. E um lindo rosto. Bem, Louisa, foi um prazer conhecê-la. Conversaremos a sós depois, eu espero.

— Espero que sim, sr. Michelet.

O homem continuou segurando a mão de Sally por mais alguns segundos. Ao soltá-la, Sally fez uma leve reverência, interpretada como uma atitude servil de uma menina tímida e constrangida.

— Vamos — disse Eliza.

Sally a seguiu, sentindo o olhar dele até elas chegarem ao topo da escada e desaparecerem de suas vistas.

Quando já estavam no quarto, um lugar minúsculo, com duas camas estreitas e uma cômoda, Eliza se assegurou de que o sr. Michelet não estava por perto antes de dizer:

— Eu o odeio. É só porque não sou bonita como você ou Lucy, que ele só me apalpa. Pobre Lucy... Não sei onde tá agora...

— O que aconteceu?

— O de sempre. Tentei avisar, de verdade. Ela vai ter o bebê e vai ter que deixar a criança no orfanato Foundlings ou outro lugar do tipo. E não vai ser fácil arranjar outro emprego sem referência. O problema é que ninguém tem coragem de dizer não pra ele. Ele falaria pro patrão e a gente ia parar no olho da rua. É tão melhor quando ele não tá aqui...

— Como ele é? O patrão?

— Ele me dá calafrios. Fica sentado só observando. Eu só vi ele poucas vezes, porque ele não gosta de ter a gente por perto. Mas, pobre homem, paralisado daquele jeito... E depender daquele maldito Michelet para tudo: se lavar, vestir, tudo. Você tem que tomar cuidado com esse pajem.

Sally não tinha mais qualquer dúvida: Michelet seria sua fonte de acesso ao Tzaddik. Um passo de cada vez, disse a si mesma na cama, tremendo sob as finas cobertas. Sentia-se como um soldado numa campanha; como o homem por quem fora criada, achando que era seu pai biológico. Como ele costumava dizer: o importante é manter a pólvora seca.

Dormiu sem sonhar e despertou imediatamente, quando Eliza a sacudiu às seis da manhã. O uniforme estava um pouco largo, mas ao amarrar bem o avental a roupa caiu-lhe melhor.

— Precisamos acender todas as lareiras — Eliza explicou —, como em qualquer outra casa, só que aqui o fogo fica aceso o dia todo. Gastam uma fortuna inacreditável com carvão. Acabaram de colocar um elevador pra levar a cadeira de rodas pra cima e pra baixo, mas se tá pensando que usamos o elevador para subir com o carvão, tá muito enganada. Subimos e descemos as malditas escadas, como em qualquer outro lugar. Temos que deixar tudo impecável... ele é bem fresco... uma poeirinha de nada e pronto, problemão. Começa com a sala de jantar e depois o escritório. Eu vou começar pela biblioteca e o hall, e depois vamos pro segundo andar. O café da manhã é às sete e meia.

Apesar de ter se lavado com água fria, depois de muito limpar e de repor o carvão em quatro lareiras, Sally se sentia suja e desconfortável ao se sentar para o café da manhã com os demais criados. O momento serviu para que ela pensasse no próximo passo. Sentada ao lado da sra. Wilson, enquanto tomavam chá e comiam mingau de aveia, Sally dirigiu-se à sra. Wilson em voz baixa:

— Madame, posso pedir um favor? Sei que estou aqui há pouco tempo, mas minha mãe... eu prometi que avisaria assim que conseguisse um trabalho... está esperando um dinheiro, se eu der uma escapadinha de cinco minutos, alcanço o carteiro das oito e meia na esquina. Eu compenso, madame...

A sra. Wilson pareceu hesitar. Sally temeu que ela respondesse que alguém poderia colocar a carta no correio mais tarde, mas a cozinheira acabou por assentir com a cabeça; e murmurou:

— Tome cuidado para o sr. Clegg não te ver. O risco é todo seu.

— Obrigada, sra. Wilson — Sally respondeu.

Engoliu o mingau, que estava satisfatório, embora ralo, e esperou o sr. Clegg sair da cozinha antes de escapar para a rua. O café da manhã não era uma refeição tão formal quanto o jantar e o rodízio das pessoas era grande a essa hora. Em cinco minutos Sally, correndo sob a chuva, alcançou o correio, na esquina da rua. Teve sorte mais uma vez. Nessa agência não só aceitavam telegramas, como também não havia fila. Não demorou para escrever o telegrama: URGENTE ENVIAR CARTA FAVORÁVEL AO PEDIDO DE REFERÊNCIAS DE

CRIADA DE NOME LOUISA KEMP PONTO EXTREMAMENTE IMPORTANTE PONTO EXPLICADO
DEPOIS PONTO SALLY LOCKHART.

Sally entregou, pagou a taxa e correu de volta para a casa.

Restava outro problema: o que faria quando a verdadeira criada, mandada pela agência Pethik's, aparecesse? Bem, não podia perder tempo, pensou ela. Esperou até o pajem estar sozinho no escritório, entrou sorrateiramente e fechou a porta.

— O que está fazendo... Ah! Louisa! Mas você não devia estar aqui a esta hora...

Fazendo um sinal com o dedo nos lábios, ela o interrompeu, pedindo silêncio. Os olhos dele brilharam. Ele se aproximou e ela disse suavemente:

— Monsieur?

— *Vous parlez français? Mais...*

— Um pouco. Por favor, sr. Michelet, pode me ajudar?

— O que quer?

Ela o encarava, tentando ser sensual. Ele se aproximou ainda mais. Sally sentiu o perfume da água-de-colônia dele.

— Não deveria estar aqui. A verdade é que eu não venho da agência Pethik's... a de empregos. Eu só estava lá no momento em que o pedido de vocês chegou, e como estava desesperada, vim ontem à noite mesmo. Ouvi dizer que vão enviar uma pessoa hoje. Outra moça. Não sei o que fazer...

— Ah... Quer que eu mande a garota embora?

Ela olhou para o chão e voltou a encará-lo, desta vez, timidamente. Ele lambeu os lábios. Então acariciou o rosto de Sally.

— Bem, Louisa. Não sou responsável pela contratação dos empregados da residência. Não será fácil. Mas...

— Eu farei alguma coisa pelo senhor um dia, monsieur.

— Sim — ele disse. — Fará sim.

Segurou lentamente o curto cabelo de Sally e a puxou para ele — aí se ouviu um grito vindo do teto.

Sally olhou para cima. O pajem a soltou, praguejando. Na cornija estava o macaco do qual ela ouvira falar, e que em seguida saltou para o armário, daí para uma prateleira de livros e por fim para a

parte superior da lareira — uma criatura cinzenta e de aparência má que escancarava os dentes amarelados, ao guinchar de ódio. Voltou a saltar e se dependurar nas coisas. Novamente saltou, com um pequeno objeto marrom na mão.

Michelet alcançou o macaco e o agarrou como se apanhasse uma bola num jogo de críquete.

Imediatamente, o macaco ficou imóvel na mão de Michelet. O objeto que carregava caiu no chão, junto à parede. Ele levou o macaco em direção à sua boca, lenta e ameaçadoramente, como se fosse mordê-lo e a criatura ficou quieta como uma boneca estropiada, de olhinhos fechados.

E então jogou o bicho no chão. Como um gato, o macaco virou-se no ar e caiu na posição certa, as patas no chão; correu e fugiu porta afora. Podia ouvir o animal no corredor ainda grunhindo raivosamente.

— Ah, Louisa — disse suavemente —, você deve ser muito malvada para essa criatura ter te odiado tanto! Viu o que ela fez com os dentes? Tem dentes muito afiados, Louisa. Ia morder você... mas sei como controlá-la. Ela tem medo de mim. Não pode se deixar amedrontar, Louisa. Precisa ser firme, dura, só assim vão temê-la.

Dito isso, retirou-se rapidamente.

Apoiando-se no encosto de uma cadeira, fechou os olhos e respirou fundo. O pior ainda estava por vir, imaginou. Bem, teria de enfrentar o que quer que fosse. Ao abrir os olhos, notou o objeto que o macaco havia deixado cair. Automaticamente foi pegá-lo e viu que o que segurava era o ursinho de pelúcia de Harriet, Bruin.

Ele era inconfundível. Em dada ocasião, a orelha esquerda fora arrancada e Sally a tinha costurado com linha vermelha, pois não encontrara nenhuma outra linha. Sarah estava de férias. O coração de Sally acelerou ao reconhecê-lo, e ela abraçou carinhosamente o pequeno e maltratado bichinho. Aquela era a *prova* de que... Eles *havam* roubado o urso... Ela não estava errada... O caminho terminava ali, era tudo verdade... mas entregá-lo a um *macaco*...

Michelet abriu a porta. Ela parou de abraçar Bruin na mesma hora e ele tirou o urso dela.

— Ela não pode pegar isso — disse ele. — Odeia esse urso. Ia destruí-lo, e o mestre não quer que isso aconteça. Que bom que o salvamos, não?

Em seguida pegou o bicho e voltou a se retirar.

O que queriam com Bruin se não era para dar ao macaco? Claro, guardavam-no para Harriet. Para que ela se sentisse em casa, quando a trouxessem para ali. Não, não pense nisso. Uma coisa de cada vez.

Havia atravessado duas pontes até agora e pelo menos por enquanto estava a salvo. Mas era bom agir como uma criada, do contrário seria mandada embora por incompetência. O que seria, no mínimo, irônico.

E assim, durante o resto do dia, ela realizou diligentemente todas as tarefas que a sra. Wilson delegava: lustrou a prata, passou a roupa de cama, repôs as velas dos grandes candelabros da sala de jantar, fez as inúmeras faxinas, carregou o carvão, acendeu as lareiras...

No final da tarde, ela estava sentada na cozinha fazia uns cinco minutos quando uma das campainhas internas tocou. Olhou para a fileira de pequenos sinos ao lado da porta e viu que o que tocava era o da biblioteca. Como não havia mais ninguém na cozinha era sua obrigação ir até lá.

Levantou-se, ajeitou o avental, certificou-se de que a touca estava bem-posta na cabeça e se apressou pelas escadas até a porta verde.

Não bata e entre... Bata e espere, lembrou. Imaginou que Michelet fosse abrir a porta, mas, em vez disso, uma voz ordenou:

— Entre.

Sem tirar os olhos do chão, Sally entrou e fez uma breve e tímida reverência para o inválido na cadeira de rodas. Não havia nada no mundo que ela desejasse mais do que olhar para ele, mas se conteve. De soslaio, mal conseguiu ver a figura grande e pesada do paralítico, ao lado de um segundo homem, junto à janela.

— Sirva-nos um pouco de chá — disse a voz grossa e falha do homem na cadeira de rodas.

Apenas um segundo, uma forte sensação atçou-se na memória de Sally — como um gigantesco peixe movimentando as barbatanas ao passar veloz. Dava meia-volta para se retirar quando foi retida pelo patrão:

— Espere. Você é nova aqui. Qual o seu nome?

— Kemp, senhor.

Ela então ergueu os olhos. A voz dela havia feito o macaco chiar. Sally olhou rapidamente o rosto enlazarado do homem — registrando apenas os olhos impassíveis — e em seguida para o malvado símio, que se aboletara no ombro do inválido, arreganhando os dentes para ela.

— Kemp. Muito bem. Pode ir.

Ela voltou a se curvar e se virou para ir embora; ao fazê-lo, o outro homem, que estava de costas, à janela, também se virou; e Sally se viu frente a frente com o sr. Parrish.

Ele não demonstrou qualquer reação, a não ser o previsível e automático olhar que percorreu o corpo de Sally. Logo desviou a atenção, ignorando-a, e Sally se retirou sem tremer.

Deu certo, pensou triunfante. Eles não me reconheceram!

Por causa do cabelo ou das roupas de trabalho, ou de ambas as coisas, ou talvez porque nunca esperassem por isso. Sentia-se exultante ao retornar à cozinha. E pensou no olhar de Parrish. Quando eu era uma dama, ninguém olhava para o meu corpo de forma tão descarada. Agora que sou uma criada, todos olham...

A sra. Wilson estava na cozinha quando Sally voltou; e pediu que levasse o chá ao patrão, que gostava que a bebida fosse servida na mesa rebaixada ao lado da lareira. O convidado se serviria sozinho.

Ao entrar no escritório com a bandeja, o patrão conversava com Parrish. Enquanto ela apoiava a bandeja cuidadosamente sobre a mesa, nenhum dos dois a notou. Sally fazia a habitual reverência de saída, quando ouviu Parrish dizer:

— Não, senhor. Infelizmente, ela voltou a escapar. Chegamos tarde demais.

— Que lugar era esse? — perguntou o Tzaddik.

— Uma espécie de abrigo socialista em Whitechapel. Não resta dúvida de que ela esteve lá com a criança. Mas estamos trabalhando com uma outra hipótese. Os judeus...

Sally não pôde continuar ali para escutar mais. As mãos começaram a tremer e teve medo de que acabasse se entregando. Ao fechar a porta, grudou o ouvido, mas só conseguiu ouvir murmúrios confusos, antes de ouvir os passos do sr. Clegg. Ajeitou o avental e voltou para a cozinha.

James Wentworth bateu à porta do escritório em Bengal Court. Cicely Corrigan, que a abriu relutante, suspirou aliviada ao vê-lo.

— Srta. Haddow! É o advogado Wentworth... Minhas desculpas, senhor — disse Cicely, virando-se novamente para ele. — Estamos numa correria hoje...

— Entre, sr. Wentworth — pediu Margaret, e o advogado entrou mancando, deixando seu casaco e chapéu com Cicely.

Margaret serviu uma xícara de chá, sem perguntar se ele queria. O advogado estava pálido, e ao se sentar o rosto contraiu-se, como se todos os músculos do corpo doessem.

— Bem, tomou-me um dia inteiro — ele disse —, mas por enquanto consegui detê-los. Não vou entrar nos detalhes técnicos, mas a senhorita pode voltar a fazer cheques, pelo menos os da sua conta principal. O banco concordou em honrá-los apenas com sua assinatura, contanto que não exceda vinte libras por cheque.

— Então a primeira coisa que farei é lhe pagar — Margaret respondeu.

— Ainda não terminei meu trabalho.

— Se não pagar agora, quando ainda temos dinheiro, certamente não conseguiremos pagar quando não tivermos. — Além disso, pensou, pelo seu estado, o senhor parece precisar do dinheiro. Margaret preencheu um cheque e o destacou do talão.

— A senhorita tem alguma ideia de onde a srta. Lockhart possa estar? — ele perguntou.

— Nem imagino. Estou muito preocupada, sr. Wentworth. O senhor sabia que o abrigo onde ela estava foi invadido?

Ele arregalou os olhos.

— Invadido? Por quem?

— Hoje pela manhã. Pela polícia. O lugar foi revistado de cima a baixo. Ela não estava lá. A mulher responsável pelo abrigo não disse nada à polícia; e a mim, mais tarde, disse que realmente desconhece o paradeiro de Sally. Segundo a médica que trabalha lá, a última coisa que viu Sally fazer foi cortar os cabelos bem curtos e partir. Deve ter encontrado outro lugar.

— Cortou os cabelos? Ela está tentando se disfarçar? Terá que fazer um bom trabalho. Vi nesta tarde uma excelente fotografia dela do lado de fora da delegacia de polícia. Ela está em sérios apuros, srta. Haddow, e não posso ajudá-la, até que ela me peça.

— E se entregue.

— Exatamente.

— Ela não vai se entregar. O senhor não a conhece... ela vai lutar...

— Espero que a senhorita não esteja falando literalmente.

— Estou. Ela tem uma pistola, e já a usou.

Ele ficou em silêncio, sombrio.

— Sei que há formas mais apropriadas de resolver o problema — Margaret continuou —, mas Sally já recorreu a elas e veja até onde a levaram. O senhor tem ideia de como tramaram, do que aprontaram para ela?

— Começo a entender agora. E por isso estou convencido de que ela só vai piorar a situação se atirar em alguém. Diga-me, a senhorita não sabe nada sobre esse sr. Goldberg, sabe?

Ela negou com a cabeça.

— Eu o vi uma ou duas vezes. Eu... eu confiaria nele... Me pareceu um homem decente... uma espécie de mosqueteiro... Não sei quão *sério* ele é, no entanto.

— Acho que tenho provas suficientes da seriedade dele. Devo admitir que o que ouvi só me causou admiração. Mas é um caso difícil. Ele é acusado de assassinato.

Como era tranquilo e autêntico aquele homenzinho feio e manco. Assim como Sally, Margaret valorizava a competência quando a

reconhecia em alguém. Era um dos motivos por que as duas se gostavam.

Margaret virou o rosto ao ouvir vozes do lado de fora: eram de Cicely e de outra mulher. A recém-chegada parecia agitada.

Margaret foi até a porta, que se abriu antes de ela a alcançar. Uma jovem com aproximadamente 18 anos apareceu, com cara de choro.

— Srta. Haddow? Não sei mais a quem procurar. Venho da Casa do Pomar, senhorita. Sou a babá de Harriet.

— Sarah-Jane Russell. Claro, eu me lembro de você. O que houve? Esteve com a srta. Lockhart?

— Não, senhorita... mas eles nos expulsaram da casa...

Ela tremia, de frio e nervoso. James Wentworth ofereceu a ela a sua cadeira.

— Sou advogado, srta. Russell, e estou defendendo os direitos dessa firma. O que aconteceu? Quem a expulsou?

Sarah se sentou, desamparada.

— Uns homens tiveram na casa hoje de manhã. Tinham papéis, um mandato, não sei, eles disseram que agora a casa pertencia ao sr. Parrish e que tudo dentro dela também era dele... eles nos pagaram um salário de uma semana e disseram, para mim, a cozinheira e Ellie, a criada, que estávamos dispensadas e que teríamos que sair naquele instante. Tinha um chaveiro com eles pronto para mudar todas as fechaduras da casa. Eu simplesmente... não sei o que fazer... Ah, senhorita, o que vai acontecer?

O PORÃO

Sally só teve tempo de pensar em Goldberg quando já estava na cama, assim como em Harriet; e quando pôs a cabeça no duro travesseiro, toda a ansiedade voltou. A sensação era quase insuportável, porque praticamente ouvia sua filhinha a chamando.

A angústia era tanta que não conseguiu reprimir o choro. Ficou quieta, agarrada ao travesseiro, como se abraçasse Harriet, deixando que o pranto saísse da garganta o mais silenciosamente possível.

Mas Eliza estava acordada.

— Louisa, você tá bem? — Veio um sussurro da outra cama. — O que há, querida?

Sally reprimiu o choro com dificuldade.

— Tava só... pensando na minha mãe — sussurrou. Detestava ter que mentir, era como se estivesse renegando Harriet. Mas era preciso.

— A sra. Wilson falou alguma coisa sobre sua mãe mais cedo...

Que bom, uma parte de Sally pensou. A trama estava dando certo.

— Ela num tá bem, sabe — respondeu em voz baixa. — Eu tava realmente precisando mandar um pouco de dinheiro pra ela... Mandei pelo correio de manhã... Tudo o que eu tinha.

Sally fungou. O rosto estava molhado pelas lágrimas, mas sua mágoa agora havia abrandado. Que estranho era dissimular um sentimento e acabar apaziguando outro!

Pegou um lenço e secou as lágrimas.

Eliza sussurrou:

— Ela num é má pessoa, a sra. Wilson.

— Ela foi bem gentil comigo.

— Às vezes, ela é um pouco dura, mas é boa. O sr. Clegg também num é de todo mal. Mas num suporto o pajem. E o resto dos empregados pessoais do patrão. O pajem tá encantado por você, Louisa. Sabe, desde que comecei a trabalhar aqui é a primeira vez que fico contente por não ser bonita. E num é só o pajem. É o patrão também...

Sally ficou arrepiada.

— Como assim?

— Bem...

Sally ouviu o ranger da cama de Eliza, que se virava em busca de uma posição mais confortável. Devido à escuridão, Sally não conseguia vê-la direito, e com a chuva açoitando o telhado ficava ainda mais difícil entender as palavras sussurradas:

— Ninguém vai falar nada sobre o patrão. Se perguntar, vão desconversar. É como se ele num tivesse vida fora as coisas que ele quer que a gente faça. No meu primeiro emprego, na residência do sr. Charles Dyhouse, a gente sempre fofocava na cozinha sobre o que ele fazia no Parlamento, sobre os convidados que dormiam lá, essas coisas. Uma vez, um grupo passou a noite na casa e a gente viu um cavalheiro, chamado sr. Priestley. Ele subiu escondido até o quarto da Lady Dyhouse, e saiu de lá de manhã cedo. Eu e dois criados acordamos mais cedo do que de costume e pegamos o homem em roupas de dormir. Cada um de nós, carregando um balde de carvão ou a roupa de cama, ficamos nos vãos do corredor. Ele passou por um dos empregados sem o perceber, mas depois deu de

cara com o outro. Daí a gente disse bem-animado, em alto e bom som: “Bom dia, sr. Priestley!” Ele ficou vermelho feito um camarão. Depois deu uma gorda gorjeta pra que a gente num fizesse isso de novo.

Sally riu e assoou o nariz.

— Isso sempre acontecia. A gente sempre sabia quem era quem, sabe, porque a madame sabia dos casos, colocava os amantes de propósito em quartos que ficavam perto do da senhora. Enfim, a gente trocava mexericos. Mais do que natural, né? Mas aqui não. A gente não fala nada sobre o patrão. É como se todo mundo tivesse medo dele. Nunca falei com ninguém sobre ele: o patrão. Só com a Lucy, a moça que trabalhou aqui antes de você. Ela me disse que uma vez viu o sr. Michelet levando uma mulher para o patrão: no porão. Uma *daquelas* mulheres, sabe. E o sr. Michelet depois contou pra Lucy que o patrão só ficava olhando pra mulher. Ficava olhando para ela durante horas. Depois o sr. Michelet paga a moça e manda ela embora. Ele teria levado Lucy para o patrão também, já que é bonita, mas o sr. Michelet fez questão de manter ela longe do mestre, pra ficar com ela só para ele. O que pra ela foi horrível do mesmo jeito.

— Ele a levou pra onde? Para o porão? O que tem lá?

— Num sei. É o sr. Michelet que limpa lá embaixo. Os empregados num podem entrar lá. Acabaram de instalar uma parafernália hidráulica para o elevador. Antes subiam e desciam o patrão numa espécie de elevador, a mão. Colocaram um monte de modernidades lá embaixo: fios de telégrafo e essas coisas. Deve ter um monte de coisas lá, mas a gente nunca viu.

— Ele já falou com você?

— O patrão? Não, nem me olha. A não ser quando levo o chá, ou reponho o carvão na lareira. Isso aqui parece um hotel. Ele nem sabe nosso nome. Não importa pra ele.

— E de onde vem o dinheiro dele?

— Só Deus sabe. Mas num é um lugar ruim para trabalhar — Eliza bocejou. — E essa chuva? Se continuar assim, amanhã vamos passar o dia enxugando a cozinha.

E se virou de costas para Sally. Minutos depois, Sally ouviu o ronco da colega. Deitada, as lágrimas já secas, tinha a mente e o corpo em alerta. O quarto onde estava, assim como os demais quartos de empregados, ficava no último andar da residência, abaixo do sótão. Abaixo deles estavam os quartos dos criados pessoais do patrão, do secretário, do médico e assim por diante. Sally só tinha visto o médico rapidamente, a distância. E mais abaixo ficavam o quarto, o closet e o banheiro do patrão, ao lado do quarto do pajem. No nível inferior, a cozinha e, por último, o porão, cuja existência acabara de descobrir. Bem, estava ali para descobrir coisas. Teria que ir até lá.

Levantou-se da cama, vestiu um par de meias-calças pretas e então, hesitante, colocou outro par por cima. A camisola era branca, a capa, marrom-escura. Se escondesse a camisola dentro das meias, não haveria nada claro para sobressair na penumbra. Lembrou que tinha fósforos na cesta e os pegou, juntou com um pedaço de vela do candelabro do criado-mudo entre as duas camas e abriu a porta.

Ouviu o badalar do relógio indicando meia-noite. A casa estava silenciosa e submersa na escuridão. As pesadas nuvens e a chuva forte impediam a chegada de luzes do céu. A tímida iluminação dos postes da rua mal chegava através das estreitas janelas existentes no fim de cada lance de escada que levava a um piso. Teria que se guiar pelo tato.

Desceu a escada dos fundos. Já as conhecia bem. Não parou no andar de baixo, mas ao passar pelo piso onde o patrão e o pajem dormiam abriu a porta revestida de tecido que separava a escada dos empregados do restante da casa. Uma lamparina queimava numa prateleira ao lado da porta dupla do quarto do dono da casa, defronte do elevador, que ficava sempre aberto. Bem ao lado da escada dos empregados ficava o quarto do pajem. Sally pôde ver a luz no interior do quarto, pela fresta da porta, e fechou a porta forrada silenciosamente.

Desceu para o andar de baixo e olhou em volta rapidamente. A única luz vinha do lampião do andar de cima. Com enorme cuidado para não fazer barulho, desceu os últimos lances de escada até a

cozinha. Após ter certeza de que estava vazia, voltou para o piso térreo e cruzou o corredor.

Ficou satisfeita por ter colocado duas meias-calças pretas, o chão estava gélido. Passou pela sala de jantar, pelo escritório e pelo elevador — será que o elevador era o único meio de acesso ao porão? Certamente que não, tinha de haver uma saída de emergência caso o elevador falhasse. Devia existir uma escada de acesso em algum lugar. Mas não a encontrou no corredor nem na cozinha.

Entrou no escritório. Todos os cômodos tinham portas duplas, para possibilitar a passagem da cadeira; e todas estavam em ótimo estado e primorosamente lustradas, nenhuma rangia. Entrou rapidamente, mas ao fechar a porta fez um ruído que soou alto em meio ao silêncio absoluto.

As cortinas estavam fechadas, mas pequenos pontos de luz vinham da brasa da lareira. Depois de acostumar a vista à penumbra e localizar os móveis no ambiente, moveu-se pelo escritório com cuidado, à procura de uma passagem para o porão que lhe tivesse passado despercebida.

Não encontrando nada, dirigiu-se à saída, atenta a todo e qualquer som, e então abriu a porta, retornando ao corredor.

Por um instante acreditou ter sido pega em flagrante, tendo a impressão que haviam acendido as luzes da casa, uma vez que a pouca iluminação da lareira do escritório fez com que a fraca luz do andar de cima parecesse mais forte agora. O coração disparou, mas o silêncio imperava: nenhum movimento, nada. Permanecia sozinha, com o disfarce preservado.

Ainda assim, sentia-se mais vulnerável que nunca. Estava apavorada: não podia negar. Mas de nada adiantaria voltar agora.

Abriu a porta da biblioteca e entrou, fechando a porta imediatamente. Ali, a mais completa escuridão: o fogo da lareira se apagara. Um cheiro de tabaco ainda pairava no ar.

E se acendesse um fósforo? O que mais poderia fazer?

As mãos trêmulas pegaram a vela do bolso e a acenderam. Apagou o fósforo em seguida e o jogou na lareira. Da vela, escorreu

um filete de cera até a mão de Sally, que o ignorou, movendo-se rapidamente pelo cômodo, olhando pelas prateleiras, passando pela enorme cristaleira que guardava a porcelana chinesa.

Foi então que avistou uma porta num canto. Não estava fechada — uma cunha a mantinha aberta. Uma estreita escada levava à escuridão, de onde vinha um forte cheiro de tinta. Fez uma pausa para ter certeza de que não tinha ninguém lá embaixo e em seguida desceu os degraus.

A escada era íngreme e ao final dela havia outra porta, também escancarada, e o cheiro de tinta tornou-se ainda mais intenso.

No porão, o primeiro cômodo estava vazio, com um piso de madeira recém-colocado, as paredes brancas, nada mais. Outra porta dava para um cômodo mais espaçoso, este mobiliado, embora lençóis cobrissem cadeiras e mesa para protegê-las da tinta. A ampla gaiola do elevador e seu maquinário da Companhia Hidráulica de Londres ocupavam boa parte do ambiente. A porta pantográfica do elevador também estava recém-pintada.

Havia ainda outro cômodo mais adiante, também com a porta aberta. Quando caminhava nessa direção, ouviu um distante e vago ruído, como um motor ligado em algum lugar bem longe, ou como se houvesse água correndo ao longo de um açude. Parecia vir do outro lado da parede, e Sally teve um impulso de nelas pôr as mãos, mas lembrou a tempo que a tinta estava fresca. Em vez disso, agachou-se e pôs as mãos no chão. Sim, o piso tremia ligeiramente.

O que era isso? Haveria um motor no subsolo? Impossível saber.

De repente, o elevador moveu-se atrás dela.

Sally prendeu a respiração, o susto a fez deixar cair a vela, que se apagou imediatamente.

Na mesma hora, viu uma luz no alto da escada, logo não tinha como sair por lá. Aterrorizada, agachou-se, tateando o chão em busca da vela, pois não podia deixá-la ali. Encontrou-a junto a uma pequena poça de cera, levantou-se, procurou a outra porta (ignorando a tinta fresca agora) e alcançou o quarto ao lado assim que o elevador chegava ao porão.

Posicionou-se atrás da porta aberta, rente à parede, e tentou controlar a respiração, ciente do quão forte era o cheiro de vela queimada no ambiente. O silêncio foi quebrado pelo barulho da porta pantográfica do elevador abrindo e dos passos de alguém entrando no porão.

Mais cedo nessa mesma tarde uma reunião foi realizada na Liga da Ética e da Temperança de Whitechapel. Tratava-se de um grupo de pessoas que acreditavam possuir mentes superiores; que consideravam a censura algo repugnante e expunham suas ideias para quem quisesse ouvi-las, mesmo que a ideia fosse a de alimentar à força bebês com uísque roubado.

A Liga da Ética e da Temperança já havia realizado muitas atividades deploráveis — tirando dinheiro dos visitantes que escutavam hipnotizados as barbaridades lamentáveis discursadas ali —, mas nessa noite as atividades haviam sido interrompidas, pois a palavra seria de sr. Arnold Fox... Ele ocupava a plataforma.

Discursava sobre o mal das imigrações, como se ele soubesse falar de outra coisa. A plateia já sabia o que iria ouvir, mas geralmente ninguém se importa em ver reafirmados e espelhados os próprios preconceitos, e ele estava se saindo bem: a voz bem-entoadada e forte passava sinceridade ao enaltecer a nobre e pura linhagem inglesa.

Mas a parte que o público mais gostava era a que falava dos asquerosos estrangeiros, dos seus hábitos imundos e corpos podres pelas doenças. As formas de vida sub-humanas e odiosas pareciam estar presentes, conforme eram descritas pelo orador: criaturas de olhos vermelhos, dentes apodrecidos, cachinhos sebentos, narizes grandes demais, fedor... Os presentes suspiravam e estremeciam com um prazeroso horror.

Então o palestrante incitou ainda mais sua plateia.

— Pureza! — clamou. — Pureza... O maior dos privilégios de uma menina inglesa, seu mais precioso bem, o templo sagrado da feminilidade, e sua joia mais abençoada... Violada! Arruinada! Usurpada e profanada por essas bestas da luxúria, capazes de todo tipo de depravação...

Nada melhor do que falar de sexo para insuflar as pessoas. Sempre funcionava.

No fundo do ambiente repleto de gente um homem de olhos escuros, com capa de tecido e um cachecol cinza, assistia à cena de pé. Sua atenção não era para o orador, pois já o tinha visto atuar várias vezes. Observava o público e não estava gostando nada da reação destemperada que Fox provocava nos presentes. Virou-se para o homem ao seu lado e disse em voz baixa:

— Diga para recuarem, Dick. Interromper uma reunião qualquer é uma coisa, mas esta aqui é diferente... as pessoas estão perdendo o controle. O melhor a fazer é descobrir o máximo que pudermos. Vê-lo, escutá-lo, procurar pistas. Observar os pagantes. Mas nada de violência.

— Os rapazes estão prontos para o ataque, sr. Goldberg — respondeu o outro homem.

— Então avise que o plano foi abortado — disse Goldberg, os olhos escuros estavam frios. — Não viu a quantidade de seguranças? Os tiras lá fora? O que prefere: ser descuidado e perder, ou usar a inteligência e vencer? Não se dê o trabalho de responder, não acertaria a resposta. Fox vai ter o que merece, você vai ver.

O outro concordou resignado com a cabeça e se retirou para retransmitir a mensagem de Goldberg. Este se virava novamente para o palco quando puxaram sua manga. Deparou com um jovem magro, de óculos e olhar ansioso.

— Reuben Singer? — Goldberg sussurrou, em meio ao discurso inflamado e ao clamor preocupante da plateia. — É o aprendiz de Katz, não é? O que faz aqui? Está se arriscando!

— O senhor está aqui, sr. Goldberg, e ainda está com a cabeça a prêmio...

— Já estou acostumado. E não diga mais o meu nome em voz alta. E, então, o que quer?

— É sobre a mulher com a criança. O sr. Katz achou que o senhor devia saber, mas ninguém conseguia encontrá-lo.

Os olhos de Goldberg ficaram anuviados e Singer recuou suavemente devido à intensidade da expressão do outro.

— O que tem ela? Eles a encontraram?

— Não, ela deixou a criança com os Katz. Rebecca Meyer está cuidando dela. A srta. Lockhart se disfarçou e foi espionar o Tzaddik... como criada da casa dele. Não conseguiram convencê-la a desistir da ideia. E, claro, não sabiam...

Singer esperava uma reação de consternação ou fúria, por isso ficou desconcertado diante do malicioso sorriso de indisfarçável admiração estampado no rosto de Goldberg.

— Que mulher! — exclamou Goldberg. — Magnífico! Quem imaginaria uma coisa dessas?

— Mas isso não dificulta os nossos planos?

— Consideravelmente. Significa que teremos que tirá-la de lá. Se ela tomar bastante cuidado...

De súbito, o inverno voltou ao rosto de Goldberg. Singer apenas desejou que não: com um rosto tão expressivo, não tinha como ele adotar um disfarce. Para piorar, alguns homens que estavam próximos os ouviram sussurrar e começaram a encará-los.

Goldberg, no entanto, não se abateu. Sorrindo arrebatadamente para o palco, olhou para Arnold Fox, acenando positivamente com a cabeça, batendo palmas suaves como se aprovasse o discurso, em êxtase.

O homem é louco, pensou Singer. Como a menina inglesa, Lockhart; ela deve ser louca também...

Sally ficou imóvel. Os passos se afastaram lentamente do elevador até a porta — do lado oposto ao que Sally se escondia — e pararam.

Uma voz disse em inglês:

— Os empregados costumam limpar aqui?

Sally não reconheceu a voz: o sotaque era alemão, imaginou, embora o inglês fosse preciso e claro. Conhecia, contudo, a segunda voz:

— Claro que não — disse Michelet. — Eles estão proibidos de virem aqui, Herr Winterhalter.

O secretário, Sally supôs.

— É o senhor quem limpa o lugar?

— Precisamente.
— Pelo que vejo, não muito bem. Deixou cair cera no chão.
— Nunca usei vela aqui. Deve ter sido um dos pedreiros.
— O sr. Lee não vai gostar nada disso. Providencie a limpeza imediatamente.

Sally rezou para que a cera já estivesse seca e não a delatasse.

Momentos depois, Michelet voltou a falar.

— Herr Winterhalter, se me permite perguntar, o sr. Lee já está providenciando uma babá?

— Babá?

— Para a criança. Se ela vai ser mantida aqui embaixo, precisará de alguém para cuidar dela. Só estou perguntando.

— Não é da sua conta.

— Perdoe-me, Herr Winterhalter, é, sobretudo, da minha conta. Os cuidados pessoais do sr. Lee são de minha responsabilidade. Se essa criança vai passar a viver nesta residência e passar a... bem, ter uma relação com o sr. Lee, é minha obrigação garantir que ela, por exemplo, não morra por negligência ou fome.

— Ela será alimentada. Não seja ridículo.

— E por quem?

— Um dos criados. Não importa. O treinamento da criança ficará sob minha responsabilidade.

Sally respirava com dificuldade. Estavam falando de Harriet...

— Sem dúvida, o senhor sabe o que fazer melhor do que ninguém — respondeu um Michelet suave como seda.

— É verdade. Não se preocupe com esse assunto. Não é de sua alçada.

— Os cuidados com o sr. Lee são de *minha* competência.

— O controle da casa é meu.

— E o do animal é meu. Ninguém consegue lidar com o macaco além de mim. A criança também deve ser minha.

— Sua?

A palavra vinha carregada de sarcasmo. Sally estava horrorizada. Ali acontecia uma negociação — sobre a própria filha —, mas, para que, ela ainda não sabia, e tinha medo de saber.

— Isso mesmo! *Minha*. É ela quem vai substituir o animal, alimentar, limpar a boca do amo e lavá-lo — essas são *minhas* responsabilidades. Sou *eu* quem deve treiná-la. Só *eu* sei como fazer isso. E sei que o patrão vai concordar comigo!

— O senhor acha mesmo?

— Sei disso!

— Ele já me informou que serei eu a assumir essa função. Não há mais o que discutir. Eu estou no comando.

— O senhor não saberá exercer essa função. Apenas lida com correspondências, negócios, dinheiro. Ele não está interessado numa pequena macaca secretária. Quer alguém para substituir o bicho, que já está velho e deve morrer em breve. Ele quer uma criatura agradável aos olhos, para alimentá-lo, limpá-lo, segurar seus cigarros, satisfazê-lo. *Eu* conheço essa arte, você, não. Sou eu quem deve treinar a menina.

— Tarde demais, Michelet. O próprio sr. Lee vai confirmar o que estou dizendo. O treinamento da criança ficará em minhas mãos.

— Impossível.

— Assunto encerrado.

— O senhor vai destruí-la com seus métodos...

— A eficácia de meus métodos já foi cientificamente provada. A dor em níveis controlados, o castigo e a recompensa são precisamente calculados e já testados. Há gráficos e tabelas. Nada ficará à mercê de sentimentalismo, instinto, do acaso ou de outro indicador que o senhor possa vir a acrescentar. E, refresque minha memória, Michelet... qual foi mesmo o crime que o levou a passar três anos na prisão?

Silêncio.

— Acho que envolvia crianças, não é verdade? — prosseguiu o secretário. — De qualquer forma, o motivo torna indesejável a ideia de o senhor ficar com a responsabilidade de uma criança. Pois muito bem, acho que nos entendemos. Não há nada mais a ser dito. Saia do caminho, por favor, para eu passar para o outro quarto.

A luz se aproximou da porta e parou a centímetros de distância de Sally, que prendeu a respiração.

— Este vai ser o quarto da criança? — perguntou Michelet, agora com voz resignada.

— Possivelmente. — O secretário fungou. — Estranho. Sinto cheiro de vela queimada.

Ele caminhou pelo quarto. Agora, Sally podia vê-lo claramente, e se ele se virasse a veria também. Ele tocou uma das paredes, olhou para os dedos, limpou-os num lenço que tirou do bolso e se virou para a porta para se retirar.

Sally manteve a cabeça imóvel, encoberta pela sombra do capuz da capa.

Sem vê-la, Winterhalter passou pela porta e entrou no outro cômodo.

— A tinta ainda não secou totalmente. As portas terão que ficar abertas até o cheiro ir embora. Me dê a chave, por favor.

O chocalhar de chaves e, segundos depois, o som da porta pantográfica do elevador se abrindo e fechando. Em seguida, o ruído do maquinário acionado. A luz sumiu quando o elevador subiu.

Sally sentiu o suor escorrer pelas costas. Queria se apoiar na parede, mas não podia, devido à tinta fresca. Em vez disso, se ajoelhou e descansou a cabeça sobre o chão frio até conseguir parar de tremer.

Pense nisso depois, disse a si mesma. Primeiro volte para a cama.

Após esperar por um tempo que pareceu longo o suficiente, pôs-se de pé e buscou a porta da saída. Um breu. Acender um fósforo estava fora de questão: teria que ir tateando até a saída do porão e se arriscar pelo corredor até a escada dos criados. Se a tinta já estivesse seca, ela teria ficado trancada ali...

Levou quase uma hora para chegar à porta forrada de tecido verde. Depois de fechá-la, subiu os primeiros degraus, e ouviu o relógio badalar duas horas. Sentia frio e os músculos estavam doloridos devido ao trabalho duro durante o dia e os esforços recentes para não fazer barulho.

Faltavam apenas três lances de escada agora. Chegando ao primeiro piso, e já se preparando para seguir até o segundo, seu coração quase saltou pela boca, tamanho o medo e susto.

Um homem estava ali parado à sua espera.

Ele acendeu um fósforo. Sally então viu o rosto gordo e ávido de Michelet.

— Então era você — sussurrou —, Louisa. Safadinha. Bem, mademoiselle, é melhor vir ao meu quarto, não acha? Precisamos ter uma bela conversa. Estou ansioso por esse momento.

FORA JUDELS!

Já no interior do quarto, ele riscou um fósforo e acendeu um lampião. Então, sem avisar, beijou-a em cheio na boca. Sally sentiu gosto de cigarro, bala Parma Violets e cheiro de água-de-colônia.

Ele a segurava de um jeito esquisito, forçando o pescoço de Sally, e a impedindo de respirar. Ela o empurrou em busca de ar.

— Quieta — sussurrou. — O sr. Lee está no quarto ao lado e tem a audição muito apurada. Bem, qual é sua explicação?

— Minha explicação, senhor?

— De como foi parar no porão. Considere-se uma moça de sorte por eu não ter te entregado ao imbecil do Winterhalter.

— Não sei do que o senhor tá falando, senhor. Nem sabia que existia um porão. Estava na cozinha... procurando gelo, senhor, para pôr na cabeça, porque tava doendo muito. Sei que não devia, mas não tava aguentando de tanta dor. Não sei quem é o sr. Winter... Não sei do que o senhor tá falando.

Ele semicerrou os olhos.

— Você estava lá. Vi o fósforo que jogou na lareira do escritório e vi as gotas de cera nos degraus da escada. Winterhalter não

percebeu. E quanto a isso?

Ele ergueu a capa de Sally e na bainha havia uma mancha que parecia ser tinta branca.

— Foi no correio, hoje de manhã... eles acabaram de pintar as paredes... Por que não acredita em mim, sr. Michelet?

Ela tentou fingir inocência, confusão, inclusive mágoa. Ao mesmo tempo, deixou a capa afrouxar um pouco na altura do pescoço. Viu o olhar nessa direção e começou a achar que talvez conseguisse se safar.

Ele soltou a bainha e pegou lentamente no queixo de Sally. Ergueu o rosto dela e desceu com a mão pelo pescoço, até a pequena depressão acima da clavícula. Ela se controlou e se manteve imóvel, enquanto ele passeava com os dedos por seu colo, de um lado para o outro.

Notou que os olhos dele estavam vidrados em seu pescoço e tossiu baixinho, como se estivesse indisposta.

— Por favor, senhor... — sussurrou.

— Louisa, você tem sido uma menina má — ele disse lenta e suavemente, parecendo hipnotizado. — Não devia mentir para mim. O que você ouviu lá embaixo?

— Não ouvi ninguém, senhor... juro...

Ela tomou coragem e tocou o peito dele timidamente. Ele tomou a mão de Sally e a espremeu contra a boca, trouxe-a para mais perto dele — e por debaixo da capa desceu suas mãos até os flancos dela. Sally tremia: deixe que ele ache que é nervosismo, pensou. Não podia era desconfiar que era repulsa.

— Ah, sr. Michelet... Por favor, posso voltar para a minha cama, senhor? — ela sussurrou no ouvido dele. — Uma outra hora. Não me sinto bem, senhor...

— Louisa — ele balbuciou, com a voz embargada de desejo. — Você é linda. Mais um beijo.

Ele a beijou avidamente, como uma criança a devorar seu doce. Ela prendeu a respiração, procurando relaxar e mostrar passividade e subserviência, como uma boneca.

— Em breve — ele respondeu, com olhos perdidos. Ela nunca vira um homem tão próximo de perder o controle, ao mesmo tempo, sentia o medo nele: medo de Winterhalter, de Lee, dela.

Ele não tinha como saber se ela havia ou não escutado a conversa no porão. E não podia se dar o luxo de correr tal risco.

Afastou-a. Estava claro que ele era o tipo de homem que preferia mulheres que o temessem, amedrontadas e indefesas. Se ela tivesse se oferecido abertamente, seguramente, ele a teria rejeitado. Sally devia fazê-lo acreditar que ele era o macho predador e ela, a vítima indefesa.

Ao sair, a última coisa que viu dele foram os olhos esbugalhados, vidrados, ardentes de desejo e nublados pelo medo.

Sally teve pouco mais de três horas de sono. De todas as imagens que a atormentaram, em seus pesadelos, nenhuma era pior que a de sua pequenina Harriet prisioneira naquele porão, sendo treinada para... o quê? Babá do Tzaddik? Pondo comida na boca do homem, limpando seu queixo...

Ficava enjoada só de pensar. Isso e a falta de sono a deixaram ainda mais pálida; e a sra. Wilson comentou a respeito quando Sally, no meio da manhã, se preparava na cozinha para levar uma bandeja de café para a biblioteca.

— Não é nada, sra. Wilson — respondeu. — Estou com dor de cabeça, mas vai passar logo.

Havia três xícaras na bandeja. Mais uma vez, coube a ela levar a bandeja ao Tzaddik e mais uma vez ela evitou olhar para ele quando entrou na biblioteca e pôs a bandeja na mesa ao lado da lareira. Olhou de relance na direção da discreta porta que dava para o porão, num dos cantos do cômodo. Estava fechada.

Curvou-se sutilmente para o Tzaddik e estava prestes a se retirar quando ele disse:

— Espere. Seu nome é Kemp, não é?

— Sim, senhor — Sally respondeu, olhando-o brevemente.

— Sirva um pouco de café para meus convidados.

— Certamente, senhor.

Notou que os três a olhavam, enquanto servia as xícaras. Apenas depois de servir o café soube quem eram os dois outros presentes. Enquanto pegava o pires da mão de Sally automaticamente, um dos convidados falava com o outro, e ela reconheceu aquela voz: era do homem que havia visto no navio, Arnold Fox.

Involuntariamente, Sally olhou para ele e viu em seguida que o outro convidado era Arthur Parrish. Ele a olhava com a testa levemente franzida, como se estivesse confuso. Mas logo desviou o olhar para responder a Arnold Fox, e Sally voltou a respirar.

Demorando-se o quanto pôde, sem chamar a atenção, encheu uma outra xícara e prestou atenção na conversa.

— Sabe, o perigo de um pogrom em larga escala, digamos, no modelo russo — Parrish explicava — é que os judeus acabariam fugindo em massa para a América. Ah, eu sei que a ideia agrada muito ao senhor — ele continuou, ao ver que o sr. Fox ia interrompê-lo. — Mas tente ver a situação do ponto de vista dos negócios.

Ele pegou a xícara que Sally lhe ofereceu e ela se virou para o Tzaddik. O macaco não estava lá.

— Sirva-me um pouco também — ordenou o Tzaddik.

Essa voz — ah, aquele tom suave, grave e debilitado... Ela já havia escutado essa voz antes ou ela estivera em um de seus pesadelos. Grata pelas ordens recebidas, que lhe possibilitavam demorar um pouco mais, encheu outra xícara, enquanto Fox retrucava:

— Minhas considerações são muito mais relevantes que os negócios, sr. Parrish. Estou preocupado com a pureza da raça inglesa.

— O senhor é um homem insignificante e pomposo, cuja única preocupação é se eleger — disse o Tzaddik. — Eu apenas o patrocino, porque o senhor me é útil. No momento que deixar de ser, deixo de financiá-lo. Kemp... traga-me a xícara e sirva-me na boca.

— Está quente, senhor — ela respondeu, conseguindo manter firmes as mãos, enquanto servia o café na boca do patrão. Notou a

expressão de contrariedade controlada no rosto de Arnold Fox e a indiferença dissimulada de Parrish.

Ele deu uma barulhenta golada, duas, três. O corpo dele, tão próximo de Sally, era enorme e quase sem forma; o terno que vestia, embora impecavelmente confeccionado, não disfarçava o fato de que os braços e o tronco não passavam de inertes pedaços de carne gordurosa. Daquela distância ela podia ouvir a respiração dele e ver o enorme peito inflar com dificuldade em busca de ar e esvaziar novamente. Viu que o cabelo avermelhado, liso e lustroso, tinha o couro cabeludo esbranquiçado por uma pomada, e sentiu seu perfume; reparou também que os dedos enormes e mortos no colo dele tinham as unhas perfeitamente aparadas.

— Mais — ele ordenou, e Sally levou a xícara à boca do patrão novamente, sentindo, apesar do asco e do medo, uma enorme compaixão por aquele homem prisioneiro daquele enorme corpo inerte, totalmente incapaz de realizar o menor movimento.

Arnold Fox pôs a xícara sobre a mesa, com a mão trêmula, e se levantou. Sally evitou olhar para ele e tirou a xícara da boca do Tzaddik para desobstruir sua visão a fim de que ele pudesse ver Fox, cuja voz, titubeante, hesitante, dizia:

— Farei o que o senhor me pede. Não tenho escolha. Mas, sr. Lee, receio afirmar que sua mudança de opinião é quase uma traição. Em vez de agir como o povo britânico desejaria, o senhor reduz a questão... a algo semelhante a uma briga entre bêbados. Mas o senhor sabe o que faz. Sem dúvida, sabe o que faz. Além disso, eu sou muito grato aos senhores. Tenham um bom-dia.

E se retirou. Os outros dois homens observaram-no partir com indiferença, e quando a porta se fechou, o Tzaddik disse:

— Ótimo. A decisão agora compete apenas a nós. Estou feliz em aceitar essa bênção dos céus, Parrish.

O sr. Parrish sorriu.

— Então agora seguimos adiante, senhor?

O Tzaddik então encarou Sally, que manteve os olhos modestamente fixos no chão.

— Obrigado, Kemp — ele disse. — Pode ir agora.

— Obrigada, senhor. — Sally fez uma reverência e se retirou.

No corredor, olhou em volta apressadamente. Ninguém à vista; e sabia que o sr. Clegg estava ocupado na despensa, a sra. Wilson estava na cozinha e...

Agachou-se, fingindo amarrar o cadarço da bota.

Ouviu a voz abafada de Parrish:

— ... os apitos?

— Ainda não — respondeu o Tzaddik. — Os ingleses ainda não são suficientemente disciplinados. Além disso, não sabem amotinar-se. Precisam ser educados...

— Mas o senhor quer um motim em larga escala, não?

— Quero mortes, saques e uma rua inteira em cinzas. Uma rua de residências judaicas. Será suficiente para criar pânico e revolta. E vai parecer que o sr. Fox está por detrás disso. Ele, por sua vez, vai tentar controlar a situação, pensando que é isso o que queremos, e não vai conseguir. A imprensa vai culpá-lo por encorajar os ataques; nós o culparemos por não conseguir abafar o caso. E assim o descartamos de vez, e então assumimos o compromisso de financiar fundações de caridade judaicas, reconstruir casas e assim por diante... Eles virão a nós voluntariamente, Parrish. O peixinho vai cair na rede!

— Magnífico — respondeu o outro. — O senhor tem uma data em mente?

Sally se aproximou ainda mais da porta para ouvir.

E então alguém tapou sua boca, envolveu-a pela cintura e a ergueu do chão.

Primeiro tentou lutar, até perceber que a mão que tapava sua boca tinha luva branca. Não era Michelet, era um dos lacaios. Imediatamente relaxou, como se tivesse desmaiado.

Surpreendido, ele a soltou. Sally caiu para a frente, mas conseguiu se equilibrar e se virou para encará-lo.

— O que pensa que tá fazendo? — ela sussurrou.

— Me divertindo um pouco...

Era um jovem robusto, do tipo convencido, com um largo e confiante sorriso. Mas ele agora a olhava com certa insegurança, em

face da reação irada de Sally.

— Como se atreve a me tocar dessa maneira? — continuou ela, mantendo a voz baixa para que não a escutassem do outro lado da porta. Foi então que notou a expressão no rosto do rapaz mudar e viu que havia cometido um erro.

— Quem é *você*? — ele perguntou. — Não é uma criada... dá pra ver. O que faz aqui?

Sally havia se comportado como uma dama: reagido como uma mulher de sua classe naturalmente reagiria se um homem tivesse esse tipo de atitude com ela. Imaginara que qualquer mulher teria esse tipo de reação. Lembrou de como os homens a olhavam diferente por acharem que ela não era uma dama e percebeu que uma criada de verdade não iria se dar o luxo de se mostrar indignada ou afrontada. Era para ter demonstrado apenas desprezo.

Porém, assim que se deu conta disso, tentou reverter a situação. Precisava se apressar, contudo. Deixá-lo sem chão.

Ela pôs o dedo nos lábios dele, puxando-o para a sala de jantar, na porta ao lado.

Intrigado, como ela desejava, ele a seguiu. Ela fechou a porta e olhou em volta antes de sussurrar-lhe:

— Qual o seu nome? John?

— John é o outro laçao. Eu sou Alfred. Mas...

— Escute, Alfred, preciso da sua ajuda. Você tem razão... não estou aqui como criada. Estou aqui por causa da minha prima...

Ela estava bem perto dele, olhando-o intensamente, tentando parecer atraente tanto quanto desesperada. Ele ainda a olhava desconfiado, mas também estava curioso e desfrutava daquela situação: estar assim tão próximo de uma bela garota que lhe fazia confidências.

— Sua prima?

— É. Lucy. Lembra? Ela teve que ir embora por causa daquele francês... o...

— O pajem! — ele disse. — Ah!

— É, o porco — ela disse. — Ela me contou tudo. Que ele prometeu se casar com ela, cuidar dela e toda essa baboseira. Isso

acabou com minha mãe... que é tia da Lucy, entende? A gente é como irmãs... E eu jurei que me vingaria daquele porco. Então... ninguém pode saber. Principalmente ele.

— O que vai fazer?

— Num sei ainda. Vou pensar em alguma coisa. Vou acabar com ele, vou sim. Ela era uma menina tão meiga... E tá perdida agora, não vai conseguir emprego...

Ele concordou com a cabeça. Não era muito esperto, Sally pensou. Vaidoso e convencido como a maioria dos lacaios, sempre disposto a exhibir o atlético torso e as pernas torneadas sob a meia-calça branca — mas de bom coração, pelo que podia julgar. E ele sabia o que acontecia com os empregados sem caráter.

— Por favor, Alfred, posso confiar em você? Não posso contar com a ajuda de ninguém aqui...

— É — ele concordou. — Num vou te entregar. Odeio aquele francês metido à besta. Todos nós odiamos ele. Sujeito nojento. A gente achava que você tava se engraçando pra cima dele...

— Eu tava! Quero que ele caia numa armadilha, entende? Quero que pague pelo que fez. Não se incomoda de eu te falar isso, se incomoda, Alfred? Não quero te meter em confusão...

— Tudo bem. Vou te ajudar. Tava todo mundo falando de você na cozinha... os outros. Porque você num parece como criada. Tem muito jeito de madame. Foi dama de companhia de madame, né? Foi o que pensei. Isso explica tudo. Se num quiser chamar a atenção, tem que ser mais natural. Dê umas gargalhadas de vez em quando, assim num vai se sentir tão deslocada. Você não se *parece* com sua prima...

— Ela puxou ao pai. Ah, Alfred, sou *muito* grata.

Colocou a mão no peito dele, mas apenas por um instante. Sentiu-o assumir uma atitude de cavalheiro galanteador que provavelmente surpreendeu a ele próprio.

— Onde ele tá agora? — ela perguntou em voz baixa. — O sr. Michelet?

— Lá em cima, com o secretário. No segundo andar. É lá que o patrão trabalha a maior parte do tempo. Os criados pessoais do

patrão têm um quarto só para eles lá em cima. Ao lado do elevador.

— Os criados da casa também limpam lá ou isso é função do sr. Michelet, como a limpeza do porão?

— Quem te contou sobre o porão?

Cuidado, ela pensou.

— Vi a porta aberta na biblioteca, quando fui levar o chá do patrão, ontem. Perguntei a Eliza sobre isso.

— Ah... não, ele limpa só o porão. Você vai limpar lá em cima. Mas... o que pretende fazer contra ele?

— Ainda num sei. Primeiro preciso ficar íntima dele, ganhar sua confiança, deixar que fique interessado por mim, como aconteceu com Lucy. Preciso descobrir... ah, praticamente tudo... o que ele faz para o patrão, quando ele tem folga, o que gosta de comer... tudo. Confio em você... não vai me decepcionar, vai?

Ele a olhou de cima a baixo, confiante e cheio de si. Então piscou e sorriu.

— Deixa comigo.

E então, antes de ir embora, Sally fez algo que nunca imaginou ser capaz antes dessa história toda começar: pôs-se na ponta dos pés e beijou seu rosto. Foi muito rápido, um leve toque dos lábios, mas pareceu ter atendido às expectativas do rapaz e não custou nada a ela. E, quem sabe, ajudaria a salvar Harriet.

— Mamãe! Mamãe!

Harriet estava inconsolável. Rebecca tentou pegá-la no colo, mas a pequena se desvencilhou e se jogou sobre o tapete gasto. Desde que acordou e não viu a mãe, um dia antes, seu comportamento era de raiva ressentida ou de desespero; e chorava copiosamente. Teria sido mais fácil para Rebecca se não estivesse chovendo, porque poderia levar a menina para brincar no quintal, onde o sr. Morris Katz havia colocado um balanço para Leah, quando era mais nova. Mas a chuva caía incessantemente.

Rebecca havia cantado para ela, desenhado e brincado com o cachorro de madeira, oferecido colo; havia tentado colocá-la na cama, quando Harriet cochilou, alimentá-la e dar-lhe algo para

beber; mas a raiva e a infelicidade de Harriet não se deixavam apaziguar.

— Nunca ouvi uma criança chorar assim! — Leah exclamou, admirada. — Tem fôlego de uma *prima donna*.

— O que posso fazer para ela parar? — perguntou Rebecca, impotente.

— Fique perto dela — respondeu Leah.

— É o que quero. Sally me pediu para cuidar da filha e só consigo fazer a menina chorar. Que barulheira...

Neste momento ouviram outra voz no corredor e o sr. Katz apareceu. Ele raramente aparecia em casa durante o dia.

Mas ali estava ele, e nem havia tirado o avental de trabalho. Sua voz grossa invadiu o ambiente, e Harriet parou de chorar.

Ela olhou para cima, o rosto molhado de lágrimas, para aquele enorme urso de costeletas grossas e avental sujo e ele olhou para baixo, encarando a pequenina — que tinha agora pequenas rugas na testa e os lábios tensos e determinados —, e a pegou no colo.

Confusa demais para protestar, Harriet o olhou impressionada, enquanto palavras incompreensíveis e urgentes saíam daquela boca praticamente escondida atrás da barba. Ele estava sério: ela notou nos olhos dele. Mas era forte, e ela se sentia segura: pelos braços sólidos que a sustentavam e por causa da voz grossa.

Ao se calar, ele olhou bem nos olhos dela. E embora fragilizada pela mágoa e pelo medo, Harriet encontrou energia suficiente para descobrir para onde tinha ido a boca daquele homem. Levantou os vastos bigodes do homem para verificar se os lábios continuavam lá.

Ao encontrá-los, viu que sorriam para ela. Que surpresa! Ela olhou para os olhos dele, indecisa, e viu que os olhos também sorriam. Então retribuiu o sorriso. Não pôde evitar.

— Eh, *bubeleh!* Que silêncio mais eloquente! — disse o grandalhão em ídiche, e a poderosa voz parecia ecoar em seu peito. Colada a ele, ela sentiu a vibração.

Deu um longo, estremecido e exausto suspiro e enfiou o dedo na boca, olhando para ele solenemente.

— Vejam só! — comentou a sra. Katz. — Que injustiça! Rebecca e Leah passaram o dia inteiro, ontem e hoje, tentando fazê-la parar de chorar, e aí ele aparece, deixa a pequena brincar com seu bigode e ela para de chorar na mesma hora.

— Não temos alternativa, Rebecca — disse Leah. — Vamos ter que deixar a barba crescer. Mas, papa, o que aconteceu? Por que voltou para casa mais cedo?

— Problemas — disse Morris Katz. — O filho de Isaac Feinberg foi atacado por uns brutamontes na Mile End, ontem. Eles deixaram um bilhete pregado no casaco dele dizendo: *Fora judeus*. E pintaram na entrada da sinagoga a mesma coisa... e nem sabem escrever *judeus*. Escrevem *judels*. Alguém apedrejou a janela do Bloom, o padeiro... Não quero que vocês saiam de casa até que as coisas se acalmem, entenderam?

— Mas... está falando de um possível pogrom, Morris? O que quer dizer? É tão ruim assim?

— Não sei ainda! Apenas não estou gostando nada disso, é tudo. Se Goldberg pudesse circular livremente, talvez pudesse reunir os judeus, nos organizar. Estamos nos dividindo em facções. Mas Reuben Singer me disse que viu Goldberg ontem à noite... numa reunião de Arnold Fox, por incrível que pareça...

— O homem é maluco — concluiu a sra. Katz. — Ele é igual a esses loucos do Hibbat Zion. Eles estão em toda parte agora, ouvimos suas ideias em todos os lugares. Você não anda dando ouvidos para eles, anda?

Hibbat Zion era um movimento judaico que conclamava o retorno à terra prometida. Morris Katz balançou a cabeça, impaciente.

— Claro que escutar, escuto! E sou lá de adotar opiniões alheias sem refletir? E não tenho tanta certeza de que os Hibbat Zion sejam loucos. O que eles falam parece fazer sentido.

— Goldberg não é bobo. Não perderia o tempo dele com esse grupo.

— Primeiro, ele é louco, agora, ele não é bobo! Decida-se. De qualquer forma, você está errada. Goldberg iria argumentar com

eles, mas antes iria ouvi-los. É isso que vocês não sabem a respeito dele...

— Vocês! Quem são “vocês”? Está chamando sua própria esposa de “vocês”?

— Ora, não tenho tempo a perder — retrucou o sr. Morris Katz. — Tenho uma loja para cuidar. Rebecca, tome a criança. Lembrem-se do que disse. Não saiam de casa sozinhas. Mantenham a porta trancada.

Abraçou a esposa e a filha mais apertado do que de costume e saiu apressado. Harriet nem percebera a troca de colos. Rebecca se sentou com ela, maravilhada com a leveza e suavidade da criaturinha em seus braços, que minutos antes estivera se debatendo, chutando, gritando furiosa. Agora, profundamente adormecida, estava em casa. Na Casa do Pomar, e com ela estavam tio Webster, Sarah-Jane, Jim, Bruin e mamãe — e Harriet ordenando-lhes que nunca mais a deixassem.

Assim como muitos judeus imigrantes, Morris Katz frequentava uma *chevra*: uma organização religiosa, não exatamente uma sinagoga; mais um clube, onde celebravam seus rituais, conversavam, estudavam variados assuntos, e onde os homens, cansados depois de um longo e exaustivo dia trabalho, se refrescavam na fonte do Talmude, considerado o local coletivo da sabedoria judaica. Para muitos imigrantes, o *chevra* era sua ligação com o passado, com a cultura e com os costumes das cidades ou dos vilarejos de onde provinham. Eles se apegavam a esse lugar familiar num país estranho.

Ao frequentar o *chevra* nesta noite, Katz descobriu que a esposa acertara quando falara dos Hibbat Zion, ao ouvir um jovem russo, pálido, que nunca vira antes.

— Meus irmãos — dizia, em tom apaixonado e melódico —, o que está acontecendo em toda a Europa? Preciso lhes dizer? Todas as nações estão se voltando para si mesmas, reconhecendo-se e valorizando-se. E ao fazerem isso estão expulsando todos aqueles que a elas não pertencem. A Rússia nos expulsou. A Alemanha não nos quer lá. A Polônia não vê a hora de se livrar de nós.

“Mas, por acaso, nós também não somos uma nação? Todos os judeus não pertencem a uma nação — mas uma nação sem país?”

Esta pergunta já havia sido feita muitas vezes e muitos dos homens ali presentes já tinham se manifestado a respeito. Mas o jovem prosseguiu:

— Pois eu lhes digo que, sim, existe uma nação judaica, e existe um país que nos pertence, que nos foi dado pelo Senhor — dado a Abraão, a Isaac —, sim, estou falando de Eretz Israel, a terra de Israel!

Morris Katz também já ouvira palavras como essas. Esse tipo de discurso estava cada vez mais presente nas rodas de discussão, sobretudo entre os judeus-europeus. E apesar do que tinha dito à esposa, ainda não formara opinião a respeito, e por isso desejava ouvir os argumentos.

— Mas... agora estamos estabelecidos aqui — disse um dos presentes. — Temos nossos negócios aqui, nossas casas. O que faríamos em Eretz Israel? Não sou camponês...

— Nosso visitante está certo — disse outro. — Mesmo que um de nós nasça e morra aqui, nunca seremos considerados ingleses... seremos sempre judeus... estrangeiros...

— O mesmo acontece na Alemanha...

— É assim em todos os lugares!

— Esperem! Esperem! — clamou outro. — Toda nação tem língua própria, certo? É uma das características de uma nação. Então que língua uma nação judaica teria? Iídiche? Alemão? Polonês?

— Hebraico — respondeu o jovem.

Alguns deram de ombros, alguns concordaram, houve os que balançassem vigorosamente a cabeça em negativa, e as vozes se misturaram. Morris Katz ouvia, preocupado. Sabia que Goldberg teria meia dúzia de argumentos para rebater aqueles, mas Goldberg não estava lá e jovens com essa mentalidade tornavam-se cada vez mais influentes.

O cômodo onde se encontravam era estreito e escuro, além de extremamente quente e abafado, devido a um fogão num canto. Morris Katz não pretendia ficar muito mais tempo ali e se preparava

para ir embora quando se ouviu um estrondo — o barulho de vidros se quebrando.

Todos se calaram, petrificados. No chão, um tijolo e estilhaços de vidro. Escrito no tijolo, com giz: FORA JUDELS.

Os homens demoraram um pouco a se recompor. E os que estavam mais próximos da janela, entre eles o próprio Morris Katz, olharam para a rua, para a chuva. Na calçada em frente dois rapazes fizeram gestos obscenos e saíram correndo, rindo.

Enquanto dois jovens judeus correram atrás dos vândalos, para alcançá-los, outros foram em busca de vassouras para retirar os cacos de vidro e de um papelão para cobrir o buraco na janela. De repente, os olhos de Morris Katz cruzaram com os do visitante. O rapaz parecia determinado, atemorizado, porém triunfante.

— É — disse. — Está começando, Morris Katz. Terá que tomar uma decisão. Está conosco ou contra nós? A tendência é piorar. Quer que os judeus tenham um país? Ou que eles desapareçam?

Morris Katz não respondeu. Sentia que a decisão não era tão simples assim. Não gostava dessas certezas simplistas e desejou, mais do que nunca, que Dan Goldberg estivesse ali, para ajudá-los a decidir.

O LIVRO DE CONTABILIDADES

Naquela mesma noite Goldberg ministraria uma conferência no quarto andar de um armazém de tabaco em Wapping. Ele já utilizara o lugar antes; bastava uma gorjeta para o segurança e o espaço era seu. Uma vez que as janelas fossem cobertas para que as luzes não fossem vistas da rua e que ninguém deixasse cair fósforo ou vela no chão para o armazém consumir-se em chamas, eles estariam a salvo.

Kid Mendel, o gângster do Soho, estava lá, assim como Moishe Lipman, o líder das gangues judaicas de Bethnal Green; e para complicar ainda mais a situação lá também se encontravam o jovem russo do Hibbat Zion e vários outros representantes das causas judaicas. Estavam presentes também alguns socialistas convictos, Reuben Singer e Bill. Ao todo, eram uns vinte homens, que se entreolhavam cautelosos, enquanto aguardavam a fala de Goldberg. Com exceção de Kid Mendel, que, sentado sobre um lote de tabaco, de pernas cruzadas, vestindo um calçado impecável apoiado num dos joelhos, olhava ao redor com uma curiosidade cortês.

Quando todos estavam presentes, Goldberg começou a falar. Em inglês, traduzindo para o iídiche e o russo.

— Eu chamei todos vocês aqui, senhores, porque em breve teremos que combater a onda de violência que irá se chocar contra nós. Sabemos que não vai demorar, temos visto sinais disso há semanas. Precisamos decidir como vamos enfrentar a situação. E nossa decisão afetará a vida de todos nós.

“Agora, se os senhores olharem à sua volta, verão pessoas conhecidas, desconhecidas, pessoas em quem confiam, outras por quem não poriam a mão no fogo. Há capitalistas e socialistas. Há os que acreditam que todos os judeus deveriam viver na Palestina e os que estão prosperando em Londres. A única coisa que temos em comum é que somos todos judeus.

“E no momento é isso que importa, porque é por isso que seremos atacados. Sei que os senhores deixaram de lado seus compromissos para virem até aqui e fico muito feliz em vê-los. O que faremos, em primeiro lugar, é comentar rapidamente o que cada um de nós tem observado em suas regiões, para que comparemos as diversas situações. Quem gostaria de começar? Senhor Mendel?”

— Com prazer, Dan — disse Kid Mendel. — Mas primeiro tenho uma pergunta. Você não é nenhum idiota e todos sabemos que há uma recompensa pela sua cabeça. Como pode ter certeza de que nenhum de nós vai entregá-lo, assim que sairmos daqui?

Goldberg sorriu e seus olhos brilharam inocentemente.

— Acredita que nem pensei nisso? — ele falou, e ninguém acreditou. — Vou dizer uma coisa, Kid, se você conhece quem vai me entregar, peça que saia do recinto e eu então contarei ao restante o que farei para arruinar os planos dele. Depois ele pode voltar e nós continuamos com a nossa reunião.

Todos riram e Kid Mendel ainda mais.

— Muito bem — Goldberg disse. — Acho que só me resta confiar nos meus companheiros judeus, mesmo os que cumprem a lei à risca. A situação no Soho é a seguinte...

Nessa noite, Sally estava cansada demais para dar continuação às investigações. Em vez disso, ficou deitada, ouvindo o ressonar de Eliza e relembrando o que descobrira até então.

Primeiro, tinha sido muito boba ao se expor perante o laçao. Mas se os criados acreditassem que seu alvo era Michelet, não desconfiariam de sua curiosidade pelo Tzaddik: ela apenas estaria procurando um caminho até Michelet por meio do patrão. No final das contas, após alguns momentos de pânico, ela se saíra até bem.

Em segundo lugar, havia o próprio Michelet. Sempre que o via agora lembrava das palavras do secretário: Michelet havia sido condenado por um crime envolvendo crianças. Imagens do que poderia ter sido, ligadas à imagem de Harriet, a atormentavam insistentemente.

Em terceiro lugar, o secretário e os escritórios no segundo andar. O próximo passo seria ir lá.

Por último, embora fosse o assunto mais urgente de todos, a conversa que ouvira entre o Tzaddik e Parrish. Planejavam um ataque aos judeus — com o propósito de desencadear todo tipo de ódio e selvageria... Sally sentia como se um gigantesco movimento no fundo da terra, um terremoto, estivesse prestes a eclodir; e tudo o que podia fazer era sustentar uns poucos alicerces.

E, de alguma forma, a chave de tudo estava naquele monte inerte de carne e gordura: o Tzaddik. Como detê-lo pressupunha descobrir quem ele era — ou quem fora. E a única forma de descobrir era desvendando o complô contra ela e Harriet.

Por que a escolhera entre todas as mulheres de Londres com uma criança pequena? Ele era tão fechado, resguardado e misterioso, que mesmo quando estava ao lado dele, segurando a xícara em seus lábios, Sally nada viu além de uma terrível vida de absoluta dependência. E o fato de tanta crueldade e tanto ódio contra ela virem de alguém de aparência tão indefesa e frágil causava-lhe arrepios. *Do forte saiu doçura...* Lembrou do enigma de Sansão. Do imóvel veio o veneno. Das trevas... do passado...

Então adormeceu.

A chuva caía implacável sobre Whitechapel, Spitalfields, Mile End e Wapping. Os canos de esgoto estavam congestionados, os bueiros, entupidos, as sarjetas, alagadas.

Nos pubs, nas Sociedades de Aperfeiçoamento dos Mecânicos, nas cozinhas, nos salões e nas tabernas, os rumores eram de que haveria confusão.

Estivadores desempregados, mão de obra das fábricas, trabalhadores de cervejaria, armazéns, curtumes, operários braçais e outros. Qualquer um que se sentisse explorado ou enganado, desamparado, sem sustento ou casa era abordado pelos homens de Parrish, que pagavam umas bebidas, se mostravam prestativos e faziam com que o veneno se espalhasse de boca em boca.

Os judeus estão se dando bem, não estão?

Nunca ficam sem dinheiro...

Tomaram conta dos estabelecimentos comerciais.

Doenças. Eles espalham doenças... As mulheres judias têm todo tipo de doenças.

E eles não param de chegar nos navios...

Se for até o final da travessa Brick, não verá um único rosto de um inglês decente durante horas a fio. A rua Hanbury, a rua Fashion, tão ruins quanto. As ruas Flower e Dean...

E aquele caso húngaro — saiu nos jornais —, roubaram uma criança cristã e a mataram para usar seu sangue em um de seus rituais. É verdade — tem testemunhas — eles confessaram...

Teve um caso parecido na Alemanha.

Crianças cristãs? O que, matam elas?

Tem uma garota judia na rua Montagu com uma criança roubada.

Ah, deixa disso...

É sério! Não judia, nem... Nem tem cabelo claro.

— Na rua Montagu? — perguntou o sr. Parrish. Ele se achava num pub na rua Whitechapel, um imponente lugar todo de madeira de mogno, metais bem-polidos e vidros brilhantes, com funcionários bem-vestidos. Era forte o cheiro de charuto no ambiente e Parrish estava pagando todos os drinques.

— É — disse o informante, um pouco zozzo, já na oitava caneca de cerveja.

— Você viu a criança? É menina ou menino?

— Minha senhora viu. Disse que é uma menina. Chora o tempo todo. Mais uma prova de que foi roubada.

— A sua esposa conhece bem a rua?

— Claro, nasceu lá. Antes dos malditos judeus chegarem. Passava por lá ontem quando ouviu os gritos da menina... uma boa casa, bem-pintada, cortinas limpas, quem mora lá ganha um bom dinheiro, sabe? Eles nunca ficam sem, não é?

— Devem estar vivendo muito bem, com muita fartura — disse Parrish. — Fale mais da menina.

— Ah, é. Bem, ela ouviu gritos e choro e ao olhar pela janela viu uma menininha bonitinha de cabelos claros tentando se livrar dos braços de uma garota judia. A garota viu minha mulher e arrastou a menina para longe da janela. Com certeza, foi roubada, minha esposa acha. Ela não sabia dessa história de sangue... É verdade, então?

— Não ficaria surpreso. Qual o número da casa?

— Maldição, não sei. Mas é um lugar bacana. Tem vasos de plantas nas janelas. Esses judeus se acham superiores... Odeio eles. Ei, patrão, mais uma caneca...

Quando os homens se preparavam para deixar o armazém de tabaco, Goldberg pediu que Kid Mendel e Moishe Lipman ficassem. Bill também ficou. Quando teve certeza de que a conversa não seria escutada por mais ninguém além deles, Goldberg disse:

— Companheiros, temos outro problema para resolver. Não quis atrapalhar a reunião com esse assunto, pois o que preciso é da ajuda de especialistas.

Os dois líderes de gangues nada disseram. Eram muito diferentes: o elegante e sofisticado Mendel vestia-se com a mais alta pompa e parecia um príncipe em dia de feriado, enquanto Moishe Lipman, que fora boxeador em ringues de feiras livres, poderia facilmente fazer um teste para o papel do monstro de Frankenstein numa companhia de teatro não muito exigente.

Os dois se conheciam. Os sentimentos de um pelo outro guardavam partes iguais de respeito e desconfiança. Bill os

observava, maravilhado com o magnetismo de Goldberg, que era capaz de unir dois tipos de metais tão diferentes.

— E então? — perguntou Lipman, asperamente, quando voltaram a se sentar.

Mendel soltou uma baforada na direção de uma vela, fazendo a chama tremular e se expandir na penumbra.

— Deixe-me adivinhar — disse antes que Goldberg tivesse tempo de se explicar. — É a mulher.

Os olhos pesados de Lipman deixaram Goldberg e se voltaram para o rival.

— Que mulher é essa? Isso tem a ver com o assunto que viemos tratar aqui?

— Estreitamente — respondeu Goldberg. — Ela é a pessoa capaz de derrotar o Tzaddik... — Goldberg contou, resumidamente, a história de Sally e Harriet. — Agora, temo que ela esteja correndo grande perigo neste momento. Quero alguém vigiando aquela casa. E no momento que houver algum sinal de problemas, quero que a invadam. Quanto à criança: ela está segura, mas ainda assim quero que vigiem a casa onde ela está também. Vinte e quatro horas por dia.

Silêncio. Kid Mendel ergueu uma das sobrancelhas. Moishe Lipman fez uma cara feia.

— Caro — disse segundos depois. — Para que se preocupar com isso?

— Porque a mãe da menina é nossa única chance de acabar com o Tzaddik. Se pegarem a criança, perdemos tudo: ele ficará ainda mais forte, e a mãe não conseguirá manter o disfarce por muito tempo. De qualquer forma, tenho medo de coisa pior.

— A calúnia sobre o sangue da criança? — perguntou Mendel, embora não fosse uma pergunta. Ele se referia à difamação alardeada havia muito contra os judeus de que eles usavam sangue de crianças cristãs em seus rituais.

Goldberg confirmou com a cabeça.

— Ele seria capaz de fazer isso e jogar a culpa nos judeus? — perguntou Lipman. — Mas por que diabos...

Não terminou a pergunta, pois ouviram passos apressados do lado de fora e em seguida alguém bateu à porta violentamente. Lipman saltou com os punhos fechados; Mendel se virou com elegância, curioso. Mas o primeiro a se por de pé, mais rápido até mesmo que Bill, foi Goldberg, e suas mãos estavam nos bolsos da calça.

Bill foi abrir a porta e um resfolegante Reuben Singer entrou.

— A criança... levaram a criança...

Em um segundo Goldberg estava ao lado do homem. O canto da boca cortada sangrava e um dos olhos piscava freneticamente.

— Um bando de brutamontes... Não eram da polícia... sem mandado, nada... Um homem bem-vestido comandava o bando e disse se chamar Parrish... Rebecca sabia o que eles buscavam e tentou fugir com a menina pelos fundos... mas tinham homens no quintal também... e o senhor Katz... — Ele fez uma pausa e tentou ganhar fôlego. — Ele está inconsciente. Encheram ele de pauladas. Rebecca também. Acho que quebraram o braço dela. E pegaram a criança...

— Está bem, Dan — disse Mendel. — Você está dentro, Moishe?

Os traços grosseiros de Lipman brilhavam na luz tremulante.

— Eles não vão machucar crianças — disse. — Sejam judias, góis, hotentotes, não importa. Diga o que temos que fazer, Dan.

Goldberg pensou rapidamente.

— Há três lugares para onde podem ter levado a menina: praça Fournier, a própria casa dele na rua Telegraph, em Clapham, ou o lugar que ele tomou em Twickenham, a Casa do Pomar. Moishe, leve uns rapazes com você para a praça Fournier. Kid, vá para Twickenham, na Casa do Pomar, uma grande casa ao lado do rio. Eu vou para Clapham.

— E o que faremos? — perguntou Mendel.

— Fiquem de olho. Qualquer sinal dela, invadam a casa e resgatem a criança.

— Já viu um sequestro? — comentou Lipman. — Não vai ser fácil garantir que ela saia ilesa.

— A gente consegue — respondeu Mendel.

— Precisamos de um ponto de encontro — lembrou Goldberg. — Minha casa está sendo vigiada, já que sou foragido da polícia. Alguém tem outra ideia?

— Eu tenho um telefone — disse Mendel. — O número é 4.214. Vou deixar um homem de guarda para atender qualquer ligação. Liguem assim que puderem, depois do serviço de telefonista abrir, às nove horas, e ele me passará as informações.

— Ótimo — Goldberg disse, e os dois chefes correram para fora do armazém. — Você está bem, Reuben? Vai ter que tomar conta da sra. Katz e das outras mulheres. Vamos...

Depois partiu, seguido de perto por Bill — os dois caminhando sob uma forte chuva.

* * *

Sentada, Harriet estava imóvel. Ouviu o som de um cavalo e o assento era macio e frio, como o do cabriolé que usara com sua mãe.

Homens conversavam. Estava escuro. Sua mãe lhe tinha dito para ser corajosa, por isso estava sendo corajosa, como a mãe no meio da floresta com os macacos.

Rebecca não estava por perto. De repente, desejou ter Rebecca ao seu lado. Os homens não quiseram que Rebecca viesse com ela, e a machucaram. Machucaram o sr. Katz também.

Fazia frio. Levou o polegar à boca e o chupou com força, mas não chorou. Tinha que ficar quieta.

Sally despertou subitamente, de um pesadelo confuso e doloroso, e ficou deitada na escuridão, mordendo os lábios. Eliza tinha a respiração pesada. Obviamente, estava dormindo. E o relógio soara indicando que era apenas uma da manhã.

Aquilo não era nada bom. Não conseguiria mais dormir. Estava totalmente desperta e temia ficar ali deitada durante horas, incapaz de adormecer.

Bom, a essa altura, só havia uma coisa a fazer: chegar aos escritórios do segundo andar. Lá podia encontrar algo que

incriminasse o Tzaddik.

Tocou os pés no chão e estremeceu de frio. Tateou em busca das meias. Então se deteve, ao topar, dentro da cesta, com a gelada e pesada pistola.

Ficou tentada. Poderia carregá-la no bolso da capa e, claro, não a usaria, mas a ajudaria a se sentir mais segura...

Era bem pesada e balançava no bolso — um desconforto para Sally. Quando já estava no meio da escada, se arrependeu de ter trazido a arma. Mas era tarde. Ao abrir uma porta, já no segundo andar, uma parte da arma bateu na jamba da porta e Sally ficou parada por pelo menos um minuto, com a respiração suspensa.

Mas nada aconteceu e ela avançou. A luz do lado de fora do quarto do Tzaddik no andar de baixo iluminava vagamente o contorno das portas e do corrimão. Sally andou na ponta dos pés pelo assoalho de madeira lustrada até a porta do escritório no início do corredor, onde Sally sabia que o secretário trabalhava.

Será que estava destrancada? Sim.

Uma ideia assustadora a invadiu de repente: e se o macaco estivesse nesse andar? Ou estaria dormindo com o Tzaddik?

Não pense nisso. Olhe em volta. Mova-se com rapidez, mas tome cuidado.

As cortinas estavam abertas e a débil luz dos lampiões na rua entrava pelas janelas embaçadas pela chuva — mas era o suficiente para que conseguisse enxergar prateleiras atrás da mesa e sobre elas objetos volumosos que lhe eram muito familiares: livros de contabilidade. Talvez estivesse realmente com sorte, afinal, encontrara algo que ela conhecia tão bem. Deveria se arriscar a acender uma vela?

A pistola lhe deu confiança. Na pior das hipóteses, ela teria que utilizar a arma para escapar. Acendeu o pequeno pedaço de vela num suporte, colocou-a na mesa e retirou um primeiro livro da prateleira.

A princípio parecia um registro de pagamentos dos empregados domésticos: nada de incomum ou irregular ali. Folheou-o rapidamente e voltou a guardá-lo. O livro seguinte discriminava

ações e investimentos. O Tzaddik tinha um extenso e variado capital aplicado e, aparentemente, tais investimentos estavam sendo administrados com eficiência. Mas nada que um homem rico precisasse esconder. Devolveu o livro à prateleira e pegou outro.

Folheou outros cinco e não encontrou nada além de registros — perfeitamente ordenados — de um negócio de importação e exportação de sucesso. Foi então que, no oitavo livro, ela achou algo suspeito.

Parecia ser uma série de pagamentos de distintas fontes. As quantias variavam e eram de moedas de diferentes países, mas um dos pagamentos era em libras esterlinas e ocorria semanalmente, cerca de duzentas libras. Esse valor parecia familiar, mas Sally só foi descobrir ao observar que cada item de pagamento era distinguido por uma inicial. Aquele que havia chamado sua atenção levava a letra P.

Parrish.

Era o montante sobre o qual Goldberg havia comentado — o dinheiro que Parrish arrecadava das casas de apostas e dos bordéis em West End, o dinheiro que as pobres moças que chegavam nos navios de imigrantes ganhavam. E Goldberg estava com o livro que Parrish usava para anotar os pagamentos da semana. Se os números batessem com estes...

Se batessem, ela o tinha nas mãos.

Encontrou uma tesoura numa gaveta e cortou a página com cuidado, o mais rente possível da costura para não levantar suspeitas. Eles acabariam descobrindo em breve, mas não custava tentar.

Em seguida guardou o livro. Dobrou a página e a pôs dentro da meia-calça por precaução.

Cama?

Hesitou. Aquela fora uma importante descoberta, mas talvez devesse ir mais a fundo. O que estava fazendo era horrível, mas pior era estar longe de Harriet, e afinal toda aquela história era um horror. Só de pensar no Tzaddik sua alma ficava ainda mais pesada... Não podia mais recuar.

Saiu do escritório, o coração batendo forte, e desceu as escadas até a porta do quarto de Michelet. Lá voltou a ficar hesitante e por mais tempo, como um nadador nervoso à beira de um rio que sabe que a água estará gelada, profunda e perigosa.

Quanto mais tempo demorasse, no entanto, pior seria. Engoliu em seco e girou a maçaneta, entrando com cuidado.

Enquanto a carruagem cruzava correndo a ponte Blackfriars, Bill disse:

— Por que vai pra Clapham, sr. G.? Não acha que ele iria querer levar a menina direto para a casa do patrão?

— Não. Pelo que conheço de Parrish, ele vai querer barganhar. Maldição, Bill, a culpa é minha, tinha que ter me adiantado.

Olhou para fora, para a chuva implacável. O fluxo de veículos era pequeno. Duas ou três carroças movendo-se desajeitadas rumo ao norte, na direção dos grandes mercados; um cabriolé, um policial passando com uma capa de chuva.

— Escute — disse Goldberg. — Vou parar com o carro em Lambeth. Quero que você reúna o maior número que conseguir de seus colegas irlandeses e os leve para Clapham. Esses garotos de quem você costuma falar... são bons de briga, não são?

— Os melhores — respondeu Bill.

— Além de fortes, eles precisam ser espertos. Agora, escute: há uma pequena passagem entre as casas na rua Telegraph — uma passagem entre os jardins dos fundos das casas, atrás da rua de Parrish. Eu vou estar esperando vocês lá. Sejam discretos... não se deixem seguir. Até vocês chegarem, já terei pensado no que faremos.

— Posso prometer uma briga a eles?

— Se o Parrish estiver lá, sim, teremos uma boa briga. Condutor!

Goldberg abriu a janelinha atrás dele para se comunicar com o condutor e pediu que estacionasse o veículo. Bill avistou o prédio do hospital Bethlehem.

— Bedlam — disse. — Até logo, sr. G.

Bill saltou do veículo e desapareceu na escuridão. O carro então partiu rumo a Clapham.

Harriet não tinha chorado uma única vez. O homem ao seu lado era cruel. Ele gritou com os outros homens e os fez correr para fora da carruagem e abrir alguma coisa, e em seguida ele a pegou no colo, sem jeito, e a estava machucando. Ela tentou se ajeitar no colo dele, mas ele a espremia. Tentou com mais força e ele então a sacudiu, dizendo coisas cruéis. Foi quando ela quase chorou; mas se controlou, fechando olhos e a boca com força.

Pouco depois estavam em um lugar, com escadas e uma porta. Ele a colocou numa cama. Estava escuro, muito, muito escuro. Ele então disse algo ameaçador para outra pessoa e a porta se fechou.

Não sabiam o que fazer. Não sabiam fazer nada. Nem suas botas tinham tirado.

E então ela sabia o que ia acontecer. E aconteceu, e ela não conseguiu parar, e um líquido quente se espalhou pela sua roupa de baixo e encharcou seu vestido, o abrigo e a cama. Ela sabia que ninguém viria para lavá-la, que não havia roupas limpas para trocar, que ninguém nunca mais iria ajudá-la e que ela ficaria sozinha no escuro para sempre, porque sua mãe havia se perdido dela.

Finalmente, estremecendo, começou a chorar.

* * *

Michelet acariciava os cabelos dela. Ele havia passado água-de--colônia nas mãos, no pescoço, no peito e nos braços, e o perfume doce deixou Sally enjoada. Assim como os sôfregos beijos dele.

— Ele está acordado? — Sally sussurrou. — Por isso precisamos ficar em silêncio?

— Ele tem sono leve. O médico dá a ele uma pílula para dormir, mas ele não consegue ficar muito tempo adormecido. Tem uma forte e constante dor nas costas. E aquela macaca também é incansável... Não pense nele, Louisa.

— Pobre homem. Não consigo evitar. Como ele se veste? Como se lava?

— Eu faço tudo isso. Tudo. Um criado me ajuda a levantá-lo, mas eu atendo a todas as necessidades dele.

— Como ele acabou paralisado desse jeito?

— Por que pergunta? Esqueça isso, Louisa. *Eu* não estou paralisado. Nem você. Olhe como fica linda sua pele sob o reflexo da luz da vela... Vamos, me deixe beijar seu lindo braço.

Um som como de um tambor — forte e contínuo — batia dentro de Sally. Como se anunciasse a solução do mistério. E ela lutava contra a suspeita que a consumia — a suspeita que sempre tivera e pulsava em seu interior, mas que tinha medo de encarar... Era como se estivesse numa locomotiva sem comando. Tocara numa alavanca e o trem começara a se mover, e agora não achava o freio, e como estava em movimento se sentia tentada a aumentar a velocidade, mais e mais, pois seria melhor sair dos trilhos, se destruir, do que permanecer nesse movimento incontrolável e inútil.

Os olhos de Michelet pareciam de vidro. Pela primeira vez Sally começava a entender o real perigo que corria — o homem era louco. Pensou se alcançaria a arma, caso precisasse dela. Onde estava? Fora de alcance...

E então o Tzaddik falou do outro quarto.

— Michelet, venha aqui — disse com sua grossa e possante voz.

Estremecendo, Michelet se concentrou e recobrou a consciência. Levantou-se, esfregando os olhos, e vestiu um penhoar antes de abrir a porta que separava o seu quarto do de Tzaddik.

Sally permaneceu deitada, imóvel, enquanto o Tzaddik dizia:

— Não consigo dormir, Michelet. Acenda um cigarro para mim e me traga um conhaque.

Michelet caminhava pelo quarto do amo. Ela o ouviu acender um fósforo e viu a luz de um lampião pela quina da porta. Mais outro som de fósforo riscado e dessa vez para acender o cigarro. E então Michelet desceu para pegar o conhaque.

Havia chegado a hora.

Apanhou a capa, com a pesada pistola no bolso, vestiu-a e se levantou. Com mãos e pés trêmulos, e o medo percorrendo-a dos pés à cabeça, caminhou até a porta e entrou no quarto do Tzaddik.

Era amplo e luxuosamente mobiliado. A cama era imensa, reforçada por barras de ferro que se estendiam até a parte superior da cama, nas laterais e na cabeceira. Puxadores e polias eram

suspensos a partir das barras, e a macaca sentou-se no canto da cama, a encarando com olhos que pareciam pedras.

O Tzaddik se encontrava deitado, coberto por uma manta de seda, e sua enorme cabeça voltou-se na direção de Sally. Nos olhos dele, que brilhavam sob a chama da vela, ela via o reflexo da certeza que pulsava insistentemente em seu coração.

Ele nada disse ao vê-la se aproximar. A macaca chiava baixinho. Ela pegou o cigarro no cinzeiro e deu um trago, sentindo a tremedeira passar, acalmando-se.

Deitado e impotente, ele apenas a observava.

A verdade engatinhava, em frente, próxima de chegar à razão de Sally. O trem se movia cada vez mais rápido. Lentamente, ela puxou a coberta, o cobertor e os lençóis, expondo o enorme peito inanimado sob a camisa de dormir do Tzaddik. Ele permaneceu calado. Os olhos ainda fixos nela.

Desabotoou a parte da frente da camisa até a cintura. Voltou a tremer, e então uniu as palmas das mãos e fechou os olhos, como se pedisse a bênção dos céus para o que estava fazendo.

Então abriu a camisa do homem. O corpo, tanta carne, tão imóvel que não parecia humano era uma massa pálida. Ela fez um esforço para olhar para ele — e lá estava a pequena marca causadora de todo aquele desconforto e sofrimento...

Um furo de bala bem abaixo da costela, uma pequena e enrugada cicatriz. Um ferimento causado por ela.

— Ah Ling — sussurrou Sally.

Os joelhos ficaram bambos, uma enorme fraqueza se apoderou de seus membros, era como se o sangue do corpo tivesse estancado repentinamente. Ela se apoiou na barra de ferro, e por um instante os dois se olharam — um paciente e sua doce e solícita enfermeira.

A macaca continuava imóvel, observando, e a fumaça do cigarro continuava subindo.

Como não percebi antes? Seus olhos — aqueles olhos levemente puxados, de chinês —, as mãos, enormes, sardentas, e os cabelos ruivos... a voz... o ópio e o sr. Beech... Eu não queria enxergar, não conseguia suportar a ideia, não queria ver...

— Achei que estivesse morto — disse, sua voz quase inaudível. — Achei que tivesse te matado. Naquela noite na carruagem, nas docas da Índia Oriental... Estava vivo todo esse tempo?

— Chama isso de estar vivo? — ele perguntou.

Havia um zumbido no ouvido de Sally.

— O que aconteceu? — ela sussurrou.

— A bala perfurou minha espinha. Meus homens, que estavam num navio próximo, imediatamente me socorreram. E desde aquele dia nunca mais me mexi, e nunca mais deixei de sentir dor. Devia ter me matado. Veio até aqui terminar o que começou? Vejo que tem uma pistola no bolso. Afinal, não há nada que possa detê-la.

Sally tratou de pegar a arma. Nervosa, tirou-a do bolso, o rasgando, e puxou o cão da arma, mas pela primeira vez na vida suas mãos falharam. Tremiam sem parar, e sabia por quê, sabia que não seria capaz de atirar nele; pois a fragilidade dele o protegia mais do que se estivesse com uma armadura.

E, latejando junto ao ódio, à raiva e ao medo, uma nova descoberta, ou uma velha suspeita até então escondida, agora confirmada e esclarecedora, tão vívida quanto sangue escarlate: a culpa que sentia por ser responsável pelo estado de seu sufocante aprisionamento. Ela tinha pena dele. Afinal, ela era a culpada por ele estar daquele jeito.

Não conseguia segurar a arma. Com um grito de raiva e dor, ela jogou a pistola longe com toda a força que lhe restava. A arma chocou-se contra um espelho e caiu no chão entre estilhaços de vidro.

A porta se abriu.

— Achará uma pistola no chão, Michelet — disse Ah Ling. — Pegue-a e atire na srta. Lockhart.

Tomada pelas lágrimas, olhou o rosto do pajem, pálido de assombro, num primeiro momento, mas que rapidamente foi tomado por uma terrível expressão de prazer. Sally estava fraca demais para se mover e caiu de joelhos ao lado da cama, enquanto Michelet largava a bandeja com a garrafa de conhaque e o copo, se agachando para pegar a arma.

Virou-se de costas para a macaca.

A criatura moveu-se com uma rapidez impressionante. Foi até o criado-mudo, apanhou o cigarro ainda aceso e em seguida saltou em cima de Michelet, assim que ele se levantou — pousou no pescoço do pajem, agarrou seus cabelos com uma das mãos enquanto com a outra enfiou o cigarro no olho de Michelet.

Ouviu-se uma explosão quando a arma foi disparada. Michelet deu um berro e cambaleou, batendo contra a barra de ferro da cama e tombando sobre Sally, que caiu no chão. Desorientada, ela permaneceu estendida no chão. Sua cabeça batera em alguma coisa, não encontrava forças para se levantar.

Finalmente, Michelet conseguiu se livrar da macaca e a jogou com toda a força contra a parede. O bicho despencou feito um boneco desmantelado, morto.

A porta se abriu e apareceram o secretário Winterhalter e o médico, em roupas de dormir. Havia um laçao também presente — seria Alfred? Ouviu a voz pesada e impassível de Ah Ling:

— Esta mulher entrou no meu quarto e tentou me matar, Winterhalter, leve-a para o porão com um criado e deixe-a trancada lá. Doutor, cuide de Michelet.

Michelet urrava de dor, engatinhando ao lado dela, o sangue escorrendo por entre seus dedos. Mãos agarraram Sally pelo ombro e a levaram para fora do quarto até o elevador, que foi descendo, descendo, descendo. Não sabia dizer se Alfred, o laçao, estava entre os que a levavam. Naquele momento, só conseguia pensar em duas coisas: naquele pequeno e enrugado círculo de pele onde causara a terrível ferida, que provocou uma vingança virulenta; e na folha dobrada que levava escondida debaixo da meia-calça.

Quando o elevador chegou ao porão, jogaram-na para fora e voltaram a subir. Assim como Harriet, ela estava no escuro e só.

A BATALHA DA RUA TELEGRAPH

Daniel Goldberg estava numa pequena passagem entre duas casas da rua Telegraph. Dividia o local com duas latas de lixo e a chuva que desabava da calha dava a impressão de que estava em frente às cataratas do Niágara. Uma luz cintilava detrás das cortinas da casa de Parrish. O segundo andar estava escuro, tanto na frente quanto nos fundos. As casas dão para a rua de trás, e Goldberg já tinha feito o reconhecimento do terreno, movendo-se lentamente ao longo do muro, feito um gato. Eram casas acanhadas e malconservadas, um pouco maiores que os casebres de Whitechapel — dos quais se distinguiam pelas janelas salientes e trabalhadas acima da porta de entrada.

Era uma e meia da manhã e Goldberg havia decidido esperar por Jim por mais vinte minutos. Ouviu então um sussurro atrás dele:

— Tudo certo, sr. G.?

Ao se virar, Goldberg viu meia dúzia de vultos, talvez mais, espremidos atrás de Jim, na estreita passagem.

— Muito bem — disse. — Quantos?

— Somos dez — sussurrou uma outra voz da escuridão, com sotaque irlandês carregado.

— Este é Liam — disse Bill. A mão surgiu e Goldberg a apertou. — Temos cortantes, pé de cabra e soco-ingles.

Goldberg olhou por sobre o ombro de Bill e viu uma menina de uns 16 anos.

— Esta é a famosa Bridie Sullivan?

Ela nada disse, mas levantou a cabeça ameaçadoramente.

— Tá tudo bem, Bridie — disse Liam. — O cara é boa gente, não liga, não.

— Ouvi dizer que você é uma lutadora e tanto. E vai precisar ser. É aquela casa ali, com a luz acesa. Tem uma menininha lá dentro, provavelmente no segundo andar, e temos que tirá-la de lá, inteira.

Goldberg se afastou para que eles pudessem dar uma olhada na casa pela pequena passagem.

— Dá pra entrar pelos fundos? — perguntou Bill.

— Tem uma passagem como essa mais adiante, à direita, que dá para o jardim. Acho que vi uma latrina ou uma casinha para guardar carvão, como essa aqui atrás da gente; uma das janelas da casa fica bem em cima e tá com as cortinas fechadas. Dá para alcançar do telhado do banheiro. Mas não sei quantos homens estão dentro da casa.

Bill e Liam voltaram para olhar, por cima do muro, o jardim dos fundos da casa ao lado.

— Tem uma arma, Bridie? — perguntou Goldberg.

— Uso um cortante — ela respondeu. A voz da menina era suave e musical... a voz aveludada de um anjo irlandês. O cortante de que ela falava era a lâmina de uma navalha enrolada num pano de algodão.

Bill apareceu ao lado de Goldberg.

— Meio minuto. É o que vai levar.

— Ótimo — disse Goldberg. — Liam, quem é seu melhor homem de montaria?

— Dermot — Liam respondeu na mesma hora, apontando para um garoto magrelo de uns 12 anos.

— Ei, Dermot, tem um estábulo no lado sul do Common, a área coletiva. Leve alguns meninos com você e pegue uma carruagem de

quatro rodas e um bom pangaré, e voltem aqui o mais depressa possível.

Três rapazes se afastaram rapidamente e desapareceram pela rua abaixo e Goldberg reuniu os demais para lhes explicar o plano.

A batalha da rua Telegraph foi comemorada anos depois pelas gangues irlandesas de Lambeth. Os que participaram acabaram virando lendas. Os que desejavam não ter participado começaram a distorcer as lendas a seu favor. Nada havia de parecido até o surgimento do grande Pat Hooligan, que deu nome à classe.

Goldberg dividiu o grupo em três. Bill e Liam, que eram os mais experientes, entrariam pelo jardim dos fundos, escalariam até o telhado da tal casinha e esperariam até que outros distraíssem os homens para então entrarem na casa.

De nada adiantaria desviar a atenção do inimigo sem abrirem a porta, pois era por onde teriam que tirar Harriet da casa. Por isso, Goldberg e Bridie bateriam à porta e Bridie fingiria desmaiar na escada da entrada.

Assim que abrissem a porta, Goldberg daria um grito, que seria o sinal para que mais dois rapazes, nos fundos da casa, começassem a golpear a porta de trás com toda a força. O barulho abafaria o ruído de Bill e Liam escalando até a parte de cima da casa, enquanto Goldberg e os três meninos restantes entrariam correndo pela porta da frente. Goldberg e Bridie manteriam o corredor desimpedido e os rapazes subiriam correndo as escadas para enfrentarem quem estivesse lá em cima, desviando a atenção da janela por onde Bill e Liam entrariam para procurar por Harriet.

Goldberg, Bridie e os garotos que entrariam pela frente esperaram os outros correrem para seus postos, como vultos em temporal, e desaparecerem do outro lado da passagem. Alguns minutos se passaram e Goldberg então disse:

— Agora.

Os rapazes correram e se agacharam atrás do baixo muro do jardim. Goldberg e Bridie se posicionaram em frente à porta de entrada.

— Pronta?

Ela fez que sim com a cabeça. Ele bateu à porta e ela se apoiou nele como se estivesse prestes a desmaiar.

A cortina da janela saliente se abriu e um rosto surgiu. Goldberg fez um gesto desconsolado e Bridie encostou-se mais a ele.

— Aí vem ele — murmurou Goldberg, ouvindo a porta se abrir.

A cortina fechou-se assim que a porta de entrada se abriu.

Na mesma hora, Bridie caiu sob a entrada da porta e o homem lá dentro deu um passo para trás bruscamente. Goldberg se ajoelhou ao lado dela, mantendo a cabeça baixa e fingindo tentar levantá-la.

— Minha esposa... ela está muito doente... Por favor me ajude a colocá-la para dentro, pelo amor de Deus.

O homem ficou ali parado, hesitante, olhando para trás. E então Arthur Parrish saiu do cômodo da frente e ficou em estado de choque ao cruzar os olhos com os de Goldberg.

— Grite, menina — ordenou Goldberg, e Bridie soltou um berro de bruxa. Em seguida, Goldberg gritou: — Agora!

Então várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Goldberg avançou para dentro da casa, esmurrando o primeiro homem contra a parede, e Bridie correu logo atrás, a lâmina brilhando na mão. Golpes violentos foram ouvidos de algum lugar nos fundos da casa, enquanto os outros rapazes do bando invadiam a porta da frente como enguias.

Um outro homem apareceu detrás de Parrish e o garoto que estava à frente do grupo foi atrás dele, enfiando a cabeça contra o estômago do inimigo — uma pancada que pôde ser ouvida do outro lado da rua. Em seguida, o punho de Goldberg encontrou o queixo desse mesmo homem, que caiu inconsciente sobre o porta guarda-chuva.

— Subam! — Goldberg gritou para os rapazes, e o bando correu pela escada, de três em três degraus, berrando de alegria.

Parrish tinha uma pistola na mão.

Estava imóvel, de costas para a parede, encarando Goldberg com olhos brilhantes de satisfação. Goldberg teve vontade de colar a cara do patife no papel de parede. Mas a arma estava engatilhada. Bridie observava com olhos ferinos à espera do ataque. O homem no chão

se mexia e Goldberg deu um passo, na direção do porta guarda-chuva, e o chutou.

— Ora, sr. Goldberg — disse Parrish —, que modo lamentável de agir. Isto não vai ajudar em nada o seu processo de extradição, creio que o senhor sabe...

Então, ouviu-se um grito aterrorizado de uma criança no andar de cima. Goldberg puxou uma capa do cabide da entrada e a jogou em cima da arma, antes de atacar o homem como um tigre faminto. Bridie fez o mesmo, mas o homem no chão a agarrou pela barra da saia e ela caiu sobre ele num emaranhado de punhos e roupas encharcadas.

Gritos ecoaram do segundo andar — portas batendo —, e então se ouviu uma explosão vinda da arma. Em seguida, o silêncio.

Goldberg se viu deitado no chão e soube na mesma hora que tinha sido atingido. Como da última vez — não sei onde... espero conseguir levantar...

Recompôs as forças com dificuldade, notou em seguida que o plano falhara, o ataque fracassara, pois Liam descia as escadas e Bill vinha logo atrás dele, seguido de um homem segurando Harriet, com uma faca rente à garganta da menina.

Bridie se levantou lentamente. Parrish apontava a pistola para os demais e o homem deitado no chão se esforçava para levantar. O barulho nos fundos cessara. Goldberg tentou levantar e, ao colocar o peso do corpo num dos braços descobriu onde fora baleado, pois o ombro esquerdo latejava de dor.

Nada fatal. Tudo bem. Pense. Chegue um pouco para a direita. Dê espaço para que desçam. Olhe para a porta — ótimo, Bill entendeu, Liam também. Agora pegue o cortante.

Goldberg sabia que tinha uma única chance: tinha que imobilizar o braço do homem que carregava Harriet antes que a faca penetrasse a garganta dela. Bridie estava atrás dele, no estreito corredor, fora da vista de Parrish. Goldberg fingiu estar mais tonto do que realmente estava, o que não foi difícil, e esticou o braço para trás, encontrando a mão de Bridie que segurava a lâmina. A arma

branca foi repassada. O homem que segurava Harriet já tinha descido.

A menina estava imóvel nos braços dele, olhos arregalados e lacrimejantes, ciente de que algo terrível estava acontecendo. Goldberg se preparou para o ataque, mas ainda estava zozinho pelo tiro e a dor ameaçava paralisar o ombro.

Cuidado — espere ele se virar — agora!

Com a mão direita, Goldberg cravou a faca no braço do homem que tinha a faca na garganta de Harriet. No mesmo instante, Bill agarrou Harriet e a jogou para Liam, que a pegou e correu. Com ímpeto, Bridie preparou um murro para atingir Parrish, mas errou o alvo, pois nesse mesmo segundo um objeto branco e pesado de porcelana foi atirado do patamar da escada e se estilhaçou na cabeça de Parrish, que desabou no chão, seguido de gritos de alegria dos rapazes no alto da escada. Segundos depois os garotos investiram quase que ao mesmo tempo contra o homem que agarrara Harriet. Ele gemia, ainda perplexo com a rapidez dos acontecimentos, tentando estancar a incrível quantidade de sangue que saía do corte em seu braço.

Carregaram Bridie para fora da casa e Goldberg os seguiu a tempo de ver uma carruagem que chegava pela tranquila rua, com dois garotos arruaceiros na cabine do veículo. Ouviram-se os ruídos dos freios, das ferraduras, o relinchar do cavalo pela agitação, enquanto Bill corria para a porta do veículo, escancarando-a.

Liam foi o primeiro a entrar no carro com Harriet gritando em seus braços, e os outros se enfiaram na carroceria logo depois.

Mas a pistola voltou a ser disparada atrás deles e Bridie caiu no chão, imóvel. Liam e os outros saltaram rapidamente e carregaram Bridie para dentro da carruagem. Goldberg sentiu as pernas falharem ao ser atacado pelas costas. Viu Bill hesitar e gritou:

— Vai! Leva a criança! Anda!

O menino bateu com o chicote na traseira do animal e a carruagem saiu a toda velocidade. Os homens de Parrish ainda correram atrás do veículo, mas já era tarde demais e apenas observaram a carruagem desaparecer na primeira esquina.

Bem, não foi de todo mal, pensou Goldberg antes de desmaiar.

Na abarrotada carruagem alguns garotos davam gargalhadas e se gabavam da briga, e adornando a história com mais detalhes do que o tempo teria permitido. Liam e outro rapaz se debruçaram para verificar o estado de Bridie.

— Aqui — disse Liam, erguendo o espesso e úmido cabelo de Bridie, revelando um ferimento profundo no couro cabeludo. — Se for só isso, já vai tá boa amanhã. Tá respirando como um trompetista. Não tem por que se preocupar.

Ele a ergueu para dar mais lugar aos outros e afastou delicadamente o cabelo da face de Bridie. Harriet observava a tudo com o polegar enfiado na boca. Aquelas pessoas riam e cantavam. Estavam felizes, e ela gostava de pessoas felizes. Eram muito barulhentas, mas era um barulho divertido. E então um deles empurrou um outro, que caiu no chão. Harriet achou que ele tivesse se machucado, mas o garoto riu. E todos riram e ela acabou achando a cena engraçada e riu também. Teve que tirar o polegar da boca para rir melhor, e eles viram isso e riram ainda mais.

Alguém do lado de fora bateu na carroceria.

— O que foi? — perguntaram.

— É o Dermot.

Um dos rapazes colocou a cabeça para fora.

— Tem um tira mais na frente. Cale a boca, todo mundo...

Todos se agacharam no piso do veículo, sussurrando e dando risadinhas, até o veículo passar pelo policial e todos voltarem a se sentar. Os risos haviam chegado ao fim. Olharam para a menina.

— O que vamos fazer com ela?

— É problema do Bill. Isso é assunto dele.

— E o chefe que ficou pra trás?

— Deve ter conseguido escapar...

— Vi ele cair no chão...

— Morto, é? Que praga...

— Bridie vai saber o que fazer com a garota.

— Bridie?

— É uma garota, num é? Tem que saber.

— Mas Bridie...

— A gente num tem como cuidar da criança, isso é fato.

— Quem é ela afinal, hein? De quem ela é?

— Eu sei lá, Sean. Mas é uma menininha de família nobre, não é?

— Olha ela ali sentada como uma lady...

— Ela tá molhada.

— Diabos, e as crianças num fazem isso? Se mijam? Você mesmo só largou as fraldas a pouco mais de um ano...

— E se Bridie num acordar?

Silêncio. Olharam para a moça. Estava muito quieta no canto da carruagem.

— É o fim da linha pra ela?

— Ela, que arrancou o couro de Johnny Rodriguez, o mestiço? — comentou Liam com ironia. — Fim da linha? Nunca.

— Mas o sujeito atirou nela...

— E a gente acertou o coco daquele verme com um penico.

— Se a gente tivesse tido tempo, teria enchido antes...

— Mas o que vamos fazer com a menina?

Um silêncio mais prolongado agora. Harriet os olhava, fascinada.

— O orfanato? — perguntou um, sem muita certeza.

Os demais olharam para ele de cara feia.

— Você é um idiota, Johnny Coughlan! A gente tira ela de uma prisão para enfiar em outra?

— Com as freiras, então...

— Pense com a cabeça.

— Mas *a gente* não pode ficar com a menina...

— E por que não?

— Bem... Ela precisa comer...

— Ela já passou da fase de mamar, você não vai precisar oferecer *seu* peito magricelo, Sean Macarthy.

— Ah, fecha essa matraca!

— Ela pode comer o que a gente come, então. Purê de batata, torta de carne e enguias. Um gole de cerveja preta também não vai fazer mal.

— Mas e as roupas e outras coisas...

— Outras coisas? Que coisas? Qual foi a última vez que *você* trocou de roupa? Deve ter sido no ano retrasado, pela sua catanga. As roupas dela estão muito boas. Servem por enquanto. Por Deus, vocês são um bando de bastardos pessimistas, viu? Vem cá, princesa.

E então Liam pegou Harriet no colo e ficou de olho nos companheiros, enquanto a carruagem rumava para Lambeth. Harriet apenas olhava todos eles, com o polegar na boca. Então bocejou e, com ares de duquesa que concede um favor ao seu laçao, descansou a cabeça no ombro de Liam e dormiu na mesma hora.

* * *

Goldberg estava no chão da cozinha, atento a tudo. Embora o ombro doesse insuportavelmente, o resto do corpo estava ileso, e a mente, clara.

Os homens conversavam no aposento da frente da casa. Ouviu a voz de Parrish:

— ... Padaria Salomão, na rua Holywell. Fica na esquina, no fim da Brick Lane. Isso mesmo. Queime tudo. Tem uma loja de pintura e decoração bem atrás, cheia de querosene. Leve o bando para lá. Quero a maldita rua em chamas, entendeu? Cedo, antes que acordem. Agora, *vá* , anda logo, entendeu? O resto faça as malas. Charlie, corra e me arranje uma carruagem do chefe. Acorde ele. Sim, estamos de saída, vamos partir assim que os tiras levarem o judeu. É seguro ele ficar lá sozinho?

Uma outra voz disse algo inaudível e outra pessoa riu. Parrish estourou; ter ficado desacordado devido a um golpe de urinol havia enfraquecido sua autoridade com os capangas. Goldberg olhou em volta, via os pés de uma mesa e de uma cadeira e um balde para o carvão, porém nada que pudesse servir de arma. Conseguiria ficar de pé? E encontrar uma faca, talvez? Ou mesmo uma vassoura?

Ao se mover quase deixou escapar um gemido alto, mas logo ouviu uma batida violenta na porta de entrada. Um homem correu para abri-la e em seguida a polícia entrou na casa.

Goldberg conseguiu se levantar antes que o fizessem por ele. Um sargento, dois condestáveis — lanternas, porretes, explicações, acusações, algemas.

Foi quando ele balançou a cabeça negativamente.

— Comprometo-me a acompanhar os senhores sem resistir — disse ao sargento. — Contudo, ficaria muito grato se não me pusessem algemas, pois estou ferido.

Ele mostrou a mão esquerda ensanguentada de um jeito que desse a entender que era o punho que estava ferido e o sargento concordou com a cabeça.

— Está bem — disse ao condestável que segurava as algemas. — Ele não vai criar problemas. Ponham-no na viatura.

— Perdoe-me, sargento — Parrish interviu. — Este homem é extremamente perigoso. Já lhe disse que ele está sendo procurado por crime político. Fugiu de prisões na Rússia, na Alemanha...

— Pelo que eu sei, senhor, não existe crime político neste país — respondeu o sargento. — Foi ele quem causou esse galo em sua cabeça?

— Não diretamente...

— E quem atirou nele?

— Eu, senhor. Como tenho direito de assim fazer para me proteger...

— Sem dúvida, senhor. Eu ficarei aqui para anotar o seu testemunho e dos demais cavalheiros presentes. Leve este homem para a delegacia, condestável.

Um homem justo pensou Goldberg, enquanto subia com dificuldade no carro de polícia. E pelo menos não tenho algemas com que me preocupar...

O condutor sacudiu a rédea.

Mal a viatura começou a se movimentar e duas figuras sujas e desgrenhadas apareceram das trevas e se penduraram na traseira do veículo, que possuía degraus para os policiais se posicionarem ao enfrentarem multidões. E foram de grande utilidade para esses dois garotos de 12 anos, os mesmos que haviam esmurrado a porta dos fundos da casa de Parrish, durante o ataque.

— Tudo bem, Tony? — sussurrou um deles.

— Tudo em ordem, Con — o outro sussurrou de volta. — Ainda temos uma bronca pela frente. Segure firme. Não caia...

Moishe Lipman esfregou o pesado queixo. Ele estava sentado num carro de quatro rodas na esquina da praça Fournier com mais três homens. Havia muita atividade na casa — lampiões sendo carregados de um lado para o outro, cortinas sendo cuidadosamente fechadas —, mas nenhum sinal da menina. Um dos homens havia cruzado a rua sem que ninguém percebesse e grudou a orelha na porta da cozinha, mas nada ouviu. Outros três homens estavam posicionados nos fundos, onde as casas, altas e antigas, davam para o cemitério de uma igreja. Eles também voltaram sem qualquer pista da menina por lá.

— O que acha, chefe? — perguntou um dos homens na carruagem.

Lipman nada disse. Não era um estrategista, não conseguia ver além dos tijolos, sua especialidade era brigar. *Fica esperto; espera lá atrás e deixa o outro fazer o primeiro movimento. Não seja afobado como uma criança ou vai acabar se dando mal.*

Ao mesmo tempo, sabia do valor de um ataque surpresa. Quem quer que estivesse na casa, não sabia que estava sendo observado. Se Moishe mandasse todos os seus homens invadirem a casa de uma só vez, tomariam o lugar em um minuto. Mas um minuto era suficiente para apontarem uma arma para a cabeça da menina...

— Acho que a gente deve continuar onde estamos.

Lançou um olhar impassível através da chuva. Que chuva! Não dava para ver a diferença entre a calçada e a rua, uma torrente de água corria pela sarjeta. Um bueiro estava entupido por causa de um cachorro morto ou um monte de lixo, e a água espiralava rua abaixo como a corredeira do rio Pecos da história do personagem da série *Deadwood Dick* que Moishe pedia a um dos seus rapazes que lessem para ele todas as noites. Lixo, espuma, papéis e detritos anônimos eram carregados pela água como a jangada de *Deadwood Dick*...

A porta da frente da casa se abriu. Moishe arregalou os olhos e cutucou o joelho do homem à sua frente.

— Acorde — disse. — Olhe.

O homem despertou e olhou para fora. Pela estreita janela da carruagem viram duas pessoas na entrada da casa: um com capa de chuva e chapéu e o outro que parecia vestir um roupão.

O homem com capa de chuva se afastava, quando o chamou de volta e trocou umas poucas palavras. Erguendo a gola até o queixo, o da capa de chuva voltou a se afastar. O de roupão entrou na casa e fechou a porta.

— Peguem ele — disse Moishe.

Os três homens ao lado dele saltaram da carruagem na mesma hora e correram pela chuva torrencial. O homem da capa de chuva não olhou para trás, pois o som da chuva em seu chapéu abafava os passos dos outros três, e foi alcançado rapidamente.

Lipman havia instruído o condutor do cabriolé que os seguisse devagar. Um minuto após ter saído da casa, o homem da capa de chuva foi enfiado dentro da carruagem de Lipman, debatendo-se. Retirado o chapéu impermeável, surgiu o rosto do secretário Winterhalter. Sally o teria reconhecido.

— Quem é você? O que quer? — perguntou o secretário.

— Não importa. O que está acontecendo lá dentro?

Winterhalter fitou seu interlocutor perplexo.

— Como se atreve? O que quer de mim?

— Responda a pergunta — ordenou Lipman. — O que está acontecendo dentro da casa?

— Como posso responder uma pergunta desta? O senhor deve ser um homem excepcionalmente imbecil. Deixe-me ir embora agora mesmo...

Winterhalter tentou se levantar, mas Lipman o empurrou de volta.

— A criança está lá dentro?

Winterhalter ficou atônito, mas em seguida deu sinais de que começava a entender tudo.

— Ah, agora compreendo — disse. Lipman o olhou bem de perto.

— Acho que o melhor que o senhor tem a fazer é falar com meu

patrão diretamente. Entenda, eu sou um mero secretário particular. Tenho certeza de que...

— Esqueça — disse Lipman. — Aonde ia?

— Buscar um médico — Winterhalter disse suavemente. — Um dos criados foi ferido num acidente doméstico.

— Por que não mandar outro criado? Por que *você* é quem tá fazendo isso na chuva?

— Porque por acaso eu ainda estava acordado e vestido. Agora, deixe-me fazer duas coisas: primeiro, comunicar ao meu patrão sobre sua pergunta. Tenho certeza de que ele estará disposto a lhe dar todas as informações que desejar sobre a criança. E depois irei à procura de um médico. Não é uma questão de vida ou morte, mas o pobre homem pode acabar cego. Tenho certeza de que o senhor não gostaria de carregar essa culpa.

E agora Moishe Lipman estava confuso. Ele havia feito algo errado, mas ainda não sabia o quê, e não sabia como corrigir o erro. Sabia o que devia ter feito: mandado alguém seguir o homem, não capturá-lo. Tarde demais agora.

Ao mesmo tempo, se acatasse a sugestão do homem, poderia entrar na casa sem confusão. E seus rapazes teriam a chance de olhar em volta... Nem mesmo Kid Mendel teria pensado nisso. Seria algo realmente inteligente.

— Tá certo — disse. — Vá e diga ao seu patrão que vamos entrar e conversar. Depois pode ir procurar um médico.

Winterhalter concordou e ajeitou o chapéu na cabeça.

— O patrão levará alguns minutos para se vestir, mas o mordomo virá avisar quando ele estiver pronto para recebê-los.

— Tudo bem — disse Lipman. — Nenhuma gracinha, entendeu?

— Não, não, não — disse o sr. Winterhalter. — Claro que não.

Ele saiu da carruagem e correu de volta para a casa.

Pouco depois de ele entrar e fechar a porta, um dos homens de Lipman perguntou:

— Chefe, não acha que ele vai chamar os tiras, acha?

— Como? — disse Lipman. — Por pombo-correio?

Caíram todos na gargalhada, e ele repetiu sua resposta, para o caso de um deles não ter entendido a piada. Mas ninguém riu quando a polícia apareceu.

— Então Parrish está com a criança — disse o Tzaddik a Winterhalter. — Esses idiotas estavam vigiando a casa para o caso dele trazê-la para cá... O que significa que, embora saibam que ele a pegou, não sabem para onde a levou. Mas se são tão idiotas quanto o senhor está dizendo, como descobriram o endereço daqui? Devem ter alguma ligação com Lockhart.

— Eles não tocaram no nome de Lockhart — explicou Winterhalter. — Deve ter mais alguém por detrás disso.

— Goldberg, talvez...

— Eram judeus.

— Nesse caso, certamente, Goldberg. Bem, isso altera tudo, Winterhalter. Parrish está com a menina e não a trouxe aqui, logo vai querer negociar a entrega. Não há por que ir até ele. Vou levá-lo de uma viagem na chuva e esperar que ele venha me procurar. A polícia já chegou?

Winterhalter olhou pela janela.

— Estão levando os quatro sujeitos neste exato momento, sr. Lee.

— Excelente. Que maravilha pagar impostos e taxas para ter a proteção da polícia. Bem, se Parrish tem a criança, eu tenho a mãe. Quero descer para interrogá-la. Mande Michelet até aqui, por favor.

— O dr. Strauss recomendou que ele descansasse os olhos.

— Mande-o até aqui! Preciso dele!

Winterhalter foi ao quarto do pajem. Michelet resmungou e se levantou.

— Já ouvi... Muito bem, já estou indo... Que horas são, Herr Winterhalter? Não consigo ver meu relógio.

— Duas da manhã. Sinto muito, Michelet, mas o dr. Strauss já fez tudo que podia e agora o sr. Lee precisa da sua ajuda.

Michelet pôs-se de pé e vestiu o robe, estremecendo pateticamente.

— Não posso levantar o patrão sozinho. Vou precisar da ajuda de um criado.

— Eu ajudarei. O sr. Lee deseja ir até o porão. Não tenho dúvidas de que precisará que o acompanhe.

O olho bom de Michelet olhou por debaixo do curativo para o secretário com curiosidade, mas Winterhalter não deixou transparecer nada. O pajem lambeu os lábios e foi até o patrão.

— Sim, sr. Lee? Deseja vestir o traje completo? Devo barbeá-lo primeiro? Ainda é cedo, mas certamente lhe fará bem...

— Mostre-me suas mãos — pediu o amo.

O pajem as estendeu. Tremiam muito.

— Não. Barbeie-me depois. Agora quero que me lave e me vista.

— Como quiser, senhor — respondeu Michelet, com um longo suspiro, na sua condição desgraçada e servil, e tirou as cobertas.

Nas laterais da cama, sob o lençol que cobria o sr. Lee, havia três largas tipoias de couro, com ganchos que eram presos a roldanas na barra de ferro, acima da cama, e erguidas, quando necessário, por pesos. Michelet apanhou duas das faixas, prendeu-as ao peso e, pouco a pouco, o tronco do Tzaddik foi sendo suspenso.

Michelet verificou se o gancho estava seguro e retirou a parte de cima do pijama do amo. Então ajustou as duas outras tipoias aos pesos e logo o corpo do Tzaddik estava completamente fora da cama. Estendeu um tecido impermeável sobre a cama, antes de despejar água quente numa bacia.

Michelet estava prestes a baixar o patrão de volta à cama quando o Tzaddik falou:

— Winterhalter, marrom-glacê.

O secretário encontrou uma caixa ao lado da cama e com uma pinça pôs um dos doces pegajosos na boca do patrão. O Tzaddik mastigou o doce lentamente, enquanto Michelet o limpava com um pano úmido da cabeça aos pés, virando-o de lado com a ajuda das tiras de couro para limpá-lo por trás e refazer o curativo nas feridas da perna e das nádegas. Retirou as ataduras com gaze, lavou os ferimentos delicadamente, secou-os e aplicou uma loção mineral antes de colocar o novo curativo. Winterhalter nunca havia visto a cena antes; estava horrorizado com a extensão das feridas: havia

umas recentes, carcomendo as mais antigas; cicatrizes, crostas e pus — que se espalhavam por boa parte do corpo do homem.

Ao terminar os curativos, Michelet passou talco por todo o corpo do patrão.

— Saia do quarto, por favor, Winterhalter — disse o Tzaddik. — Quero esvaziar minha bexiga.

Quando Winterhalter retornou ao quarto, Michelet levava as roupas de baixo de seda ao corpo do patrão, fazendo-as entrar pelos pesados pés e devagar subindo-as pelo restante do corpo. Manipulando as tipoias e polias, com pequenos ajustes aqui e ali, Michelet conseguia lidar com aquele imenso e imóvel homem como se fosse um bebê, tratando-o com uma delicadeza e cuidado de uma babá, bem-humorado e até mesmo, por grotesco que pudesse ser, parecendo flertar um pouco. Um homem ferido cuidando de outro ainda mais ferido. Como precisam um do outro, Winterhalter pensou, assim como a relação entre os crocodilos e os pequenos pássaros que se alimentavam da comida presa entre os dentes do enorme réptil. Também o Tzaddik não perdia a dignidade; a impassividade e o frio comando nunca o abandonavam, mesmo em momentos dos mais indecorosos; já Michelet era pura subserviência.

Winterhalter voltou a se perguntar, como já fizera muitas vezes, o que aconteceria com a criança. Era uma tarefa difícil. Evidentemente, o patrão precisava de alguém para realizar muitas tarefas degradantes, e evidentemente a criança seria incapaz de realizar a maioria delas, por enquanto; mas logo chegaria o momento de a menina substituir a macaca, quando então se tornaria indispensável. Aquele que controlasse a criança teria a chave de tudo. Não, não poderia deixar que Michelet ficasse responsável pela criança. Havia algo doentio nele. Tudo ficaria melhor sem ele. Fez uma nota mental de procurar uma agência de babás o mais rápido possível.

Após ser chamado de volta ao quarto, empurrou a cadeira de rodas até o local indicado por Michelet e os dois levantaram o Tzaddik, com a ajuda das faixas e do pórtico, e o sentaram.

Finalmente, Michelet pegou um pote de creme da penteadeira e passou-o pelos cabelos avermelhados do Tzaddik antes de penteá-los.

O pajem então secou as mãos, ajustou a gravata do amo e ajeitou uma manta sobre os joelhos. Em seguida, gemeu de dor e pôs a mão sobre o curativo que cobria metade do seu rosto.

— Por favor, senhor, posso me deitar agora? — pediu. — Meu olho dói tanto...

— Depois, quero que me leve ao porão. Obrigado, Winterhalter. Não precisarei de você esta noite.

O secretário se curvou e se retirou.

Michelet abriu as portas duplas e empurrou a cadeira de rodas para o elevador. Com a casa agora silenciosa, eles desceram lentamente até o porão, onde Sally estava deitada em meio à escuridão.

O carro de polícia diminuiu a velocidade. Tony, o mais velho dos dois meninos, disse, se segurando na traseira do veículo:

— Cuidado. Aí vamos nós.

O veículo parou e eles saltaram, agachando-se atrás da carroceria, e Tony olhou na lateral à espera do momento certo para agir.

Diante deles, a luz azul POLÍCIA brilhava sobre as escadarias da entrada da delegacia. Contanto que o sargento à mesa não saísse para dar uma olhada... Não, ele devia estar tomando um chocolate quente ao lado do fogão, chovia demais.

A porta da viatura se abriu. Con se encostou ao lado de uma das rodas molhadas e aguardou. Mais alguns segundos e...

— Vai! — disse Tony, e os dois se lançaram contra os policiais, como cachorros de caça, agarrando as pernas dos perplexos oficiais, que tombaram no chão, deixando Goldberg livre e desimpedido.

— Corra, otário! — gritou Con, antes de um robusto oficial pegá-lo pelos cabelos com uma das mãos e agarrar seu braço com a outra.

Mas Tony não perdeu tempo: cravou os dentes na mão do policial, que soltou Con com um berro.

Ambos os meninos estavam de pé em um segundo e juntos com Goldberg alcançaram a esquina e desapareceram antes que os dois policiais, machucados pela queda, pudessem detê-los.

Mesmo o condutor nada pôde fazer; ao saltar do veículo para tentar agarrar um deles, sua capa de chuva ficou presa nos eixos da carruagem e agora se contorcia no ar para dela tentar se livrar.

O sargento de plantão ouviu a confusão e saiu para a rua, com um copo de chocolate quente numa das mãos e pão com manteiga na outra, e sorriu debochado ao ver os três homens fortes perdidos na tempestade.

— Bem, pelo menos tiveram tempo de pegar seus porretes — gritou do alto da escada. — Por que não batem um no outro e acabam logo com isso?

Eles disseram ao sargento o que deveria fazer com o chocolate quente que tinha na mão.

Duas ruas adiante, pálido de dor, Goldberg corria no escuro pela rua, e ao seu lado seus dois barulhentos salvadores, saltitantes como filhotes de chimpanzés.

AS ÁGUAS DE BLACKBOURNE

Arthur Parrish se deparou com um sargento de polícia abominavelmente persistente e irritantemente curioso. A forma como ele ergueu as sobrancelhas ao ver o quarto onde a criança ficara também não foi muito agradável.

— Desculpe perguntar de novo, sr. Parrish, a criança é mesmo sua filha? — perguntou, os olhos percorrendo os móveis vazios, a cama empoeirada, o colchão molhado, a ausência de lençóis e cobertas.

Parrish se esforçou para manter a calma. A lei estava do seu lado, afinal, mesmo que aquele subordinado não estivesse.

Quando o sargento finalmente foi embora, Parrish reuniu seus homens. A cabeça latejava de dor, mas nada podia fazer a respeito.

— Esses moleques estão procurando problemas — disse Parrish.
— Bem, é isso que eles vão ter. Você, Harvey, vá até Whitechapel atrás de Gorman. Quero que ele dê uma boa surra neles. Cropper, você fica aqui até a polícia trazer a menina de volta.

— Acha que vão fazer isso, sr. Parrish?

— Sei que vão. Não liguem para esse sargento. Tenho um subcomissário de polícia na palma da mão. Como disse, fique aqui

até trazerem a criança de volta e então peça que a levem para mim em Twickenham. É para lá que vou agora.

— Mas e o sr. Lee? — perguntou o empregado.

— O que tem ele? — inquiriu o sr. Parrish, encarando o empregado. Esse homem distinto e elegante com jeito de empresário sério tinha uma ferocidade que raramente revelava. Mas quando acontecia, como agora, ele fazia tremer os mais temíveis criminosos: aqueles formados nas prisões de Pentoville e Dartmoor. — O sr. Lee se meteu numa furada ao confiar em mim — Parrish continuou. — Vou tirar o maior proveito disso... e não há nada no mundo que ele possa fazer para me impedir, porque a criança é legalmente minha para sempre. Vamos, rápido, andem logo.

Daniel Goldberg se contraiu. O médico cutucou fundo o ferimento e perguntou:

— Qual o problema? Tome o remédio.

— Não é o tipo de remédio certo.

— É o melhor. Uísque medicinal... Ah, aqui está...

Ouviu-se o som de algo caindo num balde de metal. Goldberg expirou, assoviando.

— Vou fumar um charuto em vez disso, que tal? — disse.

— Nada de charutos. Não dá pra fumar remédio. Fique quieto.

O médico passou alguma coisa que ardia.

— Posso ficar com isso, senhor? — perguntou Tony, apanhando a bala que o médico extraíra, torcida e ensanguentada.

— Fique à vontade — respondeu o médico. — Não me serve de nada. Também não foi muito útil ao sr. Goldberg.

Eles estavam numa pequena sala de cirurgia no Soho. O médico era um amigo e socialista e ao ver Goldberg e os garotos batendo à sua porta apenas suspirou e os deixou passar.

Enquanto fazia o curativo no ombro de Goldberg, o médico disse:

— Claro, além de ser médico, sou um cidadão, sabe disso, não sabe?

— O que quer dizer?

— Quero dizer que tenho a obrigação de informar à polícia quando pessoas chegam aqui com um tiro no ombro. O que está

acontecendo, Goldberg?

Goldberg tomou um gole do uísque e fez uma careta.

— Trabalho escravo, fraude, sequestro... É complicado demais para explicar agora. Quando tudo isso acabar, eu te falo. Agora, escutem, garotos. Onde será que Liam, Bill, Bridie e os outros estão?

— Não sei dizer, senhor — disse Con. — Ele podem tá metidos em várias tocas.

— Ele tá legal? — Tony perguntou desconfiado, apontando para o médico.

— Você tá legal? — perguntou Goldberg ao médico.

— Nem estou aqui — disse o médico, pondo os instrumentos numa bacia com desinfetante. — Sou uma alucinação e estou voltando para a minha cama. Não faça força nesse braço. Podem ir agora e joguem a chave pelo buraco da janela na porta.

Con e Rony ficaram chocados.

— Ei, senhor — disse Tony. — Quer dizer, doutor. Não devia vacilar assim com sua chave. É como se deixasse sua porta aberta. Amanhã eu e Con voltamos e mostramos para o senhor o que fazer para deixar este lugar seguro. Tem muito ladrão solto por aí.

— Bem, parece uma boa oferta — disse o médico. — E você, meu jovem, se alguém lhe enfiar uma bala, já sabe onde tirá-la. Agora, vão indo... são três horas da manhã.

Do lado de fora, na rua, Goldberg indagou:

— A toca... Você tava falando do lugar onde eles podem tá.

— Ah! — disse Con. — Sabe, chefe, tem muitos lugares diferentes, e eles não param quietos. Quer dar uma procurada?

— Tem outra coisa que preciso fazer com urgência. Vocês dois, voltem para Lambeth. Quando descobrirem onde eles estão, mandem uma mensagem para mim na rua Dean, número 27, Soho.

— Rua Dean, número 27. Ei, chefe... o que é essa confusão toda?

— É sobre os judeus de East End.

— Vai ter briga?

— Provavelmente. Mas...

Con deu um tapa na própria coxa e soltou um som de exaltação.

— Ah, os malditos avarentos vão levar uma sova! — disse animado. — Caramba, eu adoraria...

Ele se calou. Goldberg o olhava sério, deixando Tony mortificado.

— Seu idiota cabeça de vento — Tony sussurrou. — Não vê que ele é judeu?

Con ficou sem reação. E então ficou vermelho. Foi uma sensação nova: os outros não perceberam por causa da chuva e da luz turva do lampião da rua, mas ele a sentiu intensamente.

— Ai. — Con soltou um gemido constrangido. — Cara, me perdoa, se eu soubesse que era judeu... Eu... eu... eu vou lutar por eles!

— Ele teria te resgatado assim mesmo — Tony disse a Goldberg. — Ponho minha mão que teria.

Con estendeu a mão e Goldberg a apertou.

— Acredito em você — disse. — Mas nunca mais fale assim ou vou fazer você se arrepender. Aqui... — Pegou três charutos do bolso. — Sobraram três. Um para cada um. Lembrem-se, não deixem de me dar notícias, se eu não estiver lá, arranjam alguém para telefonar para...

— Eu posso fazer telefonemas — disse Tony. — Qual o número?

— 4.214. Já ouviram falar de Kid Mendel?

Eles confirmaram com a cabeça, arregalando os olhos.

— Bem, esse é o telefone dele. Um homem vai estar na linha para receber o recado.

— Pra onde vai, chefe? — perguntou Con. — Será que vai ter uma briguinha por lá?

Goldberg olhou para o pequeno e encharcado valentão e fez que não com a cabeça.

— Numa outra oportunidade. Vão e achem a menina.

Os garotos acenderam seus charutos e o de Goldberg e foram caminhando tranquilamente pela rua. Goldberg tomou a direção leste, passando pelas estreitas ruas de Covent Garden, já ocupadas por carroças e carrinhos carregados de verduras e frutas rumo à feira matinal. Homens erguiam caixas de laranja, sacos de nozes, cestos de repolho; a atmosfera estava carregada de vozes alvoroçadas e dos ruídos das pesadas rodas dos veículos; os

interiores aquecidos dos pubs estavam convidativos. Aquela era a parte mais agitada de Londres nas primeiras horas da manhã.

Mas Whitechapel também era. Nesse momento a padaria da rua Holywell já devia estar aquecendo a fornalha, o bando de Parrish já devia estar à espreita na escuridão. Goldberg apertou o passo e esperava não chegar tarde demais.

Sally ouviu o som do elevador e se sentou. Não estava de todo escuro; uma pequena réstia de luz vinha do poço do elevador e Sally viu uma fraca sombra se mover pelo chão, indicando que o elevador descia.

A primeira coisa que fez, quando a jogaram lá, em meio à escuridão, foi explorar o ambiente, tateando as paredes. O lugar estava vazio, a cadeira e a mesa que lembrava ter visto haviam sido retiradas estrategicamente. Nada havia ali além do poço do elevador, da porta que dava para as escadas e a outra, que dava num outro cômodo, ambas trancadas.

Pôs a mão na meia-calça. O papel ainda estava lá. Ajeitou a capa, cobrindo as pernas, e se sentou o mais ereta que pôde.

O elevador chegou ao porão, a luz irradiava de seu interior. Houve um instante de silêncio, logo quebrado pelo ruído da porta pantográfica se abrindo. Sally observou Michelet empurrar a cadeira de rodas para fora do elevador.

Ah Ling olhou em volta.

— É a primeira vez que venho ao porão. Que barulho é esse?

Michelet voltou a cabeça na direção do ruído. Era o som que Sally havia ouvido antes, de água correndo no subterrâneo, agora bem mais audível, claro e próximo.

— Não sei dizer, senhor — respondeu Michelet.

Sob a luz do lampião que segurava, o rosto do pajem estava pálido como um fantasma. O robe e o tampão no rosto o faziam parecer um cadáver assustador e Sally teve a impressão de ver, por alguns segundos, os mortos anônimos, silenciosos e seculares de Spitalfields — no fundo da terra, assim como ela e os dois homens naquele instante.

Os olhos dela então encontraram os de Ah Ling, Henry Lee, o Tzaddik.

— Tive tempo para pensar — ele disse. — É claro que há anos tenho pensado sobre este momento, mas uma hora extra nunca é demais. A senhorita é uma mulher muito inteligente e talentosa, srta. Lockhart.

— Gostaria que tivesse alguém melhor que esse homem para testemunhar o que acaba de dizer — ela comentou.

— Por quê?

— Porque o senhor me chamou de srta. Lockhart e não de sra. Parrish. Gostaria de convidá-lo a ser minha testemunha perante a corte, para depor contra Parrish.

Ele sorriu.

— Ah, Parrish — disse. — Ele é descartável. Logo encontraremos uma maneira de nos livrar dele.

— Ainda não descobriu uma maneira de se livrar de mim. Ou é por isso que veio até aqui?

— Não. Como disse, tive uma hora, ou pouco mais, para refletir a respeito. Como descobriu meu endereço?

— De uma mulher que o seguiu em Moscou.

— Entendo. E o que pretendia fazer em meu quarto uma hora atrás?

— Apenas descobrir se o senhor era mesmo o homem que eu achava que fosse.

— E se não tivesse encontrado uma cicatriz ou marca de bala?

Ela ficou em silêncio. E então se deu conta de que já sabia da verdade havia muito tempo e que durante todo esse pesadelo ela guardara tal certeza no inconsciente.

— Bem — ele disse —, quero lhe fazer algumas perguntas, srta. Lockhart, para começar...

— Também tenho perguntas para o senhor. Por que está perseguindo os judeus?

— Alguém tem que fazer isso.

— Que resposta idiota.

— A pergunta foi idiota.

— Foi uma boa pergunta. Por que está fazendo isso?

— Porque eles estão em evidência. São alvos fáceis, porque ninguém vai se opor se eu o fizer. Enfim, estou tentando lembrar o que a sua personagem... Kemp, certo?... pode ter ouvido...

— Ouvi o suficiente para saber quando você está dizendo a verdade.

— Você não está em condição de julgar nada.

— Estou na melhor condição de todas. Presumo que estou prestes a morrer. Não tenho o que temer. Agora eu o vejo com muita clareza, sr. Lee, Ah Ling, Hendrik van Eeden, sr. Elliot, sr. Todd, seja lá quantos mais nomes tenha. Lembra desses últimos dois nomes? O senhor os usou quando matou o sr. Bedwell, o marinheiro, e o sr. Selby, o ex-sócio de meu pai. Não tenho condição de julgar? — Ela se levantou. — Meu Deus, eu nasci para julgar o senhor! E agora vai escutar o que tenho a dizer.

Sally o encarava, com frágil equilíbrio, o cabelo curto desarrumado, a capa desalinhada no ombro. Michelet ficou ao lado do amo, como um cadáver, segurando um lampião, e Ah Ling, de sua cadeira de rodas, seguia impassível, embora os olhos parecessem labaredas.

— O senhor é um verme asqueroso entranhado em minha vida. Sabe tudo sobre mim. Sabe sobre Frederick Garland, o homem que amei, sobre Jim Taylor e Webster Garland, meus amigos. Sabe da minha filha, minha casa e dos meus criados, e conhece meu negócio e minha sócia... Sabe tudo o que já fiz. Então deve saber sobre Axel Bellmann, o homem que matou Frederick. O homem que criou a Arma a Vapor. Acabo de me lembrar dele agora... mas só por um segundo. Eu estive sob o poder dele assim como estou sob o seu agora, mas não há comparação, Ah Ling. Ele era um gênio, de certa forma, e você não é. Ele tinha uma visão, à sua maneira, e o você não tem. Ele servia a algo que considerava maior que ele mesmo, por mais diabólico que fosse. Mas você, você é apenas ganancioso. Sua mente é ordinária, sua ambição é ordinária, e você não tem sequer uma migalha de sagacidade, imaginação ou graça na alma. Você é movido por apenas duas coisas: ganhar dinheiro e me odiar.

Por isso, quando pergunto por que está perseguindo os judeus, o senhor não tem coragem de dizer “porque sou ganancioso” ou “porque sou cruel”, só dá uma desculpa esfarrapada qualquer. E sempre foi assim, todos esses anos, com o ópio, os contrabandos. Nada além de ganância. Um garotinho gordo se entupindo com doces, para sempre...

Ele abriu a boca para contestar. Mas ela deu um passo à frente, agora furiosa, e Michelet vacilou e recuou, fazendo o lampião estremecer. Os olhos de Ah Ling arregalaram-se, venenosos e ameaçadores... mas Sally não se importou. E prosseguiu:

— Sabe, outra coisa que aprendi, e acho que devo isso a você, foi a identificar a aparência do mal. Não se parece com um gordo numa cadeira de rodas, não tem a aparência de um chinês, um russo ou um estrangeiro exótico. O senhor não é a personificação da maldade. É pateticamente pitoresco demais para isso, com seu macaco e planos de treinar minha filha para obedecer a suas ordens e limpar seus lábios grosseiros...

— Como sabe disso? — perguntou exaltado.

— Porque estive aqui embaixo uma noite e ouvi aquele homem atrás de você barganhar com seu secretário para treiná-la!

— Não é verdade, monsieur! — vociferou Michelet.

— É verdade... E ele sabe disso, porque me flagrou na escada pouco tempo depois. Eu ouvi tudo.

Michelet colocou o lampião no chão e foi para cima de Sally como um cão feroz. E porque ela o viu se preparar para o ataque e porque nesse momento não tinha medo de nada, não se moveu nem um milímetro. Apenas deteve o punho dele com mãos, unhas e dentes; cravou as unhas no rosto, na cabeça e nos braços do pajem — o curativo se soltou e ele se afastou horrorizado, mas ela o empurrou para o chão, deixando-o gemendo e se lamentando.

— Michelet, ponha o lampião no consolo — ordenou Ah Ling, a voz carregada de desdém.

Sally se agachou e fez isso pelo pajem, que tinha as duas mãos na cabeça e gemia — foi então que Sally viu o cabo de sua pistola

no bolso dele. Se ele tivesse lembrado disso, poderia tê-la matado na hora. E ela ainda não tinha terminado.

Voltou-se para o homem na cadeira de rodas.

— Eu falava sobre o mal — continuou. — E agora sei o que é. É o que faz um homem ficar bêbado e queimar as costas do próprio filho com um atizador em brasa. É o que faz com que homens fiquem horas em uma fila no portão das docas brigando entre si... à espera de uma chance de conseguir emprego, quando há apenas meia dúzia de vagas para cem candidatos, observados por um capataz, às gargalhadas, que os encoraja a continuar brigando. Isso é o mal. É o que separa um casal de idosos que só tem um ao outro e os joga em abrigos de indigentes para que morram sozinhos. É cobrar aluguel de inquilinos em casebres ou cortiços e negar a responsabilidade de consertar a tubulação de esgoto, deixando que crianças andem com água cheia de dejetos até os joelhos para chegarem em casa... Não interrompa. Não abra a boca. Ouça e aprenda. O mal... é permitir que uma família morra de fome, como soube que aconteceu com essa família: cinco pessoas, mãe, pai e três filhos, todos mortos, no cômodo vazio... porque penhoraram tudo que tinham, cada colher, cada cobertor, cadeira, e não havia trabalho. Morreram de fome. E eu nunca passei um dia da minha vida sem uma refeição. Isso aconteceu aqui, na minha cidade, onde vivo... Isso é o mal. E sabe qual é a causa de tudo isso? Hein? Desse câncer venenoso que destrói e devora tudo? Não é só você, o seu patético homem: *eu* também sou responsável. Eu e milhares de outras pessoas. Porque nós temos ações e investimos nas empresas que são donas desses lugares, e elas não consertam os drenos, e ganhamos dinheiro com os lucros das docas que prosperam ao negar emprego a trabalhadores; e porque simplesmente nunca nos demos o trabalho de *ver* tudo isso. Todo esse tempo, todo o dinheiro que ganhamos tão habilidosamente, comprando e vendendo, e voltando a comprar... nunca soubemos de onde vinha. Nunca soube o valor de uma libra, o valor de um xelim.

“Bom, agora sei. Graças a Daniel Goldberg, à srta. Robbins da Missão Spitalfields e a pessoas como eles, agora eu sei. E graças a

“você também, homem ignorante e desprezível. Eu desconhecia as consequências dos meus atos, não conseguia ligar os fatos, até ver a cicatriz no seu peito. Todos os viciados em ópio que você matou, e meu pai, e os judeus que enganou, e eu... Estamos todos interligados. Goldberg tem razão.”

Ela enxugou as lágrimas. Elas continuaram a cair, mas Sally as ignorou.

— E na carruagem, naquela noite... — ela continuou. — O que pretendia fazer? Me matar? Entre outras coisas?

O rosto dele não exprimia qualquer emoção.

— Provavelmente.

— Então eu devia tê-lo matado. Eu tentei, não tentei?

Não houve resposta.

— Sim, eu tentei. E veja o que acabei fazendo. O condenei a isso... Não, nunca quis isso, Ah Ling. Você não merecia isso. Mas foi o que fiz. Assim como fiz aquela família morrer de fome, como deixei centenas de homens sem emprego, e assim como levei um homem tomado pela miséria e pelo desespero a torturar seu filho com um atizador escaldante. Fiz tudo isso, sem saber. Então, sou culpada: eu e todos os outros acionistas, especuladores, capitalistas. Sabe onde está o *mal*? Não tá só em você. Tá... na indiferença diante do óbvio. Em ver algo ruim e fechar os olhos, virar as costas. Antes eu não sabia, mas agora que sei não tenho mais desculpas. Por isso vou...

Sally se calou, a emoção a levou ao silêncio. E com lágrimas nos olhos, que escorriam abundantes pelo rosto, viu Ah Ling ali sentado, entediado.

Que perda de tempo. Ele simplesmente era incapaz de entendê-la. E percebeu como estava certa sobre ele: um homem mesquinho, brutal e limitado, cujas boas maneiras e cujos conhecimentos refinados não passavam de perfume borrifado sobre o lixo. Ela se abria com ele. Abrira seu coração, em consideração à dor que lhe havia causado. Ela se entregara — e ele se entediara.

Mas o que ela estava a ponto de dizer, afinal? Vou me unir a Goldberg e trabalhar com ele? Não faria nada do tipo. Ia morrer. Sentiu um frio súbito. Em um minuto Ah Ling pediria a Michelet que

a matasse, e seria o seu fim. Pelo menos Harriet estava segura. Se Jim voltasse... Se Margaret fosse procurar pistas do paradeiro da filha, tomaria conta dela. Do contrário, não podia pensar em um lar mais acolhedor e seguro que a residência dos Katz. Goldberg iria garantir que... Ah, se ele ainda não tivesse sido pego pela polícia, se estivesse livre...

— Ah, antes que me esqueça — disse Ah Ling. — Não sei se já sabe. Parrish encontrou sua filha.

Estaria brincando? A expressão dissimulada no rosto pesado e flácido era de triunfo.

— Onde? Como sabe...

— Winterhalter encontrou homens à espreita do lado de fora. Judeus. Estavam à procura da criança, que está desaparecida, e quando a polícia os interrogou eles admitiram que Parrish a tinha levado.

— Não!

— Verdade. Ela está nas mãos de Parrish agora e muito em breve estará nas minhas.

— Não acredito em você.

— Bem, deixe-me convencê-la. Ela estava sendo mantida ilegalmente na casa de um homem chamado Katz. Acredita em mim agora? A senhorita não tem mais nada. No fim das contas, dessa vez, eu venci.

Ela desabou no chão. Um ruído em seus ouvidos a ensurdecia. Mas não era apenas em seus ouvidos — seus braços e suas pernas tremiam... Mas não, não era ela, eram o chão e as paredes...

E então a cadeira de rodas deslizou lentamente na direção dela, embora Michelet ainda estivesse no chão.

O rosto de Ah Ling agora era de alarme. Sally, surpresa e paralisada de espanto, conseguiu sair do caminho bem na hora, quando então a cadeira se chocou contra a parede e Ah Ling caiu com o tronco para a frente.

— Michelet! — gritou enquanto caía.

Mas Michelet não conseguia se mover, muito menos gritar; estava atônito, pois o chão abaixo dele desaparecera: ele estava coberto de

água até a cintura.

Foi tão rápido que o pajem só teve tempo de prender a respiração. Ele parecia um ciclope — o curativo dependurado no rosto, o olho ferido com sangue pisado e inflamado, cintilante sob a trêmula luz do lampião. E então deu um grito de pavor, perdeu o apoio e foi sugado pela água, desaparecendo.

Sally não se mexeu. Não podia. O chão estava rachando e se partindo; enormes pedaços de pedra e concreto caíam no redemoinho, na torrente de água que emergira de repente no meio do porão. Ela estava apoiada numa parede ao lado de Ah Ling, e a ponta de sua capa estava presa numa das rodas da cadeira, e ela lutava para se levantar. Se no primeiro momento o chão havia cedido para o lado de Sally, fazendo com que a cadeira rolasse para a parede, agora, que ela já conseguira se livrar da capa, arrancando os botões da gola, ouviu--se um novo estrondo das profundezas, e o fluxo de água aumentou violentamente. O piso cedeu na direção do buraco por onde Michelet havia desaparecido.

E a cadeira de rodas começou a se mover para trás.

— O freio! — Ah Ling gritou. — O freio!

Sally se atirou na direção da cadeira tentando segurá-la, enquanto procurava pelo freio. Era muito pesada... Movia-se suavemente... Diabos, onde estava o puxador? Aqui... debaixo da sua mão...

Empurrou a alavanca para baixo e a cadeira parou, a centímetros da beira do buraco.

Ah Ling continuava com o tronco caído sobre os joelhos. Aos poucos, Sally conseguiu endireitá-lo na cadeira. O rosto dele estava roxo, os olhos saltados, devido ao esforço para respirar; mas, assim que ficou logo ereto, ele respirou fundo e olhou em volta com soberba. Sem fôlego, Sally se apoiou à cadeira e também olhou ao redor.

O centro do porão havia desaparecido. Em seu lugar havia uma fossa com extremidades irregulares, um buraco negro de água imunda — a superfície de uma torrente que espiralava, rodopiando,

borboletando. Lodo e sujeira espirravam por todo o ambiente. A água era fétida e gelada.

Ao se agarrar à cadeira, Sally observou um grande pedaço de alvenaria cair do outro lado da fossa, e então outro, até não haver piso algum naquela área do porão. A porta que dava para as escadas do andar de cima estava suspensa sobre o vazio.

As paredes vibravam; a casa inteira devia estar balançando. O lampião continuava aceso e preso na parede, mas balançava tanto que Sally temeu que ele logo se apagasse, deixando-os no escuro.

— Vire-me — disse Ah Ling. — Solte o freio aos poucos. Primeiro encontre sustentação para aguentar o peso.

O piso de madeira estava escorregadio e Sally teve dificuldade de encontrar equilíbrio. Então, ao seu alcance, viu a porta pantográfica do elevador. Se ela pudesse alcançá-la...

O elevador! Podiam subir por ele!

Mas ao se virar para calcular a distância a fim de levar a cadeira de rodas até o elevador uma série de estrondos, como bombas subterrâneas, fez o chão e as paredes estremecerem ainda mais. Agarrando-se aos braços da cadeira para não cair, viu seus pés afundarem e um jato de água atingi-la pouco abaixo dos ombros. Caiu no colo de Ah Ling e agarrou a manga da roupa dele. Estavam sendo engolidos pela água — o jato era contínuo e a água inundava todo o ambiente. Estava claro que não teriam como tomar o elevador, pois os dutos hidráulicos, que geravam energia para o elevador, haviam se rompido, permitindo que mais água se juntasse à torrente imunda que vinha do buraco. Agora, o que restara do piso do porão estava coberto de água.

Inacreditavelmente, o fosso do elevador, com suas arestas de metal, continuava lá, e a cabine do elevador se achava imprensada sob ferro retorcido dos dutos; mas resistia, suspensa pelo cabo. Se Sally conseguisse empurrar a cadeira até lá... No entanto, o elevador estava na altura do peito dele. Como ia conseguir... Não importa. Apenas faça o que tem que fazer.

Escalou até o elevador, e se sentou na beirada, puxando Ah Ling em seguida pela gola do casaco. Ela o puxou com toda a força que

tinha, mas se o ergueu um centímetro foi muito.

Estava na posição errada. Não tinha nada que pudesse usar como alavanca. Saltou do elevador, arrastou a cadeira para mais perto da porta pantográfica e pôs os braços (bastante pesados) sobre a extremidade da cadeira para que assim ela pudesse colocar seus braços por trás dele.

Não conseguiu juntar as mãos. Tentou levantá-lo ainda assim, mas a cadeira atrapalhava. Tentou erguê-lo assim mesmo. Não conseguiu levantá-lo de jeito nenhum.

— Vou ter que levantar você com a manta — disse.

Pegou a encharcada manta de cima dos joelhos dele e amarrou a ponta direita a um balaústre que tinha num canto para assim poder ter mais espaço para trabalhar com o outro. Então, envolveu Ah Ling com o resto da manta, por debaixo dos braços. De novo subiu no elevador, se ajoelhou na beira, e o puxou com toda força.

Funcionou. Primeiro o corpo dele tombou para a frente, contra o piso do elevador, e ela achou que ele fosse escorregar e cair na água, mas o agarrou e o escorou, em seguida, parando alguns segundos para tomar fôlego. Acabou conseguindo colocar o tronco de Ah Ling dentro da cabine, e depois, sem dificuldade, o restante do corpo. Encharcado, enorme, como uma imensa lesma de água morta. Exausta, com água até a cintura, Sally se apoiou na grade do elevador.

Mal tinha forças para subir, depois do esforço que fez para levantá-lo. Mas conseguiu, e ficou deitada gelada, tremendo, ofegante, ao lado de Ah Ling.

Após alguns segundos de descanso, Sally se certificou de que Ah Ling ainda respirava. Virou-o de bruços e afrouxou a gravata e o colarinho. Ele a olhou. Sua expressão era indecifrável, mas a dela também era.

— Devem ter ouvido lá de cima — ela sussurrou, quase sem voz.

— Olhe — ele disse.

Seus olhos indicaram as escadas do outro lado do porão. A porta desaparecera, o portal e parte da parede haviam despencado nas águas e agora dava para ver os degraus. Luzes tremulavam,

sombras iam de um lado a outro, gritos se misturavam ao ruído da torrente.

No entanto, a erosão causada pelas águas do Blackbourne havia apodrecido os alicerces do lugar; quando as pessoas que haviam ido resgatá-los chegaram ao pé da escada — que naquele breu e à distância pareciam ser o laçao Alfred e o mordomo —, toda aquela estrutura desmoronou, fazendo um barulho assustador. Lampiões, degraus, braços, cabeças — um confuso e terrível deslizamento —, e todos eles desapareceram nas águas sujas e violentas...

E então o lampião caiu, quando uma enorme rachadura partiu a parede de ponta a ponta, e a escuridão passou a reinar absoluta no porão.

Tijolos, vigas, pedras caíam por toda parte, as paredes do poço do elevador rangiam e sacudiam, o elevador também começou a tremer quando algo enorme e pesado despencou em cima dele.

Sally se agarrou à grade do elevador e se ajoelhou ao lado de Ah Ling na escuridão.

Goldberg os viu antes de alcançar a esquina da rua Fashion: um pequeno e furtivo grupo de homens saindo de um largo próximo à igreja de São Botolph. Não tinha como ter se confundido: o comportamento do bando, o jeito de quem estava ávido por sangue — cena semelhante às que Goldberg presenciara na Rússia e na Alemanha. Mas, até então, nunca em Londres. Eles seguravam pedaços de pau. Um deles balançava um pesado cinto.

Eles viram Goldberg e pararam. Mesmo do outro lado da rua e com chuva forte, Goldberg sentiu a excitação dos homens.

— Olha um ali! Um judeu! — gritou um deles.

Havia meia dúzia deles e por um instante Goldberg imaginou que teria de enfrentá-los, apesar da dor que sentia. Mas o líder repreendeu o homem que havia gritado e os homens debandaram, não sem antes debocharem.

Eles iam na mesma direção que Goldberg, porém mais rápido. Goldberg suspirou fundo. Seu braço latejava terrivelmente. Nada a fazer. Ainda.

Ele se esforçou para apressar o passo. Correr, mesmo que já não tivesse caminhado por meia Londres, estava fora de questão. Desejou ter tomado mais uns goles do maldito uísque.

Entrou na rua Comercial, desceu a rua Norte e virou à esquerda, subindo a rua Brough... Cuidado agora... Ao chegar na esquina da Holywell, olhou em volta.

Não, eles ainda não haviam chegado. Correu para a porta mais próxima e a golpeou com força. Não importa de quem fosse, eram todos judeus. Em seguida, na porta seguinte, na seguinte e assim por diante.

Janelas se abriram bruscamente. Cabeças apareceram do lado de fora — rostos zangados, assustados, homens e mulheres, caras de sono, de cachos, carecas, barbudos, jovens, velhos.

— Acordem! — gritava Goldberg.

Parou no meio da rua enquanto as primeiras luzes do dia apareciam e a chuva caía sem parar. Olhou para os rostos nas janelas e voltou a gritar.

— Acordem! Saiam e venham se defender! Quem puder lutar, saia agora e me ajude! Acordem! Acordem!

Apesar da chuva e da tênue luz da alvorada, um por um dos moradores foi reconhecendo o dono daquela poderosa voz.

— É Goldberg...

— É o Dan Goldberg! É ele!

E novamente ele gritou para que toda a rua escutasse:

— Acordem! Venham e me sigam! Até a padaria Solomon... venham!

Correndo, desceu a Wilson's Place, a rua Lower Heath até o Keats Court, e entrou numa viela atrás do Refeitório de Sopa para Judeus no final da rua Flower com a rua Dean. Por fim rumou para as casas ao lado da sinagoga no New Court, e pouco depois um homem saiu de sua casa, depois mais dois, armados com pedaços de pau ou caminhando enquanto vestiam um abrigo apressadamente, tremendo sob a fria chuva que caía sobre as faces sonolentas; e de repente eram uma dúzia, e depois mais de dezenas. Alguém gritou:

— Ali, lá estão eles, perto da padaria...

E, realmente, um bando de homens surgia da travessa Brick, gritando, berrando...

Então, a primeira pedra zuniu no ar e a primeira janela foi quebrada.

O elevador balançou, o cabo rangeu. O teto do elevador os salvou do gigantesco pedaço de madeira que caíra do alto do poço e o cabo aguentou firmemente evitando que o elevador caísse na água.

Não havia nada que Sally pudesse fazer. Olhou Ah Ling, deitado ao seu lado de bruços, enquanto a água chegava pouco a pouco na altura do piso do elevador.

O TIGRE NO POÇO

O ar estava carregado de umidade — e o nevoeiro, à meia-luz da aurora, ganhara tons amarelados. Em algum lugar mais acima, além de Veneza, talvez, ou Mont Blanc, o sol brilhava. Como uma grinalda, envolvendo a saturada atmosfera. Eram poucos os raios que penetravam as várias camadas de fumaça, vapor e poeira, e conseguiam atravessar as nuvens que se arrastavam sobre os telhados e chaminés, os molhados tijolos e ladrilhos, os beirais gotejantes, até alcançarem os bueiros entupidos das ruas.

Após uma longa noite, já era possível ver a rua Holywell de ponta a ponta.

Entre adultos e rapazes, um total de 18 homens seguia Goldberg: pequenos comerciantes, artesãos, um ou dois intelectuais. O mais velho dos homens tinha 66 anos, e o mais jovem, 13. Alguns já tinham conhecido a violência de perto. Um deles mancava, por ter tido uma das pernas pisada pelo cavalo de um cossaco. Outro ganhara uma cicatriz no couro cabeludo após um golpe de sabre. Os mais novos estavam acostumados às brigas de rua ou nos encardidos pátios das escolas, mas a situação ali era diferente, muito pior. O ar estava envenenado. O mais nervoso deles era o que

tinha menos motivo para tal: era levantador de peso profissional e fazia apresentações em teatros de variedades, vestido com pele de leopardo; ao mesmo tempo, possuía uma alma genuinamente dócil e nunca havia brigado na vida. Um dos intelectuais, um senhor de ombros curvados, não conseguia enxergar um palmo adiante, pois saíra às pressas e esquecera os óculos. Com mãos trêmulas agarrou um pedaço de pau com força e sussurrou a um vizinho:

— Aponte-me para a direção correta, sr. Mandelbaum... Diga-me quando dar o golpe...

Goldberg olhou para os homens atrás dele. Era um grupo debilitado, amedrontado e inseguro, mas ainda assim motivo de orgulho. Então olhou para os inimigos no outro lado da rua

Haveria quarenta deles? Cinquenta? Não tinha certeza. Homens grandes, com punhos e braços fortes, jovens esguios e mal-encarados, como os da gangue de Lambeth, com rostos magros e severos; aqui e ali se via o brilho do metal dos socos-ingleses.

Eles estavam parados, apenas observando. O ruído da vidraça estilhaçando-se, segundos antes, ainda pairava no ar, como uma nota falsa, uma vergonha. Goldberg percebeu que o impasse devia-se inteiramente à aparição inesperada de seu exército sonolento e esfarrapado: tão inesperada que desconcertou o grupo do lado oposto, e por alguns segundos eles deixaram de ser um grupo, eram apenas indivíduos. Goldberg podia ver seus rostos.

Então tinha pouco tempo para agir — antes que a loucura recomeçasse e o bando se transformasse num monstro desgovernado, sem coração.

— Fiquem aqui — disse Goldberg aos seus homens; e então caminhou pela estreita Holywell de pedras vermelhas, ladeadas de casas, na direção dos inimigos.

Do lado da padaria, onde se encontrava o bando, ouviam-se sussurros e murmúrios de espanto. Alguns poucos homens deram um passo à frente — ainda apenas pessoas, nenhum sinal do monstro, por enquanto. E ser humano é ser curioso, só queriam ver melhor.

Nesse momento Goldberg sentiu uma sensação prazerosa de lucidez. Uma espécie de plenitude religiosa — um gozo abençoado. Estava debilitado pelo sangue que havia perdido, exausto, a dor no braço era abominável, e tinha à sua frente uma multidão que estaria fora de controle ao menor deslize dele. Pensou: existe algum outro lugar onde gostaria de estar? Outra coisa que preferiria estar fazendo?

Sou um cara sortudo, pensou consigo. Comece a falar, Danny, garotão. Conte uma história para eles.

— Preciso de uma cadeira — Goldberg falou em alto e bom som. — Você, aí, ao lado da porta... bata à porta, pode fazer isso? Peça uma cadeira à dona da casa. Ela está aí dentro. Isso aí. Muito bem. Pode trazer aqui, não seja tímido.

Os inimigos não sabiam em que pensar. Em face da deslavada confiança exibida por Goldberg, o ódio vacilou, não tinham muita certeza. No entanto, a desconfiança e a animosidade inexplicáveis que os motivaram ainda estavam soltas no ar. Ao subir na cadeira, Goldberg viu um rapaz na ponta do grupo desviar o olhar, incerto, para o homem ao lado, cujos traços eram similares aos do jovem: o pai ou irmão. Foi então que teve certeza de como começar sua fala.

— Irmãos — disse. — Sim, não tenho vergonha de vocês, não tenho vergonha de chamá-los de irmãos, embora eu seja judeu e vocês não. Irmãos, vocês sabem por que estão aqui? Sabem por que o Senhor escolheu ele, Harry Solomons, o padeiro, para ter seu negócio ameaçado e a mulher e os filhos amedrontados? É porque seus pães não são saborosos? Não, não pode ser por isso. Sintam o cheiro, irmãos. Levantem a cabeça e sintam o aroma. Harry Solomons é um excelente padeiro. Se sua padaria fosse incendiada o mundo não teria mais bons pães... teria menos.

“Então, vejo aqui um mistério. Todos queremos mais pães, mas vamos tocar fogo no lugar onde Harry Solomons faz seus pães.

“Mas eu vejo aqui um de meus irmãos, um de vocês, que pode desvendar isso. Não direi o nome dele, mas sei muito a seu respeito. Tem uma mulher chamada Florrie, três filhos vivos e dois que morreram antes de completarem um ano. É estivador. E todos os

dias vai para a entrada do porto. Há dois dias não consegue trabalho. Tem fome, está com a saúde debilitada, e além dele há mais de seiscentos homens na travessa Nightingale pelo mesmo motivo, todos desesperados por um trabalho.

“E o capataz que seleciona os estivadores, vocês já o viram? Barrigão estufado como se estivesse prestes a parir? Acreditem, outro dia sentiu pontadas, como se fosse dar à luz uma criança. Deitou-se e bramou como um leitão:

“— Me ajudem!’ — ele gritava. — ‘Vou parir! Vou ter um filho!’ — E as pessoas vieram correndo... chamaram o médico. Carregaram o capataz para o escritório e se curvaram para ver o que sairia ali de dentro... e sabem o que era? Flatulência. Um barrigão cheio de ar. O som foi ouvido em toda Gravesend, como se fosse de um navio a vapor.”

Os homens riram. Ouviram-se murmurinhos — como ondas numa praia repleta de calhaus —, que disputavam com as vozes em tom áspero que, balançando a cabeça negativamente, apelavam para os demais se calarem. Mas eles queriam mais. Continue, cative-os.

— Enfim, num desses dias em que nosso estivador esteve no cais, o barrigudo peidorrento andava de um lado para o outro com senhas na mão — vinte vagas para seiscentos candidatos. Já conhecem a cena — gritos, brigas, empurrões, gente espremida nas grades do porto, com os braços estendidos por entre as barras: Eu! Eu! Dê a senha pra mim! Preciso trabalhar!

“E o capataz, nosso barrigudo, atira apenas uma senha para a multidão, e se deleita em ver os homens se digladiarem atrás da pequena placa de metal — desesperados, furiosos, descontrolados. Um deles consegue pegar a senha, e os outros abrem passagem. Um homem vai levar comida pra casa hoje.

“Daí vem a segunda senha voando pelos ares, e mais confusão, mais briga, uma orelha rasgada, um dedo quebrado. A cena se repete vinte vezes, e vinte homens de sorte ganharão três ou quatro xelins por um dia inteiro de trabalho.

“Mas não o nosso amigo. Esse que está aí na multidão — ele sabe quem é. Nada de trabalho para ele. E o barrigudo peidorrento já fez

sua escolha para os próximos dias. Dias em que ele não vai querer se divertir com a desgraça alheia ou em que o patrão estará presente; então ele chama, pelo nome, aqueles já selecionados: são homens famintos, submissos, sem forças para lutar, que não darão dor de cabeça, que não vão reclamar se ao final da jornada de trabalho forem mandados para casa com um xelim a menos. Mas nosso companheiro não é um dele, não é um dos selecionados pelo pançudo ventoso.”

A multidão agora estava silenciosa e quieta. Goldberg sabia que essas pessoas aguardavam, ansiosas, que suas experiências pessoais fossem narradas. Queriam ouvir mais.

— Então não tem trabalho. Nem um centavo no bolso. Nada no armário da cozinha. Nada no estômago; nada para as crianças. Então nosso companheiro põe as mãos nos bolsos — sim, posso vê-lo agora — e vai pra casa.

“E no caminho para casa passa pelo abrigo para indigentes. Num dia ensolarado, a sombra que o abrigo faz nunca deixa a rua, não é verdade? O pessoal na travessa Old Gravel mal vê a luz do dia, o asilo encobre metade do céu. E ele se pergunta — não é, companheiro? Assim como muitos de nós — quanto tempo até que ele seja arrastado para aquela gigantesca sombra: ele, Florrie e seus três filhos? Mais quanto tempo até serem separados, e ele ser obrigado a olhar uma última vez para eles com seu coração tomado por vergonha...”

“É o suficiente para levar um homem à loucura. O suficiente para fazer com que clame por Deus e bata a cabeça contra a parede. O suficiente para se jogar, desesperado, no rio. Ele conhece essa sensação. *Você* conhece esse sentimento.”

A rua era só silêncio. Os judeus tinham se aproximado para ouvir, e atrás das persianas da padaria o padeiro, sua esposa e as crianças pressionavam os ouvidos na janela para escutar.

Goldberg olhou cada um dos homens presentes nos olhos, absorvendo suas necessidades e apreensões, antes de continuar com sua história.

— E então ele vê um colega do lado de fora de um pub, que o convida para entrar. “Vem cá, tem um sujeito aqui pagando bebida para todo mundo.” E ele segue o colega para o interior do bar e encontra um homem sentado à mesa — bem-vestido, mãos macias; não é um estivador. Parecia um escrevente ou coisa parecida.

“E é verdade: ele está pagando bebidas. Quer uma caneca de cerveja? Vamos, companheiro, sente-se, pegue um pouco de tabaco para seu cachimbo.

“E então uma coisa estranha acontece: o homem de mãos macias começa a espalhar um veneno. Não do tipo que dá pra ver: esse veneno é invisível; são mentiras. ‘Sabe o que tá por trás de tudo isso?’, o sujeito pergunta. ‘Sabe por que homens bons como você são jogados na sarjeta, enquanto outros prosperam? A culpa é dos judeus...’ E então ele dá um trago em seu cigarro, e solta uma baforada, enquanto observa a vítima, seus pequenos olhos calculando, vendo o veneno fazer efeito.”

O silêncio continuava, a multidão estava hipnotizada. Após uns segundos de pausa. Goldberg prosseguiu:

— Mas nosso amigo aqui conhece alguns judeus. Conhece o alfaiate Solly Moskowitz e o boxeador Sam Daniels. Tem orgulho de ser conhecido de Sam Daniels. Ganhou uns trocados apostando nele no passado e pagou um drinque para o lutador. Agora Sam Daniels só o chama pelo primeiro nome quando se encontram.

“Mas Solly Moskowitz e Sam Daniels não são ricos nem poderosos. São como ele, moradores de East End. E nosso companheiro estivador não entende como é possível que os dois sejam responsáveis pelo desemprego de seiscentos estivadores todos os dias. Não consegue entender como o velho Solly Moskowitz é tão pobre quanto ele, se ele é tão poderoso assim.

“E então ele pensa: o barrigudo peidorrento — será que *ele* é judeu? E os donos das docas, sentados atrás de uma mesa de escritório, em West End, com seus charutos, vinho caros e belas mulheres... Serão *todos* judeus? Os membros do Parlamento, os lordes, os advogados e os juízes? Não, claro que não. Tem alguma

coisa errada com esse discurso do homem de mãos macias, mas nosso amigo não consegue contra-argumentar.

“E aí vem outra caneca de cerveja, e outra, e com ela mais veneno: vamos queimar umas casas de judeus. Mostrar a eles quem manda neste país.

“Mas nosso amigo não manda em nada. O que acontece todos os dias na travessa Nightingale na entrada do porto é prova disso. Quem é o mandachuva? Mesmo o barrigudo não manda em nada. Os verdadeiros senhores deste país nunca são vistos, a não ser quando circulam em suas carruagens, passando pelas poças, jogando lama em cima da gente. Eles são os mandachucas, não nós. Quebrar vidraças e queimar casas não vai fazer de vocês mestres. Só um homem desesperado acreditaria que isso é possível.

“Então nosso amigo ainda não está convencido. Mas tá quentinho ali dentro do pub e lá vem mais uma cerveja. ‘Chegue mais perto...’, diz o sujeito de mãos macias. ‘Vou te falar um coisa que não é para qualquer um...’”

Fez uma pausa. Todos haviam sido completamente conquistados. Eles estavam nas suas mãos. Quando baixou o tom de voz e disse “Chegue mais perto”, a multidão deu um passo à frente, tomada, hipnotizada.

Foi quando Goldberg avistou a polícia se aproximando... dois, três... cinco deles. Pelo canto do olho reparou um judeu aflito, explicando ao policial o que ocorria, e viu o homem da lei encará-lo, a ele, Goldberg... Será que conseguiria escapar pelos fundos da padaria de Solomons? Termine o que tem a dizer primeiro...

A pausa demorou poucos segundos. De volta para o público, de volta à história.

— Então nosso amigo se aproxima do sujeito, empurra sua cadeira para mais perto da mesa. E o “mãos macias” se debruça sobre a mesa, vê se não há ninguém por perto, e lambe os beiços.

“Tem gente por aí falando de assassinato. Sacrifício humano. Sabes o que esses judeus fazem? Matam crianças cristãs. Misturam o sangue delas na massa do pão. Está provado...”

“Isso é demais para o nosso amigo. Porque, se for verdade, é a coisa mais monstruosa que alguém pode fazer. Pessoas capazes de fazer isso merecem o pior. E isso o deixa mais tranquilo; não se incomoda em atacar judeus, se é isso que eles fazem; pelo contrário, é mais que justo.

“E é por isso que ele tá aqui hoje. É por isso que *ele* veio para o meio da chuva com um pedaço de pau na mão para destruir uma padaria e arruinar um comerciante.

“Porque todos nós precisamos de um motivo para fazer coisas erradas. Ninguém faria se achasse que estava cometendo um erro. Eles acham que estão certos, e é por isso que fazem o que fazem, não é mesmo?

“E nosso amigo — posso vê-lo daqui, ele sabe que tenho razão —, ele é uma pessoa boa, mas está indo na direção errada. Claro que é justo lutar contra quem sacrifica crianças. Claro que é correto. Mas pergunte a si mesmo: quem sacrificou *seus* filhos, meu amigo? Quem o impediu de comprar remédios para sua filhinha? Quem se recusou a aprovar a lei que obrigaria o dono da casa onde você mora a manter o encanamento do esgoto em bom estado, evitando assim que seu garotinho pegasse tifoide e morresse?

“Eu vou falar quem fez isso. Cada um daqueles homens ricos: os donos das casas onde moram, os donos das fábricas, os membros do Parlamento, os juízes, o lorde disto e o lorde daquilo, condes e duques de meia-tigela — são eles que realizam sacrifícios humanos. São eles os verdadeiros assassinos. Vocês podem ver suas vítimas todos os dias na travessa Nightingale, na rua Cable...”

Goldberg ouviu o clamor em sinal de aprovação vindo da plateia. Sabia que os tinha ao seu lado. Mas foi interrompido. A aglomeração ameaçava se desfazer — era a polícia...

— Chega, chega, parem com isso — disse uma voz autoritária e alterada. — Aquele homem, Goldberg, segurem ele. É procurado pela polícia. Sr. Goldberg! O senhor está preso...

Ainda não, pensou Goldberg.

Aproveitando que as pessoas ainda não haviam se dispersado, Goldberg pulou da cadeira e alcançou a porta da padaria. Harry

Solomons passou o ferrolho na porta em seguida.

— Deus o abençoe, Goldberg — disse. — Ouça... tem um homem aqui... diz ser do grupo de Moishe Lipman...

No ambiente aquecido e limpo do estabelecimento, tomado pelo cheiro de pão recém-saído do forno, Goldberg encontrou a sra. Solomons e duas, três crianças, não, quatro crianças — todas com olhos arregalados para ele, além de um homem baixo, que torcia nervosamente a aba do chapéu.

O clamor do lado de fora da padaria aumentou, enquanto a polícia forçava a passagem entre a multidão, para deter Goldberg. O homem de Moishe Lipman falou apressado:

— Moishe e outros rapazes foram presos, sr. Goldberg. Alguém os encontrou... Não sei como aconteceu. Mas a casa... — Ele passou as mãos pela cabeça, confuso. — Deus, não sei como descrever, sr. Goldberg...

— O quê? O quê?

— A casa inteira... desmoronou... Aquela que a gente tava observando... Simplesmente ruiu diante dos meus olhos. Desapareceu! Como se tivesse sido atingida por uma bomba...

Goldberg estava pasmo. Como Sally havia conseguido... Não importava agora. Saia daí.

— Vamos — Goldberg respondeu. — Me ajude a sair daqui.

— Mas sr. Goldberg...

Era a sra. Solomons. A família inteira o rodeava, agradecida, o abençoando e beijando. Mas ele queria se desvencilhar de todos eles, reunir o que ainda tinha de forças e encontrar Sally, dizer que Harriet estava segura, dizer que...

Golpeavam a porta.

— Abram! Vocês têm um homem procurado pela polícia aí dentro! Abram ou vamos arrombar a porta!

Solomons pegou Goldberg pelo braço ileso e o conduziu até os fundos da loja, enquanto sua senhora fingia estar atrapalhada com o ferrolho, tentando abrir a porta da frente.

— Está bem, está bem! Espere, vou procurar a chave...

— Tem um portão no muro — disse o padeiro a Goldberg, em tom de urgência. — Aqui está a chave... Vai dar no beco do Cropper. O senhor poderá ir ao jardim da Queen's Head e pegar a travessa Brick...

Mas era tarde demais. Quando o padeiro abria a porta dos fundos da casa, se deparou com um dos policiais do lado de fora.

— Te peguei — disse o oficial.

Goldberg se virou para o homem de Moishe Lipman e disse em iídiche:

— Telefone para Kid Mendel: 4.214. Relate o que aconteceu. — Então, disse em inglês para o policial: — Está bem, oficial, não vou resistir. Estou cansado demais para fugir. Não puxe meu braço, por favor, foi baleado.

O padeiro apanhou umas roscas e as colocou nos bolsos de Goldberg.

— É tudo que posso fazer, sr. Goldberg — disse. — Deus o abençoe.

A porta da frente se abriu e mais policiais invadiram a padaria. O homem de Moishe Lipman observou os policiais levarem Goldberg para fora e então ouviu um estranho som ecoando pela rua Holywell, um som que seria impossível de imaginar meia hora antes: um exaltado e reverente clamor. Judeus e não judeus estavam em sintonia, unidos agora no sentimento de compaixão pelo foragido recém-capturado.

O homem da gangue de Lipman observou o herói ser levado e a multidão ser dispersada pela polícia, e em seguida saiu em busca de um telefone.

Sally não tinha como saber o que havia restado da casa. O elevador que os mantinha em suspenso, acima do nível da água, também os havia protegido dos escombros, mas a escuridão era total; além disso, Sally sentia frio, ouvia ruídos da casa em ruínas e sentia o mau cheiro. O fedor vindo dos antigos esgotos que despejavam no rio Blackbourne era enjoativo e só piorava.

O nível da água também continuava subindo. Já invadira o piso do elevador uns dois centímetros. Sally se agachou ao lado Ah Ling

tentando descrever o que estava acontecendo.

— Vê alguma luz? — Ah Ling perguntou.

— Não. Nada. Está com frio?

— Estou. Quantos homens apareceram na escada?

— Um laçao. E o mordomo, acho. Mas em segundos caíram na água, levando com eles o lampião. Acho que toda a parede desabou.

— Devia ter contido a corrente de água.

— O volume de água deve ser muito grande. Depois de tanta chuva...

Um objeto pesado caiu no teto do elevador que balançou violentamente, em seguida, ambos ouviram o som de algo se distendendo e rangendo... O cabo!, imaginou Sally. Então um estrondo mais alto que o do tiro de uma pistola, e o piso pendeu para o lado, afundando ainda mais na água.

A água subira mais alguns centímetros. O suficiente para Sally perder o equilíbrio. E ao perceber que Ah Ling estava debaixo d'água, soltou um grito surdo.

Sally encontrou os ombros dele, pegou sua cabeça e a levantou com toda força, apoiando-a em seu colo. Ele engasgou, cuspiu água e lutou para respirar.

Quando Ah Ling recobrou a respiração, ela enxugou a face e os olhos dele com as mãos e disse:

— Vou tentar ajudar você a sentar, ou vai se afogar.

Com cuidado para não deixar a cabeça de Ah Ling cair na água, Sally ficou de joelhos atrás dele e tentou empurrá-lo para a frente. Tudo estava contra ela: as roupas dele estavam ensopadas, o piso estava inclinado num ângulo desfavorável, pois deixava a cabeça de Ah Ling mais baixa que os pés. Os braços de Sally tremiam tanto, de frio e exaustão, que ela mal conseguia segurá-lo. Foi com enorme dificuldade que levantou os pesados ombros, mas a cabeça tombou, e ao tentar reerguer a cabeça ela acabou soltando os ombros. Tentou de novo, mas acabou forçando demais a cabeça de Ah Ling e ela sentiu o pescoço dele se mexer freneticamente: ele não conseguia respirar. Ela resolveu descansar. E então Sally deitou a cabeça dele gentilmente sobre seu colo, como uma mãe.

A água já estava na altura do queixo dele e parecia subir cada vez mais depressa.

— O elevador está no solo? — ele perguntou. — Não está mais suspenso?

— O cabo se rompeu. O elevador deve estar apoiado em alguma coisa, mas não sei o que é ou se está firme. Teria que largá-lo para descobrir.

— A água sobe cada vez mais rápido.

— Estou descansando os braços. Daqui a pouco vou tentar levantar você de novo.

Sally sentiu a respiração de Ah Ling. Imaginou que seu corpo nem sequer era capaz de tremer de frio — estava completamente imóvel.

— No vilarejo onde meu avô nasceu, na China — ele disse —, eles costumavam pegar água de um poço. Ficava um pouco afastado do vilarejo, depois de um caminho de bambus. Não era a única fonte de água — havia um córrego perto, mas suas águas não eram boas, por causa das fábricas de papel que ficavam acima do povoado. Então, todos os dias as pessoas iam e vinham com baldes de água para abastecer suas casas.

“Um dia um menino entrou correndo no vilarejo gritando: *Tem um tigre no poço!* Os moradores saíram correndo com pedaços de pau, cordas e o que mais encontraram pelo caminho. Debruçaram-se sobre a beirada do poço e lá dentro, de fato, viram um tigre. O poço era largo e profundo, com uma estreita plataforma de pedra um pouco abaixo, e o tigre estava lá, encolhido, sem conseguir se levantar.

“Os moradores não sabiam o que fazer. Enquanto o tigre estivesse lá dentro, eles não teriam como pegar água, pois quando tentaram descer com os baldes, o tigre se irritava e os derrubava com suas garras. E se o matassem, o tigre cairia e ia acabar poluindo a água; e, de qualquer forma, não tinha como matá-lo. E muito menos sabiam como tirá-lo de lá com vida.”

Ele se calou. Sally ergueu um pouco mais a cabeça dele.

— E o que eles fizeram? — ela perguntou.

— Eles rezaram para os deuses, claro. E os deuses enviaram chuva, muita chuva. O poço encheu até a borda e o tigre se afogou. Então conseguiram tirar o corpo, e o poço ficou seguro de novo.

— Entendo.

— Lembrei dessa história dada nossa circunstância.

— Qual de nós é o tigre?

Ele não respondeu.

Sally tremia e se perguntava se ainda teria força para sentá-lo. Se conseguisse apoiar as costas dele na parede do elevador, conseguiria manter o tronco dele fora da água. Tinha que tentar.

— Respire fundo — ela disse. — Vou fazer mais uma tentativa. Vou ter que deixar sua cabeça submersa na água por alguns segundos, para eu dar um impulso.

Ah Ling respirou fundo. Equilibrando-se, Sally soltou seu colarinho, o agarrou pelo casaco na altura dos ombros e o levantou. Dessa vez conseguiu com facilidade, talvez porque parte do corpo dele estivesse submerso na água. Um puxão e ele estava ereto.

Mas então algo aconteceu dentro dele. Seu enorme corpo entrou em convulsão, como se alguém o tivesse agarrado pelos pulsos e o sacudido, e então ele foi acometido por espasmos — respirava com dificuldade. Logo em seguida, um som horrível e agudo, algo entre um gemido e soluço, saiu de dentro dele e a cabeça pendeu.

Ela não o largou; estava escorada na parede, tentando se equilibrar, o coração disparado. Passou a mão pelo rosto dele — os dedos tocaram os olhos, abertos. Não piscavam.

Afastou a mão, horrorizada. Mas se acalmou um segundo depois. Ele estava morto... Voltou a tocar o rosto e fechou os olhos de Ah Ling. E então tentou colocá-lo com delicadeza na água, mas o corpo acabou escorregando, caindo sem jeito e fazendo um grande barulho.

E automaticamente ela sacudiu as mãos e esfregou uma na outra, tentando se livrar da água. Então, suspirou tão profundamente que o suspiro virou um bocejo, que parecia não ter fim.

Pôs a mão do lado de fora do elevador e encontrou a grade da porta pantográfica, retorcida e torta, mas firme o suficiente para que

ela pudesse se pendurar nela. Sally se levantou.

O elevador estava inclinado para a abertura no chão, por onde chegavam as águas subterrâneas. O pedaço de madeira que caíra no teto do elevador, e que causara o rompimento do cabo, fez o elevador aterrissar sobre terra firme, pelo menos parecia firme, e não balançou quando Sally se moveu, se mantendo o mais próxima possível da parede, a fim de não pisar no corpo de Ah Ling.

Na parte mais rasa do elevador, nos fundos da cabine, a água já chegava na altura dos joelhos. Do outro lado da cabine, a água ultrapassava as coxas de Sally. Ela se pendurou na grade da porta e procurou uma área firme para pisar. Ao se inclinar para a frente acabou por deslocar mais ainda o elevador. E o pedaço de madeira que estava no teto do elevador despencou.

Sally ficou gelada. O elevador parou de se mover. Se o elevador despencasse para a frente, Sally ficaria presa nele de vez.

Cuidadosamente, pôs o peso do corpo para trás e voltou para dentro da cabine. O elevador estava num ângulo ainda mais inclinado sob as águas em movimento.

Centro da gravidade, pensou. Abaixei-se para não forçar o elevador. Agachou-se, entrando na água até o peito e, novamente procurou com os pés um lugar, do lado de fora, onde pisar.

De repente, sentiu algo enorme pressionar suas costas...

Era o corpo de Ah Ling deslizando de encontro a ela.

Sally deu um berro.

Apavorada, desequilibrou-se; o peso extra foi demais para ela. As mãos escorregaram da barra de ferro e ela caiu. Tateou em busca da beirada do piso, porém ao encontrá-la foi empurrada como um inseto pelo corpo de Ah Ling, e ambos foram escorregando, escorregando, até caírem na torrente.

Num cômodo empoeirado acima de um estábulo, em Lambeth, Harriet mastigava um pedaço de pão, enquanto seus protetores assavam alguns arenques defumados numa fogueira improvisada. Havia largado o cavalo e a carruagem em algum lugar de Vauxhall. Liam resistiu em abandoná-los, mas os argumentos de Bill acabaram por convencê-lo.

— A gente precisa ficar de olho na criança. É o motivo por que fizemos tudo isso. Tudo bom, talvez a gente arranjasse uns trocados pelo pangaré, mas e daí? A gente consegue outro... o que não falta é pangaré nesta cidade. Mas se a gente perder a menina, estamos fritos, certo?

Haviam ido para um dos esconderijos que utilizavam e lá colorado Bridie deitada, ainda desacordada, num canto, sobre uma pilha de sacos, e Harriet ao lado, com um pedaço de pão que um dos garotos havia achado no bolso da calça. E agora assavam os arenques que tinham escondido na última ida ao lugar três dias antes.

Dois problemas preocupavam a gangue. O primeiro era Harriet. Precisavam encontrar um lugar realmente seguro. O segundo era Bridie. Ela estava inconsciente havia muito tempo. Não demoraria muito e eles teriam que procurar ajuda. Talvez devessem ter feito isso bem antes. Ela podia morrer.

Harriet estava sentada impassível e observava os demais com curiosidade. A moça estava adormecida, mas os homens, não. Estavam preparando o café da manhã. Harriet achava agradável o cheiro de cavalo das sacolas perto dela, que lembravam o estábulo da Casa do Pomar. E o aroma da comida a lembrava o café da manhã que a sra. Perkins às vezes preparava.

De repente notou que os olhos da moça estavam abertos e a olhavam — havia acordado. Educadamente, Harriet ofereceu o pedaço de pão para dividir com a moça. Ela não aceitou, mas seus olhos sorriram. Sentou-se e acariciou os cabelos embaraçados de Harriet.

— Ela acordou! — alguém exclamou.

Rapidamente, todos estavam à sua volta.

— Diabos, Bridie, você assustou todo mundo — disse Liam. — A gente tinha achado que você ia bater as botas.

— Droga nenhuma — disse Bridie.

— Doga nenhuma — repetiu Harriet. Gostou da moça. Gostava especialmente do jeito como ela falava: parecia grunhir como um grande gato. Tentou novamente. — Droga nenhuma.

— É isso mesmo, droga nenhuma, muito bem mocinha. Shh... que barulho é esse?

Alguém gritava abaixo deles. Em seguida socaram o alçapão.

— Saiam daí! Vamos logo com isso, fora, seus vermes! Vou soltar o cachorro em cima de vocês!

Latidos ameaçadores acompanhavam os gritos. Resmungando, a gangue pegou os arenques assados pela metade, um ajudou Bridie a se levantar, outro içou Harriet nos braços e abriram o alçapão.

— Está bem, senhor — respondeu Liam. — Vamos sair, segure o cachorro.

— Rápido então — ordenou o dono do estábulo.

As primeiras luzes da aurora surgiam quando eles desceram a escada de madeira e saíram do estábulo. Bridie ainda cambaleava um pouco; Liam mastigava um pedaço de arenque.

O dono do estábulo os observava com olhos semicerrados, desconfiado. Aquela criança, seria a que a polícia estava procurando? Devia ser.

— Ei — ele chamou, correndo atrás dos garotos, mas o bando foi mais rápido e fugiu.

Mas que amolação, pensou o homem. Afinal, tinha princípios e havia escutado falar de um bebê roubado. Uma pobre mulher acordaria esta manhã sem a filha. Isso não podia acontecer. Trancou o portão e foi com o cachorro procurar um policial.

Dois minutos depois de a gangue deixar o estábulo Con e Tony chegaram, após terem passado por meia dúzia de esconderijos.

— Cara, pra mim chega — disse Tony, depois de terem subido a escada de madeira. — Não vai fazer diferença se a gente tirar uma soneca aqui, vai? A gente encontra eles depois.

— A gente prometeu para o homem — respondeu Con. — Precisamos fazer aquela ligação.

— Assim que a gente encontrar a menininha — disse Tony. — Ela deve estar bem e logo a gente encontra ela. Só uma soneca rápida.

— Ei! Eles tiveram aqui! Olha a fogueira!

Um cachorro latiu abaixo deles. Os dois se olharam.

— Ainda tem gente lá em cima! — exclamou um homem.

— Muito bem, desçam agora mesmo — ordenou outra voz, parecendo de uma autoridade, de um policial. — Se não vou subir e pegar vocês, e vão se arrepender. Não vou permitir que roubem criança no meu turno. Vocês estão encurralados. Peguei vocês.

Havia dias Sarah-Jane Russel estava dormindo em frente à Casa do Pomar — desde que fora mandada embora. Parrish, aquele odioso homem, havia pagado às três — ela, Ellie e a sra. Perkins — tudo a que tinham direito e dito a Sarah-Jane que fosse buscar trabalho noutra lugar, pois a vaga de babá já estava preenchida.

E ninguém sabia dizer o paradeiro da srta. Lockhart; ninguém sabia informar se Harriet estava bem; ninguém podia ajudá-la. Sarah-Jane não sabia o que fazer. Ellie ficaria na capital e a sra. Perkins havia ido para a casa da prima, em Reading. Sarah-Jane estava na casa da irmã casada, que era muito pequena...

Bem, não havia nenhuma lei que a proibisse de ficar do lado de fora do portão. Observou quando todos os pertences da família foram retirados da casa e os de Parrish entraram. Observou a chegada dos novos criados, quando arrancaram as cortinas e quando trocaram as fechaduras; os ornamentos em madeira foram pintados de vermelho — um tom de extremo mau gosto. Sarah-Jane ficou ali durante dias, reparando em tudo, se lamentando.

Um dia, Parrish a descobriu e chamou a polícia para expulsá-la dali. Ela conhecia o policial: era primo da cunhada de Ellie. Os dois ficaram constrangidos e Sarah então foi embora. Mas voltou depois e ficou escondida atrás dos arbustos.

Não sabia bem o que estava fazendo. Mas alguém tinha que continuar ali, vigiando a casa. Imaginava que em algum momento levariam Harriet para lá (tinha quase certeza de que isso aconteceria logo, pois aquela gente parecia conseguir tudo que queria) e se via sequestrando Harriet, assim que ela aparecesse — agarrando-a e fugindo com ela nos braços. Mas muito provavelmente não faria isso. Não era tão corajosa. Esse tipo de coisa só acontecia nas histórias de Jim. Ah, melhor teria sido se eles nunca tivessem partido para a tal viagem...

Nessa manhã, ela chegou cedo e viu que alguma coisa estava diferente. Saía fumaça da chaminé e uma carruagem estava estacionada na porta da casa. Criados andavam de um lado para o outro na sala de jantar.

Ao se agachar para espreitar entre os arbustos, do lado de fora da casa, viu Parrish sair lá de dentro.

Ficou ali parado, na soleira, bocejando, se espreguiçando, se coçando. Comportava-se como se fosse o proprietário. Sarah-Jane queria atirar alguma coisa nele. Tinha vontade de correr até lá e gritar com ele, atacá-lo, bater nele. Chegou a procurar por uma pedra no chão. Então uma mulher com uniforme branco de babá saiu da casa e falou alguma coisa com Parrish. Ele fez um sinal de concordância e entrou, fechando a porta.

Será que Harriet estava lá? Tinham finalmente a encontrado?

Sarah-Jane sentiu as lágrimas escorrerem pelo rosto. Como esse tipo de coisa podia acontecer na Inglaterra... como inclusive a justiça podia ter contribuído para isso... Tentou conter os soluços e parou de chorar com dificuldade. Cobriu o rosto com as mãos. Era demais para ela.

— Sarah-Jane?

O coração quase saiu pela boca e ela se virou. Boquiaberta, sentindo uma repentina tontura, se apoiou no muro para não cair.

Parado no meio da rua, com uma mochila pendurada nas costas e um chapéu de palha na cabeça, estava um jovem magrelo, de cabelo clareado, rosto bronzeado e olhos de um verde muito claro.

— Que diabos tá acontecendo aqui? — ele perguntou.

— Jim! Ah, *Jim*...

Atirou-se em cima dele e o abraçou, tremendo, soluçando e rindo. Nunca, na vida, ele fora surpreendido desse jeito.

TINTA INDIANA

Ela demorou um minuto para se acalmar e conseguir falar. Ria, chorava, pendurada nele. Olhando para a casa, ele sabia, mesmo sem perguntar, que tinha algo errado. Ele a levou de volta para trás dos arbustos, fez com que ela o soltasse e se sentasse sobre uma pedra.

— Chegamos de Southampton ontem à noite — ele disse. — O sr. Webster ainda está lá inspecionando as malas. Vim antes com Charlie Bertram. Eu queria fazer uma surpresa. Vocês não receberam nossas cartas? O que tá acontecendo?

— Não recebemos cartas há semanas... Eles devem ter jogado fora... Jim, eles levaram tudo...

— Calma. Para de balbuciar, você não tá falando coisa com coisa. Me fala tudo, do início.

Ela respirou fundo.

— Sim. Me desculpa. Claro. Ah, meu Deus, eu nem mesmo sei onde ele tá...

— Anda logo com isso — ele disse irritado.

— Tá. Eu vou. Isso começou... Ah, foi um homem com uns papéis de divórcio. Ele veio uma manhã...

Ela contava tudo a Jim, confusa, esquecendo detalhes, depois tentando preencher as lacunas para deixar tudo o mais claro possível. Primeiro Jim achou difícil acreditar, depois ficou furioso, sentiu medo e, por fim, foi tomado por um instinto assassino.

— Você tá dizendo que o canalha está lá na casa?

— Sim. Ele deve ter chegado ontem à noite. Tem várias pessoas lá dentro; ele contratou novos criados... Levaram toda a nossa mobília, cada pedaço dela... Tudo pertence a ele.

— Ele está com Harriet?

— Não sei. Tem uma mulher lá que parece ser uma babá, então acredito que ele esteja com ela. O que vai fazer?

— Tirar ele de lá.

Jim pegou um canivete de sua mochila e cortou um pedaço de pau de uma árvore próxima.

— Mas, Jim, tem muita gente lá dentro... Ele tem uma gangue...

— Olha só.

Ele pendurou a mochila no ombro e andou até a rua. Ela nunca tinha o visto assim: cada átomo de seu corpo parecia estar estalando e ardendo em fúria. Ela ficou com medo, mas tentou segui-lo e então parou.

Um homem estava parado na rua em frente a eles. Não era Parrish; era um homem que nunca tinha visto antes, elegante, moreno e parecia ser perigoso. Ele estava olhando para Jim como quem especula, mas não saiu da frente.

— Quem diabos é você?

— Me chamo Mendel. Jonathan Mendel.

Sarah-Jane viu Jim levantar a cabeça como se lembrasse daquele nome. Ele estava pulsando de raiva, mas agora também estava confuso.

— Kid Mendel? — disse. — Do Soho?

O homem fez que sim com a cabeça.

— Você está metido nisso?

— Sim. Espere — ele disse, distante e seguro, enquanto Jim se aproximara dele. — Não sei quem você é, mas parece que está querendo machucar o Parrish. Eu tive a mesma ideia. Mas devo te

lembrar que estamos em frente a casa, e até que nos entendamos, sugiro que a gente saia daqui.

Jim respirou fundo e concordou. Mendel levantou seu chapéu, cumprimentando Sarah-Jane. Ele parecia um intelectual, com sua cabeça calva e seus olhos inteligentes; mas forte, um homem do mundo. Ela não conseguia encaixá-lo em uma categoria. Eles saíram da frente da casa, para trás do muro.

— Então? — disse Jim.

— Se me der alguns minutos, eu te contarei tudo que sei sobre essa história — disse Mendel. — Depois você pode me falar quem você é, ou não, como achar melhor. E pode decidir se quer ou não ajuda. Tem meia dúzia de homens cercando a casa, e se você sabe quem sou, deve saber que tipo de homens eles são.

Jim soltou um baixo assovio.

— Certo — disse Jim. — Pode falar.

Sarah-Jane estava completamente perplexa. Apesar da expressão suave do homem, de seu elegante sobretudo, e belo chapéu, havia algo realmente assustador a seu respeito.

Ele começou a falar. Levou quase cinco minutos. Ele falou de Goldberg, do Tzaddik, sobre o que ouviu que Sally estava fazendo, sobre Harriet, Rebecca e a família Katz, e de Parrish ter roubado a menina. Sarah-Jane então engasgou e pegou a mão de Jim.

— A srta. Russel é a babá da criança — Jim disse. — Continue.

— Estávamos esperando aqui, observando, seguindo as ordens do sr. Goldberg. Vimos Parrish chegar... mas não vimos a criança. De repente, porque estava muito escuro, ou talvez ele a tenha deixado em outro lugar. Por isso, não mandei meus homens entrarem na casa ainda, nós não sabemos. Assim que possível, mandarei um homem telefonar e ver se tem alguma notícia dos outros grupos.

— Sei. Quem é esse Goldberg?

— Tanta coisa. Um refugiado. Um jornalista, um político. Até mesmo um bandido. Tenho muito respeito por ele.

Jim absorveu tudo aquilo e então estendeu sua mão.

— Jim Taylor — ele disse. — E o que eu tenho a ver com essa história, bom, eu moro aqui, sou o amigo mais antigo da srta.

Lockhart, e sou o padrinho da criança. Eu estava fora, na América do Sul, e acabei de chegar, e deparo com tudo isso. Sim... você tem razão... eu ia machucar o Parrish. E aquela ajuda?

— Ainda tá de pé.

— Então preciso aceitar. Quantos homens você tem?

— Seis.

— Então eis o que vamos fazer. Nada de invasão a domicílio. Não gosto de passar por cima das leis, e você?

— Não, não — disse Mendel. Havia um entendimento complicado entre eles que Sarah-Jane não conseguiu acompanhar, mas eles deveriam estar sorrindo, embora não parecesse.

— Fora de questão — Jim continuou. — Então convido você e seus sócios para me acompanharem a um café da manhã, já que é uma maldita manhã de domingo, e já que posso chamar quem eu bem entender à minha casa. Mas como estamos com muita energia, a gente não entra pela porta da frente, vamos pular o muro e ir até o lado da casa e entrar por uma janela. Então, meu Deus, encontramos uma mobília estranha na casa. Que chocante. É melhor jogar tudo pela janela. Então, a gente dá de cara com um maldito estranho correndo escada acima para ver o que tá acontecendo. Se ele tiver a audácia de esboçar qualquer tipo de reação, fazendo pouco de nossa ira e indignação contra ele, ele vai se dar mal.

Enquanto Mendel reunia seus homens, Jim afiava seu pedaço de pau e o balançou uma ou duas vezes, testando o balanço.

— Normalmente uso um soco-inglês — ele disse aos bandidos. — Mas não servem para se defender de cobras de 10 metros ou de sapos venenosos, então deixei por lá. Isso dá pro gasto.

Sarah-Jane olhou os membros que compunham o pequeno grupo de criminosos do Soho. Durões, com cicatrizes, eles devem ter passado anos embebidos em pecados; e Jim, com sua pele bronzeada e um brilho perverso nos olhos, parecia um capitão pirata.

— Bem, senhores — disse. — É um prazer convidar vocês para tomar café da manhã. Sarah-Jane, assim que a gente entrar, você

vai atrás de Harriet. Nunca se sabe. Se ela estiver lá dentro, fique com ela até as coisas se acalmarem, e só então saia.

O coração de Sarah-Jane estava batendo forte; ela não sabia se era de medo, excitação, ou ambos. Ela caminhou com Jim, com o sr. Mendel e os outros ao lado do muro, pelo beco de parede de tijolos, através da portinhola até uma área repleta de arbustos localizada nos fundos do jardim.

Jim apontou para a estrutura de ferro e vidro que ficava perto do muro do jardim à direita de onde eles estavam.

— Se a gente subir naquele muro, é um pulo até a janela do banheiro lá em cima, tão vendo? Perto da hera? Claro, se ele estiver tomando banho, a gente vai ter que fechar os olhos quando entrar. Tudo bem, Sarah-Jane?

Ela fez que sim com a cabeça. Ela não estava segura em relação a altura, mas não era muito alto: por volta de 3 metros. E não dava para a cozinha nem para a sala de jantar, onde os capangas de Parrish pareciam estar.

Jim encontrou a velha escada de madeira no gramado e a ajeitou, apoiando-a contra a parede.

— Vamos lá então.

Sally bateu a cabeça em um bloco de alvenaria e novamente ficou submersa. Sua camisola a envolvia e ela não conseguia se soltar, lutava, lutava, então seu rosto encontrou ar e em algum lugar seus pés tocaram o chão.

Ela jogou seus braços para cima e tentou agarrar o que quer que estivesse lá... nada... e então... algo duro... conseguiu sentir com os dedos e agarrou, em meio às águas selvagens que batiam contra seu corpo.

Algo em que se apoiar, algo ao que se agarrar.

— Eu não vou morrer! — berrou. — Não vou! Droga!

Então, começou a escorregar, seus pés perdendo apoio. Encontrou um lugar melhor para suas mãos há alguns centímetros, deu um impulso e tentou se erguer.

Se ela ao menos pudesse ver; tudo que sabia era que de um lado, há poucos metros, encontraria segurança, e do outro, morte certa.

Mas se pensasse dessa forma ficaria paralisada. Então ela se agarrou no que estava segurando (uma barra de ferro encravada em algum lugar entre os escombros) e pouco a pouco, com seus dentes cerrados, ignorando a agitação de seus músculos, ela tomou impulso e conseguiu tirar metade do corpo da água.

Tateou o lugar à sua frente e encontrou espaço. Atrás da barra de ferro tinha um monte de tijolos, argamassa, escombros, gesso, mas havia espaço sobre tudo isso.

Mas um esforço e ela estava completamente fora da água, machucada e tremendo de frio. Sally ficou deitada, ofegante sobre a superfície rochosa, e recuperou o fôlego.

Ela se virou, com a barriga para cima. Pedras, pedaços pontudos de tijolos, pressionavam sua costela — mas havia uma luz que vinha de cima.

E era verdadeira.

A luz não se foi quando ela abriu os olhos: um pequeno ponto de luz do sol lá em cima...

Ela se sentou, se esticando para ver, e bateu sua cabeça em alguma coisa, o que levou a uma queda de pedras. Ela gritou de dor e por pouco não perdeu o equilíbrio e caiu na água de novo.

Ela colocou as mãos sobre a cabeça para protegê-la e olhou novamente. Não tinha mais dúvida: era o poço do elevador, e lá em cima estava o céu.

— Socorro! — ela berrava, e assim continuou: — Socorro! Socorro!

Apesar de que se a casa inteira tivesse ruído não haveria ninguém para ajudá-la.

— Certo — disse para si mesma, em voz alta. — Vou sair daqui. Não morrer aqui feito um rato.

Sua voz parecia abafada, para dentro, afogada, mas falar a fez se sentir bem.

— Levante-se — disse a si mesma. — Vamos. Se consegue ver uma luz, consegue chegar lá em cima. *Anda*, sua lerda. Se estiver gorda demais para passar pelo buraco, continua berrando. Agora *vai*.

Tateando o espaço ao andar, tentando não bater a cabeça de novo, com cuidado conseguiu ficar em pé sobre os instáveis escombros e olhou para cima. Podia sentir o ar puro; era maravilhoso. Começou a escalar.

Parrish não estava no banho. Não havia viva alma no segundo andar, como Jim rapidamente descobriu, enquanto os outros subiam. Eram bons, ele pensou: silenciosos, experientes... Bom, são profissionais, não podia ser diferente.

— Não prepararam nem um quarto para Harriet — ele sussurrou para os outros. — Sua cama sumiu, os brinquedos não estão aqui... Não acho que ele pretenda trazer Harriet pra cá. De qualquer jeito, Sarah-Jane, fique aqui em cima. Fique de olho na minha mochila, ok? Não deixe cair... tem uma cabeça reduzida para Ellie aí dentro.

Ela hesitou ao pegar a mochila enquanto Jim falava com Mendel. Sarah-Jane tinha razão sobre os móveis: tudo era novo, Jim disse. Então eles jogaram tudo fora. Eles começariam jogando o grande, pesado e velho armário do quarto principal. Deveria cair no lado de fora da sala de jantar.

— Eu queria tanto vê-los pularem de susto! — Jim disse desejoso. — Daria uma boa grana para ver isso... Vamos. Começamos com o armário e seguimos em frente.

Eles seguiram com calma até o quarto. Sarah-Jane os observava do cômodo por onde tinham entrado. De lá, tinha uma visão do corredor, e pela janela do jardim da frente também. Podia ouvir risadas da sala de jantar e sentiu o cheiro de bacon frito vindo da cozinha quando a empregada passou pelo corredor levando uma bandeja. Ela estava quase pegando fogo, tamanha a emoção.

Ouviu um ranger do piso de madeira; será que teriam escutado? Em seguida um barulho de alguma coisa raspando...

E então uma forte batida do lado de fora.

Um silêncio latejante tomou conta da casa, e depois de um ou dois segundos um grito de surpresa veio da sala de jantar. E, então, mais objetos caíram das janelas, e quando Sarah-Jane olhou para fora da janela, parecia estar chovendo móveis: uma cama, duas cadeiras, uma penteadeira, meia dúzia de gavetas, um atrás do

outro, e depois o baú — gravatas, camisas, roupas de baixo —, caindo no gramado como pássaros mortos.

E mais móveis voaram janela afora: um criado-mudo, uma mesa, outra cama, uma prensa de linho, outro baú, uma cadeira de bambu, e então a porta da sala de jantar se abriu.

— Que diabos está acontecendo? — Parrish gritou e parou quando viu Sarah-Jane no topo da escada.

Três ou quatro homens correndo atrás dele esbarraram em Parrish, o empurrando, e então pararam. Ele segurava um guardanapo. Sem tirar os olhos de Sarah-Jane, limpou sua boca cuidadosamente.

— Muito bem — disse.

O brilho em seus olhos — cobiça, triunfo, raiva — a deixou com medo, e ela olhou para o local por onde tinha entrado. Então houve um enorme estrondo quando algo pesado caiu na entrada da casa, e todos os homens pularam em sobressalto.

— Tem mais alguém lá em cima — um deles disse.

Parrish baixou seu guardanapo e correu escada acima. Sarah-Jane recuou nervosa e se deparou com Jim ao seu lado.

— Quem é esse, Sarah-Jane? — perguntou.

Parrish parou, estava na metade do caminho, na escada, e olhou para cima.

— É o sr. Parrish. — Sarah-Jane disse. Sua voz era tão baixa que era quase inaudível. Ela se manteve longe do caminho enquanto o sr. Mendel e os outros vinham até o topo da escada. Ela nunca tinha visto homens brigando, mas sabia que era isso que estava prestes a ver.

Jim começou a descer a escada. Sarah-Jane percebeu porque ele tinha optado por entrar pela janela: assim ele tinha a posição de dono da casa e fazia com que Parrish parecesse o intruso; mostrava a verdadeira condição da situação. Ele parou alguns degraus acima de Parrish.

— Quem é você? — Parrish disse.

— Você não pode entrar na casa de alguém e exigir saber quem ele é — disse Jim. — Eu moro aqui. Você, não. Eu vou lhe dar cinco

minutos para juntar seus homens e seus empregados e sair da casa. Caso contrário, nós tiramos vocês a força. É um belo relógio aquele que você tem lá embaixo. Conta cinco minutos nele. Anda.

Uma criada saiu da cozinha, apreensiva, e parou com a mão na boca. Sarah-Jane a viu lá de cima, a viu olhar para trás, viu a cabeça de um homem surgir na sombra da mulher, olhar através dela, e se retirar silenciosamente.

Ela se perguntou se deveria contar a Jim. Parrish descia a escada agora, devagar, de costas. Quando chegou no andar de baixo, foi ao encontro de seus homens na porta da sala de jantar, e todos eles observavam enquanto Jim e Mendel e os outros desciam atrás deles.

Ela viu Jim parado bastante tranquilo no pé da escada, com seu pedaço de pau na mão, esperando; viu Mendel ao lado dele, braços cruzados, com ares de um cavalheiro inspecionando uma pintura na Real Academia. Viu seus homens atrás dele, brutos, assustadores e intensos; ela viu alguém atrás de Parrish passar um objeto para ele...

Ele estava segurando um revólver. Em um piscar de olhos, o poder mudou de mãos.

— Mãos para cima — ele disse. — Todos vocês. Para a parede, anda.

Jim deu um passo à frente. Parrish atirou no chão perto de seu pé, e Jim parou.

Sarah-Jane achou que estivesse sentada. Podia ver os detalhes com muita clareza, como o buraco feito pela bala no carpete, como o pedaço de gesso sobre a cabeça de Parrish. Ela estava olhando bem de cima, e sua cabeça girava, olhava para tudo com rapidez. Sim. Havia alguma coisa em frente a porta no lado de fora do quarto mais próximo. Ela pegou o objeto, voltou silenciosamente, se debruçou, mirou, deixou cair...

A porcelana branca estourou em pedaços, e Parrish caiu na mesma hora. A arma caiu de suas mãos. De imediato, Jim se pôs sobre ele, e Mendel pegou a arma, mas um dos homens de Parrish partiu para cima dele e o arremessou contra o porta guarda-chuva. Então a briga começou, e em um instante uma rixa tomou o

corredor. Sarah-Jane se agachou; quanta violência... Um homem chutava outro na cabeça... Alguém tinha uma lâmina... Os sons que eles faziam, os grunhidos, o barulho de trituradas, e uma única palavra, levando essa violência como se fosse uma difícil barganha que exigia toda concentração, como cortar pedra ou encher uma caldeira...

Ela se virou, tremendo, e olhou para fora da janela. Um homem corria até o portão; era o criado cuja cabeça ela vira olhando para fora da cozinha. Ela deveria gritar ou tentar detê-lo? Contar a Jim? O quê?

Quando viu o homem a briga já tinha terminado. Alguém lá embaixo respirava em um longo suspiro, e então um som de mãos se esfregando. A porta da frente se abrindo, pés tropeçando.

Ela olhou por sobre o corrimão de novo. O que restou dos homens de Parrish estava engatinhando sobre mãos e joelhos. Mendel estava debruçado sobre um de seus homens, outro estava sentado na escada limpando o rosto com um lenço sujo, e ainda um outro estava penteando seu cabelo em frente ao espelho do corredor.

Jim estava em pé sobre Parrish, estendido, desmaiado no chão.

Sarah-Jane, com seu corpo inteiro tremendo, rastejou escada abaixo. Ela o tinha matado. Ela seria enforcada. Era a pior coisa que já tinha cometido.

Jim olhou para cima.

— O que deixou cair sobre ele?

— Um penico — ela sussurrou. — Ele está morto?

Jim riu contido.

— Morto? Ele tá roncando feito um bebê. Imagino que ele nunca tenha levado uma surra dessas...

Mendel entregou a Jim um vaso de flores que escapou da destruição, e Jim virou o vaso sobre a cabeça de Parrish. Quando Parrish acordou, atordoado, Jim se debruçou sobre ele e o puxou pela lapela.

— Onde ela está? — ele disse. — Cadê a criança?

Parrish nada disse. Mesmo confuso, encharcado e surrado, tinha uma frieza impressionante nos olhos, e ele meramente olhou para Jim com raiva e nada disse.

— Não vai falar, eh? — Jim disse, e o largou.

— São nove horas, sr. Taylor — disse Mendel. — O sistema de telefonia está aberto. Mandarei um homem até o hotel para fazer uma chamada. Lembro que disse alguma coisa sobre um café da manhã.

— Falei sim — disse Jim. — Será que os criados de Parrish já tinham começado a preparar? Bom, podemos fritar uns ovos e toucinho, fazer umas torradas. Ah... no seu caso, nada de toucinho, me desculpe. Vamos amarrar o bandido, e depois vemos o que tem para comer.

Jim falava com leveza, mas Sarah-Jane podia ver que estava preocupado com Harriet. Ele e Mendel amarraram Parrish na coluna da escada e foram com os outros homens até a cozinha. Sarah-Jane olhou para Parrish e rapidamente desviou seu olhar, pois a frieza em seus olhos a deixava arrepiada.

— Me fale sobre esse tal de Lee — disse Jim poucos minutos depois, já na cozinha. — O como-é-mesmo... o Tzaddik. Por falar nisso, o que isso quer dizer?

— É uma palavra ídiche — disse Mendel. — Significa um homem bom, sagrado, um santo, algo do gênero. A não ser que signifique exatamente o oposto, como é o caso. Ele é o mestre de Parrish; foi ele quem o envolveu nessa história. Ele está envolvido em uma complicada fraude em relação aos imigrantes judeus, sobre a qual o sr. Goldberg tem investigado. Mas ele entra nessa história porque parece que é ele, e não esse homem medíocre lá fora, quem quer a filha da srta. Lockhart. É ele seu verdadeiro inimigo. Parrish é só um agente. Quer dizer, ele pode ficar com a casa como uma espécie de pagamento. Será que seria muito abuso da minha parte pedir um pouco de marmelada, srta. Russel?

Sarah-Jane estava ficando impressionada com aquele homem culto e elegante. Ele parecia respirar ares de poder, riqueza e autoridade, e ter mais tempo e espaço ao seu redor do que outras

peessoas, para que pudesse se mover feito um príncipe. E ao mesmo tempo era um criminoso do Soho! E lá estava ele na cozinha da Casa do Pomar atenciosamente ouvindo Jim — o tratando com um igual... Ela não sabia se deveria admirar, deplorar, ou se unir.

Ela ouviu um barulho vindo do corredor: uma voz — e de repente se lembrou do que vira pela janela do segundo andar.

— Ah, Jim! — ela disse. — Me desculpe, eu esqueci... Quando vocês estavam lutando... tinha um homem correndo pelo portão... Um dos criados...

Ela olhou para a porta que dava no corredor. Jim também ouviu a voz e se levantou.

Sarah-Jane estava atrás dele. Parrish estava de pé ao lado da escada, esfregando os polegares. Ao seu lado estava um policial. Sarah--Jane podia ver mais dois policiais pela porta da frente, que olhavam a mobília toda espalhada pelo gramado.

— Essa é a menina que mandei embora, condestável — disse Parrish. — Ela deve ter deixado os outros entrar.

Jim se aproximou.

— Bom dia, condestável Andrews. Que bom vê-lo.

O policial parecia desconfortável.

— Olha, sr. Taylor — disse —, sei que acaba de chegar de viagem... Imagino que não deva saber. Mas a gente não pode deixar essas coisas acontecerem. Me desculpe, sr. Taylor, mas temo que precise levá-lo à delegacia.

— Eu? Para quê?

— Invasão de domicílio. Tumulto. Isso é só o começo. Creio que o sr. Parrish vai querer processá-lo por transgressão, mas depende dele. Agora, vamos parar com essa confusão...

— Você tá brincando! — Jim disse. — Você sabe que eu moro aqui, seu torrão dorminhoco! Você já tomou cerveja nesta cozinha, várias vezes. É aquele homem quem você deve prender.

O policial mexeu seu pé, olhou para Parrish, olhou para o chão.

— Lamento, sr. Taylor. A lei está do lado dele, não do seu. Se o senhor não vier logo, vou precisar prender...

— Não acha que tomariam esta casa se eu e o sr. Garland estivéssemos aqui, acha? Ele não está dizendo a verdade, e você sabe disso!

— Tenho que lidar com os fatos que vejo, sr. Taylor...

— Chefe! — Um homem entrou correndo pela porta da frente e parou quando viu a confrontação. Era o homem que tinha ido dar o telefonema.

— Sim, Al? — disse Mendel da porta da cozinha.

— Aquele é o Mendel! — Parrish disse na mesma hora. — O líder do bando do Soho! Deve haver uma recompensa...

O policial estava perplexo. Mendel se aproximou, e Parrish se calou.

— Bem? — ele disse ao homem que estava na porta. — Qual a notícia?

— Um dos caras do Moishe Lipman telefonou uns minutos atrás. Ele diz que a casa na praça Fournier... Você sabe, a que eu tava vigiando... Ela ruiu. Simplesmente desabou!

— Essa é a casa onde a srta. Lockhart estava? — Jim perguntou a Mendel. — Em Spitalfields?

Mendel assentiu com a cabeça. O policial olhava para um e para outro, sem saber o que fazer. Então não foi capaz de impedir Jim, que passou por ele, saiu pela porta da frente e se foi.

— Peguem ele! — o policial berrou para um outro policial do lado de fora, mas Jim se evadiu com facilidade. Sarah-Jane sabia que ele iria direto para Spitalfields. Ela também sabia que era sua a responsabilidade de lidar com tudo isso, porque Mendel era um convidado e não tinha autoridade na casa.

Então, no curto silêncio que se seguiu, ela limpou sua garganta e disse:

— Bem, condestável. Sugiro que a gente sente e resolva isso. É óbvio que a cabeça de Parrish não está no seu melhor juízo. Como pode ver, ele levou uma pancada na cabeça. Posso fazer um chá?

Nunca uma multidão tão grande ocupou a praça Fournier, desde que a casa na esquina tinha servido de local para a Exibição de Maravilhas, que incluía uma Sereia de Verdade, uma Princesa

Hotentote e um Selvagem Menino Alemão. A chuva tinha parado, levando a uma satisfação generalizada, que culminou com a queda da última parte da casa que ainda estava em pé.

A brigada de incêndio tinha conseguido retirar meia dúzia de homens e mulheres dos escombros até então, mas era uma casa grande, e os rumores que circulavam pela multidão falavam de uma numerosa criadagem, um dono misterioso, aleijado, estranhas máquinas, quartos secretos, gritos no meio da noite...

Ficava cada vez melhor.

Pela metade da manhã os moradores das casas ao lado, que tinham sido evacuadas, receberam permissão para voltar e trocar de roupa enquanto os bombeiros inspecionavam a estrutura. Repórteres dos principais jornais tinham entrevistado o policial-chefe, os vizinhos e os pedestres. Artistas desenhavam sem parar para os gravadores, que transformavam seus desenhos em chapas, para serem impressos nas revistas ilustradas semanais. Vendedores de tortas de carne montavam seus carrinhos de mão, uma barraca de café móvel movido por um cavalo com artrose logo foi aberta e obtinha um crescente lucro.

O resgate continuou durante toda a manhã. Um após o outro, os empregados da casa recebiam ajuda, ou eram arrastados, carregados para fora. Três deles estavam mortos, outros seis estavam feridos, e segundo o que os sobreviventes relataram, outros cinco estavam desaparecidos: um pajem, um laçai, uma criada, o mordomo e o mestre, o sr. Lee.

O secretário, Herr Winterhalter, tinha quebrado uma clavícula, mas sem ferimentos graves, e estava ao lado do policial-chefe identificando os criados que eram retirados dos escombros, e descrevendo a planta da casa para que a equipe de salvamento soubesse onde procurar.

Na multidão estava Margaret Haddow. Ao seu lado estavam Rebecca Meyer, com seu braço em uma tipoia, e o advogado James Wentworth. Cada vez que ouviam um berro de um bombeiro sobre os escombros, se aproximavam um pouco mais. Tentavam ver sobre

as cabeças da multidão, prendiam o ar, e então lamentavam. Não falavam muito.

Margaret sentiu alguém tocar seu ombro.

Ela se virou e viu Jim — bronzeado, desgrenhado, abatido, austero. Ela respirou surpresa e pegou sua mão. Ela o conhecia bem e quis abraçá-lo.

— Você *sabe* o que está acontecendo? — ela disse depois que se cumprimentaram. — Ah... me desculpe. Esta é a srta. Meyer, ela é que cuidava de Harriet. E este é o sr. Wentworth, o advogado da firma. Mas quando você chegou?

Ele explicou o que tinha acontecido na Casa do Pomar.

— Parrish ainda estava lá quando saí — ele disse. — Sarah-Jane está lá resolvendo tudo. Sr. Wentworth, vou precisar de um advogado: aquela fuinha tem o policial na palma das mãos. Mas por que diabos... me desculpe... Como isso tudo *aconteceu*?

Rebecca disse alguma coisa em alemão. O senhor Wentworth traduziu:

— Não encontrou nenhum sinal da criança em Twickenham, sr. Taylor? A srta. Meyer está muito preocupada. Ela se culpa por ter deixado isso acontecer com a menina.

— Bem, diga a ela que não. O que sei é isso: o tal sr. Goldberg mandou três grupos para encontrar Harriet. Um veio aqui para vigiar este lugar, o sr. Mendel foi para Twickenham e o sr. Goldberg foi pessoalmente a Clapham. Se ela não está aqui e não estava na Casa do Pomar...

Rebecca voltou a falar, com muita pressa. Jim ouviu o nome Goldberg e olhava o advogado, intrigado com sua aparência desgrenhada, seu rosto feio e seus cabelos flamejantes.

— Aparentemente — disse Wentworth —, o sr. Goldberg conseguiu deter um motim, sozinho, esta manhã. Um grupo estava prestes a atacar uma padaria em Whitechapel, segundo a srta. Meyer, e Goldberg agitou o povo local, pediu uma cadeira, subiu nela e começou a contar uma história, e eles pararam para ouvir! Todo mundo no East End está falando sobre isso. Ele é bem conhecido

por essa comunidade, sr. Taylor. Mas depois ele foi preso, segundo a srta. Meyer.

— Preso? Ele também? Mas, espera: se ele estava em Whitechapel, ele não podia ter estado em Clapham. Então, talvez...

Margaret deu um pequeno grito e pegou o braço do advogado, apontando para a casa.

Um dos bombeiros estava acenando. Ele se agachou para retirar uns tijolos do caminho, e então surgiu uma cabeça, um ombro, um braço...

— Não é Sally — disse Jim, desapontado.

Mas Rebecca balançava a cabeça, seu rosto animado, e falava depressa.

— É sim! — disse o sr. Wentworth. — A srta. Meyer disse que ela pintou e cortou o cabelo...

Jim não esperou. Saiu correndo, abrindo caminho pela multidão, apanhou um cobertor e subiu pelos escombros. Tirou o bombeiro da frente e ela estava livre, deitada, exausta, ferida e em trapos sobre os pedaços de tijolos, e então ela o viu; eles estavam há poucos metros um do outro.

Ela parou, olhando para ele.

— Sabe o que você tá parecendo? — ele disse suavemente. — Você devia ter vergonha, sair por aí em suas roupas íntimas. Se cubra com isso, anda...

Então ela começou a tremer contra ele, aninhada no cobertor, e ele começou a ajudá-la a descer até a rua.

— Cadê a Harriet? — ela balbuciou.

— Ainda estamos procurando.

Ajudando-a a andar pelos tijolos e pelas pedras, sua roupa rasgada, seus pés cobertos de sangue — e mãos surgindo para ajudar, Margaret bem perto, a pequena menina russa e um policial.

E um homem com seu braço numa tipoia, e uma voz alemã:

— Sim, é essa.

Seu outro braço já estava seguro por um policial. Ele disse:

— Srta. Lockhart?

Eles estavam na calçada, há apenas 2 metros da barreira que continha a multidão. Margaret estava tentando alcançá-la, mas eles pararam longe demais para que pudesse tocá-los.

— Sim? — disse Sally, tremendo, rouca.

— Srta. Lockhart, é minha obrigação levá-la presa, sob acusação de tentativa de assassinato. Qualquer coisa que disser...

Confusão. Houve uma onda de animação na multidão; os três repórteres mais próximos se jogaram para a frente, num clamor por detalhes. James Wentworth tentou deter Jim, que parecia estar prestes a bater no policial. O secretário estava perto, austero, mordendo seus lábios. Margaret e Rebecca conseguiram passar pela barreira para ajudar Sally, que tinha caído no chão.

Exceto pelo fato de que ela não tinha caído. Ela havia se soltado, impaciente; se sentou para tirar sua meia meia-calça molhada e rasgada, tirando um pedaço de papel dobrado, o entregando, tremendo, para Margaret.

— Abra! Com *cuidado*...

Toda a urgência da multidão, o momento, parecia ter se tornado um curioso vórtice ao redor desse ponto: uma pequena área de calçada molhada observada por milhares de olhos. Margaret, entendendo a importância do papel, desesperada para não rasgá-lo, levantou devagar e metodicamente uma ponta, abrindo uma ponta antes de tentar abrir a outra. Sally havia dobrado o papel em quatro. Se a tinta tivesse escorrido...

Margaret, com muito cuidado, separou as duas pontas e lentamente abriu. Winterhalter era um homem meticuloso: seus registros deviam ser permanentes. Ele usou uma tinta indiana, o nanquim; ela ainda estava lá, aquela coluna de pagamentos rotulada com um "P" de Parrish.

— Aí está! — Sally disse, olhando para todos eles, pálida de um triunfo que ninguém podia entender. — Eu consegui. Agora, *onde está minha filha?*

COELHOS

A única pessoa na multidão que sabia o que significava aquele papel era o secretário; e quando ele tentou escapar, Jim percebeu e gritou:

— Peguem esse homem!

Mãos o agarraram, ele relutou, olhando para o sargento que pretendia deter Sally. O policial olhava a tudo atônito e o sr. Wentworth tomou a palavra.

— Sargento, independentemente da acusação que o senhor tenha contra a srta. Lockhart, como advogado dela, devo insistir para que, primeiramente, ela receba cuidados médicos. Depois de ouvirmos o que ela tem a dizer sobre este papel, que obviamente parece ter grande relevância, o senhor poderá decidir se deve ou não prendê-la.

O sargento estava confuso. Era muita informação ao mesmo tempo para sua cabeça. Além disso, tinha noção de que havia exercido abuso de poder ao tentar prender Sally, já que não sabia ao certo quem ela era e levava em consideração unicamente a palavra do secretário e uma vaga lembrança de uma circular a respeito de um sequestro de uma criança. E a moça estava justamente

perguntando pela filha, logo não podia tê-la sequestrado — maldição, não sabia como resolver esse intrincado enredo...

— Vão para lá. — Ele não falava com ninguém em particular.

Winterhalter exigia aos gritos que o soltassem, para consultar seu advogado, mas ninguém estava prestando atenção nele, pois Sally tinha desmaiado. Jim a segurava no colo enquanto Margaret e o sr. Wentworth abriam caminho na multidão.

— Ei — disse o sargento, indeciso. — Policial Willis, siga o carro deles. Não a perca de vista. E quanto ao resto, circulando! Deixem a rua livre! Andem!

— Não perca o papel — pediu Sally, semiconsciente. — Jim, é você mesmo? Jim, sabe quem era aquele homem? O homem lá dentro?

— O Tzaddik — respondeu Jim. — Foi o que me falaram.

— Era Ah Ling! Era Hendrik van Eeden! Você lembra... Lá atrás, no começo... Ele matou meu pai... Ópio...

Jim quase a deixou cair.

— Mas... mas você atirou nele!

— E o deixei parálítico. Não o matei. Alguém o levou naquela noite. E desde então...

Sally se calou, enquanto a ajudavam a subir no veículo.

— E desde então — ela sussurrou — ele morria de vontade de se vingar. Morria. Ele está morto agora. Morto por vingança. Mas no porão, Jim, eu tentei salvá-lo. Tentei mesmo, eu o tirei da água, eu o mantive vivo...

Sally voltou a desmaiar. Jim olhou para os demais; estava estupefato.

— Vocês ouviram o que ela disse? O sujeito por trás disso era... Então era por isso!

— Pelo que entendi — comentou o sr. Wentworth —, a srta. Lockhart pode se defender da acusação de haver tentado matar esse homem ontem alegando que, na verdade, havia tentado matá-lo no passado. Ou será que não entendi direito?

Com Sally em seus braços, Jim olhou seriamente para o advogado, tentando descobrir se o homem estava sendo irônico,

mas descobriu que não havia ironia em suas palavras.

— É basicamente isso — respondeu.

Margaret ainda tinha o papel nas mãos. Olhava para a folha, procurando decifrar o significado daquelas colunas.

— Isto é um balanço de pagamentos — disse ela. — Mas não sei qual das colunas tem relevância ou se todas têm.

— É melhor esperar secar — disse o advogado, abrindo a surrada maleta Gladstone e tirando uma folha dobrada de mata--borrão. Colocou o papel molhado entre duas folhas do papel secante.

— Goldberg — disse Sally, voltando a despertar, ainda zozna. — Ele está com um caderno de anotações... que pertencia a Parrish...

— Ah! — disse o sr. Wentworth. — Começo a entender.

Seu feio rosto agora estava radiante, parecia experimentar um prazer travesso. Jim não se conteve e sorriu, achando graça. E então disse:

— Preciso voltar para Twickenham imediatamente. Sarah-Jane Russell está tendo que lidar com Parrish e o policial e deve estar meio desesperada.

Ele contou o que havia acontecido na Casa do Pomar, divertindo-se com a parte em que um penico se espatifou na cabeça de Parrish.

— Ela achou que o tinha matado — disse. — Achou que fosse ser presa e enforcada; estava estampado na cara dela...

— Suspeito que ela se assustou com o tiro e deixou cair o vaso, acidentalmente — disse o sr. Wentworth. — Espero que o senhor se recorde de lembrá-la disso. Mas pelo visto ele não ficou muito ferido.

Olhou pela janela e deu uma leve batida no capô do cabriolé.

— Condutor! — disse. — Pare aqui, por favor. Vou caminhando até a Clerkenwell, daqui até Trench é um pulo.

— Trench? — perguntou Margaret, enquanto o homem com cara de passarinho se levantava para sair.

— Centro de Detenção Clerkenwell — Jim falou. — Goldberg?

O advogado confirmou com a cabeça.

— Siga com eles para o hospital — disse ao condutor antes de sair e em seguida disse para os demais: — Vou para lá assim que puder.

E se foi. Jim o viu seguir a rua mancando, com rapidez, e se voltou para Margaret.

— Parece ser um sujeito decente — disse. — Onde o achou?

— É nosso vizinho no escritório — ela respondeu. — Estava lá o tempo todo, enquanto o inútil, incompetente e submisso do outro advogado permitiu que nos tirassem tudo... Se pelo menos Sally tivesse a ajuda dele desde o início.

— Que maldita confusão! — disse Jim. — Sinto como se tivesse que estar em seis lugares ao mesmo tempo. Essa acusação maluca contra Sal, Harriet desaparecida...

— A empresa que está à beira da falência — disse Margaret, lúgubre. — Ele tirou tudo o que pôde de nós e o fez dentro da lei.

Jim olhou pela janela. O veículo chegara à entrada do hospital São Bartolomeu em Smithfield.

— Aqui estamos — disse ele, olhando para o relógio. — Pode ficar com ela?

— Claro. Nada tenho para fazer no escritório. Está praticamente vazio.

— Vou procurar um telefone. Existe um número onde talvez possam ter notícias de Harriet.

Olhou para Sally por alguns segundos, meio sem jeito, acariciou seu curto cabelo e saiu do carro.

Um pouco antes, em uma delegacia de polícia de Lambeth, Con e Tony discutiam com o sargento. Haviam sido arrastados até lá pelo policial que os encontrara no estábulo e os dois garotos agora perturbavam o oficial por tê-los levado até a delegacia.

— Bebês? — bufou Con. — Ele bateu com a cabeça, esse tira?

— Vou bater na sua — disse o policial indo para cima do garoto, mas Con conseguiu escapar.

— Escute, policial — disse o sargento. — Qual é a queixa?

— A queixa dele é que ele é cego — disse Tony. — Cego ou ruim da cabeça.

— Quietos! — vociferou o sargento.

— Eles *foi* visto — explicou o policial com dignidade — com um bebê ou uma criança, que o administrador ou proprietário do

estábulo, o sr. Hackett, pensou que fosse roubada...

Mais deboches de Con e Tony. Um murro do sargento na mesa.

— Então eu prendi eles — completou o homem, sem muita convicção.

— E onde está o bebê?

— Ah. Bom, estava com o outro bando.

— Que outro bando?

— O primeiro grupo que ele colocou pra fora.

— Ele o *quê*? Ele vê um grupo de moleques com uma criança, os põe para fora, e o senhor vai e pega um outro bando para pagar o pato?

— Bom...

— Meus parabéns, o senhor acaba de criar uma teoria inédita de investigação policial. Não procuramos os verdadeiros responsáveis por um crime, prendemos o primeiro bando que passar. Que economia de botas! Que enorme avanço na jurisprudência criminal! Que...

— A gente pode ir então? — perguntou Tony.

— Não! — gritaram os dois policiais ao mesmo tempo.

— Mas sargento... — disse Con, e Tony continuou: — Ah, vai, a gente não fez nada. — E Con disse: — Precisam ter alguma denúncia para prender a gente aqui. — E o sargento disse: — Vou denunciar vocês com um maldito regimento da cavalaria. — E Tony disse: — Então vou chamar meu *adevogado*. — E o policial que os detivera disse: — Experimenta. — E Con disse: — E onde tá esse bebê então? — E Tony disse: — Se quiser pode revirar meus bolsos e me virar de ponta-cabeça e não vão achar nenhum bebê comigo. — E o sargento se irritou: — Já chega! — E Con disse: — E, de qualquer jeito, quem quer um bebê? — E o policial disse ao outro: — *Eles* queriam, chefe, ele *jurou*. — E Tony disse: — Ele não sabe do que tá falando. — E Con disse: — Eu conheço a lei: *Habeas Corpulus!* Tem que ter o corpo! Então, cadê, hein? — E Tony disse: — Céus, cadê o corpo? — E o sargento acabou estourando: — FORA!

Em segundos eles já estavam fora do edifício, contornando a esquina. Con balançou a cabeça com desdém.

— Dá pra acreditar na incompetência deles? — comentou. — Agora vamos achar os outros. Aposto que estão no Ravelli.

— Aposto no Cachorro e Pato.

Ravelli era a abreviatura de *Armazém de Produtos Italianos Importados do Sul de Londres Antonio Ravelli e Figli, props*. Os produtos italianos eram massas, frutas secas, azeite de oliva, entre outros, e o sr. Antonio Ravelli e os Figli os guardavam num lugar — sem segurança — atrás de um canteiro de obras, na saída da rua Duke. A gangue havia descoberto um mês antes um jeito de entrar no local; tinha encontrado um jardim coberto, atrás do prédio principal, e deixado uma tábuia solta na cerca para facilitar a entrada e a saída. Con e Tony arriscaram a sorte: foram lá primeiro.

Tiveram sorte, na verdade, e encontraram Bill e Liam brigando no jardim, com o resto da gangue observando entusiasmadamente e fazendo apostas.

— O que deu neles? — perguntou Con para o espectador mais próximo, depois de atravessar a cerca, passando pelo buraco aberto pela tábuia solta.

— Bridie — disse o garoto. — Tão brigando por causa dela. Ciúmes.

— Ah! — disse Tony, desapontado. Como se não tivessem motivo melhor que uma garota para brigar. Deviam estar ficando frouxos, pensou. A briga, no entanto, estava acirrada: chutes, socos, joelhadas e cotoveladas eram armas justas entre os rivais; cintos, facas e soqueiras estavam barrados.

— A criança tá aqui? — perguntou Con, mas a luta estava ficando animada, e ninguém respondeu. Olhou pela janela e viu Bridie e a criança sentadas num monte de palha com um saco de macarrão entre elas. Bridie ensinava a menina a soprar uma pena com um canudo de macarrão.

— Tudo certo, então — disse Con. — Acha que tem um telefone no armazém?

Tony olhou para o telhado, respondeu que sim indiferente e voltou sua atenção para a briga. Com um suspiro e ar de responsável, Con tratou de abrir o cadeado.

Quando Jim pediu ao operador que o conectasse ao número 4.214 e em seguida falou com o homem no Soho, este lhe disse que fosse até a rua Duke, em Lambeth, e lá ele encontraria a criança.

— Me deixe ir — pediu Sally, cinco minutos depois, tentando se levantar. — Eu preciso...

— Fique aqui! — Jim respondeu duramente. — Não vai sair daqui até ter todos os seus cortes e todas as escoriações desinfetados e costurados. Deus sabe lá que doenças você não pegou no meio daquele esgoto. Não é verdade, doutor?

O médico confirmou com a cabeça.

— Não acabei de examiná-la, srta. Lockhart. Não posso me responsabilizar se a senhorita for embora.

— Não a deixe sair. Se precisar, sente em cima dela, Margaret — disse Jim.

— Mas o que aconteceu? Onde ela está?

— Parece que o seu amigo Goldberg conseguiu tirá-la da casa de Parrish, em Clapham. Ela está com uns amigos dele agora, em Lambeth. Agora, se você largar a minha mão poderei cruzar o rio e a resgatar.

Sally soltou a mão dele.

— Goldberg? — E então toda a tensão foi seguida de um alívio misturado à impotência... e Sally começou a chorar. Jim partiu.

Depois de tomar um cabriolé que sacolejou pela ponte Blackfriars, discutir furiosamente com um menino irlandês sujo e desconfiado atrás de uma cerca quebrada e passar por um buraco lamacento, Jim chegou ao jardim do armazém de produtos italianos. Uma gangue de — o que eram? fadas? duendes de rua? — se achava agachada brincando de jogar moedas contra a parede e o garoto que o deixara entrar indicou uma porta.

— Ele tá lendo pra ela — disse orgulhoso. — Um livro.

A briga tinha terminado. Bill e Liam haviam decidido que não valia a pena brigar por uma garota que permitia que brigassem por ela —

embora a luta tivesse sido séria. Os dois agora estavam deitados sobre o feno e Bill lia para Harriet o livro que ganhara.

— Tá vendo os coelhos? — perguntou. — Escuta isso. É bom. *Como são belos os pequeninos ao lado de sua mãe, parecem tão felizes.*

— Um bando de bicho feio e miserável — disse Liam. — Não daria três centavos por eles.

— Feio e miserável — repetiu Harriet.

— Não. Escuta, escuta. *Todos os irmãos e todas as irmãs deviam amar um ao outro e eles também seriam felizes. Nunca deveríamos permitir que um animal irracional nos su... supere em afeição.*

— Você não tem nada melhor, não? — perguntou Liam. Então Harriet apontou para a porta e os rapazes olharam na mesma direção: lá estava Jim.

Os jovens se sentaram lentamente, e os dois se aproximaram de Harriet. A expressão deles mudou radicalmente: tornara-se tensa e ameaçadora. Estavam prontos para brigar. Jim estava impressionado.

Ele colocou a mochila no chão e se agachou, estendendo os braços para Harriet.

— Olha — disse Harriet, impaciente, tentando se soltar dos braços dos rapazes. — Tio Jim, olha!

Ela tinha um canudo de macarrão na mão, pegajoso e sujo. Colocou-o na boca e soprou uma pluma que tinha na sua pequenina e imunda mão.

— Divertido — disse Jim. — É uma zarabatana. Eles usam isso na selva, de onde eu vim. Vamos para casa, agora? Ver a mamãe?

Ela olhou insegura.

— O tio Webster também está lá — Jim continuou. — E Sarah--Jane. E aposto que a sra. Perkins tem uns canudos de macarrão na cozinha para a gente brincar de zarabatana.

— Aqui — disse a voz mais bela que Jim já havia escutado. Olhou para cima e viu uma menina de uns 15 anos de idade, selvagem como os demais, olhos desconfiados, esbelta, suja, e com uma voz

de sonhos, inesquecível. Ela segurava um saco de papel para Harriet. — Leva com você para o jantar.

Harriet tirou algo do saco e o mastigou.

— Figo seco — explicou a jovem. — Encontrei num saco. Tem muito mais lá.

Jim se levantou. Os dois rapazes permaneciam alertas, porém menos tensos.

— O que aconteceu? — perguntou Jim. — Ela estava mesmo em Clapham?

— Tava — disse o rapaz de olhos negros. — O sr. Goldberg comandou a invasão e tiramos ela de lá.

— Jogamos um penico na cuca do sujeito! — disse um garoto ao pé da porta.

Jim piscou com vontade. “Duas vezes numa única noite!”, pensou. Eu estava errado...

— Muito bem — disse Jim. — Gosta de ler?

— Gosto — disse o rapaz com o lábio cortado. — Posso ler qualquer coisa.

— Vou te mandar uma pilha dos folhetins do *Penny Dreadfuls*. Imagino que vocês tiveram gastos cuidando dessa mocinha. Toma cinco libras. Fizeram um bom trabalho, todos vocês.

O dinheiro foi recebido com acenos da cabeça — positivos e astutos. Eles aprovavam a sensibilidade e percepção de Jim ao pagar um preço justo pelo empenho do grupo.

— *As Penny Dreadfuls* — disse o rapaz —, não manda pra cá não. Isso aqui é só uma toca. Manda pro sr. Goldberg, no Soho.

— Você é parceiro dele?

O garoto fez que sim com a cabeça.

— Ele tá no xadrez, ouvi dizer. No Tench.

— Não é nada — o rapaz desdenhou a notícia. — Vai sair de lá. Não podem prender ele. Não conseguiram na Rússia, nem na Hungria. Ele escapou de um castelo por uma torre enorme... um lugar chamado Kufstein. Desceu escalando e fugiu. Se acham que podem prendê-lo em Tench, não sabem de nada.

Jim já havia estado em Kufstein; havia visto o castelo.

— Então ele é gente boa, não é, esse tal sr. Goldberg?
Todos concordaram com a cabeça, sobretudo Con e Tony.
— Ele dividiu os últimos charutos dele com a gente! — disse Con.
— É gente fina mesmo, chefe.
— Muito bem — disse Jim, pegando Harriet no colo e descobrindo, tarde demais, que ela havia se molhado toda de xixi. —
Vamos para casa, princesa.
Com a boca cheia de figos, Harriet deu adeus com ar de realeza e a sacola de papel na mão, e os dois partiram para a movimentada rua, que começava a criar vapor no sol fraco.

* * *

De: A Mais Nobre e Sagrada Ordem da Abençoada Emanação da Santíssima Sofia.

A quem possa interessar:

Escrevo para informar uma falsa inscrição no Registro de Casamentos da paróquia de Santa Margarete em Portsmouth, onde fui pároco de 1870 a 1880. A inscrição se refere ao casamento, que data de 3 de janeiro de 1879, entre Arthur James Parrish e Veronica Beatrice Lockhart.

Esse casamento não ocorreu. Eu mesmo falsifiquei tal inscrição no registro, ato indesculpável, levando-se em conta os graves problemas de saúde que me acometiam na época. Arrependo-me de minha atitude profundamente e peço desculpas humildemente pelo agravo causado a pessoas inocentes.

Rogo que me mantenham afastado de qualquer futuro envolvimento nesse assunto infeliz. Acredito ter cumprido com a verdade e abduco das questões mundanas para dedicar o restante de meus dias a assuntos de maior importância, mais precisamente à salvação de minha alma e à contemplação dos Mistérios Divinos.

G. Davidson Beech

Margaret pôs a carta de lado e olhou para o sr. James Wentworth, do outro lado da mesa do escritório dela.

— Como conseguiu isso?

— Disse a ele que se não escrevesse exatamente isto, ele seria obrigado a comparecer ao tribunal e confessar a fraude. Ah, ele choramingou e se contorceu, mas não teve saída. É uma figura desprezível.

— E como foi no tribunal?

— Ganhamos, claro — disse ele, um pouco presunçoso, ela achou. — Com o caderno de anotações do sr. Goldberg e o papel da srta. Lockhart, foram necessários menos de cinco minutos para provar nosso argumento. Tudo voltará a ser como antes. E acredito que as senhoritas não vão sentir falta de muita coisa. Parrish era um homem de negócios organizado. Muito eficiente. Ele será processado por toda e qualquer perda, e arcará com tudo. Vou preparar a papelada o quanto antes...

— Quanto é "o quanto antes"? — ela perguntou. — Sei bem como são os advogados.

— Este aqui a senhorita não conhece. Não vai demorar muito. Parrish teve a ousadia de entrar com um pedido de indenização pelos danos ao seu mobiliário, mas certamente não será acatado. Estão preparando a ação judicial neste instante, mas está demorando mais do que se imaginava... mais e mais podres estão vindo à tona.

— E quanto a Goldberg? — perguntou Margaret.

— O caso dele é mais complicado. Não há dúvida de que a ofensa pela qual ele está sendo acusado, se é que é uma ofensa, é de natureza política, então a extradição não se aplica em nosso país; mas mesmo assim ele poderia ser deportado, se quisessem. E tinha gente interessada nisso, pelo menos o subcomissário que recebia propina de Lee. Por isso mostrei a ele a declaração juramentada feita pela mulher que administrava uma das casas de onde Parrish coletava dinheiro.

Margaret soltou um suspiro evasivo; não sabia ouvir menção a bordéis sem ruborizar. Ele prosseguiu:

— Seria um escândalo, um vexame. Ele percebeu as consequências da declaração e por isso Goldberg está fora de perigo. Será solto esta tarde, assim que as formalidades forem concluídas. A srta. Lockhart vai buscá-lo comigo; o sr. Taylor também.

— Jim não está se aguentando de curiosidade — disse Margaret. — Sabe, ele é o amigo mais antigo de Sally. São como irmãos. Está danado com ele mesmo por tudo isso ter acontecido quando ele estava fora e não podia... estar lá com ela. Eu ia dizer protegê-la, mas eles não encaram a situação dessa forma. Ele sabe como Sally é forte. E depois de ouvir tanto sobre Goldberg... e como era amigo íntimo do pai de Harriet... bem, posso imaginar o quão curioso ele está.

Na manhã seguinte, nos fundos da Casa do Pomar, Jim estava trabalhando na casa de vidro ao lado do muro do jardim com um homem esguio e de aparência resistente, na casa dos 60 anos, de barba branca e grisalhos cabelos curtos, e ainda mais bronzeado que Jim.

Enquanto posicionavam cuidadosamente uma vidraça no lugar e retiravam o excesso da massa colante, o homem mais velho disse:

— Então, me fale desse tal Goldberg.

Jim entrecerrou os olhos na direção do sol e afastou o cabelo dos olhos.

— Bem — disse —, ele... vou te contar o que aconteceu. Estávamos, eu, Sal e o advogado, os três numa abafada salinha da prisão, jogando conversa fora. Como era um alívio ter parado de chover, se os carcereiros precisam mesmo de tantas chaves, e por aí vai, e Sal parecia uma pulga de tão inquieta. Finalmente, desistimos de conversar e ficamos olhando pela janela. Então ouvimos um barulho de chave na porta e ele entrou, acompanhado de um carcereiro.

“É um sujeito grande e forte; ombros largos, mãos grandes. Moreno — cabelo preto — nariz grande — olhos impactantes. E Sally se levantou assim que ouviu o som do trinco. Ele ficou imóvel, ela

ficou imóvel, mas lá estavam os dois, abraçados, se beijando como se tivessem acabado de inventar o beijo.”

— Se beijando, é? — perguntou o homem, divertido.

— Nem sei como descrever, sr. Webster.

— Sabe sim — respondeu Webster Garland. — Pode achar que não, mas aí já é outra história. Não é à toa que ela estava com o olhar perdido ontem à noite, aérea.

— Eu não sabia pra onde olhar. O advogado também. Então fizemos a coisa mais decente e deixamos os dois sozinhos. De qualquer jeito, eles saíram um, dois, ou dez minutos depois, e aí, sim, fomos devidamente apresentados.

— E?

— Ah, sim, sim, vi na mesma hora. É gente fina. Não tem medo de nada, como Fred. Pensa comigo: resgata Harriet em Clapham, leva um tiro no ombro, caminha até Whitechapel, encara uma multidão revoltada... e conta uma história para acalmá-los até a polícia chegar. Ah, sim, sem dúvida, o homem é durão.

Webster Garland aprovou com a cabeça.

— Que bom — disse. — Está tudo certo, então. — Olhou para a casa, onde Ellie e Sarah colocavam cortinas na sala do café da manhã. — Que bom — repetiu. — Vamos lá, meu garoto, passe a espátula. Temos que terminar tudo antes do almoço.

Sally caminhava lentamente pelo Victoria Embankment, bem abaixo dos jardins Temple. Estava de mãos dadas com Harriet, que olhava tudo solenemente.

Pararam perto do Píer Temple e Sally levantou Harriet sobre a murada para observarem os barcos. Lanchas a vapor, barcaças, botes, embarcações carregadas de carvão, grãos ou fardos de lã, todos se movendo ocupados pelas águas verde-escuras do Tâmis. Atrás delas o pesado tráfego e, à direita, o movimento distante de veículos e pedestres na ponte Waterloo. Tudo agora parecia inocente, inofensivo. Nenhuma ameaça que pudesse surpreendê-las, poderia andar com sua filha sem precisar se esconder, tinha dinheiro no bolso e um lar para onde ir.

A cidade era um lugar seguro. Mas não um lugar bom, não ainda. Ela e Harriet tinham acabado de sair da missão em Whitechapel, onde foram para agradecer. Lá encontraram Angela Turner cuidando de uma mulher tão machucada, após ser espancada pelo marido, que a médica não tinha certeza se ela sobreviveria. E Angela não podia dedicar total atenção ao caso. Devido a um surto de tifoide em algumas casas na mesma rua, as mulheres cercavam a missão implorando por remédios.

E as histórias não paravam por aí. Visitaram Rebecca na casa dos Katz e souberam de vários judeus que tinham sido desembarcados em Hull, depois de pagarem um guia que os levaria até a América. O homem tinha dito que eles estavam em Nova York e desapareceu em seguida, com todo o dinheiro deles. Não havia como pôr um fim nisso. O império de Tzaddik tinha caído, mas nada havia mudado. Muitos estavam dispostos a ocupar o espaço deixado por ele.

E havia tanto a fazer, pensou Sally. Nunca mais sozinha: tinha aprendido a lição. As coisas se concretizavam quando feitas com outras pessoas. Havia movimentos dos quais ela poderia participar, novidades para estudar, grupos para organizar, discursos a fazer. Como foi estranha aquela hora que passara no porão com Ah Ling, seu antigo inimigo; ela descobrira, finalmente, o que tinha de fazer, o que tinha nascido para fazer. Sentiu-se absurdamente sortuda. Por ter uma missão de verdade a cumprir, e saber disso!

E havia Goldberg. O momento na salinha da penitenciária os pegara completamente de surpresa, mas em seguida se mostraram muito formais e educados. Mas ela ia se casar com ele. Essa fora outra decisão que havia tomado no porão. Ele ainda não sabia. Ela se perguntava quando iria contar a ele. Seria... ah, arriscado, desafiador, tumultuado, até perigoso, pois apesar das boas intenções dele — o pedido de cidadania britânica, o lançamento do novo jornal, quem sabe uma candidatura para uma vaga no Parlamento —, Goldberg tinha uma tendência para confusão, tão certa quanto a de Jim. Além disso, tinha aqueles detestáveis charutos.

Mas ele era o único homem. O único homem no mundo que... Que o quê? Que a completava.

Nascera para isso...

Uma rajada de vento arrancou o *bonnet* da cabeça de Sally e ela o pegou pouco antes de voar na direção do rio. Harriet riu e disse:

— De novo!

— Não — respondeu. — Uma vez é suficiente. Vamos, Hattie. Vamos nos atrasar.

— Ver o Dan — disse Hattie, enquanto a mãe a pegava no colo.

— Isso mesmo, vamos ao Soho visitar o Dan. E eu vou dizer uma coisa para ele. E depois... Vamos para casa, tomar chá.

Fez sinal para um cabriolé de aluguel e deu ao condutor o endereço do Soho. Ao se sentarem, Harriet no colo, de frente para a traseira do cavalo, com as rédeas subindo e descendo, ao som dos arreios, Sally disse:

— E não vamos mais deixar ninguém nos tratar mal novamente, não é?

— Droga nenhuma — respondeu Harriet.

DICIONÁRIO
DICKENS
DE
LONDRES,
1879

UM GUIA NADA CONVENCIONAL

Durante a década de 1870, o filho de Charles Dickens, que também se chamava Charles, compilou um guia fascinante sobre a Londres vitoriana, o qual Philip Pullman considerou de valor inestimável enquanto escrevia *Sally e o Tigre no Poço*.

Carruagens de aluguel — As normas para as carruagens em Londres são hoje, exceto em relação a distinções arbitrárias aqui e ali entre os veículos de quatro rodas e os cabriolés, muito simples e fáceis de serem lembradas. Os pontos principais a serem mantidos em mente são: as bagagens transportadas do lado de fora são sempre passíveis de cobrança; o serviço dos cabriolés, embora custe o mesmo que o das carruagens de quatro rodas quando calculado pela distância — que é praticamente a única ocasião em que vale a pena contratá-los —, quando calculado for por hora custa seis centavos de libra, se o veículo tiver que ficar parado à espera do passageiro durante uma hora, custa oito centavos de libra a mais; é proibido fazer com que o condutor trafegue por mais de uma hora por viagem. Quanto aos cálculos das tarifas baseados no trajeto, estes dependerão inteiramente da capacidade do passageiro de avaliar as distâncias. Algumas pessoas, quando têm dúvida, pedem o recibo ao condutor e lhe perguntam o preço da corrida. O plano se torna eficaz quando o chofer teme ser repreendido por cobrar em excesso. A dificuldade é que ele tenha esta convicção em mente. Uma estratégia mais segura é calcular o tempo gasto na viagem, desta forma, é possível dizer que um centavo por minuto é um preço justo para ambas as partes. Um trajeto de 15 minutos custaria um xelim e seis centavos, já 14 minutos não devem custar mais que um xelim. Não se trata de uma tarifa oficial, mas se evitará futuros problemas e, em geral, mostra-se acertada. Também é recomendável que se tenha a clara noção de que, apesar da personalidade duvidosa que um condutor de aluguel costuma ter, nem sempre são as ovelhas negras que os outros dizem que são.

Costelas e bifés de vitela — Apenas recentemente um velho preconceito em relação às costelas e aos bifés de vitela caíram por terra. Durante muitos anos houve uma crença popular e equivocada de que era impossível encontrar costelas e bifés no lado oeste da rua Fleet — ou, quando encontrados, eram de qualidade inferior. A costela ou o bife de vitela da extremidade oeste da cidade, é bem verdade, foi durante um bom tempo difícil de se achar, e, via de

regra, eram realmente muito ruins, quando apareciam nas prateleiras. Ainda assim, o londrino amante de carne ia ao restaurante Stone, na rua Paton, com a relativa certeza de encontrar o que buscava. Essa casa, fundada no início deste século, e há muito conhecida no meio literário londrino, ainda persevera, apesar da proliferação de estabelecimentos com especialidade em carne por todos os lados. Os restaurantes, do Hotel Court, o Criterion, o Gaiety, o Royal Aquarium, o St. James' Hall, o Holborn e o Horseshoe, além dos estabelecimentos de alimentação da rede Spiers & Ponds nas estações de ferrovia, têm como especialidade os grelhados, e é recomendado ao leitor estrangeiro deste DICIONÁRIO, desejoso de experimentar esse tipo de grelhado típico e peculiar da culinária inglesa, qualquer um desses estabelecimentos. A cidade absolutamente pulula de restaurantes especializados em carnes, e pode-se dizer que em qualquer lugar entre a Finch-lane e a Cornhill, há grelhados muito bem-feitos, por quem entende do assunto. Entre a cidade propriamente dita e o West End temos o Cheshire Cheese, na Wine Office Court, na altura da rua Fleet, um dos restaurantes mais tradicionais de carnes e grelhados, especialmente famoso por seu pastelão de filé de alcatra, servido nas tardes de sábado.

Carruagens e cadeiras para inválidos são oferecidas em infinitos modelos, e com todo o tipo de engenhosos aparatos e ferramentas. Para o conforto daqueles que, felizmente, necessitam apenas temporariamente desse tipo de assistência, o aluguel de tais equipamentos pode ser providenciado sem dificuldade. Uma cadeira de rodas pode ser obtida por um aluguel que varia entre 32 e 43 xelins, uma cama mecânica para inválidos pode variar entre 42 e 63 xelins e uma cadeira de rodas para banho por 42 xelins por mês lunar. Há poucos estabelecimentos no ramo, cujos nomes são facilmente encontrados no catálogo dos correios.

Judeus — Desde a abolição da Lei do Teste e da aprovação da Lei de Emancipação Judaica é possível identificar os tangíveis benefícios das liberdades civil e religiosa, na avançada organização político-

social dos judeus de Londres. Até um período relativamente recente, os judeus eram privados dos privilégios de frequentar uma universidade; e com essa primeira barreira social rompida na capital a influência que os judeus exercem hoje sobre a Universidade de Londres é maior do que sobre qualquer outra instituição acadêmica do Reino Unido. E um grande número de adolescentes judeus já passou pela escola da cidade de Londres, onde obtiveram os mais importantes prêmios, bolsas de estudo etc. A comunidade possui sua própria instituição para o ensino do hebraico e da Lei Rabínica, na travessa Creechurch, com a rua Leadenhall. Durante muito tempo era raríssimo encontrar um judeu da metrópole que morasse fora dos limites do bairro judeu na extremidade leste da cidade. As perseguições mantiveram o povo escolhido unido numa espécie de gueto; mas o espírito de tolerância acabou por dispersá-los por toda Londres. Como grupo, eles são bem menos ortodoxos do que antigamente. De fato, os judeus de Londres são, provavelmente, os mais liberais de sua raça. Feira dos Trapos, como é conhecida, é a mais antiga e extensa feira de roupas da metrópole, que acontece ao ar livre, próximo a Houndsditch. As manhãs de domingo são as horas mais movimentadas da feira. Houndsditch é o quartel-general dos armazéns mais completos da cidade, na maioria de judeus, que abastecem vendedores ambulantes e lojistas londrinos com esponjas, pentes, lâminas, bijuterias para adornar os pobres ambiciosos entre outros. Os artesãos londrinos compram, com frequência, as ferramentas para suas atividades na Petticoat Lane, nas manhãs de domingo. Lá também se encontram quitutes altamente saborosos e motivos de deleite para a criançada israelita: o açúcarado e amarronzado "bolo de manteiga", o gelatinoso "bola" e o "macaco recheado", além de um pudim especial feito com ovos e amêndoas torradas. Os judeus se dividem em grupos que têm em comum os preceitos fundamentais da fé, com uma ou outra diferença nos costumes e nas cerimônias. Entre os grupos, existem os dos judeus portugueses, poloneses e alemães. Há lojas especializadas em livros hebraicos e artigos utilizados nos ritos da sinagoga, na rua Bevis Marks com a Bloomsbury.

Senhoras que saírem às compras sem a companhia de um cavalheiro e precisarem almoçar fora podem ir com segurança a qualquer um dos grandes restaurantes na cidade — apenas sempre evitando passar pelos locais com bebidas alcoólicas. Em alguns estabelecimentos, há uma área reservada para as damas, mas praticamente não há motivos por que evitar os ambientes comunitários. Refeições também são comumente oferecidas em alguns dos grandes locais “*omnium gatherum*” ou em instituições como South Kensington e a Real Academia. Além disso, há várias confeitarias em West End especializadas em proporcionar conforto às nobres senhoras.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Curiosidades de Interesse Histórico

LIVRO UM

- 1 - O Oficial de Justiça
- 2 - O Jornalista
- 3 - O Registro de Casamento
- 4 - O Cobrador
- 5 - Prática de Tiro ao Alvo
- 6 - Travessa Middle Temple
- 7 - A Casa do Canal
- 8 - O Afiador de Facas
- 9 - O Eminente Conselheiro da Rainha
- 10 - Custódia

LIVRO DOIS

- [11 - Rua Villiers](#)
- [12 - O Gerente de Banco](#)
- [13 - A Casa de Chá](#)
- [14 - O Cemitério](#)
- [15 - A Missão](#)
- [16 - Brincando com Tijolinhos](#)
- [17 - Apenas um Homem Trabalhando](#)
- [18 - A Ordem da Santíssima Sofia](#)
- [19 - A História de Rebecca](#)
- [20 - Henna](#)

LIVRO TRÊS

- [21 - O Pajem](#)
- [22 - O Porão](#)
- [23 - Fora Judels!](#)
- [24 - O Livro de Contabilidades](#)
- [25 - A Batalha da Rua Telegraph](#)
- [26 - As Águas de Blackbourne](#)
- [27 - O Tigre no Poço](#)
- [28 - Tinta Indiana](#)
- [29 - Coelhos](#)

Dicionários Dickens de Londres 1879